

Eurípedes Barsanulfo,
um educador espírita na Primeira República

Alessandro Cesar Bigheto

Dissertação de Mestrado
Orientação Prof. Dr. Sérgio Eduardo Montes Castanho
Unicamp - Campinas
2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

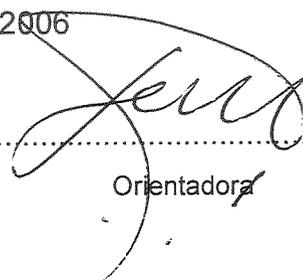
Título: Eurípedes Barsanulfo, um educador Espírita na primeira República.

Autor: Alessandro Cesar Bigheto
Orientadora: Sérgio Eduardo Montes Castanho

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Alessandro Cesar Bigheto e aprovada pela Comissão Julgadora.

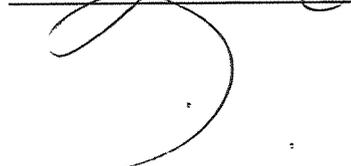
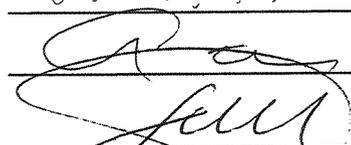
Data: 22/02/2006

Assinatura:.....



Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:



© by Alessandro César Bigheto, 2006.

IDADE 20
CHAMADA TIUNICAMP
B484e
EX
MBO BC/ 69219
JC 16.123-06
D X
CO 11,00
A 06/03/06
CPD
Bibid 381791

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

B484e Bigheto, Alessandro César
Eurípedes Barsanulfo, um educador espírita na Primeira República /
Alessandro César Bigheto. -- Campinas, SP: [s.n.], 2006.

Orientador : Sérgio Eduardo Montes Castanho.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Menezes, Eurípedes Barsanulfo. 2. Kardec, Alan, 1803-1869. 3.
Educação e espiritismo. 4. Educação – Minas Gerais. 5. Brasil – História –
República Velha, 1889-1930. I. Castanho, Sérgio Eduardo Montes. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-026-BFE

Keywords : Education and espiritism; Brazil – History – Old Republic, 1803-1869

Área de concentração : História, Filosofia e Educação

Titulação : Mestre em Educação

Banca examinadora : Prof. Dr. Sérgio Eduardo Montes Castanho (Orientador)

Profa. Dra. Dora Alice Colombo

Prof. Dr. José Arnaldo de Hoyos Guevara

Prof. Dr. José Luís Sanfelice

Data da defesa: 22/02/2006

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Sérgio Eduardo Montes Castanho, por nossas discussões, que ajudaram a nortear histórica e criticamente o trabalho, por seu respeito à minha autonomia intelectual e, sobretudo, por sua boa amizade;

À Prof.^a Dr.^a Therezinha Alves Ferreira Collichio, por ter me mostrado os caminhos da história, pelas pesquisas que fizemos juntos, por todo o seu incentivo e carinho;

Ao Prof. Dr. José Claudinei Lombardi, pelas nossas discussões filosóficas, por seu carisma, por suas lutas por um mundo mais justo;

Ao Prof. Dr. José Luis Sanfelice, por suas leituras, conversas em sala de aula e por sua ajuda no grupo de pesquisa, para a estruturação do trabalho;

À Prof.^a Dr.^a Mara Regina Jacomelli, por ter me introduzido ainda na graduação ao grupo do Histedbr;

Aos colegas do grupo de pesquisa do Histedbr, por suas observações oportunas, em especial a Gilcilene;

Ao Prof. Dr. Arnoldo José de Hoyos Guevara, pela sua participação sensível na pesquisa sobre Eurípedes Barsanulfo;

À Heigorina Cunha, sobrinha de Eurípedes, por seus achados, por suas vibrações, por seu carinho;

A todos os mineiros de Sacramento e de Belo Horizonte que, de alguma forma, contribuíram para essa pesquisa;

À Dora Incontri, por nossa parceria intelectual e pela afinidade de nossos ideais, pelas nossas lutas em conjunto;

E, principalmente, à Re, minha esposa, por todo nosso companheirismo, por todo nosso amor e por ter de ceder o nosso tempo para a pesquisa, me incentivando sempre!

RESUMO: Este trabalho pretende resgatar, para a história da Educação Brasileira, a figura do educador espírita, mineiro, Eurípedes Barsanulfo (1880-1918) fundador e diretor do Colégio Allan Kardec, (Sacramento), primeira escola espírita no Brasil. Mostra a especificidade da sua proposta, de educação ativa, gratuita e espiritualista, analisando suas heranças, práticas, contexto sociopolítico e cultural e idéias pedagógicas do período. A metodologia se dá na pesquisa histórico-bibliográfica sobre os temas abordados e na pesquisa em fontes primárias (manuscritos, entrevistas com testemunhas, alunos e descendentes, artigos de jornal, retratos, fotos, Atas da Câmara Municipal de Sacramento etc.).

Este trabalho pretende precisar os aspectos específicos da prática de Eurípedes no contexto de sua época e como iniciador de uma corrente nova de educação, com desdobramentos até hoje. Trata-se de mostrar sua contribuição, numa visão crítica da história, mas incorporando a perspectiva do discurso espírita, pois o que se esboça no primeiro momento da pesquisa é a originalidade da proposta pedagógica kardecista, iniciada por Eurípedes.

ABSTRACT: This study aims to rescue for the Brazilian education's history, the personality of a spiritist educator, Eurípedes Barsanulfo (1880-1918) founder and director of the school Allan Kardec (Sacramento), the first spiritist school in Brazil. It shows the specificity of his proposal, active education, gratuity and spiritualist, analyzing his heritage , practices, cultural and sociopolitical context and the pedagogic ideas of the period.

The methodology was done through an extensive historic and bibliographic research concerning the discussed themes and also using research with primaries sources (manuscripts, interviews with witnesses, students and relatives, magazine's articles, pictures, reports of the municipal city hall etc.).

This work intends to define specific aspects of Euripides's practice into context of his time as well as an initiator of a new ideological view of education, with consequences until the present date. This study wants to show his contribution, through a critical vision of the history, but incorporating one perspective of the spiritist speech, because what's emerges in a first moment of the research is the originality of the kardecist pedagogic proposal, which first stone was settled down by Euripides.

Sumário

Introdução	1
-------------------------	---

Capítulo I – O contexto

1. O Século XIX

1.1 A herança otimista.....	7
1.2 As contradições sociais.....	9
1.3 As idéias.....	13
1.4 A origem do Espiritismo.....	19
1.5 O espiritismo na França e o papel de Rivail.....	22
1.6 Resumo do Espiritismo: Diálogo entre ciência, filosofia e religião.....	27

2. O Brasil

2.1 A modernização da sociedade brasileira.....	32
2.2 O Brasil republicano.....	38

3. O Espiritismo no Brasil

3.1 A chegada e o impacto na cultura.....	45
3.2 O Espiritismo em Minas e o caso Eurípedes.....	53

Capítulo II – O vereador, o educador e seu tempo

1. A valorização da educação	71
2. A ação pedagógica de Eurípedes	92
3. A organização do Colégio Allan Kardec	113
3.1 Os pressupostos e objetivos do Colégio Allan Kardec	123

Capítulo III – A vida de Eurípedes e o Colégio Allan Kardec

1. A vida de Eurípedes

1.1 Sacramento no início do século XX.....	131
1.2 Uma breve biografia de Eurípedes Barsanulfo.....	133
1.3 A escola em que Eurípedes estudou.....	145
1.4 O Liceu Sacramentano.....	150

2. Memórias do Colégio Allan Kardec	152
--	-----

2.1 A felicidade dos alunos.....	156
2.2 Os castigos e as recompensas.....	158
2.3 Os debates no colégio Allan Kardec.....	160
2.4 Os exames finais.....	161
2.5 A convivência de meninos e meninas.....	163
2.6 As lições de Moral.....	164
2.7 Memórias de Eurípedes e das aulas	167
2.8 As aulas passeio.....	171
2.9 As aulas de Astronomia.....	173
2.10 As aulas de teatro.....	176
2.11 Os alunos lembram de Eurípedes Barsanulfo.....	178
Conclusão.....	181
Bibliografia.....	187

Introdução

Maria Lúcia Hilsdorf, da Faculdade de Educação da USP, em sua matéria “Correntes de idéias, movimentos político-sociais e educação escolar na transição Império-República: o caso Rangel Pestana”, defende a tese de que várias correntes foram silenciadas historicamente, inclusive a socialista e a protestante, esta aliás tendo sido objeto de recuperação histórica feita por Hilsdorf. Segundo Incontri (2001), que introduziu na Universidade de São Paulo a investigação sobre a pedagogia espírita no Brasil¹, essa também tem sido uma corrente silenciada. Refere-se a autora ao silenciamento em relação ao próprio espiritismo e sugere a idéia de que tal processo atinge também os educadores brasileiros que lançaram essa proposta. Essa tese do silenciamento pode se dever ao dogmatismo ideológico, que produz o que Marc Ferro chama de “*história vigiada*”. (FERRO, 1989).

Interessa-nos assim aqui a recuperação histórica da figura do educador mineiro Eurípedes Barsanulfo (1880-1918), por várias razões: 1) Porque foi ele quem fundou o primeiro colégio espírita do Brasil, com uma prática pedagógica muito diferenciada de seu tempo: “*Essa experiência, embora mal documentada, permanece até hoje não superada, pela sua originalidade e pela pujança com que se manifestam os elementos mais significativos da pedagogia espírita.*” (INCONTRI, 2001: 214) 2) Porque uma característica inovadora e alternativa é que enquanto as pedagogias com tendências religiosas, conforme (RIBEIRO, 2001), quando cita Florestan Fernandes, sempre se dirigiram ou interessaram predominantemente a classes sociais privilegiadas, contribuindo dessa forma para a conservação de seus privilégios, a espírita tem um caráter popular. Assim a escola de Eurípedes possuía um aspecto religioso (embora a religiosidade espírita se pretenda racional e filosófica), mas atendia às camadas desfavorecidas da população, contrariando a maioria das teses dos intelectuais brasileiros, que consideram toda educação religiosa elitista. 3) Porque as fontes históricas referentes à sua personalidade, biografia e propostas pedagógicas estão esparsas, perdendo-se lentamente (pela morte de seus últimos alunos vivos, pelo envelhecimento e perda de documentos e materiais etc.), e a pesquisa científica e a organização desse material inédito

¹ Com sua tese de doutorado, INCONTRI, Dora. *Pedagogia Espírita: um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas*. (tese de Doutorado) São Paulo, FEUSP, 2001.

e espalhado, seria um bom serviço prestado à história da educação no Brasil. 4) Pela efervescência do período em que Eurípedes viveu, durante a Primeira República, em que diferentes ideologias se cruzavam no cenário nacional e tentavam se apoderar das reformas educacionais. Por exemplo, “*a série de reformas pelas quais passa a organização escolar revela uma oscilação entre a influência humanista clássica e a realista ou científica*” (RIBEIRO, 2001:79). As idéias positivistas, a herança católica, a vinda das escolas protestantes ao Brasil, as marginalizadas propostas anarco-socialistas e a gestação do que seria o movimento da Escola Nova – tudo isto está presente no contexto de Eurípedes e sua contribuição ainda é original e específica, embora desconhecida. Segundo Incontri, a pedagogia espírita, apesar de suas inspirações rousseauianas e pestalozzianas, é uma proposta genuinamente brasileira, sendo portanto um objeto de pesquisa importante, por se destacar de “*uma época caracterizada por grande movimentação de idéias, em geral importadas da Europa. Na maioria das vezes, eram idéias mal absorvidas ou absorvidas de modo parcial e seletivo, resultando em grande confusão ideológica.*” (CARVALHO, 2001:42)

Este trabalho pretende precisar quais os aspectos originais da prática de Eurípedes em relação ao contexto e às idéias de sua época e como iniciador de uma corrente nova de educação, com desdobramentos até os nossos dias. O educador mineiro representa uma corrente de idéias da cultura brasileira que pode revelar uma importância histórica na educação do nosso país. Suas atividades educacionais no Colégio Allan Kardec ocorreram no início do século XX, suas contribuições podem nos interessar ainda hoje: métodos dinâmicos de ensino, com observação dos fenômenos da natureza (Botânica, Zoologia, Astronomia); teatro; adoção de classes mistas; abolição de castigos e de exames tradicionais; aulas de filosofia e história das religiões, relacionamento afetivo entre educador e educando, baseado no diálogo, etc. Bem ao contrário dos moldes pedagógicos vigentes na época, que valorizavam conteúdos e as atividades de maneira autoritária, como princípios a serem obedecidos. Em muitas escolas ainda se colocava como proposta principal a memorização seguida de repetição, que tomava longos períodos das aulas, pois o verdadeiro saber consistia em saber de cor. Esses e outros aspectos do seu pensamento serão tratados nesse trabalho.

Pois embora o autor aqui focado tenha sido citado por outras pesquisas acadêmicas, entendemos que ainda não foi suficientemente analisado. O antropólogo norte-americano David Hess faz referências a ele, em sua tese de doutorado sobre o Espiritismo. Outros dois antropólogos franceses da Universidade de Lyon, François Laplantine e Marion Aubrée, dedicam um item de seu livro *La Table, le livre e les Esprits*, à atuação de Eurípedes. Dora Incontri também o estudou em sua tese de Doutorado sobre Pedagogia espírita na Universidade de São Paulo e a socióloga Cleusa

Beraldi Colombo também o cita em sua dissertação de Mestrado sobre idéias sociais espíritas, na PUC-SP. Todas essas pesquisas enfocaram apenas os aspectos biográficos e mediúnicos de Barsanulfo, exceto a dissertação de mestrado de Colombo que analisou de maneira bem resumida a sua proposta pedagógica e a tese de Dora Incontri, que discorre um pouco mais detidamente sobre ele. Diz Colombo: “*A pedagogia que Eurípedes adotava no colégio tinha em muitos aspectos influência da escola ativa, remontando ao método pestalozziano, já desenvolvido na França e na Suíça.*” (COLOMBO, 1998:68) Entretanto, ainda não foi feita uma pesquisa mais minuciosa sobre os aspectos pedagógicos da sua proposta e nem mesmo as influências recebidas por ele.

Incontri mostra aspectos do pensamento e da prática de educadores brasileiros que iniciaram e sistematizaram de maneira original uma pedagogia espírita, que como bem demonstra, nada tem a ver com uma visão doutrinante e catequética da educação, mas com uma proposta pedagógica diferenciada. Em sua tese, ela só pôde abordar de maneira rápida cada um desses educadores (como o próprio Eurípedes, Anália Franco, Ney Lobo, Herculano Pires e outros), alertando para a oportunidade de se aprofundar na pesquisa de cada um deles, como um resgate histórico necessário. Assim, o objetivo deste trabalho é resgatar para a história da Educação no Brasil, a figura do educador espírita, mineiro, Eurípedes Barsanulfo, fundador e diretor do Colégio Allan Kardec, procurando mostrar a especificidade de sua proposta, analisando suas heranças, suas práticas e o contexto social, cultural, político e pedagógico do período em que viveu. Podemos dizer que os objetivos específicos são: identificar as propostas de Eurípedes no seu contexto histórico, social e político, mostrando que há de comum com os debates pedagógicos de sua época e o que há de novidade em suas idéias; identificar nas práticas pedagógicas de Eurípedes a influência da filosofia espírita do educador francês Hippolyte Leon Denizard Rivail conhecido como Allan Kardec, herdeiro de Rousseau e Pestalozzi; identificar as contradições entre a proposta de Eurípedes e as características assistencialistas do movimento espírita; mostrar a relação de Eurípedes-educador com sua vida política (como vereador) e sua vida religiosa.

No primeiro capítulo, procurei apresentar um panorama conjuntural do final do século XIX e começo do século XX, num momento de imperialismo europeu e transformações brasileira. Num estudo que visa apontar o surgimento de idéias, correntes ideológicas, fatos históricos importantes, as contradições sociais e econômicas, o contexto cultural, a expansão da burguesia... Na verdade, procurei apresentar um quadro das condições conjunturais da Europa e como esse contexto influenciou o Brasil, em sua ânsia por modernidade. País de regime republicano, com um bom desenvolvimento econômico propiciado pela cultura do café, tinha o Brasil uma elite intencionada a

alinhar a nação ao progresso atingido pelas nações desenvolvidas. O movimento renovador da nação tinha forte influência do pensamento europeu. Até mesmo do ponto de vista pedagógico, começava a surgir em solo nacional um nova mentalidade, inspirada sobretudo nas propostas de renovação vindas do velho continente. Nesse período houve uma ruptura entre a Igreja e o Estado, conseqüentemente um enfraquecimento da Igreja católica, abrindo espaços para o desenvolvimento de uma maior liberdade de pensamento e expressão. Com isso, novas idéias no campo ideológico ganham força no Brasil tais como: o protestantismo, o positivismo, o darwinismo, o espiritismo etc. Nessa época, o espiritismo já era motivo de estudos e discussões em todo o mundo, graças à atuação do educador francês Hippolyte Léon Denizard Rivail. Diante disso, procuramos mostrar a chegada e o impacto do espiritismo em solo brasileiro e compreender a relação de Eurípedes Barsanulfo com essa doutrina que chegava da França. Assim procurei explicitar um jogo de forças do pensamento político, econômico da época e o choque de diferentes posturas religiosas, ideológicas e pedagógicas que ocorreram.

No segundo capítulo, o objetivo central foi aprofundar os aspectos da ação e do pensamento pedagógico de Eurípedes Barsanulfo, dialogando com as tendências educacionais da época no Brasil e em Minas Gerais e verificando as possíveis ligações de seu trabalho com a visão espírita. Iniciei, por uma discussão do trabalho realizado por Eurípedes como vereador, demonstrando sua relação com a expansão da escola pública; em seguida enfoquei a sua concepção de educação e o método que utilizou no colégio Allan Kardec; e por fim como a organização do colégio. Assim me esforcei para mostrar a adoção de uma proposta pedagógica que tinha uma influência de idéias inovadoras educacionais e se revestiu de uma influência da visão espírita. Além disso, quais foram os reflexos no contexto republicano.

O objetivo do terceiro capítulo foi, exatamente, estudar como a suas idéias se desenvolveram na prática, no interior do colégio Allan Kardec e como os alunos vivenciaram as suas idéias na prática. E procurei contar de forma resumida sua biografia. Realizei um levantamento de vários testemunhos que possibilitaram um aprofundamento de como os aspectos pedagógicos do colégio aconteciam na prática. O estudo do colégio Allan Kardec permitiu verificar sua condição de escola diferenciada do ponto de vista educacional e voltada para o povo. Desde a sua abertura em 1907 até à morte de seu fundador em 1918, pode-se verificar o êxito do colégio. Outra questão abordada foi como os alunos se relacionavam com o colégio, a relação deles com a Eurípedes, a marca que o colégio deixou nesses alunos e como a comunidade de Sacramento via o colégio Allan Kardec.

Assim, permitindo um aprofundamento da origem e evolução do pensamento pedagógico de Eurípedes Barsanulfo e da sua experiência.

Metodologia

Não faz parte dos objetivos deste trabalho nos embrenharmos pelas diferentes correntes historiográficas, seus múltiplos debates e suas teorias. É evidente que ao analisar um período histórico, o historiador deve submeter os documentos a uma crítica rigorosa, levando em conta o comprometimento de quem produziu o documento e dos observadores que deram os testemunhos. Os temas sempre provocam controvérsias, possibilitam diferentes olhares e envolvem posições opostas. Os documentos e os testemunhos são produzidos nas perspectivas dos vencidos e vencedores, o que dá origem a uma documentação contraditória. É preciso bom senso, conhecimento das idéias em estudo, saber quais grupos participam dos fatos, as razões de ordem conjuntural (institucionais, políticas, econômicas, religiosas etc.), contra quem e a favor de quem se estabelecem as disputas de poder etc.

Em nosso trabalho procuramos cobrir o maior número possível de fontes e documentos, testemunhas e versões dos fatos aqui analisados, para uma apreensão crítica do período em pauta e da especificidade da atuação de Eurípedes Barsanulfo, numa tentativa de preencher as lacunas existentes até agora a respeito de sua contribuição. Faz parte de nossa pesquisa:

- A pesquisa histórico-bibliográfica sobre os temas abordados no projeto;
- A pesquisa em fontes primárias (manuscritos, entrevistas com testemunhas e descendentes, artigos de jornal, retratos, fotos, Atas da Câmara Municipal de Sacramento etc.)
- Análise e discussão do material disponível.

Capítulo I

O Contexto

1. O século XIX

1.1. A herança otimista

Todo o século XIX até as primeiras décadas do século XX foi um período dos mais complexos da história. Chamado por certos historiadores, como René Rémond, de século das revoluções, foi fértil em lutas sociais e guerras civis. Também é conhecido como o século dos materialismos e do culto à Ciência. Ou ainda nas palavras de Steiner: “*o Jardim Imaginado da cultura liberal.*” (STEINER, 1991:15) Por essas diversas definições, podemos ver que foi marcado por profunda efervescência de idéias, correntes ideológicas e fatos históricos transformadores. Analisar toda a sua complexidade é tarefa impossível num breve texto, mas o objetivo destas linhas não é explicá-lo pormenorizadamente, e sim traçar as suas principais características, situando alguns de seus eixos norteadores, para melhor contextualizar e discutir o período brasileiro correspondente à obra de Eurípedes.

O século XIX é herdeiro do otimismo iluminista e da Revolução Francesa do século XVIII. Ninguém pode negar que os eventos desencadeados a partir da Revolução de 1789 tenham causado um enorme *frisson* nas gerações futuras. Embora Schopenhauer, em seu pessimismo, criticasse esse entusiasmo como corrosivo e hipócrita, pois “*A história nos mostra a vida dos povos, e nada encontra a não ser guerras e rebeliões para nos relatar; os anos de paz nos parecem apenas curtas pausas, entreatos, uma vez aqui e ali.*”(SCHOPENHAUER, 1999:27), no entanto, esse século nasceu impregnado da confiança absoluta na renovação e transformação do mundo que caracterizou a filosofia das luzes. Desenhava-se um mundo mais cortês, mais confiante e benevolente. A civilização européia viveu a utopia de uma humanidade emancipada e uma enorme expectativa de progresso, que transbordou o século. Dora Incontri afirma:

“Cria-se no progresso, praticava-se o progresso e o resultado era o progresso (...) Do evolucionismo biológico de Darwin, que vem do século

XVIII, com o transformismo de Lamarck, até as teorias revolucionárias de Marx, herdeiras diretas da Revolução Francesa; da revirada pedagógica idealizada por Rousseau e posta em prática por Pestalozzi até o movimento da escola laica, obrigatória e universal; do entusiasmo da Marselhesa à épica retumbante da Ode à Alegria de Beethoven – tudo tem sabor de confiança, de uma vontade aceita como possível de atingir dias mais radiantes para a humanidade.” (INCONTRI, 2004:35)

Poderíamos, de fato, delinear o *esprit du temp* do século XIX, resumindo-o em linhas gerais: 1) as idéias evolucionistas, 2) a crença no progresso, 3) a época do cientificismo, 4) as teses utilitaristas, 5) a renovação religiosa, 6) as transformações políticas, econômicas e sociais, 7) a filosofia democrática, 8) a filosofia liberal, 9) a filosofia positivista, 10) os movimentos sociais: socialistas, anarquistas e comunistas e 11) os arraigados nacionalismos.

Por outro lado, não se pode negar, que nem tudo era tão animador. Havia pesadelos incômodos. Em meio à longa paz daquele período, havia um mal-estar, os críticos identificaram impulsos para a morte e para a guerra, na consciência individual e coletiva. É possível localizar o tédio romântico, a afirmação da identidade nacional à custa da destruição mútua e a sombra do ultramontanismo católico-romano. George Steiner, esse brilhante estudioso, escreve:

“Sob a superfície do Jardim, compulsões anárquicas estavam chegando a um ponto crítico. Notem-se as imagens proféticas de perigo subterrâneo, de influências destrutivas prontas a levantar-se dos esgotos e dos porões que atormentam a imaginação literária” (STEINER, 1991:35)

Se examinarmos as profundas mudanças desse período, fica mais fácil ver que a aparência escondia os desastres e que aquele jardim foi em muitos aspectos, ilusão. Se o século XIX teve muitos entusiastas, teve também alguns críticos mordazes. Friedrich Nietzsche, o filósofo do martelo, como ele mesmo se considerava, por ser um crítico ferrenho de sua época, na esteira de Schopenhauer, focaliza sua crítica nessa virtude e nessa paz do mundo moderno. Ele denunciava os valores construídos pela modernidade como ilusórios. Novos valores deveriam ser construídos e um ser humano orgulhoso, forte, bélico e egoísta surgiria. “Era dessa modernidade que estávamos doentes, da paz podre, do compromisso covarde, de toda essa virtuosa sujeira dos modernos (...)” (NIETZSCHE, 1996:27) Ou como bem explica Steiner:

“Entenderemos que a crosta da alta civilidade cobria profundas fissuras de exploração social; que a ética burguesa era um verniz, mascarando vasta extensão de turbulência e hipocrisia; que os critérios de uma instrução

genuína eram aplicáveis apenas a uns poucos; que o ódio entre gerações e as classes era profundo, ainda que muitas vezes silencioso; que a segurança no *faubourg* e nos parques baseava-se claramente na ameaça permitida mas mantida em quarentena, nos cortiços. Qualquer um que se dê ao trabalho de verificar compreenderá o que significava trabalhar em uma fábrica vitoriana, a que níveis chegava a mortalidade infantil nas regiões mineiras do norte da França nas décadas de 1870 e 1880. Não se poderá negar que a riqueza e a estabilidade intelectuais da vida da classe média e média alta durante o longo verão liberal dependiam diretamente do domínio econômico e, em última instância, militar de vastas porções do que é hoje conhecido como a região subdesenvolvida, ou terceiro mundo.” (STEINER, 1991:17)

1.2. As contradições sociais

Essa realidade efervescente e dialética se relaciona estreitamente com as mudanças políticas, econômicas e sociais ocorridas no seio da sociedade capitalista. Nas primeiras décadas do século XIX, a Inglaterra despontava como grande potência econômica, que havia sofrido um processo de industrialização e a cidade de Londres, por volta de 1830, já possuía mais de 1 milhão de habitantes. Embora quase toda a Europa ainda fosse camponesa, a industrialização aos poucos atingia e transformava as outras nações européias. Engels, em sua obra *A situação da classe operária na Inglaterra em 1844*, consegue antever os fortes traços de imperialismo das ricas nações capitalistas, quando mostra a exploração e opressão de uma nação poderosa sobre uma nação fraca. No prefácio à segunda edição de 1892, ele aponta o monopólio inglês do mercado mundial e a concorrência gerada com outras nações que disputavam esse monopólio. Afirma ele:

“(...) enquanto a Inglaterra deixou atrás de si esse estado juvenil de exploração capitalista (...), outros países acabam de atingi-lo. A França, a Alemanha e, sobretudo, a América são os rivais ameaçadores que (...) fazem cada vez mais concorrência ao monopólio industrial da Inglaterra. A indústria desses países é jovem, comparada com a da Inglaterra, mas progride com maior rapidez (...)” (ENGELS, 1986:367)

No transcorrer do século XIX, começam as novas transformações econômicas e políticas que, de certa forma², correspondem ao avanço do capitalismo liberal das livres formas de

² Digo de certa forma, porque o capitalismo nesse período já começava a assumir uma forma monopolítica que começa a substituir o velho capitalismo liberal, como bem demonstraram Lenin, Rosa Luxemburgo e Kautsky. Esta época de acelerada transformação, de miséria operária e de prosperidade e acúmulo de capital, é precisamente o tempo de Marx e Engels. E os dois pensadores conseguiram perceber que a livre concorrência gerava a concentração da produção e que esta com certo grau de desenvolvimento, levava ao monopólio. Dizem no manifesto Comunista:

concorrência e, segundo Dobb, a expansão desse capitalismo, dos grandes investimentos, fruto de uma rápida acumulação, foi paga com a miséria do trabalhador.

Contudo, ocorreu uma grande explosão demográfica nos países europeus e nos Estados Unidos, provocando um crescimento populacional que ampliou o mercado de consumo dos produtos industrializados e estimulou o processo produtivo. René Rémond assim analisa:

“A partir de 1800, com intervalos e bruscas acelerações o fenômeno urbano sofreu um impulso irresistível. As cidades de outrora transformaram-se em grandes cidades, as grandes cidades tomaram proporções gigantescas e o número total de cidades se multiplicou. Embora, ao mesmo tempo a população global tenha aumentado de modo vertiginoso, a parte da população das cidades cresceu mais depressa ainda.” (RÉMOND, 1983:137)

Os jovens passaram a ser um contingente de trabalhadores que, ao mesmo tempo, produziam e consumiam. A expansão econômica aproveitava o aumento populacional e contribuía para as transformações sociais, notoriamente nos transportes, comércio, imigração, tecnologia e nos processos revolucionários. Vemos no livro *A evolução do capitalismo* de Dobb que, no século XIX, se deram as mais profundas e rápidas mudanças já vistas nas estruturas sociais.

Os indícios de progresso, aos olhos dos analistas do século eram inegáveis, a tecnologia unida à ciência, vinha a pleno desenvolvimento desde a Revolução Industrial e apontava numa direção de que o progresso seria ilimitado e resolveria os problemas humanos. Em contrapartida, a Europa começa a viver problemas sociais característicos da industrialização, da urbanização e da proletarianização. O ritmo acelerado da industrialização concentrava os trabalhadores e ampliava a formação das massas proletárias. René Rémond explica que :

“Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo terrestre. Necessita estabelecer-se em toda a parte, explorar em toda a parte, criar vínculos em toda a parte. Pela exploração do mercado mundial, a burguesia imprime caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países. Para desespero dos reacionários, ela roubou da indústria sua base nacional(...)” (MARX&ENGELS, 2002:43) Esta já é uma antecipação das teses futuras do capitalismo monopolista. Ao entender que a acumulação capitalista é um processo crescente de concentração e centralização do capital, os socialistas alemães vêem que a incorporação das empresas concorrentes menores por parte das grandes empresas capitalistas, levaria ao crescimento as grandes empresas. E, além disso, viam a centralização cada vez maior dos poderes de controle e decisão no terreno econômico. No *Capital*, Marx vê na concentração e centralização de capital não apenas uma arma nova na disputa da concorrência, mas também poder nas mãos de capitalistas individuais ou associados. Marx e Engels abordam essa questão com muita propriedade. Enquanto pensadores como Stuart Mill, Ricardo e outros liberais enxergavam na concorrência uma força benéfica e progressista, os dois socialistas alemães revelam o caráter contraditório da concorrência. Há na concorrência uma contradição dialética intrínseca que acabaria em seu oposto. Nos poucos estudos que fizeram sobre o monopólio, uma vez que se preocupavam com a fase da concorrência no capitalismo, pode-se dizer que foram os únicos em seu tempo que conseguiram prever a passagem à fase seguinte do capitalismo monopolista.

“(…) os flagelos sociais seguem o crescimento das cidades: na primeira fase do século XIX, o afluxo dos imigrantes saídos de seus campos, sem que nada fosse previsto a respeito, a dramática insuficiência de alojamentos, a promiscuidade nos porões e nas favelas, o desemprego, crônico e intermitente, constituem a condição das classes trabalhadoras que, aos olhos dos notáveis, são também as classes perigosas. De fato, a miséria, a pobreza engendram, como tantas outras conseqüências inelutáveis, a criminalidade, a delinqüência, a prostituição. As cidades em expansão passam a ser cidades doentes.” (RÉMOND, 1983:146)

O movimento proletário começa a se organizar, aos poucos surge uma nova classe, que se organiza em movimento para a defesa de seus próprios interesses e a satisfação de suas reivindicações e encontra no socialismo a sua força de combate, diante de uma situação dolorosa, cínica e injusta. Os socialistas pretendem dar respostas aos problemas nascidos da Revolução industrial. Como diz René Rémond:

“Ante o espetáculo dessa miséria total, perturbadora, do pauperismo, algumas pessoas indagam se o regime econômico que produz tais conseqüências é aceitável, e tornam a colocar em discussão a iniciativa particular, a concorrência, a propriedade privada, postulados sobre os quais se baseia a economia liberal do século XIX.” (RÉMOND, 1983:115)

Até mesmo a literatura, em obras que conscientizavam como as de Zola e Dickens, mostrava como era paupérrima a vida dos trabalhadores. Nesta época, de miséria operária e de prosperidade e acúmulo de capital, é que se aprofundam as críticas de Marx e Engels, dos socialistas de todos os matizes e do movimento anarquista em relação às teses do capitalismo e à visão liberal de mundo. Aqui é preciso uma ressalva, pois esses críticos, ao contrário dos pessimistas Schopenhauer e Nietzsche, guardavam uma concepção otimista de seu tempo...

E vale lembrar que é na pena de Engels aos 24 anos de idade que é esboçada pela primeira vez na tradição marxiana e talvez na história das ciências sociais, se assim podemos dizer, uma análise da classe operária no seu conjunto. A obra acima citada procura entender a evolução do capitalismo industrial e as conseqüências do desenvolvimento do movimento operário como força social. O centro da obra é a condição material e humana das classes operárias. E é claro que coloca em xeque a natureza do sistema capitalista de produção ao denunciar as condições de vida e miséria das classes operárias de seu tempo. O seu texto demonstra uma inteligência e uma força intelectual revolucionária que entusiasmaram Karl Marx. Diz o socialista alemão: “*Mas a classe média inglesa*

e, sobretudo, a classe industrial que se enriquece diretamente com a miséria dos trabalhadores, não quer saber desta miséria. (...). Mas é também isso que explica a profunda cólera de toda a classe operária (...).” (ENGELS, 1986:27-28)

Nesse mesmo contexto estruturava-se o mundo burguês, concentrando o capital, a propriedade da fábrica, o poder da exploração e a apropriação do lucro. Como informa Steiner : “(...) *pode-se ver esse período como século de repressão por uma burguesia que se aproveitara da Revolução Francesa e das extravagâncias napoleônicas para a sua própria vantagem econômica (...)*” (STEINER, 1991:26) As mudanças tecnológicas, econômicas e sociais na Inglaterra se expandiram para o mundo, acarretando acumulação de capital na figura de alguns poucos proprietários e disseminando a força de trabalho pela multidão de trabalhadores. Aos poucos, com o processo de mecanização, o trabalho se modificou profundamente, o ser humano passou de produtor direto a controlador de máquina. De trabalhador ativo assumiu um papel quase passivo.

Ocorre um gradativo processo de proletarização da Europa, onde a maioria dos trabalhadores não tem a menor possibilidade de acumulação, exceto uma pequena parcela do proletariado inglês que ia se aburguesando. Engels analisa como o imperialismo da Inglaterra gera o oportunismo no movimento operário que acaba por dividi-lo, criando uma classe proletária privilegiada, causando assim uma decomposição no movimento das massas operárias. Lenin, em suas páginas apresenta um trecho de uma carta de Engels endereçada a Marx, em 7 de outubro de 1858, falando da Inglaterra:

“O proletariado inglês vai-se aburguesando de fato cada vez mais; pelo que se vê, esta nação, a mais burguesa de todas, aspira a ter, no fim das contas, ao lado da burguesia, uma aristocracia burguesa e um proletariado burguês. Naturalmente, por parte de uma nação que explora o mundo inteiro, isto é até certo ponto, lógico.” (apud LENIN, 1986:655)

No plano geral, as mudanças econômicas e sociais levaram a um profundo empobrecimento do camponês e do assalariado. Com a ameaça de desemprego tecnológico, tudo se unia contra os trabalhadores. A industrialização no modelo capitalista tornou-se dominante e hegemônica, proletarizando ainda mais a Europa. Crescia entre as classes operárias, a repercussão das ideologias revolucionárias respaldadas em correntes socialistas. Embora todas as escolas socialistas centrassem sua crítica no liberalismo, elas tinham diferentes concepções de mundo em diversas escolas. Aliás, era essa riqueza ideológica, uma abundância de sistemas, que caracterizava o século XIX. De Saint-Simon a Fourier, de Mazzini a Bakunin e de Proudhon a Marx, eram teorias rivais entre si, que

disputavam a simpatia do proletariado e queriam libertar os oprimidos. Concordavam na essência de sua crítica, mas discordavam a respeito das práticas de ação e na base filosófica.

Algumas eram otimistas e outras pessimistas. Havia as que centravam sua análise mais na indústria e as que preferiam cuidar das questões da agricultura. A disputa se estendia ao campo filosófico, pois havia as que tomavam por base o espiritualismo e nesse rol as que queriam regenerar o cristianismo e outras, pelo contrário, que se baseavam no materialismo. Com o tempo, o marxismo vai tomando a dianteira do movimento operário, excluindo as outras formas de socialismo.

É lógico que as transformações ideológicas, econômicas e políticas desencadeadas pelas revoluções francesas e industriais, pela mudança no modo de produção, pelos avanços liberais e pelas críticas socialistas modificaram profundamente a vida, criaram uma nova ordem das coisas, alimentaram novas idéias. Pode-se dizer que o século XIX é marcado por esses problemas e fissuras, por lutas, conflitos, exploração, injustiças e dificuldades e, ao mesmo tempo, esperanças, utopias e reivindicações.

1.3. As idéias

O quadro aqui esboçado do século XIX se completa com a disseminação de idéias geradas nesse contexto efervescente, pelas descobertas científicas e pelo surgimento de novas correntes filosóficas. As concepções de mundo começam a deixar de lado a base teológica e passam ao modelo científico de compreensão da realidade. Agora os argumentos para a explicação do mundo, do ser humano e das coisas devem ser sustentados por um método objetivo de conhecimento, ancorado na experimentação e, em geral, assentados em pressupostos materialistas e ateus³. Os avanços das correntes de pensamento positivista, marxista, racionalista, panteísta, materialista e niilista explicavam a realidade sem a presença de Deus e principalmente da Igreja.

Já eram comuns as propostas de construção de uma sociedade liberal, leiga, anticlerical e sobretudo apartada do jugo da Igreja. Somando-se a isso, vários governos da Europa, como Alemanha e França, manifestavam a intenção de romper com a Igreja, criando-lhe dificuldades políticas, sociais, econômicas e até mesmo religiosas. Queriam realizar o desejo das classe

³ Quanto à essa questão do materialismo e do ateísmo modernos é importante ressaltar que a negação de uma realidade que transcende o mundo físico, de uma realidade espiritual é chamada de materialismo; a negação de uma divindade, de um fundamento absoluto para a realidade é chamada de ateísmo. Ambos se entrelaçam conceitualmente, porque o materialismo é sempre ateu (talvez com a exceção de Aristóteles) e vice-versa.

dominantes que era a autonomia do Estado em relação à Igreja e colocar em prática a idéia do Estado de neutralidade.

Embora seja certo que no século XIX o materialismo foi maciço, podemos talvez marcar seu início na Era Moderna com Hobbes, no século XVII⁴. É o que diz Giovanni Reale, um estudioso dessa questão:

“A partir do século XVII, o materialismo ontológico foi claramente formulado: tudo aquilo que existe é realidade física ou epifenômeno desta e, portanto, o ser em todas as suas manifestações possíveis é reduzido à dimensão do físico.” (REALE, 1999:213)

De fato o materialismo atinge seu ápice em Feuerbach, Marx, Darwin, Comte e Freud, apenas para citar os expoentes. Nas teorias desses filósofos, Deus desaparece e a dimensão espiritual humana é reduzida a uma necessidade material dos homens frente ao mundo. O que resta é a sua ilusão, fruto da criação psicológica ou social ou uma projeção dos medos ou dos desejos dos seres humanos. O fundador da psicanálise, Sigmund Freud, por exemplo, não hesita em classificar a religião como neurose coletiva.

Quem decreta literalmente a morte de Deus é Nietzsche. O filósofo alemão coloca essa morte na boca de um louco, no livro terceiro da *Gaia Ciência*, no trecho intitulado o “*insensato*”. Um louco sai correndo e gritando pela praça à procura de Deus, seus brados provocam risos porque os que estavam na praça nem sequer acreditavam na sua existência. Após várias perguntas sobre onde está Deus, o louco responde: “*Vou lhes dizer! Nós matamos, vós e eu! Nós todos, nós somos seus assassinos! (...) Deus morreu! Deus continua morto! E nós o matamos!! (...) O que o mundo possuía de mais sagrado e possante perdeu seu sangue sob nossa faca*” (NIETZSCHE, s/d:103)

⁴ É certo que poderia ter citado outros materialistas anteriores a Hobbes no mundo moderno. Marx, no livro “A Sagrada família ou Crítica da Crítica”, ao historicizar o materialismo discute outras posições. Encontra entre os escolásticos princípios materialistas, como no franciscano Duns Scotus. Aponta o nascimento do materialismo com outro franciscano, o inglês Francis Bacon. E, em seguida, o filósofo e matemático francês Pierre Gassendi, que se opôs aos sistema de Descartes. Gassendi elabora teses próximas às de Epicuro. Marx ainda identifica na pena de Locke uma forma materialista de ver o mundo. Depois, Helvétius e Condillac, que partiram de Locke. Para ele, o materialismo nasce em versões inglesa e francesa, das teorias de Bacon e Gassendi e dos discípulos de Descartes e Locke.

Entretanto, entre os citados, há uma enorme diversidade e complexidade de pensamento. Em Scotus, há apenas elementos de materialismo, pois foi acima de tudo um metafísico, interessado em explicar a natureza e a realidade de Deus. O franciscano Francis Bacon criou o método científico e propagou o ceticismo em relação ao conhecimento das causas finais, mas sua teoria estava impregnada de metafísica teológica. Já Locke tinha profundas contradições em sua filosofia, pois ao mesmo tempo que é considerado um dos pais da revolução científica inglesa, achava que o poder de conhecer derivava de Deus onisciente. Acredito que Hobbes tenha sistematizado melhor o materialismo e reduzido toda a realidade à sua dimensão material e corpórea. Como exatamente expressava Marx: “*Hobbes sistematiza o materialismo de Bacon*”(MARX&ENGELS, 1976:325). Mas não há como negar que todos os citados pais do materialismo ainda guardavam em suas teorias uma grande dose de metafísica teológica.

É no ateísmo de Feuerbach, em sua crítica ao idealismo inchado de Hegel, que a concepção materialista ganha mais força. Recorremos mais uma vez a Engels: "Foi então que apareceu a 'Essência do Cristianismo' de Feuerbach. (...) colocando, sem delongas, o materialismo no trono. (...) para lá da natureza e dos homens não há nada, e os seres superiores criados pela nossa imaginação religiosa não são mais que o reflexo fantástico do nosso próprio ser" (MARX&ENGELS, 1976:244). Afirma Feuerbach:

"(...) Os antigos ateus e mesmo muitos deístas tanto antigos quanto recentes declararam ser o medo, que nada mais é do que o aspecto mais popular e mais evidente do sentimento de dependência, a mola-mestra da religião.(...) A explicação da religião a partir do medo é confirmada sobretudo pela experiência, uma vez que todos ou a maioria dos povos rudes fazem objeto de religião só ou principalmente os fenômenos aterrorizantes da natureza.(..) O sentimento de dependência é o único nome e conceito certo para designação e explicação do fundamento psicológico e subjetivo da religião " (FEUERBACH, 1989:30-35)

E no seu rastro, Marx e Engels também admitem que a consciência espiritual e religiosa era ilusória, uma espécie de alienação do mundo real⁵. Esse pressuposto de tratar a religião como fenômeno ilusório, de criação dos desejos humanos, independente das causas e contornos dessa ilusão, são traços comuns de outros importantes materialistas do século XIX e XX.

Suas intenções vão além do ateísmo de seu tempo, não se limitam apenas a negar Deus como fizeram Comte e Feuerbach, mas pregam que a religião acabará, tão logo acabe o motivo da alienação humana. Isso acontecerá com o surgimento de uma nova sociedade, que seria a comunista, onde não haveria mais a opressão, a exploração e a angústia dos seres humanos frente a

⁵ Essa visão da religião como uma forma de alienação tão cara ao pensamento marxiano, sofreu modificações nas concepções dos outros pensadores marxistas, como Ernest Bloch. Cada um deles teve uma perspectiva diferente da religião. Com eles, a crítica marxista da religião sofreu diversos desdobramentos e se desenvolveu com uma certa distância das posições de Marx. O próprio Engels faz uma leitura do cristianismo mais dialética que Marx, entendendo-o ao mesmo tempo como religião das classes dominantes e como religião popular com potencial revolucionário. Encontra no cristianismo uma face crítica, contestadora e com aspectos revolucionários. Ao que parece, essa também era a posição de Gramsci, que mostrará a contradição no seio do próprio cristianismo a partir do cristianismo primitivo e medieval. Gramsci cita os movimentos do cristianismo primitivo e da Idade Média, como por exemplo Francisco de Assis, que lutavam pela causa dos oprimidos e faziam frente aos opressores. Segundo ele, a Igreja continuará defendendo princípios fundamentalmente populares e também a Igreja eclesiazada defendendo os interesses das classes dirigentes. Outro que coloca a questão de forma a se distanciar de Marx é Ernest Bloch. Em seu texto sobre o cristianismo de 1968, retoma o de Marx de 1843-44. Nele identifica uma natureza atea no cristianismo e uma natureza religiosa do marxismo. O que se pode notar é que há mudanças em relação ao entendimento da religião e do cristianismo. Em Gramsci, a religião tem uma possibilidade de sobreviver de forma desalienada também na sociedade socialista. Ele confere ao futuro sujeito histórico, ao proletariado, a decisão sobre a religião. Bloch vai além, afirmando a necessidade da religião também na futura sociedade socialista. Labriola também ressaltou o caráter insuprimível da necessidade religiosa no coração humano. E ainda Adler diz que a religião é um a priori da consciência. E tanto Adler quanto Rosa de Luxemburgo aceitavam a liberdade de consciência religiosa.

um mundo sem coração. Nesse novo cenário, a religião perderia o sentido, não precisaria mais consolar ou criar uma felicidade ilusória. Mesmo porque Comte havia demonstrado uma profunda contradição nesse sentido, não laicizou seu pensamento por completo, criando uma espécie de religião da Humanidade. Nela adotou os ideais de justiça e solidariedade social e importou das igrejas a hierarquia e o sacerdócio. Fez uma religião sem Deus.

Com o predomínio da ciência atea nas sociedades ocidentais, seja na versão do socialismo científico de Marx e Engels, seja no positivismo de Comte, ou no evolucionismo de Darwin e outras correntes de pensamento materialista, mesmo com todas as suas diferenças, nenhum conhecimento seguro da realidade era possível fora da ciência, que seria a única detentora da verdade. Os questionamentos à ciência eram vistos como conservadorismo e quem os fizesse cairia em “*pecado*” mortal. A ciência passou a ser inquestionável. As interpretações filosóficas espiritualistas ou religiosas estavam fora dos padrões científicos. O próprio objeto da ciência é o mundo em sua materialidade, em seus fenômenos físicos, sociais, políticos, históricos, econômicos e culturais.

Assim, a vida, a cultura, o conhecimento, os valores foram se secularizando e tornando-se materialistas. Os pressupostos ateístas tomaram conta da filosofia, da ciência, da política, da arte, da história, da antropologia, da educação, da ética etc. A vida, seus espaços, seus costumes, seu tempo, suas expressões se materializaram. Os ateísmos tomaram várias formas: antropológico, científico, sociopolítico, semântico, utópico, niilista etc. Pode-se ter um ateísmo que apenas nega a existência de Deus e a transcendência ou aquele que pretende restituir aos seres humanos as forças e os atributos que o alienaram na criação do mundo espiritual e um ateísmo niilista que além de matar Deus, mata também o homem⁶.

Materialismo e ateísmo, porém, até a modernidade, haviam sido individuais. Apenas nos tempos modernos é que o ateísmo se tornou fenômeno cultural de massa. O ateísmo e o materialismo ganharam força cultural e se apossaram de quase todas os ramos do conhecimento e seus pressupostos passaram a ser quase dogmas nas teorias do século XIX.

Apesar de, historicamente, o ateísmo ter se disseminado cultural e socialmente, deixando de ser uma convicção de poucos, as profecias do fim da religião e do espiritualismo não se concretizaram. As experiências religiosas cresceram, não houve uma dissolução da transcendência e

⁶ Por exemplo, o ateísmo de Nietzsche não pretende acabar apenas com a realidade da transcendência, matando Deus, ataca também o fundamento de toda a verdade, da ciência, de toda a razão, de todo o conhecimento, de todas as certezas, de toda a universalidade, desembocando no niilismo pós-moderno contemporâneo. Já nas posições de Marx e Engels, Comte e outros, vemos um ateísmo ativo e agressivo, o culto à ciência materialista e a vitória sobre a teologia. No caso de Marx e Engels, a idéia de Deus é mesmo apontada como a grande culpada por embotar os sentimentos sociais e justificar a escravidão. Mas fazem tudo isso para elevar o ser humano e devolver a ele toda a sua potência.

a idéia de Deus não morreu. Ao contrário, paradoxalmente, o fenômeno espiritual e religioso continuou vivo e fecundo. Como disse Henri Bergson: *“Houve no passado e há ainda hoje sociedades humanas que não têm ciência, nem arte, nem filosofia. Mas não existe nenhuma sociedade sem religião.”* (BERGSON, 1984:105)⁷ A mesma idéia é expressada por Scheler e Van de Leeuw: *“Não há povo sem religião. No início da história não encontramos nenhum indício de ateísmo. A religião está sempre presente em todos os lugares.”* (apud MONDIN, p. 50)⁸

Conforme mostra Abbagnano, as idéias espiritualistas fervilharam na filosofia e no contexto do século XIX e fizeram um forte contraponto às concepções materialistas. A tentativa de pensar um mundo espiritualista num contexto da ciência estava nas teorias de Lotze, Lequier, Amiel, Ravaisson, Boutroux, Hemelin, Lachelier entre outros. E inclusive muitas das teorias sociais do século XIX estavam impregnadas do espiritualismo, como a doutrina de Jean Jaurès, um dos grandes representantes do socialismo francês.

Kardec, o codificador do espiritismo, também participou intensamente desses debates no final do século XIX. É claro que assume uma posição platônica espiritualista, aliás o espiritismo

⁷ Isso se dá até os tempos contemporâneos, como muito bem expressou Norberto Bobbio: *“O homem continua sendo ser religioso, apesar de todos os processos de desmitização, de secularização, e de todas as afirmações da morte de Deus, características da época moderna e, sobretudo, da idade contemporânea”* (apud MONDIN, 1997:50)

⁸ O dilema tem sido enfrentado desde a Antiguidade. Remonta à Grécia, às reflexões de Sócrates e Platão, que propõem uma concepção espiritualista, num horizonte divino. Isso para citar apenas os dois filósofos. Mas, ao mesmo tempo, entre os gregos o materialismo é defendido na corrente do atomismo, em Epicuro ou nas peças de Ésquilo, como bem reconhece Marx, no prefácio da sua tese de doutorado citando a profissão de fé de Prometeu: *“(…) ‘Eu odeio todos os deuses; eles são meus subordinados e deles sofro um tratamento iníquo’ é a sua própria profissão de fé, a sua própria máxima contra todos os deuses do Céu e da Terra que não reconhecem como divindade suprema a consciência que o homem tem de si. Nem deve haver outra”* (MARX, 1976:14) Se na Grécia as discussões entre materialismo e espiritualismo já existiam, na Idade Média, com a força da Igreja, quase inexistem esses debates. As contestações às doutrinas da Igreja eram perseguidas duramente. Com a chegada da modernidade, os debates se acirram de novo em relação à interpretação da realidade. A partir daí foram dadas diferentes soluções e propostas para o problema gnosiológico. Desde as posições dos racionalistas, Descartes e Leibniz, que defendiam a possibilidade de se chegar a Deus pela razão, às teses dos idealistas, Hegel e Fichte, que não chegaram ao mesmo conceito de Deus que os racionalistas, mas de um Eu absoluto ou de uma Idéia absoluta, imanente em todas as coisas e em constante devir. Ao abordar o espiritualismo inchado de Hegel, diz Engels: *“A Idéia absoluta existe não só de toda a eternidade – não se sabe onde – mas é igualmente a verdadeira alma do mundo”* (MARX&ENGELS, 1976:272) Nas concepções de Kant e Hume, o acesso da razão ao transcendente e a Deus é negado. Hume, no século XVIII, antecede as concepções dos materialistas dos séculos seguintes e expulsa de forma mais contundente que Hobbes, as concepções espiritualistas e a possibilidade de uma inteligência suprema por trás da realidade. Segundo ele, a religião tem origem natural, mas apenas como expressão instintiva, como símbolos que não têm valor racional, pois fazem parte dos desejos e do imaginário. E, tanto Kant como Hume contestam as tradicionais provas da existência de Deus e da realidade transcendente. A razão está imersa no mundo dos fenômenos e não pode chegar à essência das coisas. O poder do conhecimento humano é restrito a esse mundo, não podendo alcançar Deus, a alma, as coisas em si. Hume afirma que chegar às provas da existência de Deus partindo a priori da própria idéia de Deus não tem validade. Isso porque do mesmo modo que concebemos uma idéia como existente, ela pode ser concebida como não existente. Kant não chega a negar como Hume uma realidade espiritual, apenas pretende mostrar a impossibilidade da razão de dar um veredicto sobre isso.

tem suas raízes teóricas na doutrina de Sócrates e Platão, como reconhece o próprio Kardec. Sua inserção nesse contexto foi como pedagogo e membro de diversas sociedades científicas.

O que fica patente é que as previsões dos profetas materialistas foram contrariadas. Para muitos, isso pode comprovar o quanto o ser humano é religioso. A secularização, não conseguindo acabar com a religião, sem querer deu mostras da sua importância, da necessidade e da naturalidade da dimensão espiritual do homem. A grande maioria da humanidade continuou religiosa.

Não podemos perder de vista a oposição que caracteriza o século XIX, no campo filosófico, e que se dá entre duas concepções de mundo diferentes: o materialismo e o espiritualismo. Não há como negar que esse século foi impregnado de materialismo, mas também foi um século profundamente espiritualista, ao contrário do que dizem muitos especialistas. De um lado a explicação da realidade através do Espírito e do outro lado elege-se a Matéria como a única realidade. A dimensão espiritual do mundo continuou a se apresentar como problema humano e como fonte de debates apaixonados, nas filosofias, religiões e outras ramificações do conhecimento. As religiões continuaram a despertar interesse na maior parte da humanidade, as interpretações filosóficas espiritualistas colocavam questionamentos essenciais e até a ciência acabou se voltando para seus condicionamentos metafísicos e certos cientistas chegaram a afirmar a necessidade de sua ligação com o espiritualismo ou o papel importante que a concepção espiritualista e religiosa teve no início da ciência⁹.

⁹ É claro que a questão é polêmica: de um lado há os que vêem as concepções religiosas totalmente contrárias às abordagens científicas e de outro a posição de que a ciência e a religião têm um parentesco mais próximo do que se imagina. Marx aponta a ciência como filha das primeiras vertentes materialistas, e nem poderia ser diferente. São inegáveis as disputas entre religião e ciência, mas a complexidade do problema não se esgota aí. A ideia de ciência, na sua forma organizada, nasceu na Grécia com Aristóteles: “*Antes de Aristóteles, a ciência estava em embrião; com ele, ela nasceu*” (DURANT, 2000:80). Para o discípulo de Platão, tudo no mundo era guiado numa certa direção, por um impulso interno, nada aleatório ou acidental, como pensava certa corrente de pensadores gregos. Isso pressupunha a existência de um ordenador inteligente, um Ser Superior que colocou a matéria em movimento. Um ser perfeito e eterno, não criador do mundo, mas motor primeiro das coisas. A ciência em Aristóteles está atrelada à metafísica, assim como em seu mestre Platão. Baseadas em Platão, as pesquisas científicas modernas começam, assentadas na ideia de uma inteligência suprema ordenadora do cosmo. Francis Bacon, como já foi dito, pretendia uma reforma filosófica e um método científico baseado na profecia bíblica do Sabá eterno, depois do juízo final. O astrônomo Kepler se achava como um sacerdote tentando descobrir o padrão que Deus tinha dado ao cosmo. Assim também Giordano Bruno era inspirado no cristianismo e em Platão. As teorias de Descartes, de Leibniz, de Newton e de Pascal, entre outros, foram desenvolvidas segundo as concepções teológicas de cada um. Diz John Henry, um dos filósofos e historiadores da ciência, em seu instigante livro *A revolução científica*: “*Repetidamente podemos ver a importância que as questões religiosas tinham para os pensadores mais destacados, fornecendo uma motivação geral para suas filosofias naturais e moldando seus detalhes precisos. (...) Francis Bacon descreveu seus planos para a reforma da filosofia natural como um trabalho de preparação para o Sabá derradeiro, (...) que com base na profecia bíblica, Bacon acreditava que seria inaugurado após a ampliação da ciência. As filosofias de Pierre Gassendi, René Descarte, Robert Boyle, Issac Newton e Gottfried Wilhelm Leibniz foram cuidadosamente desenvolvidas de modo a fornecer sustentação à visão teológica de cada um. (...) No todo, é difícil pôr em dúvida a importância da devoção religiosa na motivação e na confirmação da ciência moderna inicial.*” (HENRY, 1998:83)

1.4 A origem do Espiritismo

Esboçamos rapidamente as idéias e o contexto do século XIX e vimos um século em ebulição, recheado de conflitos e mudanças. Além dos materialismos, do processo de descristianização cultural e laicização dos Estados, as vertentes espiritualistas e religiosas constituíram um aspecto importante da vida e da cultura da época.

Enquanto se davam as profundas transformações de ordem econômica, política, social, filosófica e religiosa, surgiram certos fenômenos, que deram início a pesquisas daquilo que se chamava de “sobrenatural”. Na Suécia, desde o século XVII, por volta de 1744, a população movimentou-se com os episódios que se desdobraram em torno das visões do médium Swedenborg. O caso foi comentado pelo filósofo Kant.¹⁰

No início do século, nos Estados Unidos, aparece Andrew Jackson Davis que ficou conhecido por seus escritos sobre os fenômenos mediúnicos e por sua capacidade de entrar em transe e se comunicar com os espíritos. Entre os seus ilustres visitantes, estava Edgar Allan Poe¹¹.

¹⁰ Emmanuel Swedenborg foi um vidente sueco que se tornou famoso por suas visões à distância, ou seja, obtinha informações de acontecimentos que se passavam longe de onde estava. É considerado um dos iniciadores das modernas manifestações espirituais. Ficou conhecido quando viu o momento em que estava ocorrendo o grande incêndio da cidade de Lisboa. Em 1766, Kant escreveu um livrinho sobre ele, não muito conclusivo, e que ainda não tem tradução em português: KANT, Immanuel. *Träume eines Geistersehers*. Stuttgart, Reclam, 1976.

¹¹ Desde o século XVIII essas manifestações são muito numerosas. Pode-se lembrar que a Revolução Francesa, mesmo valorizando o espírito filosófico e prestando culto à Razão, não foi um movimento necessariamente anti-religioso nem radicalmente anti-cristão. O aspecto libertário da época não representava necessariamente uma negação do transcendente. Havia uma busca por explicações não convencionais. Robert Darton, em sua obra *O lado oculto da Revolução*, mostra a importância social e política do movimento mesmerista. Como aponta Vouelle, o que os revolucionários rejeitavam era a tutela da Igreja Católica com sua ortodoxia e conservadorismo e da religião sobre o conhecimento, mas a religião não era atacada. Queriam a liberdade da razão, o direito de examinar e criticar tudo, contrariando o princípio de autoridade da própria Igreja. O historiador Michel Vouelle mostra em seu livro *A revolução Francesa contra a Igreja, da Razão ao ser supremo*, que o “*Ser Supremo não tinha sido ignorado na época em que triunfava a Razão, mais acolhedora do que se diz, e que deixava um lugar ao Grande Arquiteto (...)*” (VOUELLE, 1989:141). É claro como mostra Rémond, que nessa luta contra a Igreja estava em processo a laicização do Estado, a secularização da sociedade e a separação das duas ordens, religiosa e profana. Havia uma busca por liberdade de pensamento e por se praticar o espírito filosófico. As minorias religiosas, os protestantes e os judeus, passam a ter igualdade de direitos civis e políticos. Alguns revolucionários, como Condorcet, pretendiam abolir as religiões, classificadas por ele no rol das superstições e das invenções políticas. Mas muitos revolucionários endereçaram duras críticas à Igreja Católica, mas não imaginavam um nação sem religião. É o caso de Diderot, que pretendia revolucionar a religião. Ou do misticismo de Robespierre e da religião da humanidade de Michelet.

O iluminismo do século XVIII inaugurou um período racionalista, abrindo fissuras na estrutura da Igreja católica e da fé cristã. Isso, por um lado, levou ao forte materialismo do século XIX. E, por outro lado, a diferentes posições espiritualistas que se afastavam da ortodoxia cristã. Somente no transcorrer do século XIX é que toma vulto o movimento de laicização da vida, do pensamento, da política, da propostas sociais. Ocorre uma crescente descristianização, que significava um afastamento da Igreja Católica, vista como o passado, a tradição, a autoridade, o dogma e a coação. A razão, a liberdade, o progresso, a ciência, o futuro, a justiça estão no campo contrário. A vitória dessa concepção passa pela derrota das forças conservadoras e reacionárias, indissolavelmente associadas à religião. Na França, essa ruptura entre Igreja católica e Estado, só acontecerá depois de um século de disputas e tramas, no início do

Por volta dos anos de 1840 é que fenômenos ocorridos no pequeno vilarejo de Hydesville em Nova York, nos Estados Unidos, vieram atrair a atenção das Américas e da Europa. E é a partir daí que se iniciou o movimento específico das mesas girantes e das batidas provocadas, segundo os observadores, por espíritos, intermediados por médiuns que teriam a faculdade de proporcionar a comunicação entre o mundo físico e o mundo espiritual. O fenômeno foi estudado por pessoas de todo o mundo. A partir daí, fenômenos semelhantes se alastraram por toda a Europa e a América. Os jornais dos dois continentes davam notícias das mesas girantes. Um quadro daqueles primeiros anos do ambiente europeu é dado num artigo sobre as mesas girantes, publicado no jornal inglês *The Yorkshireman*, em 25 de Outubro de 1854:

“(...) Os fenômenos comuns de movimentos de mesas, na verdade são familiares de muita gente. Há cerca de dois ou três anos não havia uma reunião noturna que não tentasse a realização de um milagre espiritual (...) Naqueles dias a gente era convidada para o ‘chá e mesas girantes’, como um novo divertimento.” (apud DOYLE, 1995:152)

Esse movimento continuou por décadas, chamando a atenção de célebres personalidades, inclusive de homens de ciência. Diversas comissões de pesquisadores de projeção no mundo científico se reuniram para examinar tais fenômenos. Entre estas a *Sociedade dialética*, da Inglaterra, em 1869-1870 e o *Instituto Geral Psicológico* na França nos anos que vão de 1905 a 1908,. Os membros eram das mais variadas áreas do conhecimento: filósofos, cientistas, médicos, teólogos, advogados, engenheiros etc.

Após as pesquisas, tanto a *Sociedade dialética* que apresentou seu relatório em 1871 quanto o *Instituto Geral Psicológico* que apresentou seu relatório em 1909, emitiram pareceres convindo “que o assunto era digno de mais séria atenção e cuidadosa investigação”(DOYLE, 1995:261). As pesquisas desses homens deram origem a muitas outras pesquisas nas décadas seguintes.

Entre os que pesquisaram estavam: Robert Dale Owen, escritor inglês, filho do socialista Robert Owen que, no final de sua vida, também passou a adotar os postulados do novo espiritualismo; Alfred Russel Wallace, naturalista inglês que chegou ao mesmo tempo que Darwin à teoria da evolução; Paul Gibier, médico e bacteriologista francês, discípulo de Pasteur, que descobriu o micróbio da raiva; Oliver Lodge, físico inglês; William Crookes, químico e físico inglês, membro da Sociedade Real, prêmio Nobel de Química em 1907; Friedrich Zöllner,

século XX. No entanto, o fenômeno religioso não desapareceu, as tentativas de pensar a religião num contexto científico e racional do século XIX e das primeiras décadas do século XX continuou, como discutimos no item anterior.

astrônomo e físico alemão, professor da Universidade de Leipzig; Aleksander Aksakof, médico russo, doutor em filosofia e professor da Universidade de Leipzig; Charles Richet, fisiologista francês, Prêmio Nobel de Medicina, de 1913.

Outros intelectuais de renome também apuraram a questão, mas se dedicaram menos a ela do que os citados acima, como o filósofo Henri Bergson, os cientistas prêmios Nobel Curie, o fundador da psicanálise Freud e seu discípulo Jung, o cientista discípulo de Darwin, Huxley e o filósofo idealista alemão Hartmann. Até mesmo Engels observou os fenômenos, dando o seu parecer, afirmou em seu livro *A dialética da Natureza*:

“Não é a necessidade ‘a priori’ que demonstra a existência dos espíritos, mas a observação experimental dos senhores Wallace, Crookes e companhia. Se acreditamos nas observações e análises espectral de Crookes que conduziram à descoberta do tálio, ou nas ricas descobertas zoológicas de Wallace no arquipélago malásio, exige-se de nós que acreditemos também nas experiências e descobertas espíritas dos dois sábios?”(ENGELS, s/d:222)

O rompimento entre os grupos de pesquisa foi inevitável. As divergências de opiniões tomaram conta dos pesquisadores. De um lado, pesquisadores como Crookes, Wallace e Zöllner afirmavam ter conseguido provas suficientes para comprovar a existência dos espíritos; de outro lado pesquisadores, como Huxley e Hartmann que atacaram essas posições como fraudulentas e ingênuas. Ainda havia um grupo que via os fenômenos com grande interesse, mas entendia que o assunto deveria ser melhor estudado para se dar um veredicto, entre esses estavam Richet e Bergson. No entanto, na França o movimento teve características específicas, devido à atuação de Allan Kardec¹².

Pode-se indagar, entretanto, por que a História desde há muito tempo não tem se preocupado com essas questões? Esses fenômenos do moderno espiritualismo se tornaram inseparáveis do contexto do século XIX, ganhando o direito de se tornarem objetos da história. Há um vínculo dos fenômenos espirituais com a cultura e com o tempo. No entanto, há um surpreendente silêncio da historiografia oficial em relação a esse movimento e aos seus desdobramentos históricos e filosóficos.

¹² Esses pesquisadores não estão aqui colocados em ordem cronológica, alguns são anteriores a Kardec, outros posteriores a ele. E na verdade essa lista poderia ser interminável, pois no século XIX, as sociedades científicas, os próprios cientistas, filósofos, literatos e livre-pensadores discutiram a favor ou contra essa questão exaustivamente. No momento em que Kardec começou as suas pesquisas, esse era o ambiente em que vivia a Europa e a América, embora muita gente fizesse disso uma moda de salão.

1.5. O espiritismo na França e o papel de Rivail

Pouco mais de um século e meio nos separam dos acontecimentos das irmãs Fox que desencadearam vastos estudos e a pesquisa de Kardec na França e houve farta bibliografia em torno do assunto. Nesta bibliografia há desde escritos desmoralizantes, duras críticas, posições elogiosas, mas poucos estudos históricos e documentados.

O estudo sobre essa questão não é possível sem darmos a devida importância à figura do educador Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869). Ele aparece como principal responsável pelas pesquisas e estudos que culminaram na doutrina espírita. A ele atribui-se o caráter sério dado à moda de salão, que tinham se tornado as mesas girantes, e a organização do espiritismo. É nome recorrente nas bibliografias existentes sobre o assunto, personagem que ora é cultuado misticamente, ora é menosprezado.

Os documentos sobre a sua vida pessoal são restritos, pois foi uma figura muito pouco personalista, não nos fornecendo muitas informações pessoais. Não escreveu como Rousseau, nenhum livro sobre si mesmo e raramente falava de si. Em suas obras, ou nos poucos testemunhos esparsos sobre ele, os sentimentos e as experiências cotidianas ficam de lado, o que aparece são seus trabalhos, seus problemas frente às questões do mundo espiritual, suas leituras científicas e filosóficas, preocupações com problemas humanos e interesses educacionais.

Filho de uma família de advogados de Lyon, Rivail, como muitos outros jovens europeus, fez seus estudos no famoso Instituto de Yverdon na Suíça, dirigido pelo educador Johann Heinrich Pestalozzi¹³, para onde partiu em dezembro de 1815, aos 11 anos, levado pela mãe. Lá realiza seus estudos e se forma na arte de educar. O Centro de Documentação e Pesquisa Pestalozzi de Yverdon informa: “Hippolyte-Léon-Denizard Rivail vem em Dezembro de 1815, com idade de 11 anos, acompanhado de sua mãe ao Instituto Pestalozzi de Yverdon. Ele vem se formar na arte do ensino.”(apud INCONTRI, 1996:135). Permaneceu na Suíça por alguns anos. Aos 19 anos de idade já está na França, dedicando-se a divulgar o método do mestre em seu país¹⁴. Nesse período,

¹³ Pestalozzi pretendia uma educação integral, que abrangesse o pleno desenvolvimento do indivíduo, em seu aspecto afetivo, intelectual e físico. Lutou pela escola popular, teve diversas experiências pedagógicas e foi precursor de diversos movimentos educacionais e pesquisas da infância dos séculos XIX e XX. Montessori, Ferrière, Piaget, Freinet e tantos outros – todos lhe devem algo. Muito pouco conhecido no Brasil, o primeiro estudo acadêmico a seu respeito foi o de Dora Incontri, que traduziu um texto seu do alemão e teve acesso à sua vasta bibliografia. Ver INCONTRI, Dora. *Pestalozzi, Educação e Ética*. São Paulo, Scipione, 1996.

¹⁴ É possível como diz Dora Incontri (2004), observar a contribuição do mestre no pensamento de Rivail, os seus primeiros textos como educador demonstram que partilhava das propostas pedagógicas do seu mestre. Inclusive, assinava todos os escritos como discípulo de Pestalozzi. Sua produção pedagógica foi grande e sua participação em

organiza com Maine de Biran um projeto de tradução das obras de Pestalozzi, que não foi levado adiante.

Em poucos anos, Rivail se torna um professor emérito, autor de livros didáticos e pedagógicos, membro de várias sociedades científicas. É bom lembrar que nessa época as sociedades científicas francesas tinham muito mais prestígio que as Universidades, que haviam primeiro sofrido o ataques às suas estruturas tradicionais e escolásticas por parte da Revolução Francesa e depois haviam sido apropriadas por Napoleão. Rivail adquiria renome pela colaboração nessas comunidades científicas e mantinha relações com educadores, cientistas, filósofos, literatos e socialistas. Aliás, Rivail foi um educador preocupado com as questões sociais, trabalhando pela educação popular. Teve uma militância em defesa da escola pública e gratuita, como professor e diretor de escola.

Aos 24 anos de idade, escreveu um ensaio em defesa da educação pública e entre os anos de 1830 e 1840, realizou em sua casa, na rua de Sévres em Paris, com o apoio dos tios maternos, cursos gratuitos de química, física, astronomia e anatomia comparada. O pesquisador francês François Gaudin descobriu documentos inéditos, mostrando grandes ligações de Rivail com o francês Maurice Lachâtre, socialista de tendência anarquista, editor das obras Eugène Sue e de fascículos populares das obras de Karl Marx. Provavelmente, Rivail manteve diálogos com outros representantes do socialismo francês, discípulos de Saint-Simon, Fourier e Jean Reynaud, pois em sua fase espírita cita os socialistas constantemente, entre eles, Saint-Simon e Fourier, demonstrando grande familiaridade com suas teses.

Rivail prosseguiu seu trabalho na educação, fez seus estudos como autodidata e membro dessas sociedades. Pode-se supor que, por interferência da Lei Falloux, que deu plenas forças à Igreja no campo da educação na França, Rivail, como defensor da escola pública e livre, deixou a atividade pedagógica de mais de 30 anos.

O movimento surgido em 1848 nos Estados Unidos ganhava a Europa e instituíam-se comissões para estudar os fatos. A intenção aparente dos pesquisadores que compunham tais

comunidades científicas também. Entre as muitas obras pedagógicas que escreveu, estão: Curso prático e teórico de aritmética segundo o método de Pestalozzi e suas modificações (1824); Plano para melhoria da educação pública (1828); Gramática francesa clássica (1831); Cálculo de cabeça, pelo método de Pestalozzi, questionário gramatical, literário e filosófico. No ano de 1825, aos 21 anos de idade, Rivail se torna diretor de escola. Possuía o título de professor e de “Chefe de instituição” da Academia de Paris, portanto estava autorizado a fundar e dirigir escolas e outras instituições educacionais. Em 1831, ganha um prêmio da academia Real de Arras, por sua exposição sobre o tema: Qual é o sistema de estudo mais harmônico com as necessidades da época? Depois em 1848, publica o livro Catecismo Gramatical da Língua Francesa, e em 1849, dá aulas no Liceu Polimático de fisiologia, astronomia, física e química.

comissões era refutar aquelas mistificações, mas ainda não tinham claros as causas dos estranhos fenômenos. Inicialmente, havia quase unanimidade entre as comissões instaladas que, independentemente das causas, os fenômenos não tinham a interferência de causas inteligentes. Com o tempo aquilo que se configurava como moda de salão começou a dividir as opiniões dos estudiosos, uns continuaram contrários à interferência de causas inteligentes espirituais, outros mudaram de opinião.

Foi nessas condições que Rivail, em 1854, já afastado da educação, apareceu pela primeira vez na cena dos fenômenos espirituais na França. Quando o seu amigo magnetizador Fortier lhe fala dos fenômenos, que se popularizaram com o nome de mesas girantes, que os médiuns se sentavam em torno da mesa e ela começa a girar, movida por força desconhecida, fica surpreso. Nada havia naquela revelação que não pudesse ser explicado por causas materiais, por exemplo, por meio do magnetismo humano¹⁵, que era uma espécie de eletricidade e poderia atuar sobre os corpos inertes e fazê-los se mover.

Entretanto, ao encontrar-se novamente com esse amigo, teve uma informação ainda mais extraordinária, que as mesas, além de girarem, quando magnetizadas, respondiam a perguntas. Rivail não deu crédito àquelas observações, concluindo que tais acontecimentos eram ilusórios. Vejamos o que ele mesmo diz:

“Eu aceitava a possibilidade do movimento por uma força mecânica, mas, ignorando a causa e a lei do fenômeno, parecia-me absurdo atribuir inteligência a uma coisa puramente material. Estava na posição dos incrédulos de nossos dias, que negam porque apenas presenciam um fato que não compreendem.” (KARDEC, 1971:218)

Um ano depois, em 1855, Kardec encontra outro amigo, Carlotti, que lhe deu novas informações sobre os fenômenos, falando-lhe de uma possível intervenção dos espíritos, o que deixou Rivail com mais dúvidas. Em maio do mesmo ano é convidado a assistir a uma sessão realizada na casa de amigos. Nessa reunião presenciou fenômenos intrigantes: mesas que giravam, saltavam e corriam e ainda observou a escrita mediúnica numa ardósia, com auxílio de uma cesta. A partir daí reconheceu que aqueles fatos deviam ter uma causa séria, digna de uma investigação mais aprofundada e metódica.

¹⁵ O estudo do magnetismo havia sido iniciado pelo médico austríaco Franz Anton Mesmer no século XVIII e se desdobrou no século XIX. O próprio Kardec pesquisou sobre o assunto durante trinta anos.

Na França, em meados do século XIX, as casas movimentavam-se em torno daqueles fenômenos, assim não faltavam a Rivail oportunidades para observar mais atentamente os fatos.

Assim Rivail faz inúmeros estudos, sempre adotando uma posição de dúvida e crítica. Ao lado de outros pesquisadores discordava das pessoas que tomavam posições superficiais fosse a favor ou contra a explicação dos fenômenos por causas espirituais, sem a adoção de uma análise metódica e um estudo pormenorizado. A formação de uma opinião favorável ou contrária deveria estar condicionada a um método de experimentação científica, mas ao mesmo tempo preocupava-se em não tomar uma atitude preconceituosa.

“Apliquei à nova ciência, como sempre fizera, o método da experimentação. Jamais utilizei teorias preconcebidas; observava atentamente, comparava e deduzia as conseqüências. Através dos efeitos, procurava chegar às causas pela dedução e encadeamento lógico dos fatos, só admitindo uma conclusão como válida quando esta conseguia resolver todas as dificuldades em questão. Era preciso agir com circunspeção, não levianamente.” (KARDEC, 1971:220)

Sabia da importância daquelas pesquisas, considerando que aquilo poderia representar uma revolução científica.

A essa altura já não era possível explicar os fenômenos por causas meramente materiais, já estava convencido pela observação e pela reflexão de que os fenômenos eram produzidos por forças inteligentes.

A argumentação de Rivail, em prol da seriedade dos estudos, marcou fortemente o espiritismo francês. O discípulo de Pestalozzi tinha seus pressupostos filosóficos e assumia uma atitude de pesquisador. Formado a partir da corrente iluminista do pensamento francês, partia da dúvida, da crítica, da reflexão para chegar ao conhecimento. Sabemos que é impossível fazer pesquisas empíricas de fenômenos sem pressuposto teórico. Entretanto, Rivail vinha engrossar e ampliar com suas palavras as fileiras dos argumentadores que pediam honestidade ao se debruçar sobre a pesquisa, depois chamada de espírita, com isenção de preconceitos.

Da idéia de que a imortalidade da alma estava demonstrada empiricamente, derivou-se toda uma doutrina filosófica e religiosa. Adota o pseudônimo de Allan Kardec, para separar a sua vida de educador a de pesquisador dos fenômenos espíritas. Utiliza uma nova terminologia para explicar aqueles novos fatos. Até então, o movimento era chamado vagamente de novo espiritualismo, Kardec chama-o de Espiritismo. No entanto, não considerava o Espiritismo como obra particular sua:

“O Espiritismo não é um concepção pessoal nem resultado de um sistema preconcebido. É resultado de milhares de observações feitas em todas as partes do globo, que convergiram para um centro que as coligiu e as coordenou. Todos os princípios que o constituem, sem exceção, foram deduzidos da experiência.”(KARDEC, 1971:211)

Passou a ser figura central do movimento que se expandia mundialmente. O mérito do seu trabalho foi a pesquisa, a observação detalhada, as comparações e os comentários sobre as instruções dadas pelos espíritos, a organização metódica do conteúdo, a crítica aos abusos e às mistificações em torno do assunto, o alerta contra os embusteiros, o exame constante do material que surgia sobre o tema....

Em 1857, Kardec escreve o *Livro dos Espíritos* que se tornou o livro básico da filosofia espírita na França. Nele discute e interroga os espíritos sobre Deus, a imortalidade da alma, a reencarnação, questões sociais¹⁶ etc. Em 1861, publica o *Livro dos Médiuns*, nele descrevendo os vários métodos de comunicação entre o mundo material e o mundo espiritual. Em 1864, lança o *Evangelho segundo o Espiritismo*, em que analisa os problemas do cristianismo ao longo da história, com comentários sobre os preceitos morais de Cristo. Em 1865, traz ao público o *Céu e o inferno*, onde discute a questão do Bem e do Mal e da justiça divina. E em 1867 sai a *Genêse*, mostrando a relação da filosofia espírita com a ciência...

Em abril de 1858, Kardec lançou o *Jornal de Estudos Psicológicos* e fundou a *Sociedade de Estudos Espíritas de Paris*, com a finalidade de promover as pesquisas e de ser um centro de observações regulares, publicando os resultados de seus estudos. A sociedade contava com a participação e a colaboração de pessoas de diversas classes sociais e diferentes áreas do conhecimento, desde Camille Flammarion, o astrônomo francês, passando por Victorien Sardou, dramaturgo, incluindo proletários e jovens senhoritas.

Os trabalhos de Kardec encontraram ressonância, dando um direcionamento sério àquilo que até então era apenas moda de salão. Suas pesquisas, sem dúvida, resultaram nos textos mais completos desse período sobre o espiritismo, pois traziam as principais idéias e discussões sobre o assunto.

¹⁶ Como analisamos em artigo publicado pela Revista Histedbr on-line, “Ao contrário da interpretação popular do espiritismo brasileiro, nas obras de Kardec, consideradas pelos seguidores como fundamentais, não há a aceitação de um fatalismo social, determinado pela idéia da reencarnação. Sobretudo em *O Livro dos Espíritos*, aparecem críticas à estrutura social injusta e indicações de que é preciso transformar a sociedade, junto ao apelo constante à transformação do homem. Dentro da perspectiva evolucionista, a evolução social interage dialeticamente com a evolução individual.” INCONTRI, Dora e BIGHETO, Alessandro. Socialismo e Espiritismo, aproximações dialéticas. In Revista Histedbr, Unicamp, dezembro de 2004.

A argumentação em prol do espiritismo ganhou livre curso no mundo europeu, a imprensa periódica noticiava o avanço das discussões que se estabeleciam em torno do assunto. E um grande número de pessoas teorizava sobre a questão. Na Europa e nos Estados Unidos, o conflito se aguçara de tal forma, que o debate ganhava as sociedades científicas. O movimento gerava discussões e opiniões divergentes, além da ciência, encontrava expressão também na literatura, Victor Hugo, por exemplo, em 1866, publica uma carta debatendo com os ateus o problema. Georges Sand publica romances de inspiração espírita, que são comentados por Kardec. Théophile Gautier lança sua obra *Spirite*, também analisada na Revista Espírita. No Brasil, o espiritismo chega causando polêmica entre os intelectuais, despertando o entusiasmo de muitos, servindo de inspiração para romances e gerando conflitos com a Igreja.

1.6 Resumo do Espiritismo: Diálogo entre ciência, filosofia e religião

Como vimos, as manifestações e a atuação dos representantes da ciência, de sábios, de literatos e principalmente o desempenho de Kardec e da Sociedade de Estudos Espíritas contribuíram para um sério encaminhamento dos estudos. Assim as condições se modificaram ao longo do século XIX e as pesquisas possibilitaram a colocação do problema em outros termos, da mera moda da salão a problemática científica e filosófica. Já em meados do século XIX, antes de Bergson, Kardec insistia na idéia de que nunca houve um povo sequer que não acreditasse numa realidade transcendente: desde a idade primitiva o *homo religiosus* é uma constante na história.

Segundo Kardec, os fenômenos espíritas (comunicação natural com os espíritos dos mortos) nasceram com os povos ditos selvagens. Essa teoria concorda com muitos antropólogos do século XIX e de boa parte do século XX e até mesmo os antecipa. Segundo estes, a relação do homem com as entidades espirituais é a mais antiga e universal das crenças humanas. De Herbert Spencer a Edgar Morin¹⁷, em teorias das mais diversas, aparece esta idéia.

Foi justamente no século XIX que as pesquisas sobre isso se tornaram mais sistemáticas. Deixaram de ser apenas crenças, circunscritas às culturas populares, para interessarem homens de ciência. O escritor e pesquisador Arthur Conan Doyle, em 1926, numa obra curiosa, com o título *The History of Spiritualism*, procura historicizar esse movimento, argumentando ter havido uma

¹⁷ Ver MORIN, Edgar. O homem e a morte. Lisboa, Publicações Europa-América, s/d.

espécie de “invasão organizada”, chamando atenção dos estudiosos as manifestações que se davam em inúmeras partes do mundo¹⁸.

No entanto, a especificidade de Kardec é que ele reconhecia as vantagens do método experimental, mas criticava um cientificismo estreito, à moda positivista, assumindo que a ciência espírita tinha pressupostos filosóficos e conseqüências morais e religiosas. Suas obras apresentam o espiritismo como diálogo entre filosofia e ciência: “ciência com objetos e metodologia próprios, que observa os fenômenos mediúnicos e formula teses sobre o funcionamento destes fenômenos e do mundo espiritual, que a mediunidade permite entrever”. (INCONTRI, 2004:28) As páginas centrais do *Livro dos Espíritos* constituem uma tentativa de demonstração empírica e racional da existência de uma realidade transcendente, de uma alma imortal existente nos seres humanos, de um Ser Superior que dá sentido às coisas e da evolução através da reencarnação. Como explica Dora Incontri:

¹⁸ Se analisarmos bem a questão, o espiritismo está dentro de uma tradição filosófica que remonta a Pitágoras, Sócrates e Platão. Filósofos que tentaram unir o misticismo e a racionalidade na compreensão do mundo. Todos os sistemas inspirados na filosofia de Pitágoras têm tendência espiritualista, com uma visão reencarnacionista, como o espiritismo. É mesmo na teoria socrático-platônica que o espiritualismo aparece com todo o seu vigor filosófico. As páginas centrais do *Fédon* constituem a primeira tentativa de discussão racional da existência de uma realidade transcendente, de uma alma imortal existente nos seres humanos e de um Ser Superior que dá sentido às coisas sensíveis em todas as suas formas. A metafísica ocidental tem suas raízes exatamente em Sócrates e Platão. Nesse livro, Platão explica como tendo partido da filosofia dos físicos ou naturalistas, que nada mais eram que os materialistas, chegou à descoberta de uma nova dimensão do ser. Platão reconhece que aqueles problemas metafísicos mais importantes que o homem desde sempre se pôs e sempre deverá fazê-lo que é se questionar sobre o sentido das coisas, só terá resposta se for buscada a causa última ou o princípio que lhe serve de fundamento. Platão recorre sim à explicação do Demiurgo, que seria uma espécie de Inteligência Suprema que teria ordenado todas as coisas para responder às questões das causas e dos fundamentos das coisas e da realidade. Assume o princípio divino como o mais coerente e o mais racional para explicar a inteligência que se manifesta no cosmos, na realidade e na vida. A ordem, a organização, a inteligência, a bondade que se explicitam em todas as coisas são tão grandes, que constituem evidências ontológicas da sua existência.

Em um dos diálogos da República, Sócrates diz a Adimanto que Deus era absolutamente simples e verdadeiro e o seu interlocutor admite que sim. Isso mostra que, para Platão, o fundamento da realidade é Deus. Para ele eram muito evidentes os indícios da Sua existência: no universo inteiro, tudo falava de Deus. Poderíamos encontrá-lo nos seres humanos, nas estrelas, nos sóis, na vida, em todas as coisas. Ao assumir a existência de Deus, a realidade passa a não ser apenas física, mas suprafísica.

No *Fédon*, todos os diálogos deixam claro sua crença na realidade da alma, na imortalidade desta e na sua volta à Terra. Esse ciclo da vida real é junto com Deus outro conceito fundamental em sua teoria. E fala sobre a importância do filósofo se preocupar com a alma e não com o corpo. Diz ele: “*Parece-te, portanto, que os desejos de um filósofo não têm por objeto o corpo e que, ao contrário, trabalha para afastar-se dele dentro do possível, a fim de se ocupar com a alma?*” E a resposta de Símiás é: “*Com certeza*” (PLATÃO, 1999:125) Os interlocutores de Sócrates continuam a dialogar sobre a relação entre corpo e alma e se espantam quando ele afirma a imortalidade da alma. Havia duas crenças correntes na Grécia, uma de que a alma acabava com o corpo e outra de que alma ia para o Hades, uma espécie de mundo espiritual. Os pensadores que discutem com o filósofo grego aceitavam a primeira posição. Cebes toma a palavra no diálogo e diz: “*Mas que a alma vive após a morte do homem, que age e pensa, é o que necessita de explicação e provas concretas.*” (PLATÃO, 1999:132) Sócrates, após o desafio parte numa busca filosófica para dar as provas ao seu pensamento. Após essa introdução, Sócrates continua sua argumentação tentando provar aos três debatedores o sentido mais profundo da realidade e abrir as portas de uma verdade que vai além da dimensão física. Por isso, Kardec coloca as raízes do espiritismo na filosofia socrático-platônica.

“O objeto portanto da ciência espírita é o Espírito (que pode ser encarnado, constituindo-se uma pessoa humana com corpo e alma) ou desencarnado, que já perdeu o corpo físico e precisa de um médium para manifestar-se a nós encarnados. Na ciência espírita, como aliás nas ciências humanas em geral, o próprio objeto é sujeito de conhecimento. (...) Os Espíritos desencarnados revelam-se, explicam-se, contribuem para esclarecer a sua participação no fenômeno mediúnicos e os Espíritos encarnados – os homens portanto – pesquisam, indagam, formulam hipóteses, controlam as manifestações” (INCONTRI, 2004:29)

O pensador francês defende pois a idéia de uma filosofia espírita, baseada na pesquisa dos fenômenos mediúnicos, mas indicava tratar-se de uma “filosofia racional sem os prejuízos do espírito de sistema” (KARDEC, Livro dos Espíritos) Ante os sistemas de pensamento muito inchados, próprios do século XIX, Kardec temia que o espiritismo se tornasse um sistema fechado e dogmático. Pretendia fazer de sua doutrina um conhecimento livre e dinâmico, deduzido da evidência da imortalidade da alma, evidenciado pela mediunidade. Na verdade, visava resolver um problema da metafísica ocidental, aplicar o método científico às coisas metafísicas. Diz ele:

“As ciências só fizeram um progresso apreciável, depois que seu estudo se baseou no método experimental. Mas até que isso acontecesse, pensava-se que esse método fosse aplicável somente a matéria, ao passo que ele é igualmente aplicável às coisas metafísicas.” (KARDEC, 1986:14)

Tendo partido da posição de cético, usando o método das ciências materialistas, afirmava ter chegado à descoberta da dimensão espiritual do ser. Assim Kardec, embora partilhe da confiança na ciência do século XIX, também critica a ciência positivista, que partia de pressupostos materialistas e negava à filosofia e à religião o status de formas aceitáveis de conhecimento. Questiona a eficácia e a imparcialidade do método das ciências materialistas, pois os seus fundamentos levariam a causas apenas materiais da realidade. Já partiam *a priori* de pressupostos apenas materiais, com uma metodologia de pesquisa limitada, portanto não poderiam chegar a outras causas para explicar a vida e a realidade, que não fossem as físicas. Com essa ciência restrita, nunca chegaríamos a uma resposta aos problemas existenciais humanos, como o sentido da vida ou a finalidade da existência e de toda a realidade. Para isso, teríamos que unir a experimentação com a busca racional e religiosa de uma causa última ou do princípio inteligente que serve de fundamento a todas as coisas.

O mérito dos materialistas teria sido buscar um entendimento rigoroso e sistemático da realidade mas, para Kardec, o conhecimento científico é relativo, tem suas limitações subjetivas e partem de pressupostos filosóficos e teóricos. É essa justamente a tese mais rejeitada entre os

cientistas positivistas, que proclamavam a neutralidade absoluta da ciência e sua capacidade para explicar todo o real.

Assim, Kardec passou a considerar o materialismo um erro, pois não se pode explicar a realidade apenas pela matéria. Passou o resto dos seus anos, estudando e discutindo com os pensadores de seu tempo a fim de mostrar que o mundo inteligível é muito mais complexo do que é possível apreender pela via materialista. Os cientistas, ao reduzirem a realidade apenas à dimensão material, acabam por criar uma ciência dogmática e mística, uma vez que partem de um pressuposto ateu com pretensões de verdade absoluta. Kardec apontava o caráter tendencioso da ciência, que não permitia questionamentos e não reconhecia os limites do seu conhecimento, colocando o ateísmo como um dogma de fé.

Neste sentido, Kardec discordava do discurso triunfalista dos cientificistas do século XIX, que defendiam a ciência como a única forma de conhecimento possível e que iria trazer as soluções para todos os problemas da existência. Enfim, para Kardec, à maneira do que iria ser feito mais tarde no século XX, o conhecimento científico não é autônomo e está envolvido em muitas incertezas. Embora a ciência fosse rigorosa, não era infalível. Sua aversão ao dogmatismo era tanta que chegou a proclamar o próprio espiritismo como uma ciência em permanente processo de evolução e não como verdade acabada.

Ao encontrar as brechas nas teorias materialistas, Kardec recorre à Inteligência Suprema como fundamento de todas as coisas. Assume o princípio divino como o mais coerente e o mais racional para explicar a inteligência que se manifesta no cosmos, na realidade e na vida. A ordem, a organização, a inteligência, a bondade que se explicitam em todas as coisas, são tão grandes que constituem evidências ontológicas da existência de Deus. Portanto, seria preciso aproximar a ciência da filosofia e da religião.

No seu projeto, além dos aspectos científicos e filosóficos, o espiritismo também teria uma dimensão religiosa. Pela mediunidade, os Espíritos propõem teorias teológicas, morais e cosmológicas. É certo que esse conteúdo revelado pelos espíritos deve passar por severos critérios filosóficos e científicos de análise.

Entretanto, reconhece que a dimensão religiosa é inata no homem. Portanto, a religiosidade humana é natural, a idéia de Deus e de alma imortal são imanentes. Argumentava que a religião deveria ser emancipada de rituais, hierarquias e dogmas, assim como já propunham Rousseau e Pestalozzi, com a idéia de religião natural, mas não poderia ser jogada na lata do lixo da história. Kardec desenvolve uma concepção ecumênica, escapando dos particularismos e sectarismos, pois

entende que a verdade se manifesta em toda parte e que o espiritismo seria a chave adequada para entender o que há de comum nas diversas tradições religiosas.

Ao assumir a naturalidade da religiosidade humana, discordava da tese de que essa naturalidade não passava da projeção dos medos, das ilusões e das neuroses humanas. No seu entender essa tese era superficial e elitista, porque considerava a maior parte da humanidade como presa de alucinações coletivas e apenas uma elite intelectual lúcida e firme, que tinha luzes e forças suficientes para não fazer apelo à transcendência. Para ele, o fundamento da religiosidade está na vivência, na intuição, no sentimento, na reflexão, na indagação, de todos os seres humanos frente à realidade. E não poderia ser apenas fruto de sua imaginação estéril e fútil. O testemunho da humanidade em toda a sua história é muito precioso, ensinava Kardec, deve-se levá-lo em conta para mostrar que a religiosidade humana é muito mais do que alienação.

Essa dimensão transcendente da realidade, segundo Kardec, pode ser racionalizada, inclusive para separá-la dos fanatismos e dos desvarios da imaginação. Ao contrário de Kant, declara que a razão tem a faculdade de abarcar o espírito, se tomar um caminho reflexivo sem preconceitos, em diálogo com as pesquisas experimentais. Não seria um contra senso, uma irracionalidade, imaginar que todos seres humanos teriam dado a mesma resposta (a da religião e da transcendência) para meras ilusões, fantasmas, projeções, neuroses etc.?

Kardec alertava para o cuidado que se deve ter no estudo da religião, como fenômeno humano e social. É necessário utilizar métodos adequados para se chegar a conclusões apropriadas. Criticava as teorias que faziam uso de princípios reducionistas e tiravam conclusões precipitadas e limitadas para entender o homem religioso. Concluía de suas pesquisas ao invés que a religiosidade é uma estrutura da consciência e não um estágio da história. Por isso, jamais o homem poderá ser dessacralizado completamente ou anulado em sua religiosidade.

Enfim, a intenção de Kardec era acabar com a dicotomia que se fizera em séculos de debates, que tinha de um lado o ateísmo cientificista cheio de pressupostos reducionistas e do outro um espiritualismo inchado e místico, desprovido de base empírica e real. Para ele, deveríamos caminhar para um conhecimento que unisse ciência, filosofia e religião.

2. O Brasil

2.1. A modernização da sociedade brasileira

Segundo René Rémond, o que se passa nesse período com a Europa reflete-se no mundo inteiro. Há repercussões das mudanças no velho continente, na Ásia, na África e nas Américas, a sua influência ultrapassa suas fronteiras e cobre quase todo o mundo.

“A verdade é que a ação da Europa não se detém em suas fronteiras: sua influência vai muito além de seus limites geográficos. A Europa vai ao encontro do mundo, tomando a iniciativa de estabelecer relações duradouras entre os diversos continentes (...)” (RÉMOND, 1983:177)

As relações entre a Europa e os outros continentes tomaram basicamente duas formas: a colonial e a imperialista. O poderoso continente europeu desenvolveu laços desiguais em diversos campos: político, econômico, intelectual e cultural.

No setor econômico, muitos países passam a depender da economia européia para se manter. Antes da Primeira Guerra Mundial, o capital de investimento nos países americanos, asiáticos ou africanos é da Europa Ocidental. Esse é o caso de Brasil e Argentina, por exemplo. Assim, os lucros da exploração dos outros continentes ficam nas mãos dos capitalistas europeus, o que acabava por ampliar a força econômica, financeira, industrial, comercial do velho continente. No campo político, as colônias não tinham nenhuma autonomia, eram simples objetos da ação e da decisão dos impérios.

Do ponto de vista cultural, a Europa leva sua civilização, seus valores, suas idéias e inclusive seu sistema de ensino. Para evangelizar, impõe a suas religiões: o catolicismo e o protestantismo. Embora protestantes e católicos tenham travado guerras e disputas intensas, as duas vertentes do cristianismo contribuía para o processo de europeização do globo.

“Tudo parte da Europa, tudo volta para ela. Ela é o centro, o pólo. Dela se diz que era o relógio do mundo, e essa expressão deve ser tomada ao pé da letra, pois os meridianos são contados e numerados em função da Europa: é em relação a eles que o mundo é dividido e que são definidos as coordenadas de todos os pontos do globo. A Europa, principalmente a Grã-Bretanha, teceu sobre o mundo uma gigantesca teia, com suas linhas de navegações, seus entrepostos, suas estações. As bolsas, os mercados, tudo está domiciliado na Europa ocidental.” (RÉMOND, 1983:202)

As relações do Brasil com o continente europeu não fugiram à regra. A cultura brasileira se impregnou dos valores, da forma política, do modelo econômico, da mentalidade cultural daquela civilização. Até mesmo o otimismo que tomou conta do continente europeu no século XIX teve fortes reflexos em nosso país. Aqui, havia uma forte tendência a se considerar a superioridade européia. É claro que muitos contestavam esta fascinação e achavam que devíamos nos voltar para as Américas. Como Ronald de Carvalho:

“As novas gerações do nosso país devem por todo o seu empenho no fecundo trabalho de aproximação entre os povos latino-americanos. Confinados em nossas fronteiras só temos olhos para ver a insidiosa Europa. Sofremos de um particularismo nefasto. Coloquemos acima do livro francês ou inglês, o conhecimento mútuo das possibilidades americanas. (...) Nós somos filhos das serranias e das florestas, e, se quisermos criar uma civilização, arranquemos, desde já as máscaras postiças que encobrem as nossas verdadeiras fisionomias. (...)Deixemos de pensar em europeu. Pensemos em americano.” (CARVALHO, 1981:37)

Segundo o historiador João Antonio de Paula(2000), pode-se perceber em Minas Gerais já desde o final do século XVIII e transcorrer do século XIX essa forte tendência modernizadora e otimista em Minas Gerais. No seu sistema político, cultural, religioso, urbano, estatal etc. Na verdade, a busca por modernidade em Minas se enquadra dentro do panorama geral da nação. Tanto no século XVIII quanto no século XIX, o território mineiro teve uma ampla expansão não apenas na área da mineração, mas em novas atividades como a manufatura, agricultura, pecuária, apresentando igualmente características de mobilidade social, expansão urbana e demográfica, progresso intelectual, artístico e cultural, desenvolvendo mercados e por fim com o surgimento de uma complexa burocracia judiciária, tributária e administrativa. Assim, durante o século XIX e no início do século XX, assistimos o desenvolvimento no Estado mineiro de uma sociedade urbana e seus valores. É claro que Minas Gerais ainda era predominantemente rural e agrícola, mas o Estado seguia rumo à modernização.

A cultura mineira assimilou com muito vigor os aspectos da cultura Européia, incorporando-os e reconstruindo-os de forma criativa e ampliada. Por isso, a cultura mineira se tornou muito complexa, uma vida cultural ativa e com grande desenvolvimento intelectual, musical, artístico e literário e arquitetônico. Várias casas de espetáculo foram construídas, inclusive o primeiro teatro da América do Sul em 1769, além de muitos músicos e atores que surgiram em Minas. Nesse período, observa-se em Minas Gerais uma forte influência modernizadora e ao mesmo tempo uma

tendência conservadora. Verificamos isso pela presença de um catolicismo conservador no Estado mineiro, influenciando a política, a cultura, a educação. Um exemplo disso, foi a atuação de várias ordens religiosas no Estado, com destaque para a influência dos Lazaristas na educação e política, ordem que seguia na linha dos jesuítas.

A tendência renovadora estava presente em quase todo o Brasil. Segundo Sevcenko, os intelectuais brasileiros voltaram-se para o fluxo cultural europeu como a única e verdadeira tábua de salvação, capaz de apagar o passado obscuro, vazio de possibilidades e de abrir um mundo novo, liberal, democrático, progressista, abundante de promessas. A partir de 1870, toda uma geração ficaria conhecida por pretender modernizar o Brasil, impregnado daquela visão otimista de progresso importada da Europa:

“(…) acompanhar o progresso significava somente uma coisa: alinhar-se com os padrões e o ritmo de desdobramento da economia européia (...) A imagem do progresso – versão prática do conceito homólogo de civilização – se transforma na obsessão coletiva da nova burguesia.” (SEVCENKO, 2003:41-42)

Toda uma nova geração de pensadores e escritores condenaram a sociedade fossilizada do Império e passaram a pregar as reformas redentoras: a abolição, a República e a democracia¹⁹. Fundou-se assim no ano de 1870, na Capital do império, o Partido Republicano, sob a inspiração de Quintino Bocaiúva. E, no dia 3 de dezembro do mesmo ano, surge o jornal *República*, divulgando o Manifesto Republicano²⁰, com o claro objetivo de disseminar as idéias republicanas por todo o país²¹. O manifesto do novo partido elaborado por Bocaiúva, não tinha uma conotação revolucionária no sentido de subversão à ordem, mas enfatizava os meios pacíficos para se chegar ao poder. Na verdade, o manifesto pretendia apenas uma reordenação política, mostrando sua tendência moderada e não revolucionária. Posição bem ao gosto dos fazendeiros latifundiários.

²⁰ O programa do partido republicano levantava a bandeira da revolução pacífica, da renovação moral, da inferioridade da monarquia e a exaltação da República, dos direitos de todos, da democracia, da elevação do povo, da liberdade de consciência, de culto e de expressão. Era o credo da modernidade no Brasil.

²¹ A princípio não foi fácil nem rápida a organização do Partido Republicano na maioria das províncias. Heitor Lyra diz que as “novas idéias” republicanas foram abraçadas por diversos grupos liberais, principalmente de São Paulo e de Minas Gerais. Aos poucos os republicanos se organizavam, mas com pouca força política, influência social e eleitoral. O Partido Republicano de São Paulo foi praticamente a única exceção, a propaganda do jornal republicano nesta província surtiu efeito. Começou com relativa organização e força. As idéias republicanas ganharam a adesão de um grupo de liberais paulistas, que tiveram papel vigoroso na sua expansão, entre eles: Campos Sales, Prudente de Moraes, Luís Gama, Francisco Glicério e Américo Brasiliense. E isso porque eram esses que detinham o poder econômico nas mãos.

Segundo Lincoln de Abreu Penna, é possível identificar as raízes renovadoras da sociedade brasileira antes de 1870. A idéia de uma renovação da nação, republicana e abolicionista não nasceu apenas das elites intelectuais, mas também das populações sofridas, dos movimentos sociais, da rua e do campo, antecessores do movimento republicano e abolicionista²². As idéias de mudanças desenvolvidas pelas camadas mais populares foi muito diferente das elaboradas pelas elites. A renovação vista pelas classes mais populares voltava-se contra a propriedade, denunciava os gananciosos e pedia mais igualdade, ao passo que a dos intelectuais deveria mudar apenas o cenário político e a propriedade seria mantida, tinha uma perspectiva mais reformista e conservadora, como a de Bocaiúva.

No entanto, nessa trama de posições, idéias e interesses²³, a posição das classes mais populares com um caráter mais subversivo, associada aos movimentos revoltosos e armados foi mergulhada no silêncio. Venceu a posição das elites intelectuais e da burguesia nascente, mais moderada. A posição popular foi abafada, por interesses de grupos intelectuais poderosos econômica e politicamente, que construíram um forte discurso progressista. Esse núcleo de intelectuais considerava que o Brasil deveria ser equiparado à Europa ou às grandes nações mundiais, modernizado em suas estruturas, integrado no cenário internacional, criando melhores condições culturais e materiais do povo. Assim como o contexto europeu, a realidade brasileira foi cheia de contradições e conflitos, havia diferenças mesmo entre os ideólogos de idéia vencedora de modernização. Suas posições ideológicas se diferenciavam em muitos aspectos, embora o cerne do pensamento combinasse. De um lado os ortodoxos positivistas, como Miguel Lemos e Silva Jardim,

²² Lembremos a Insurreição Pernambucana em 1817, ainda sob a proteção de Portugal. Em 1835, no Pará houve a Cabanagem, levada a cabo por sertanejos pobres e com forte adesão de escravos. Na Bahia, em 1837, a sabinada ou a revolta dos Malês. Outra revolta foi a Balaiada que contou com as camadas mais populares. E ainda o movimento chamado de Farroupilha e a Revolução praieira. Seja pela crítica à monarquia, seja pelo esboço de um ideal republicano, esses movimentos carregaram uma idéia renovadora da sociedade brasileira e muitos tiveram uma caráter popular. Nasceram sem uma elaboração ideológica consistente. Nesse sentido, podemos afirmar que o movimento republicano foi plural, expressava concepções, interesses, idéias de grupos sociais diferentes. Entretanto, a idéia vencedora foi a da elite e a dos movimentos com características mais populares foi silenciada.

²³ No próprio período republicano podem-se identificar várias interpretações do período, os diferentes grupos o interpretavam de acordo com suas posições. Havia documentos dos vencidos e dos vencedores. Os republicanos traçavam seus argumentos de uma forma para explicar a República, os monarquistas davam outra versão para o ocorrido. E ainda os acontecimentos podem ser explicados por visões menos comprometidas, daqueles que não estavam ligados nem aos monarquistas nem aos republicanos. Ao longo dos anos a historiografia foi se modificando na sua interpretação da República: as visões tradicionais, as teorias civilistas e militares, as versões marxistas, as contribuições das linhas economicistas, as propostas do marxismo revisionista e as versões mais contemporâneas. Poderíamos citar muitas outras. No entanto, o presente texto apenas caracteriza de forma breve os anos que antecederam a República e depois o período da primeira República, citando as posições contraditórias; analisando quem foram os vencedores e os vencidos; esboçando o quadro político, econômico, intelectual, religioso e institucional; indagando quais os grupos sociais estavam presentes no contexto; tentando avaliar a extensão do movimento e acompanhando quais os grupos que lutavam pelo poder.

do outros os mais moderados, como Quintino Bocaiúva. Havia ainda os partidários de idéias inspiradas vagamente no socialismo, como é o caso de Lopes Trovão.

Toda essa nova geração estava impregnada pelas novas correntes científicas de pensamento vindas da Europa. No darwinismo, no positivismo, no evolucionismo, no naturalismo, havia novas explicações para o surgimento do homem e para a condição humana. Influenciados pelos novos guias intelectuais, Comte e Spencer, Haeckel e Darwin, Renan e Taine, estabeleceu-se no Brasil uma vanguarda do pensamento e da ciência, a fim de colocar a nação na trilha das transformações que sacudiam o velho mundo. Filosoficamente, o materialismo naturalista e evolucionista passou a impregnar as concepções da *intelligentsia* brasileira, tornando-se um novo credo. Essa concepção vai se apossando da cultura brasileira e pode ser notada até mesmo na literatura, que abandona a tradição romântica e incorpora a materialista.

Convém anotar que havia ideólogos que mudavam de opinião conforme a conveniência. Essa ambigüidade foi a característica mais típica do período e não tão estranha no contexto de um regime que era ao mesmo tempo republicano e oligárquico²⁴.

Entretanto, não há como negar o papel fundamental dessa elite intelectual, formada nas escolas européias, nos fatos que mudaram o cenário político, econômico e social brasileiro. Todos eram liberais, abolicionistas, democráticos e muitos se tornaram republicanos²⁵. Eles se consideravam agentes dessa transformação social.

Além do esforço reformista dessa geração, havia o temor de que o Brasil viesse a sofrer uma invasão das potências expansionistas, perdendo a sua autonomia ou parte do seu território. Então, defendiam a necessidade de conhecimento do país, a colonização do interior e a construção de uma rede interna de comunicação viária. Além dessa atitude salvacionista, havia o desejo de criar um saber próprio sobre o Brasil, nas linhas científicas. Diz Pontes Miranda: “(...) guiamo-nos pelas

²⁴ Houve a adesão de muitos fazendeiros conservadores descontentes com a monarquia por causa das conquistas abolicionistas que geraram a Lei do Ventre livre de 1871 e mais tarde a abolição da escravatura sem indenização dos proprietários de escravos. Foi em razão disso que os clubes republicanos conheceram uma certa força e prosperidade, mas sem força política junto aos mecanismos de poder até 1889. O Partido Republicano jamais teve amplitude nacional, suas bases eram formadas por poderes oligárquicos regionais e expressavam seus interesses.

²⁵ É possível notar harmonias e desarmonias entre abolicionistas e republicanos. Em 1879 e 1880, começa uma boa harmonização dos dois movimentos. Muitos eram republicanos e abolicionistas, como Vicente de Souza, Lopes Trovão, José do Patrocínio, Ubaldino do Amaral e Ciro de Azevedo. Outros que eram abolicionistas mas continuaram monarquistas, como é o caso de André Rebouças e Joaquim Nabuco. No Rio de Janeiro, não se concebia um republicano que não fosse abolicionista. Em São Paulo não se julgava essencial a condição de abolicionista para ser republicano. Em São Paulo, os integrantes cafeicultores e fazendeiros, donos de escravos não viam com bons olhos a abolição.

verdades científicas” (apud CARDOSO, 1981:17). Só a ciência, na visão dos renovadores poderia legitimar o poder.

É preciso atentar ainda para a atmosfera de instabilidade e indefinição que envolveu todo o período de decadência do Império e consolidação da República. As transformações econômicas e sociais geraram profundas mudanças no cenário brasileiro. As primeiras ferrovias tiveram papel importante, substituindo o carro de boi pelas estradas de ferro (veremos aí uma importante participação de Eurípedes Barsanulfo em sua região, trazendo a primeira estrada de ferro que passou por sua cidade Sacramento). Introduziram-se processos modernos na fabricação do açúcar e nas plantações de café, aumentando a produção. O capitalismo industrial começa seus primeiros passos, embora pequenos tornando mais complexas a economia e a sociedade no Brasil. A população crescia e o fenômeno de urbanização estava a todo vapor. Os capitais começavam a ser usados em diversos setores. Surgiam novos grupos sociais.

Além desse esboço de mudanças econômicas, certos estudiosos da República, como Celso Vieira, dizem que os conflitos entre Estado, Igreja, republicanos, maçons, protestantes e outros grupos, que vinham ocorrendo no Brasil, tiveram importância no enfraquecimento da Monarquia. O importante é que muitos advogavam a necessidade do Estado laico, a separação entre Igreja e Estado, contribuindo mesmo que indiretamente para o advento da República. Nesse contexto, o espiritismo também teve um papel, ainda pouco conhecido.²⁶

Quando surge a República, que as classes dirigentes desejavam, a monarquia se foi sem deixar grandes pesares, e chegava o futuro cheio das promessas entrevistas pela geração de 1870. Não houve resistência, pois a Monarquia estava agonizante, já não contava com o apoio social e político. Os tempos sonhados de prosperidade, igualdade e progresso seriam então uma realidade.

Todavia temos que admitir que o episódio de 15 de Novembro não pode ser dissociado do processo econômico, social e político que o antecedeu. E também não se pode dizer que foi uma revolução, pois se a queda do império significou uma mudança de regime político, as estruturas sociais permaneceram as mesmas. Ocorreu que toda a complexa conjuntura favoreceu a ação militar.

²⁶ Pode-se dizer que, mesmo indiretamente, outro fator que contribuiu para o surgimento da República foi a Questão Religiosa, que a grosso modo pode ser caracterizada pelo conflito entre dois lados: de um, a união de forças da maçonaria, liberais, republicanos, protestantes, racionalistas, do outro, o ultramontanismo da Igreja católica do século XIX no Brasil. Nestas disputas entre Estado-Igreja, a maçonaria e o protestantismo, havia um novo aliado contra o ultramontanismo da Igreja, uma corrente que acabava de chegar ao Brasil, o espiritismo kardecista. Havia um grande número de espíritas que eram abolicionistas e republicanos no Brasil, como é o caso de Bezerra de Menezes, Luís Olímpio Telles de Menezes, Anália Franco e outros.

Para Sevcenko (2003), o advento da Abolição em 1888 e da República em 1889, com a sua promessa de democratização, significou ironicamente a experiência mais traumática e cheia de decepções. Oliveira Vianna, um admirador da monarquia, detectou bem a frustração republicana:

“Veio a República. Veio a Democracia. Veio a Federação. E para logo se levantou um sussurro de desapontamento do seio da turba fanatizada – esse desapontamento se acentuou, com o tempo, numa permanente desilusão. Os mais fortemente desiludidos foram precisamente os mais ardentes evangelizadores do novo credo. Os cristos da nova revelação foram justamente os que mais alto fizeram ressoar o refrão do seu desânimo. Não era esta a República dos meus sonhos! Diziam, sucumbidos. E suspiravam de melancolia.” (VIANNA, 1981:106)

O período republicano, embora cheio de promessas democráticas e igualitárias, se consolidou por meio de um processo caótico e dramático e não poderia deixar de imprimir marcas nas consciências dos que aspiravam por ele como um ideal de profundas mudanças. Em suas obras, muitos descrevem com clareza suas decepções. O novo regime logo tornou-se alvo de duras críticas, pois intensas disputas pelo poder e por cargos rendosos se tornaram rotina. E ainda censuravam-no pelo vazio político, pela falta de base ideológica, pela corrupção, incapacidade técnica e administrativa. As condições de vida dos trabalhadores rurais permanece intacta, o sistema de produção e o caráter colonial da economia ainda é o mesmo e ainda dependíamos dos mercados e capitais estrangeiros.

As oligarquias aristocráticas promovem o novo regime, enquanto o povo sofre de terrível analfabetismo e vê com enorme descrença a chegada da República. Pois se o contexto brasileiro era esse, de um povo sem instrução e de uma elite dirigente oligárquica, os intelectuais contribuíram para consolidar a imagem de uma sociedade ilustre e elevada, merecedora da atenção e do crédito europeu.

2.2. O Brasil republicano

A complexidade do cenário que se anunciava no final do Império continuou durante a Primeira República: diferentes ideologias se cruzavam e tentavam se apoderar das reformas da nação e da educação. As idéias positivistas, a herança católica, as escolas protestantes, as marginalizadas propostas dos anarquistas e dos socialistas, e a gestação do que seria o movimento da Escola Nova – tudo isto está presente no contexto de Eurípedes e sua contribuição ainda é original e específica. Como disse José Murilo de Carvalho:

“Uma época caracterizada por grande movimentação de idéias, em geral importadas da Europa. Na maioria das vezes, eram idéias mal absorvidas ou absorvidas de modo parcial e seletivo, resultando grande confusão ideológica. Liberalismo, positivismo, socialismo, anarquismo misturavam-se e combinavam-se das maneiras mais esdrúxulas na boca e na pena das pessoas mais inesperadas.” (CARVALHO, 2001:42)

Houve um momento em que as transformações da Primeira República levaram a dois caminhos para a elevação da nação e solução da ignorância do povo. A primeira é transmitida pelas obras de Euclides da Cunha e Lima Barreto de que as condições de miséria e ignorância do povo só acabariam quando os literatos e pensadores colocassem seus escritos a serviço do povo. A segunda é o aparecimento de um forte entusiasmo pela educação e a crença de que, pela multiplicação de instituições escolares, a nação chegaria a se igualar às grandes potências do mundo e tiraria o povo de sua situação de marginalidade.

Na verdade, muito pouco foi feito. Nesse período, os colégios foram poucos, em sua maioria confessionais e particulares. A República Velha (1889-1930) foi marcada por grandes mudanças sócio-econômico-políticas e pelo entusiasmo de que a República pudesse modernizar o país e o alinhar com os países europeus e americanos. Esse espírito já estava no discurso republicano, desde algumas décadas. Lê-se no *Manifesto do Partido Republicano*, de 1870:

“Perante a Europa, passamos por ser uma democracia monárquica, que não inspira simpatia e nem provoca adesões. Perante a América passamos por ser uma Democracia monarquizada, onde o instituto e a força do povo não podem preponderar ante o arbítrio e a onipotência do soberano. (...) O nosso esforço dirige-se a suprimir este estado de coisas, pondo-nos em contato fraternal com todos os povos e em solidariedade democrática com o continente do qual fazemos parte.” (apud MORAES, 1985:40)

A República nasce em 1889, em meio a intensas disputas, de vários grupos que tinham diversos interesses e planos diversos para a nação e não concordavam em suas visões de como organizá-la e cada grupo procurava exercer a liderança dos processos de transformação. Inicialmente, a República trazia uma esperança de nação democrática, os republicanos consideravam a participação do povo como peça fundamental nos acontecimentos históricos. Como afirma Carvalho, isso foi só momentâneo, a República consolidou-se quase sem a participação popular, que ficou excluída das questões políticas do país. Diz ele:

“Consolidou-se sobre a vitória da ideologia liberal pré-democrática, darwinista, reforçadora do poder oligárquico. As propostas alternativas de organização do poder, a do republicanismo radical, a do socialismo e mesmo a do positivismo, derrotadas, foram postas de lado.” (CARVALHO, 1987:161-162)

Foi a consagração do poder político, econômico, social e cultural da burguesia. Novos valores capitalistas e burgueses avançavam rapidamente ainda que com uma tímida industrialização. Embora o século XX no Brasil tenha nascido com os recursos da economia cafeeira, pois segundo Carone “*O café é o esteio econômico da Primeira República.*”(CARONE, 1988:140), inicia-se um fortalecimento do comércio e da indústria. Com isso uma necessidade de acúmulo de capital. Uma verdadeira febre de consumo tomou conta da vida social, voltada para a novidade e moda européia. Até mesmo a remodelação das cidades estava nos planos da nova burguesia.

Segundo Carvalho (1987), foi uma mudança da mentalidade coletiva. Estávamos passando de uma sociedade agrário-comercial para uma sociedade urbano-industrial, como nos lembra Fausto: “O predomínio das atividades agro-exportadoras, durante a Primeira República, não foi absoluto. Não só a produção agrícola para o mercado interno teve significação, como a indústria foi se implantando com força crescente.” (FAUSTO, 2002:159)

Isso fica claro quando a nova mentalidade burguesa-industrial vai se apossando das cidades. O novo grupo social hegemônico precisava investir na remodelação das cidades, para mostrar a sua força e modernizar a sociedade. A ordem era a destruição da velha cidade e a construção de uma nova estrutura urbana. O Rio de Janeiro é um exemplo, pois sofre uma transfiguração: novo urbanismo, remodelação arquitetônica, belas praças, finos costumes etc. Tudo isso era uma clara imitação da vida parisiense. Pensava-se que apenas assim a sociedade brasileira daria mostras de progresso. Abandonam-se os velhos costumes imperiais e instala-se uma rotina de hábitos elegantes. Ocorre a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse manchar a imagem civilizada da sociedade dominante. Há uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade. Sevcenko chama atenção para o fato de que a regeneração das cidades subentende também o saneamento e a higienização do meio ambiente e se estende pelos hábitos, costumes, abrangendo o próprio modo de vida, as idéias, o comportamento das pessoas.

As relações sociais passam a ser mediadas quase exclusivamente pelos padrões econômicos, compatíveis com a nova ordem da sociedade. Entretanto, o sentimento democrático atinge as classes populares que passam a exigir cada vez mais um tratamento igualitário. Esse fenômeno é percebido em toda parte do mundo. Os pilares que estruturam essas mudanças são: as transformações

tecnológicas que iniciaram os grandes complexos industriais típicos da economia de escala; o crescimento do sistema capitalista, abrangendo a concentração, a centralização e todas as partes do globo terrestre; e a intervenção do Estado na determinação do ritmo, do alcance e do sentido do desenvolvimento econômico, bem como no controle dos seus efeitos sociais.

Entretanto, continuava a exclusão político-social no Brasil, agora na República, com um sistema de governo com presidente, senadores e deputados eleitos, por voto direto, pois eram considerados eleitores os cidadãos brasileiros maiores de 21 anos, excluindo mulheres, analfabetos, mendigos e praças militares. Isso deixou de fora boa parte da população das decisões políticas.

Tanto Boris Fausto (2002) como Edgar Carone (1988) dizem que o advento da República não interrompeu o sistema coronelista e oligárquico do país, não alterando a velha estrutura de poder e de desigualdades. Não se criaram condições para viabilizar a participação política, social e cultural do povo. E a República acabou não tendo cidadãos, pois o povo não foi o protagonista desse processo.

Sob essas condições, é possível vislumbrar a ascensão e o predomínio de uma corrente conservadora na gestão política e econômica da nova República. É nesse momento que se vê a adesão dos monarquistas de todos os quadrantes ao novo regime vitorioso e a reversão dos republicanos militantes ao conservadorismo. Todo o processo de recuperação das finanças e da imagem de estabilidade fez-se sob a égide de uma elite vinda dos mais altos escalões da política e administração do Império. Homens como Rui Barbosa, Rio Branco, Rodrigues Alves, Afonso Pena, Joaquim Nabuco, Oliveira Lima, praticamente polarizaram as duas primeiras décadas deste século, imprimindo de forma indelével as características de seu pensamento político às estruturas do regime recém-instaurado.

Para Sevcenko (2003), cabem a Rodrigues Alves e Rio Branco os papéis nucleares nesse processo. O primeiro representou a mais harmoniosa e conseqüente articulação entre a tradição do Império, os interesses da cafeicultura paulista e as finanças internacionais. O segundo fechou esse círculo atraindo o grupo de intelectuais que, agregados ao Ministério das Relações Exteriores, representaram a *intelligentsia* do novo regime e ao mesmo tempo consolidaram a integração do país no cenário mundial. O que se nota na atuação dos primeiros presidentes civis e paulistas, bem como de todo o seu conteúdo político-administrativo, era o evidente esforço para forjar um Estado-nação moderno no Brasil, eficaz em todas as suas múltiplas atribuições diante das novas vicissitudes históricas.

Assim, os estadistas e homens das primeiras décadas da República brasileira desenvolveram um singular processo de transformação do Estado num instrumento efetivo para a constituição de uma ordem liberal e burguesa no país. Seguiu-se um esforço de neutralização política das oposições organizadas que elevou o republicanismo conservador e difuso ao ideal máximo da elite do Estado.

De acordo com Haidar e Tanuri (2001), no campo da educação, nas primeiras décadas da República, as conquistas foram pequenas. Além da escassez de professores e escolas, o predomínio das aulas avulsas preparatórias para o ensino superior também era um empecilho, pois privilegiavam a elite. Apenas uma parte pequena da população tinha acesso à instrução.

O contexto republicano tem assim de um lado uma elite com acesso à educação, com grandes oportunidades de crescimento, acumuladora de capital, controladora do Estado e patrocinadora da Nação no novo sistema capitalista global, na introdução dos valores e modo de vida burguês e liberal, enfim representante de uma modernidade. De outro lado, uma esmagadora população analfabeta, sem participação política, vivendo nos subúrbios, vendendo uma mão de obra pouco qualificada nas indústrias, explorada no sistema de produção, apartada do capital.

As cidades viviam em trágicas situações, com inúmeros problemas, os subúrbios onde vivia a população pobre e operária não tinham nenhum saneamento. Na capital, lugares insalubres para se viver aumentavam o foco de varíola, tuberculose, malária, lepra e febre amarela, entre outras doenças. Havia, também, a ausência de uma adequada estrutura agrária de produção, estoques e distribuição em torno da cidade e no próprio Estado do Rio de Janeiro, o que era agravado diante de um quadro de imigração tumultuária. Por fim, a oferta de mão-de-obra abundante excedia largamente a demanda do mercado, aviltando os salários e operando com uma elevada taxa de desemprego crônico. Assim, o quadro que se apresenta no período está caracterizado por carências de moradias e alojamentos, falta de condições sanitárias, moléstias, alto índice de mortalidade, fome, baixos salários, desemprego e miséria.

Portanto, lembramos que dessa sociedade classista, desse caldo de miséria e riqueza, de exclusão e poder, surgem os primeiros estímulos para as organizações populares e operárias, que se dedicavam a pressionar o governo central através de comissões e greves para combater os burgueses-industriais. O trabalho dos imigrantes substituiu o trabalho escravo, a imigração garantia a oferta da mão de obra. Nas palavras de Fausto:

“Os imigrantes surgem nas duas pontas da indústria, como donos de empresas e operários. Além disso, vários deles foram técnicos

especializados. A história dos trabalhadores estrangeiros é parte da história dos imigrantes que vieram 'fazer a América' e viram seus sonhos se desfazerem na nova terra."(FAUSTO, 2002:162)

Com os imigrantes chegavam ao Brasil as primeiras tentativas de socialismo e lutas operárias. Pessoas vindas da Europa, principalmente da Itália, traziam na bagagem a convicção e o ideal anarquista e socialista, procurando fazê-los vingar no Brasil. Surgiram os primeiros Centros e Associações de resistência, preconizando a ação sindical, formando-se paralelamente os primeiros partidos operários. Assinala Carone:

"Ligas, Centros, Corporações, Socorros Mútuos, Caixas beneficentes, Bolsas de trabalho, Sociedade de resistência e Sindicato são formas de organização operárias ligadas intrinsecamente ao movimento anarquista. São eles que introduzem essas denominações, que já existem na Europa desde a primeira metade do século XIX. (...) Ideologicamente, existe uma persistência reivindicatória dentro do movimento operário. Desde os primeiros documentos aparece a luta contra a propriedade privada, a herança e outros pontos nevrálgicos do domínio da burguesia. Mas ao lado das questões básicas, a maior parte dos programas anarquistas fazem questão de sublinhar reivindicações genéricas, de difícil aplicação no Brasil, onde precariedades de comunicações e federalismo tornam os nossos problemas diferentes e mais complexos." (CARONE, 1988:221-222)

Nos momentos de maior contundência da crise social e econômica, a tendência da população humilde em geral era a de explodir em motins urbanos comumente espontâneos e desordenados. A tensão social aguda provoca a emergência de atos mais arrojados e concretos de beneficência, como o surgimento de instituições protetoras dos pobres. Além dos socialistas e anarquistas, os católicos e os espíritas também se preocuparam com a questão operária e social.

Os movimentos sociais e operários denunciavam as condições de vida da população. O tipo de moradia freqüente nos bairros pobres de subúrbio eram os barracões e os casebres, além dos alojamentos e hospedarias, as habitações coletivas, precárias, insalubres e superpovoadas no centro da cidade. O operariado junto com outros setores sociais mais politizados e organizados, não se conformavam com aquela cidade tomada integralmente pela miséria, que exibia publicamente a situação dos excluídos, espalhados por toda a parte, situação que a remodelação das cidades construiu. Agora, os vagabundos, mendigos, bêbados, prostitutas, os delinqüentes infantis, os criminosos, enfim, quem não tinha "domicílio certo", eram capturados e presos pela polícia, sendo isolados da sociedade em prisões, asilos, depósitos para menores, hospícios, etc. Convém lembrar

que essa não é a situação apenas da capital, aos poucos vai se estendendo a varias cidades brasileiras.

Além dos grupos burgueses e dos grupos pequeno burgueses²⁷, o proletariado teve um papel ativo na Primeira República com suas lutas e reivindicações por uma sociedade melhor e mais justa. Até a década de 1920 é o movimento anarquista que domina o movimento operário²⁸. Carone informa que somente depois dessa década o movimento comunista começa a ganhar mais força. E torna-se em 1935 o centro das ações operárias, com o domínio das ações do Partido Comunista. A fundação do Partido Comunista do Brasil foi feita em 1919 pelos anarquistas José Oiticica e Edgar Leuenroth. O movimento marxista no Brasil sempre foi numericamente mais fraco. Isso se explica pelo povos que imigraram para cá, formados basicamente de italianos, espanhóis e portugueses. Em 1921 ocorre uma cisão no movimento operário e inicia-se uma nova fase do movimento proletário, numa roupagem marxista.

Seja como for, os movimentos sociais e operários causaram turbulências nas populações das cidades no período da República Velha. As classes dirigentes brasileiras sempre viram o problema operário com certo desprezo. Ou tratavam como um problema de ordem pública e não social ou negavam a sua existência. Em geral, as classes dirigentes procuram contê-lo e controlá-lo e impor um limite à extensão dos motins e à disputa entre as classes que tomava conta das relações sociais. O poder institucional fez uso indiscriminado da violência e da brutalidade na repressão policial. O ressentimento dessas situações marcou fundo na população, difundindo um sentimento de abandono, desprezo e perseguição das autoridades oficiais para com o povo humilde e em particular para com os brasileiros natos – presença mais marcante e vítimas do combate ao motim.

Edgar De Decca em seu livro *O silêncio dos vencidos* (1988) lembra que as correntes socialistas e operárias foram silenciadas pelos historiadores brasileiros. Nesse livro, o autor faz uma

²⁷ Os grupos de pequenos burgueses são socialmente formados de militares, empregados públicos, funcionários da justiça, profissionais liberais, comerciantes etc.

²⁸ A contribuição dos anarquistas no final do século XIX e início do século XX, no Brasil foi muito grande, principalmente no meio operário e na educação. A organização dos anarquistas fez surgir diversas organizações sociais e as greves na luta por melhores condições de trabalho, diminuição da jornada de trabalho para 8 horas, pelo fim do trabalho infantil e do trabalho noturno para mulheres. Os anarquistas se preocupavam muito com o aprendizado do povo, queriam ensinar à população os ideais de uma nova sociedade. Assim, além de organizarem sindicatos e associações, começam a criação de escolas. Várias foram criadas e sustentadas com dificuldades. Essa preocupação no campo educacional repete a preocupação de anarquistas europeus. o movimento educacional recebe atenção dos Congressos anarquistas realizados nas duas primeiras décadas da República Velha. Segundo Carone o primeiro Congresso operário realizado no Brasil foi em 1892, o segundo em 1902, o terceiro em 1906, depois em 1908 nasce o centro socialista paulistano e finalmente o quarto em 1912. A educação recebe atenção a partir do congresso de 1906.

recuperação histórica da importância do movimento operário e da luta de classes que perpassa todo o contexto republicano. Movimento esse que desembocará na Revolução de 1930. Segundo ele, a mudança de 1930 foi mais influenciada pelo movimento dos operários do que pelo tenentismo. Refere-se o autor ao silenciamento em relação ao movimento proletário e sugere que tal processo atingiu vários historiadores brasileiros. A tese do silenciamento se deve ao interesse ideológico da classe burguesa vencedora produzir o discurso dos vencedores, excluindo os vencidos.

Também a contribuição dos espíritas passou despercebida dos historiadores, nos seus confrontos com o catolicismo e na sua militância pedagógica, herdeira do educador Rivail.

3. O espiritismo no Brasil

3.1. A chegada e o impacto na cultura

O objetivo aqui não é reconstituir a história do espiritismo no Brasil, mas apontar a importância dessa corrente de pensamento na história brasileira no final do Império e nas três primeiras décadas da República, para que se possa entender como as idéias espíritas se estruturaram no solo brasileiro e quais foram as suas contribuições.

Uma das primeiras notícias desses fenômenos no Brasil eram informações sobre as mesas girantes dadas em 14 de junho de 1853, pelo *O Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro: “Não há neste momento uma reunião em Alemanha na qual não se fale da nova importância americana – *the moving table...*” (apud MACHADO, 1997:47) Algumas semanas depois o mesmo jornal noticiava a febre das mesas girantes na Corte brasileira e a princípio o fenômeno foi atribuído ao magnetismo²⁹. Conforme as notícias chegavam pela imprensa, as mesas viravam moda em todo o país. No *Diário de Pernambuco*, do mesmo ano, uma correspondência de Paris ensinava como se deveria proceder para que os fenômenos ocorressem. No Rio de Janeiro, as mesas giravam em todos os lugares. Em meio a essa moda, surgiam as primeiras opiniões. O *Jornal do Comércio* trazia um artigo de Francisco Otaviano de Almeida Rosa, com duras críticas a futilidade daqueles fenômenos.

Como vimos no item anterior, a cultura brasileira foi fortemente marcada pela cultura européia no século XIX, portanto, assim como ocorria na Europa as mesas girantes também se tornaram febre. Em nosso solo, a questão também atraiu a atenção de estudiosos, pessoas com

²⁹ No final da década de 1840, no Brasil as teorias de Anton Mesmer eram assumidas por muitas pessoas. A teoria era conhecida de muitos homens da elite brasileira. Suas teorias forma chamadas de magnetismo animal. A respeito do tema, ver o recente lançamento: FIGUEIREDO, Paulo Henrique. Mesmer, a ciência negada e os textos escondidos. Bragança Paulista, Lachâtre, 2005.

interesse de saber o que estava verdadeiramente por trás daqueles estranhos fenômenos. Num artigo de junho de 1853, um médico da Corte de nome Cesário, divulgou que as mesas não somente giravam, mas respondiam com inteligência e precisão a qualquer pergunta que se fizesse, inclusive sobre fatos históricos e filosóficos. Muitos editores aproveitavam o momento e lançavam várias obras sobre o magnetismo. Uma peça de teatro de Ferreira da Cruz descrevia mesmo personagens em sessões de mesas girantes.

Entre os anos de 1854 a 1860, no mesmo período em que se realizaram as pesquisas de Kardec na França, houve duas tentativas de explicação para os fenômenos: uma atribuía as causas ao magnetismo animal a outra dizia serem os espíritos a verdadeira causa. Ao lado das idéias de que as mesas giravam depois de magnetizadas, desenvolvia-se também a tese de que as mesas girantes proporcionavam um contato com o além, uma relação entre o mundo material e o espiritual. Apesar de certas críticas, com o passar dos anos foi inegável o crescimento daquelas experiências na sociedade brasileira. As duas tendências permaneceram durante muito tempo em nossa sociedade.

Com o argumento da ação dos espíritos por trás dos fenômenos, houve forte reação da Igreja, fato nada surpreendente numa época em que a Igreja tinha o monopólio da cultura e o clero desempenhava papel importante na política do país. Até então a posição do clero havia sido de isenção diante daqueles acontecimentos. Com a nova explicação, a Igreja adota uma atitude agressiva em relação às mesas girantes. A Igreja passa a atribuir o fenômeno à interferência de Satã e as orientações eram para que se combatesse a dança das mesas com o exorcismo. Os padres da Corte pouco ousavam fazer contra os fenômenos de maneira declarada, mas nas províncias a ação repressiva foi violenta. Era freqüente a argumentação, pelo lado da Igreja, de que convinha vigiar o povo, instruindo-o quanto ao perigo de lidar com coisas demoníacas. Independentemente dos conflitos com a Igreja, até a década de 60, o interesse pelas mesas havia quase desaparecido.

Por volta de 1860, quem começou a fazer as primeiras divulgações do espiritismo de Kardec foi o francês Casimir Lieutaud, educador conhecido na Corte, simpatizante do socialismo de Fourier e Leroux, diretor de um famoso estabelecimento de ensino, o colégio francês, autor de obras educacionais no Brasil e freqüentador do círculo de franceses que residiam na Corte. O grupo de Lieutaud editava o jornal *Courrier du Brésil*, de forte oposição a Napoleão III e anticlerical. Esse grupo abrigava alguns imigrantes e exilados franceses: representantes de um liberalismo tido por radical e do socialismo utópico. Foi no *Courrier* que o Espiritismo recebe no Brasil as primeiras

simpatias. O editor do Jornal, Adolphe Hubert, em 1861, reconhecia ser um espírita cauteloso e cartesianamente sem fanatismos³⁰.

A essa altura vários grupos intelectuais do Rio de Janeiro e de outros lugares já haviam mantido contato com o Espiritismo. Figuras de relevo e projeção no país, tais como Machado de Assis, debatiam o novo espiritualismo em seus escritos de jornal e em suas crônicas. O famoso escritor na juventude e na mocidade se mostrou extremamente intransigente em relação ao novo espiritualismo, posteriormente, na velhice abrandou um pouco sua crítica³¹. O poeta gaúcho Porto Alegre, em 1863, recebe de Allan Kardec um número da *Revue Spirite*. Outro que participou das discussões foi Castro Alves, que se interessou pelo espiritismo em 1868. Não há informações se conheceu Olimpio Teles de Menezes ou se leu *O Eco de Além-Tumulo*, mas sabe-se de sua presença em diversas sessões espíritas. O poeta baiano, em 1870, pediu ao amigo Augusto Guimarães, que lhe conseguisse a *Poética do Espiritismo* de Allan Kardec. Em carta de 30 de junho do mesmo ano, recebe como resposta que não havia nenhuma obra do francês com esse nome³². Olavo Bilac, embora fosse um crítico das idéias espíritas, escreveu poesias sobre a reencarnação.

Outros intelectuais participaram das acirradas discussões, como: Quintino Bocaiúva, Augusto dos Anjos, Bezerra de Menezes³³, intensificando o clima de debates sobre o Espiritismo

³⁰ Embora o embate com a Igreja, o espiritismo encontrou no Brasil um ambiente propício à sua penetração, pelo menos é o que aponta a socióloga Cleusa Beraldi Colombo, ressaltando que isso se deu possivelmente por três vias. Uma delas encontra no Marquês de Maricá um dos seus possíveis precursores no século XIX. Em seu livro *Pensamentos e Reflexões*, de 1844, demonstra idéias bastante próximas às do Espiritismo. Está presente a concepção das vidas sucessivas e a idéia da individualidade da alma depois da morte. Segundo Colombo, sua filosofia: “*encontra barreiras enormes por parte da Igreja. É preso interrogado diversas vezes. Em 1795, não eram permitidas quaisquer divagações filosóficas, dado o ambiente social brasileiro e ao Catolicismo como religião oficial*” (COLOMBO, 1998:47). Outra via citada por ela é a da maçonaria que se instala no Brasil por volta de 1801, tendo por objetivo a solidariedade para com aqueles que lutavam contra a tirania do Estado e da Igreja, buscando um lugar comum na liberdade de consciência. Os pressupostos básicos dos maçons eram a crença em Deus e a imortalidade da alma. Dentro dessa perspectiva, há algumas afinidades entre a maçonaria e o Espiritismo. A terceira via foram os estudos da homeopatia que também favorecem a entrada do Espiritismo no Brasil. Um ponto de encontro entre essas duas correntes está no fato de que ambas pretendem incorporar ciência e espiritualismo na busca do conhecimento. Para Hahnemann, fundador da homeopatia, o estudo médico não poderia estar ligado somente às questões corporais, mas antes de tudo precisaria analisar a alma. Dentro desse ambiente, o espiritismo encontrou algumas portas abertas na cultura brasileira.

³¹ Mais tarde, Monteiro Lobato, por exemplo, foi um ardoroso defensor do Espiritismo, chegou a traduzir do Inglês o livro *Raymond*, do famoso físico Oliver Lodge Sobre Monteiro Lobato ver o livro organizado por Maria J. Sette Ribas, Monteiro Lobato e o Espiritismo, Branca Paulista, Lachâtre, 2005, que mostra a relação do escritor com o espiritismo. O livro reúne as Atas feitas das experiências que Lobato faz para se comunicar com os espíritos. As Atas foram redigidas por ele próprio, registrando as sessões realizadas ao longo de 4 anos.

³² Ver as obras completas de Castro Alves e um artigo que saiu no jornal o Globo em 19 de janeiro de 1961, com o título “Seria Castro Alves espírita” no qual o autor Eugênio Gomes faz uma análise da relação do poeta baiano com o espiritismo.

³³ Adolfo Bezerra de Menezes nasceu no Ceará em 1831 e morreu no Rio de Janeiro em 1900, iniciou a carreira como médico-cirurgião do Exército. Em 1861 foi eleito vereador municipal pelo partido liberal, afasta-se do exército para servir à política. Seis anos depois é eleito deputado geral. Em 1880 é eleito presidente da Câmara e

que existia no Brasil. Vários desses literatos se inspiravam nos estudos feitos pelos intelectuais europeus e nos grandes literatos franceses como: Victor Hugo, Alexandre Dumas, Victorien Sardou, George Sand e Théophile Gautier, entre outros.

Em 1865, foi constituído em Salvador na Bahia, o primeiro grupo de estudos espíritas, sob a orientação do literato e jornalista Luís Olympio Telles de Menezes³⁴, com o intuito de estudar o Espiritismo. Como jornalista, já havia participado de diversos órgãos da imprensa baiana, até mesmo dirigindo o jornal *Epocha Litteraria*. Um ano mais tarde, publica uma seleção de trechos do livro dos Espíritos de Allan Kardec, com o nome de “*Filosofia Espiritualista*”. Em São Paulo, também surge um outro livro com as idéias de Kardec, lançado pela Tipografia literária, com o título: *O espiritismo em sua mais simples expressão*. O trabalho de Olímpio de Menezes de divulgação continua no ano de 1869, em Julho, que lança o primeiro jornal espírita brasileiro, na Bahia, com o título de *O Eco de Além-Tumulo*.

Este jornal participou das lutas políticas em que vivia o país, engajando-se declaradamente na campanha abolicionista e na luta pela liberdade de culto e tolerância religiosa.

O Eco de Além-Tumulo pretendia contribuir no processo de liberdade de consciência que estava em curso no país e manter um diálogo com os diferentes credos. Desde de 1860 o Brasil vivia em clima de intensa disputa política em torno da questão da liberdade de culto. De um lado os católicos lutando para manter o catolicismo como religião oficial e para não dar espaços para outras formas religiosas e de outro lado liberais, republicanos, maçons, protestantes exigindo liberdade de culto e a separação da Igreja do Estado. Os espíritas vieram se alinhar neste bloco. Além disso, o jornal revertia parte de sua renda para uma caixa que tinha como objetivo libertar os escravos. Em todas as edições dos jornais, encontra-se a seguinte declaração: “O Eco d’Além –Túmulo deduzirá de cada assinatura realizada 1\$000, cuja soma será anualmente, publicada e destinada para dar liberdade aos escravos, (...) de 4 a 7 anos de idade, nascidos no Brasil”(MENEZES, 1870:2).

Apesar de Menezes ter adotado os postulados de Kardec, seus trabalhos e escritos demonstravam ainda uma forte ligação com o catolicismo. Assim quando Menezes envia

deputado pelo Rio de Janeiro. Em 1883, levanta vários problemas referentes a cidade do Rio de Janeiro: a poluição da Guanabara, o favelamento da cidade, a falta de rigor na fiscalização para a melhoria da qualidade da carne (defesa do consumidor) e outras. Foi um abolicionista que apontou graves questões sociais da emancipação dos escravos, do comércio e da indústria. Em 1886 afasta-se da política e vai dedicar-se ao espiritismo. De 1886 a 1893, com o pseudônimo de Maxwell, escreve no jornal *O Paiz*, dirigido por Quintino Bocaiúva.

³⁴ O jornalista Luís Olympio Telles de Menezes nasceu na Bahia na cidade de Salvador. Iniciou uma fracassada carreira militar, depois se dedicou ao magistério e as letras. Em 1849, com um grupo de amigos funda um jornal A época literária, preocupado com as discussões científicas, literárias e históricas. De 1861 a 1865 exerce a função de tesoureiro do Instituto Histórico da Bahia. Foi também colaborador do Diário da Bahia. Em 1875 muda-se para o Rio de Janeiro e morre em 1893 numa situação de extrema pobreza.

exemplares do Eco para uma análise da *Sociedade de Estudos Espíritas de Paris*, (Kardec já havia morrido), esta não deixa de fazer críticas a respeito da influência católica no jornal. Em 1869, num volume da *Revista Espírita* publicada pela sociedade, aparece o comentário sobre o jornal brasileiro:

“A introdução e a análise que o Sr. Luiz Olympio faz, da maneira geral pela qual os Espíritos nos revelaram a sua existência, parecem-nos bastante satisfatórias. Outras passagens, referindo-se especialmente à questão religiosa, dão-nos ocasião para algumas reflexões críticas. Para nós, o Espiritismo não deve tender para nenhuma forma religiosa determinada. Ele deve permanecer como uma filosofia tolerante e progressiva (...)” (Revista Espírita, 1869)

Com todo esse ambiente, o espiritismo brasileiro atraía cada vez mais as críticas da Igreja, que propunha uma série de medidas para esclarecer os seus seguidores contra os erros do espiritismo. Os católicos ficaram horrorizados com as primeiras mensagens espirituais divulgadas pelos grupos espíritas que criticavam as injustiças, a escravidão e aceitavam todos os meios para repelir a opressão e a injustiça. Diz uma das mensagens: “*A revolução é o sagrado direito de um povo oprimido...*” (apud MACHADO, 1997:99) O arcebispo baiano D. Manoel Joaquim da Silveira redigiu uma carta em junho de 1867, criticando as mensagens e as traduções de Menezes. Para ele, só através das duras críticas é que a Igreja poderia por termo à loucura espírita. Segundo a informação de Vieira, os católicos consideravam o espiritismo uma ameaça, assim como viam a maçonaria e o protestantismo.

“Ademais, para cumular, a nação estava agora invadida pelos ‘adoradores do demônio’, que se denominavam Espíritas. Esses seguidores de Allan Kardec encontravam-se no país, e o Arcebispo foi forçado a emitir uma carta pastoral para acalmar o espírito católico do Império” (VIEIRA, 1980:246)

O arcebispo D. Manoel Joaquim da Silveira advertia os católicos contra os perigos da doutrina da pré-existência da alma e da reencarnação, invocando a autoridade das escrituras. Chegava a falar do espiritismo como a negação do cristianismo. Durante muito tempo o arcebispo e Menezes discutiram sobre o espiritismo. Nessa época já se desenhava um embate entre católicos e espíritas, que duraria décadas no Brasil.

Entre os propagandistas republicanos podiam ser contados os espíritas ou simpatizantes. Personagens como: Bittencourt Sampaio, Otaviano Hudson e Antônio Silva Neto e o jornalista Saldanha Marinho. Este último apoiava os espíritas nos conflitos com a Igreja, abrindo-lhes espaços

no jornal *A República*. Nesse jornal, Hudson publicou em 1871 o poema intitulado *O Espiritismo*. O espiritismo estava tão entranhado na cultura brasileira que, em 1873, José de Alencar em seu livro *A guerra dos mascates*, chama a sua época de “*século de spiritistas*”. O escritor se interessou pelos debates em torno do tema, sendo contrários aos postulados de Kardec, chegando mesmo a chamar os espíritas de loucos num intenso debate com Joaquim Nabuco, defensor da idéia.

Por sua vez, a imprensa católica elaborava argumentos contra os espíritas e noticiava as discussões dos intelectuais. A repercussão nos jornais católicos e não católicos sobre as polêmicas eram grandes. Quando o *Jornal Comércio* em 1875 noticiou a primeira tradução completa do *Livro dos Espíritos* de Allan Kardec para o português, feita por Joaquim Carlos Travassos, a polêmica aumentou. A Igreja dizia que o Espiritismo era um desrespeito ao Evangelho e ao espírito cristão, pois as idéias de revolução, de religiosidade natural, de fé raciocinada teriam efeitos nefastos sobre a ordem pública, a família e as tradições, atingindo toda a sociedade. Os espíritas se esforçavam em demonstrar que seus princípios eram resultados de pesquisas sérias. Nessa luta, Bittencourt Sampaio procurava dar forças aos argumentos de seriedade e defendia o respeito ao espiritismo. No entanto, a observação de que o espiritismo era fábrica de loucos, reforçada por dois grandes intelectuais brasileiros, Machado de Assis e José de Alencar, seria repetida por muitos católicos empenhados em mostrar a origem demoníaca do espiritismo.

Apesar disso, o discurso crítico não encontra acolhida em boa parte dos círculos intelectuais, que continuam a debater abertamente a questão. As idéias espíritas tinham os maçons e os protestantes como fortes aliados na disputa com a Igreja. Inclusive nesse período eram muito comuns as análises feitas por espíritas e maçons, sobre a relação entre o espiritismo e a maçonaria³⁵.

Em agosto de 1873, é fundada, no Rio de Janeiro, a Sociedade de Estudos Espíritos Confucius. Entre os anos de 1876 e 1880 muitos outros centros de estudos sobre o espiritismo se iniciaram no Brasil. O principal grupo foi o Sayão, que depois daria origem à Federação Espírita Brasileira. Em seu início no Brasil, os grupos espíritas possuíam uma organização bastante independente uns dos outros e muitos coordenadores desses grupos viam a necessidade de uma estrutura melhor organizada. Reuniram-se então e fundaram a FEB (Federação espírita brasileira). Os centros continuariam trabalhando segundo as suas necessidades e idéias, mas agora teriam um ponto maior de união³⁶.

³⁵ O próprio Kardec (*Revista Espírita*, 1864) faz análises sobre a maçonaria e o espiritismo. Conta ele que a Sociedade de Estudos Espíritos de Paris era freqüentada por representantes da Franco-maçonaria.

³⁶ A posição da FEB até hoje é polêmica no movimento espírita. Há espíritas que consideram esta instituição o órgão unificador dos centros e outros, sobretudo os intelectuais, rejeitam a sua liderança.

Anos mais tarde, com o advento da República, o embate entre os espíritas e a Igreja se acentua, revelando da parte da Igreja segundo Miceli um esforço “de revidar aos argumentos e às versões anticlericais, de resistir ao proselitismo dos concorrentes maçons, protestantes e espíritas.” (MICELI, 1988:53)

Mesmo com a lei republicana adotando liberdade de culto e de consciência, o espiritismo continuou sendo perseguido pelos católicos e motivo de debates entre os intelectuais. Por pressão do clero, dos positivistas e dos médicos alopáticos o código penal brasileiro de 1890 nos artigos 156, 157 e 158³⁷ considerou a prática do espiritismo criminosa³⁸.

Na época, a publicação desses artigos geraram polêmicas. Muitos intelectuais os consideraram inconstitucionais e conservadores, ferindo os direitos assegurados pela própria Constituição Brasileira. Bezerra de Menezes em sua coluna “*Estudos filosóficos*”, no jornal *O Paiz*, quando do surgimento do código penal, publica vários artigos a favor do espiritismo. Procura fundamentar os seus argumentos na palavra de filósofos e nas experiências dos cientistas do mundo inteiro. Segundo ele, a lei decretada em nome da República do Brasil, demonstrava um atraso medieval e um castigo inquisitorial. No período de 1881 a 1910 houve diversas perseguições policiais ao espiritismo, sendo proibidas as sessões de muitos grupos espíritas. A Federação Espírita publicou em seu jornal *O Reformador* e reuniu artigos de jornais da imprensa não espírita acerca das perseguições promovidas contra os espíritas que militavam no interior do país. Os locais onde se realizavam as sessões espíritas eram apedrejados e às vezes os perseguidores colocavam até bombas e dinamites para destruir os lugares de reuniões.

A Federação Espírita do Rio de Janeiro não foi perseguida na Primeira República³⁹, pois já tinha um grande status social e uma boa força política, freqüentada por pessoas ilustres, homens do exército, políticos importantes e intelectuais de renome.

A despeito do código penal e das perseguições, o espiritismo cresceu na cidade do Rio de Janeiro e no resto do país. Sobre isso diz o historiador da Igreja Scott Mainwaring:

³⁷ O artigo 157 proibia: “*praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar talismãs e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar curas de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública.*” p. 192

³⁸ Segundo a visão de Ubiratan Machado a lei era contrária principalmente ao “espiritismo popular”, fruto da mistura do espiritismo francês com as crenças de origem negras e indígenas. Nas sessões práticas desse espiritismo se invocavam espíritos de caboclos e de ex-escravos, também se fluidificava a água, receitavam-se ervas e homeopantias, isso incomodava a classe que ascendera ao poder na República. Classe que desejava criar um Brasil branco, comteano e queria acabar com tudo que representasse a cultura popular brasileira.

³⁹ Durante a Ditadura Vargas, porém, a FEB chegou a ser fechada.

“A expansão do protestantismo e do espiritismo tornou aparente o que era verdade há algum tempo: a Igreja não estava efetivamente atingindo as massas. (...) O declínio do monopólio religioso da Igreja alarmava a sua hierarquia. Execrar protestantes e espíritas tornou-se lugar-comum. ” (MAINWARING, 1989:53)

Além da agressividade do código, a reação do clero era mais intensa, à medida que o espiritismo se difundia na sociedade. Não eram apenas as elites intelectuais e as classes baixas?? que aderiam ao espiritismo, as classes médias também. O fenômeno desencadeou uma contra ofensiva da Igreja, com os mesmos argumentos de sempre, tratando o espiritismo como obra do demônio. Embora em muitos lugares houvesse um bom relacionamento entre padres e adeptos do espiritismo.

O debate entre os intelectuais continuava, com Machado de Assis e Coelho Neto. Surgia um dos primeiros romances que retratavam a disputa entre Igreja e o espiritismo. O livro *Um escândalo* de Artur Lobo, um dos grandes poetas brasileiros, escrito para denunciar os abusos da Igreja, cita um espírita que vive numa pequena cidade. O romance retrata os conflitos entre os espíritas e os padres. Coelho Neto é outro que retrata os espíritas em seus romances, mas como farsantes ou ingênuos. Nas páginas de *Os raios X* e *O paraíso* aparece o ceticismo de Coelho Neto e sua crítica mordaz ao espiritismo.

Na República, além das discussões com a Igreja e dos debates entre os literatos, outro tema constante era sobre a relação entre o espiritismo e o positivismo. Os positivistas aumentavam o rol dos críticos às idéias espíritas. Bezerra de Menezes sustentou um debate com os adeptos de Augusto Comte, principalmente com o positivista Dr. Batista Pereira que publicou um artigo no *Jornal do Comércio*, combatendo o espiritismo e que fora o autor dos artigos citados. Diz Menezes:

“(...) os positivistas repelem o espiritismo, porque este sustenta a existência do espírito, e nesta idéia se firma para construir o edifício de sua doutrina. O positivismo não reconhecendo a essência espiritual, repele por igual a comunicação dos vivos com os mortos, e pela mesma razão a pluralidade das existências” (MENEZES, 1977:72)

Os espíritas brasileiros, esposando as idéias de Kardec, refutavam as críticas positivistas e dos intelectuais. Repetindo os argumentos dos espíritas franceses, afirmavam a verdade do espírito contra as teses materialistas ou contra os dogmas católicos. Apontavam as deficiências das teorias materialistas. Consideravam fracas as teses que atribuíam ingenuidade e má fé aos espíritas. Criticavam a aspereza do tratamento dado ao espiritismo sem maior diálogo e tolerância. A

proclamação da República na opinião dos espíritas deveria ter levado a uma maior liberdade e diálogo entre as correntes de pensamento. Tal é a síntese, a observação resultante dos escritos espíritas desse momento e dos trabalhos de Bezerra de Menezes no jornal *O Paiz*.

Vários autores espíritas, como Bezerra de Menezes, procuravam divulgar o espiritismo de Kardec. Enquanto as idéias espíritas tomavam formas mais populares se misturando com o catolicismo, com as religiões africanas e indígenas, desenvolvia-se uma leitura mais filosófica das obras de Kardec, por pensadores que queriam transmitir o espiritismo no seu sentido original. Eles consideravam que as idéias e as propostas espíritas estavam sendo distorcidas pelos grupos espíritas. Ao analisar a origem das idéias espíritas no Brasil vemos desde cedo as divergências de interpretação e concepções. No período republicano começam a surgir diversas facções.⁴⁰

Um grupo liderado por Bezerra de Menezes queria o espiritismo à moda de Kardec. Esses espíritas tiveram um papel principal na luta por manter um movimento espírita ligado aos debates filosóficos, científicos e com características de uma religião sem dogmas, engajado nas lutas sociais e políticas.

Tendo em vista o desenvolvimento do espiritismo no Brasil no período republicano, pode-se dizer que houve uma mais institucional e uma mais crítica. Esta, sobretudo, se desenvolveu em duas frentes: na medicina e na educação. Com intenção de propagar esses ideais podemos citar Bezerra de Menezes, Anália Franco e Eurípedes Barsanulfo que foram os pioneiros dessas duas frentes espíritas no início da República. Apesar dos obstáculos, por causa de tantos conflitos, os primeiros tempos republicanos foram importantes para o desenvolvimento do espiritismo. No contexto republicano, tivemos uma estruturação organizacional do espiritismo, uma popularização de suas idéias, o desenvolvimento da suas ligações com a medicina e o nascimento de sua proposta pedagógica.

3.2. O Espiritismo em Minas e o caso Eurípedes

Uma análise, ainda que superficial do período da Primeira República em Minas Gerais, nos permite observar a forte influência do catolicismo na cultura mineira. Como afirmam Wirth(1982) e Silva(1982) a proclamação da República não trouxe imediatamente grandes mudanças e transformações nas estruturas econômicas, políticas, sociais e religiosas do Estado mineiro. Mesmo

⁴⁰ A esse respeito, ver os livros ABREU, Canuto. Bezerra de Menezes, subsídios para a História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895. São Paulo, Edições Feesp, 1987 e HESS, David J. Spirits and Scientists – Ideology, Spiritism and Brazilian Culture. Pennsylvania State University, 1991. Ambos os autores apontam as diferentes tendências do espiritismo no Brasil: cientificistas, religiosas, filosóficas, populares etc.

com o processo de laicização do Estado e a influência do racionalismo comteano e spenceriano, difundidos pelos meios intelectuais e pelas faculdades de Direito e Medicina, o catolicismo não havia sido rejeitado pelo mineiros.

Assim como no Rio de Janeiro, São Paulo e outros Estados, o espiritismo chegava em Minas Gerais causando entusiasmo nos meios intelectuais e ganhava terreno nas classes médias e baixas. Por isso, encontramos conflitos entre os católicos e os adeptos da doutrina de Kardec, mesmo sendo difícil precisar quando se iniciaram as atividades espíritas em Minas Gerais, pois ainda não há suficientes documentos históricos e pesquisas a respeito.

Contudo, o Espiritismo começa a tomar vulto em Minas Gerais por volta de 1893, com dois os espanhóis radicados no Brasil, Frederico Peiró e Maximiliano Alonso. Ambos materialistas, que tomaram contato com os fenômenos espíritas em Uberaba na casa do advogado Antônio Cesário da Silva e Oliveira. Com eles o espiritismo mineiro foi ganhando um caráter de divulgação em Minas Gerais, pois percorriam as cidades como Belo Horizonte, Uberaba, Sacramento, Araxá.

O conflito entre os espíritas e os católicos emergiu com o crescimento das notícias do espiritismo nas cidades mineiras. Os ataques ao espiritismo se tornaram comuns. Os jornais retratavam os debates. Em 1910, o *Jornal do Povo* fazia a seguinte pergunta: o espiritismo faz loucos? Aproveitando o intenso debate que havia no Brasil, esse jornal promoveu através de suas páginas uma discussão sobre o assunto. Os artigos correspondiam as agitações ocorridas no Estado. Os católicos queriam mostrar que aqueles que se interessavam pelo espiritismo corriam perigo de enlouquecer. Pensadores positivistas e de outras vertentes materialistas engrossavam o coro com os católicos. Segundo eles, o espiritismo apresentava perigo aos nervos. Os espíritas protestavam contra a falsidade desses argumentos.

Em Outubro de 1910, o artigo de Evandro Munie com o título *O espiritismo faz loucos?*, fez uma espécie de síntese das discussões, mostrando o conjunto de argumentos tanto de um lado como de outro. Os pensadores católicos e materialistas apoiavam sua argumentação nas pesquisas de um psicólogo francês de sobrenome Dumas: “*as pretensas manifestações dos espíritos, é uma fonte inesgotável de doenças mentais e nervosas.*” (MUNIE, 1910:2) Os espíritas por sua vez, além de invocarem as pesquisas de pesquisadores renomados como Rochas, Crookes, Zöllner, citavam também os trabalhos feitos pelo professor Jauet do Colégio de França, do professor Ballet da Sociedade de Medicina psicológica e do professor Flournay de Genebra. Todos esses pesquisadores não aceitavam a tese de que o espiritismo fosse perigoso. Para eles, o problema estava na predisposição psicológica de quem participava das sessões das mesas girantes.

Um artigo do Jornal *O Festim*, editado em Belo Horizonte, em 1909, publicou uma matéria intitulada *O Espiritismo*, que dizia:

“O espiritismo, esta seita diabólica, este canteiro pernicioso que solapa as bases da moral, esta malsinada instituição de Allan Kardec, este covil, este antro de seduções, onde se maquinam os maiores e hediondos crimes, este magnífico instituto preparatório para as casas de alienados, este monstro multiforme é, também, um assassino covarde!” (O FESTIM, 1909:1)

Os católicos o criticavam como coisa demoníaca e alguns grupos de intelectuais como fábrica de loucos e alienados. Os bispos mineiros traçavam planos para impedir o crescimento daquilo que consideravam uma doutrina subversiva aos ideais da Igreja. Incentivavam publicamente a hostilidade do povo. Os espíritas eram ameaçados nas ruas, perdiam seus empregos e conflitos se estabeleciam dentro das famílias. Havia os casos de acusação de prática ilegal de medicina, pelas chamadas *curas mediúnicas*⁴¹ e pelo fato de alguns espíritas também praticarem a homeopatia.

A Igreja estabelecia um clima de intolerância religiosa e considerava a perda de seus adeptos para o Espiritismo e para o protestantismo um perigo, pois vivia um momento de reestruturação da Igreja diante de Estado laico e de uma reformulação dos seus conteúdos, crescentemente obsoletos, diante do confronto com os espíritas e com os protestantes. É em meio a um conjunto de mudanças da sociedade brasileira que a Igreja Católica buscava situar o seu processo de reorganização eclesiástica nas primeiras décadas do regime republicano.

Segundo a expressão de Wirth (1982), Minas era o Estado mais católico e com uma Igreja mais forte que em outros Estados, graças às estruturas tradicionais arcaicas que se mantiveram na economia, na política e na sociedade mineira. A economia continuou dependente da lavoura e da pecuária praticadas num quadro rural, não ocorrendo uma mudança na estrutura econômica e social do Estado. Segundo Silva(1982), embora Minas tivesse uma grande participação no poder do governo nacional, isso não significou uma mudança radical. Ao passo que São Paulo, por exemplo,

⁴¹ Kardec classifica dois tipos de curas mediúnicas em O Livro dos Médiuns, referindo-se aos médiuns curadores e aos médiuns medicinais, no Brasil mais conhecidos como médiuns receitistas. Kardec pertencia ao grupo de estudiosos de magnetismo na França, a ciência criada por Franz Anton Mesmer, que pretendia promover a cura através do chamado “fluido magnético”. Era uma forma de medicina alternativa, que aplicava passes, que foi muito pesquisada e discutida na França do século XIX. Entretanto a medicina mediúnica ia além da proposta de Mesmer. Embora aceitasse a presença do fluido magnético, previa a intervenção de espíritos nas curas das doenças. Explica Kardec sobre os médiuns curadores: “...esse gênero de mediunidade consiste principalmente no dom de curar por simples toques, pelo olhar ou mesmo por um gesto, sem nenhuma medicação.” (KARDEC, Livro dos Médiuns, item 175). Mais adiante define médiuns medicinais: “sua especialidade é a de servirem mais facilmente aos Espíritos que fazem prescrições médicas. (...) Muito comuns.” (KARDEC, Livro dos Médiuns, item 192). Eurípedes Barnanulfo era considerado médium nos dois sentidos. Mas tinha também conhecimentos de homeopatia, obtidos como autodidata.

com o advento da República tem uma mudança na sua estrutura econômica. Com o tempo, a burguesia paulista promove a reorganização das forças de produção, nas zonas cafeeiras do oeste paulista. A utilização do trabalho assalariado, a expansão do mercado consumidor, as mudanças na política econômica, nas instituições sociais foram reformas paulistas que os mineiros não fizeram.

Em São Paulo, o republicanismo se organizou como expressão política em 1873 e teve uma atuação vigorosa na participação da instauração do novo regime. Já Minas teve participação modesta na mudança do Império para a República e somente depois do regime instaurado é que passaram a compor os quadros políticos. Silva diz ainda que, em São Paulo, a República se constituiu em instrumento de afirmação e expressão política da classe burguesa e em Minas apenas como um movimento de intelectuais e de idéias com poucos vínculos com a estrutura econômica dominante. Outra peculiaridade é que até mesmo a aliança entre São Paulo e Minas Gerais em 1913 não se baseava na igualdade de vantagens e sim na obediência de Minas, como parte mais fraca, à orientação de São Paulo em política econômica. Esse contexto dava poderes excepcionais à Igreja, particularmente aos membros do clero, que se fortaleceram e se reorganizaram rapidamente no período republicano.

Além disso, é preciso levar em conta o trabalho do Arcebispo de Mariana D. Silvério que foi incumbido por Roma a fortalecer o catolicismo em Minas Gerais. O arcebispo procurou fortalecer a implementação das metas expansionistas da Igreja, fazendo alianças proveitosas com lideranças oligárquicas de peso. Eis por que, em plena Primeira República, a Igreja mineira se fortaleceu e Belo Horizonte se tornou um grande centro católico no Brasil. Aí a Igreja continuou mais forte do que nunca em sua luta contra o protestantismo e o espiritismo. Dom Silvério deu apoio a diversos padres mineiros no combate ao espiritismo. Sérgio Micelli, ao analisar a trajetória do arcebispo de Mariana, diz que ele não hesitou na sua primeira carta pastoral como bispo diocesano em: *“exortar os fiéis a se afastarem das sociedades secretas (maçonaria e espiritismo) condenadas pela Igreja.”* (MICELLI, 1988:101) E depois também deu o seu apoio a padres contra o espiritismo: *“(…) o arcebispo se saiu bem no projeto de canalizar o prestígio do Padre Eustáquio para inúmeras iniciativas pastorais, mormente aquelas destinadas a dar combate às seitas espíritas.”* (MICELLI, 1988:44)

Entre os anos de 1890 e 1930, a Igreja teve uma grande expansão organizacional em vários Estados brasileiros, principalmente nos estados do nordeste, em São Paulo e Minas Gerais. Afirma Wirth:

“A Igreja no estado brasileiro mais católico estava agora muito mais forte, graças à questão da educação e aos talentos de organizador de Dom Silvério Gomes Pimenta (1840-1922), o arcebispo de Mariana. Preto, nascido em condições humildes, a ascensão de D. Silvério na hierarquia da Igreja levou-o quatro vezes a Roma. Foi incumbido de tornar Minas novamente católico.(...) Dom Silvério impulsionou o reavivamento do catolicismo em muitas frentes. Institucionalmente, Roma criou 3 arcebispados e 9 bispados entre 1906 e 1924. (...) Em termos de doutrina, Dom Silvério declarou guerra aos protestantes com suas escolas e ao movimento espiritualista em proliferação” (WIRTH, 1982:143)

A laicização da educação não impediu os investimentos da Igreja no campo educacional. As instituições católicas escolares educaram as elites brasileiras e serviram como diretriz da política expansionista da Igreja na República. Mesmo com a forte concorrência protestante e das disputas com as poucas instituições escolares espíritas, o mercado do ensino foi uma importante alavanca dos empreendimentos eclesiásticos no período. Os dirigentes oligárquicos emprestavam dinheiro, cediam terrenos e prédios, estabeleciam convênios com as Igrejas para a construção de escolas. Depois matriculavam seus próprios filhos nos colégios católicos.

No campo político, o movimento católico em Minas Gerais teve grande participação e foi bem organizado. Segundo Micelli:

“Em Minas Gerais, por exemplo, a prolongada gestão de D. Silvério Gomes Pimenta encontrou condições amplamente favoráveis à sua política de recatolicizar o Estado. Valendo-se da receptividade que as diretrizes católicas obtinham junto a segmentos majoritários da população e do apoio ostensivo de setores dirigentes de peso inclusive no interior do partido republicano estadual, D. Silvério logrou restaurar a influência político-doutrinária da Igreja através de campanhas institucionais e de novas associações.” (MICELLI, 1988:76)

D. Silvério tentou criar inclusive um partido do clero que acabou fracassando. Mesmo assim, a influência da Igreja na política aumentou. Desde o início do partido republicano mineiro, a Igreja atuou nas suas estruturas. Joaquim Furtado Menezes era membro do partido republicano e líder católico e usava o partido para lançar os programas católicos nas assembleias. Em 1908, o arcebispo conclamou os fiéis para apoiarem os candidatos católicos no congresso. Segundo Wirth, as elites mineiras compactuavam com o conservadorismo católico.

Nesse cenário, aparece a figura de Eurípedes Barsanulfo.

Apesar da pouca e precária documentação existente sobre os conflitos entre católicos e espíritas em Sacramento, o material pesquisado, de qualquer forma, expressa de maneira

aproximada a história desses confrontos. Mesmo sobre outros aspectos culturais, políticos e econômicos da cidade há poucos documentos.

É possível encontrar fortes ecos na história de Sacramento⁴² do tradicionalismo cultural, político, econômico e religioso que estava presente nas Minas Gerais do final do século XIX e primeiras décadas do século XX. A formação e o desenvolvimento da cidade de Sacramento esteve condicionada, evidentemente, ao desenvolvimento mais amplo que transcende os limites regionais, do café, da pecuária e da agricultura como importantes atividades econômicas brasileiras e da maciça presença do catolicismo em Minas Gerais.

Aparentemente, a República, em suas primeiras décadas, pouco se fez sentir na cidade mineira. Durante o período republicano, assim como outros municípios mineiros, Sacramento sofreu forte influência da Igreja. Os primeiros núcleos de estudo de espiritismo na região se iniciaram na Fazenda Santa Maria, localizada a quatorze quilômetros da cidade. Ali residiam alguns familiares de Eurípedes Barsanulfo, que tomaram contato com o espiritismo, que se desenvolveu nessa região, por volta de 1897, pela influência dos espanhóis Frederico Peiró e Maximiliano Alonso. Eles moravam em Paineiras, uma cidade próxima a Sacramento, e havia ali um núcleo de estudos espíritas.

O primeiro episódio de uma longa série de confrontos entre os católicos e os poucos espíritas de Sacramento e da região desencadeou-se por ocasião da conversão ao espiritismo de Eurípedes Barsanulfo, um católico conhecido e militante da cidade.

Na infância, foi coroinha na paróquia local, passou uma juventude ligada à Igreja e se tornou presidente da comunidade *São Vicente de Paula*. Desempenhava um papel importante junto aos católicos da região e contribuiu com os trabalhos dos Padres Augusto Teodoro Rocha Maia e Ludovico Santa Cruz na Igreja da Matriz. Diz o historiador local Amir Salomão Jacób:

“Estes padres eram amigos do jovem Eurípedes Barsanulfo, pessoa culta, professor do Liceu Sacramentano, colaborador do jornal “Gazeta

⁴² Na Ata de Fundação da cidade está escrito que as terras para a fundação da cidade foram doadas pelo Capitão Manoel Ferreira de Araújo e Souza e por sua mulher D. Joaquina Rosa de Sant’Anna ao Reverendo Cônego Hermógenes Casimiro de Araújo Brunswick que fundou a cidade em 24 de Agosto de 1820. A cidade nasceu em volta da uma singela capela, dedicada ao santíssimo sacramento e protegida pela figura de Maria. Nessa época começaram a aparecer as primeiras casas em torno da capela, daqueles que tinham esperanças de conquistas de bons rendimentos econômicos com o garimpo no Rio Borá e pessoas que vinham para trabalhar na agricultura e na pecuária. Com o tempo a cidade foi se desenvolvendo, entre os anos de 1859 e 1906, grupos de intelectuais, pessoas que haviam estudado no Caraça, se mudaram para Sacramento, contribuindo com a cultura da cidade. Em pouco menos de 50 anos essa região despovoada onde só tinham fazendas, foi se tornando uma área povoada.

Sacramentana”(...). Eurípedes era fervoroso católico, com participação ativa na Matriz de Sacramento.” (JACÓB, 1998:21)

O próprio Bispo de Uberaba, o padre Manoel Rodrigues da Paixão, acompanhava com bons olhos o desenvolvimento intelectual do jovem líder católico.

A conversão de Eurípedes ao espiritismo é assunto cercado de divergências e contradições e pouquíssimo documentado. Há duas versões para o caso. A primeira diz que em 1903 ocorreu um encontro entre Eurípedes e o padre Maia que lhe entrega uma Bíblia para ler. Nesse período os fiéis da Igreja não liam a Bíblia. A segunda é contada por Jacób que o Padre Maia, amigo de Eurípedes, lhe deu um livro espírita a título de curiosidade...

Seja como for, a leitura permitiu que Eurípedes começasse um processo de descontentamento com a Igreja. Ele, um típico representante do catolicismo, espírito ainda jovem, mas já imbuído de um pensamento culto, lê o livro com grande entusiasmo e aparecem certos questionamentos a respeito da estrutura e da prática da Igreja católica. No mesmo ano, por ocasião de uma visita de seu tio Sinhô Mariano, um operário de pouca cultura, os dois conversaram sobre o espiritismo. Nessas visitas do tio os dois tratavam sobre diversas questões religiosas. Apesar da cultura filosófica e teológica do sobrinho, o tio chegava a manifestar-se favorável ao espiritismo, os dois discutiam horas sobre o assunto. Eurípedes ia além do argumento de que aquilo era obra do demônio, mas em sua opinião o espiritismo não tinha consistência teológica. Para reforçar seus argumentos Sinhô lhe dá o livro espírita *Depois da Morte* do francês Léon Denis⁴³.

⁴³ Léon Denis (1846-1927) era um operário, autodidata, que participou das lutas sindicais e cooperativistas da França do século XIX, muito amigo de Jean Jaurès. É considerado sucessor de Kardec e tem vasta obra literária. Escreveu sobre diversos assuntos, abordando temas sobre o Espiritismo, sobre diversas religiões e sobre o socialismo. Por causa do tom polêmico manteve intensas discussões com o clero e com os materialistas de sua época. No livro *Depois da Morte*, faz um exame aprofundado da história das principais religiões antigas na Índia, no Egito, na Grécia, na Gália, passando pelo cristianismo e chegando ao materialismo e ao positivismo, abordando a visão da morte nessas doutrinas. Discute ainda as visões de Deus e o Universo, da alma, da pluralidade das existências, da finalidade da vida nas religiões e nas doutrinas materialistas. Traça os princípios dessas religiões e do materialismo para compará-los ao Espiritismo. Para conhecermos textualmente Denis, vejamos o que diz a respeito da alma: “*Os sábios do Oriente e da Grécia não desdenhavam a observação da natureza exterior, mas foi sobretudo no estudo da alma, de suas potências íntimas, que descobriram princípios eternos. A alma era, para eles, como um livro do qual se escreviam em caracteres misteriosos toda a realidade e todas as leis.*” (DENIS, 1987:11) E mais adiante discute o problema da religião: “*Para exercer influência salutar, para tornar-se um meio de elevação e progresso, deve a religião despojar-se das diversas aparências que assumiu no decorrer dos séculos; o que deve desaparecer não é o seu princípio básico, são os mitos obscuros, as formas exteriores e materiais. Convém não confundir coisas bem diferentes: a verdadeira religião não é manifestação externa, mas um sentimento; é no coração humano, portanto, que se encontra o verdadeiro templo do eterno. A verdadeira religião não pode ser reduzida a simples ritos ou preceitos; não precisa nem de fórmulas nem de imagens; não se preocupa com simulacros, com maneiras de adoração, não julga o dogmas senão pela influência benéfica que possam exercer na sociedade; abraça todos os cultos, todos os sacerdócios, eleva-se acima deles e diz-lhes: a verdadeira está colocada muito acima de tudo isso.*” (DENIS, 1987:15)

Essa leitura lhe causa uma boa impressão dos espiritismo. O jovem professor mudou sensivelmente a perspectiva ante as ações da Igreja. Já não era o mesmo assíduo freqüentador dos cultos e aos poucos reduz seu trabalho na comunidade católica. Depois disso, o tio faz uma série de sugestões de leituras, de livros e jornais espíritas que circulavam no país, visando ajudar o sobrinho a se aprofundar no espiritismo. Eurípedes via-se cada vez mais envolvido. Nessa época, os jornais e os periódicos, que discutiam o espiritismo, já circulavam por quase todo o país, vindos de São Paulo e Rio de Janeiro.

No ano de 1904, a convite de uma parente de Santa Maria Emerancina Mendonça, Barsanulfo ao lado de seu amigo José Martins Borges, assiste a algumas sessões espíritas. O que ele vê contribui para acelerar a sua adesão ao espiritismo. Ao retornar a Sacramento se desliga da comunidade *São Vicente de Paula* e os católicos recebem a notícia de Eurípedes sem entender bem o que acontecia. Ante os boatos de que havia se tornado espírita, todos pedem uma explicação. Ele se explica e narra o ocorrido. O pânico se apodera da comunidade católica. Ninguém, nem de sua família, nem do clero poderia esperar que Eurípedes se interessasse por aquela mistificação. O que é facilmente compreensível uma vez que o espiritismo era obra demoníaca e fábrica de loucos.

Para todos na cidade, o professor tinha enlouquecido. Os jornais apareciam cheios de críticas e acusações de demência. As pessoas começaram a se escandalizar com o fato. Os padres de Sacramento reúnem-se com o Bispo de Uberaba para tentar recuperar o fervoroso católico. A família recebe a notícia sem entender o que estava acontecendo. Mas as tentativas foram em vão.

Os professores do Liceu Sacramentano, colégio que Eurípedes lecionava e era diretor, quando souberam da notícia, abandonaram suas funções e o proprietário do prédio onde funcionava a escola retirou o imóvel. A conversão de Eurípedes custou-lhe caro. As manifestações de repulsa, as restrições, os conflitos e as repressões violentas surgiram de todo o clero e de grupos católicos. O jovem foi obrigado a passar uns tempo com a mãe em casa de amigos em Santa Maria. Além dessa situação a doença da mãe tinha piorado. Assim, Eurípedes ficaria longe dos entraves que tinham ocorrido, pois em Santa Maria o espiritismo não enfrentou tantos antagonismos. O convívio com os espíritas da região levou o professor a freqüentar as atividades no centro espírita. A sua intenção era criar um centro de estudos e de auxílio aos necessitados em Sacramento. Reuniu-se com uns poucos indivíduos solidários à sua causa e tomaram a decisão em favor da abertura de um centro espírita em Sacramento.

De volta à sua cidade, funda um centro espírita, em 27 de janeiro de 1905. Apenas um ano depois de sua conversão a sua decisão traz novos problemas com os católicos. As manifestações

contrárias vinham das ruas, do trabalho, da família e da Igreja. A distância entre Eurípedes e a comunidade católica ampliava-se. As novas atividades no centro tinha por objetivo estudos sobre o espiritismo e serviços aos doentes através da homeopatia, com receituário mediúnico, que passou a atrair pessoas de várias partes de Minas Gerais.

As divergências entre espíritas e católicos tornaram-se mais profundas com o passar do tempo. E na luta contra a hegemonia da Igreja católica em Minas Gerais, Eurípedes exerceu um importante papel. Um dos debates de maior repercussão entre os dois grupos ocorreu em 1906. Nesse período Eurípedes exercia a função de vereador em Sacramento, cargo em que ingressou em 1904 e manteve até 1911. Durante esse tempo, foi 1º secretário, coordenou a Instrução Pública e ocupou em várias ocasiões interinamente a presidência da Câmara. Em maio de 1906, a pedido de um vereador, foi posta em votação a colocação da imagem do Cristo crucificado na parede da Câmara. A proposição foi aprovada, contra o voto do vereador Eurípedes Barsanulfo. Ele se opôs ao pedido porque, como republicano que dizia ser, não podia aceitar a influência católica na Câmara, que, num regime republicano, deveria se conservar laica. Segundo Barsanulfo, a colocação do símbolo feria o preceito da liberdade de culto e consciência garantido pela Constituição Federal Brasileira. Diz ele:

“Anuir, pois, a tal solicitação seria um desrespeito, ludibrio às leis da República, um desprestígio inqualificável ao Estado, um achincalhamento indefinível a essa mesma República. Aquiescer a semelhante impetração, teríamos, ainda mais, o desgosto de ver daí a poucos dias os recintos deste prédio povoados de todos os emblemas, símbolos representativos de vários credos em que se divide a crença humana: por que dado, estabelecido o funesto precedente da admissão de um sinal, regalia de uma confissão religiosa nestas salas, é forçoso convir a sermos coerentes, que contraímos a obrigação de consentir todos os demais! Amanhã, a maçonaria requerer-nos-á a instalação do triângulo, o adepto do Confúcio a efígie deste e o protestante, descontente com tudo isto, inimigo irreconciliável que é de todas as imagens, a expulsão de todas(...) Foi afronta à constituição porque a República não tem religião oficial, porque na República brasileira, queiram ou não queiram, o Estado é ateu. (...) Na sessão do júri reúnem-se católicos, protestantes, ateístas, maometanos, judeus, fieis de todas as confissões religiosas. O ato, portanto, foi afrontoso à Constituição porque na República Brasileira, queiram ou não queiram, o Estado é ateu. Assim o fez a Constituição. Na sessão do júri reúnem-se católicos, protestantes, ateístas, maometanos, judeus, fieis de todas as confissões religiosas.” (EURÍPEDES, 1906:45-50)

A atitude de restringir a ação dos católicos não agradou o clero. Esse ocorrido fez com que o conflito se agravasse. Desde esse fato, tornara-se mais difícil o diálogo entre católicos e espíritas.

Essa situação não mudou com o passar dos anos. Apesar de tudo entre os anos de 1907 e 1913, o trabalho de Eurípedes se tornava cada vez mais conhecido, graças às notícias de cura que realizava em sua farmácia gratuita e a docência no colégio Allan Kardec. Nesse período, na região de Sacramento o espiritismo se expandiu rápido.

O clero estava preocupado com tal expansão. Os tempos de maior calma acabaram em 1913, quando os ataques dos círculos católicos se tornaram implacáveis. Os embates tomaram novamente as páginas de jornais, que culminou num debate público entre Eurípedes e um representante oficial da Igreja, o padre Feliciano Yague. Temendo perder mais terreno, os grupos católicos de Uberaba e Sacramento mandaram buscar em Campinas, no Estado de São Paulo, um dos mais eloqüentes porta vozes do catolicismo. O padre era famoso pelas suas pregações e pelo seu conhecimento de teologia. Os católicos desafiaram Eurípedes a uma discussão em praça pública para esclarecer questões filosóficas e doutrinárias. Barsanulfo aceitou. O boletim “*Acordo e Síntese*” mostra o conteúdo desse encontro no seu informe de 28 de Outubro de 1913, com o título “*Da polêmica religiosa Católico-Espírita havida em Sacramento entre o padre Feliciano Yague e Eurípedes Barsanulfo*”.

O Padre traçou a seguinte linha argumentativa contra o Espiritismo: o espiritismo é ateísmo; os fenômenos espíritas não podem ser explicados sem a participação do diabo; o espiritismo não é religião; o espiritismo não é ciência. De acordo com o boletim, a Eurípedes cabia provar o contrário. O debate duraria duas horas, sendo que os dois teriam direito de falar.

Yague acusava o espiritismo de ateísmo pois este negava que Jesus Cristo fosse Deus e também a existência do inferno. Isso porque se o espiritismo nega Jesus como Deus está negando o próprio Deus. E se também recusa o inferno está recusando as próprias palavras de Cristo. Segundo Yague o espiritismo:

“Negando um atributo divino, está negando Deus(...) Ora, Jesus não poderia contradizer-se; se contradisse, deixou de ser Deus. Em outros termos: Deus declara existir o inferno; o espiritismo nega; logo o espiritismo acha Deus ignorante, porque ignora a existência do inferno ou mentiroso, porque, em sabendo, declara ser real a sua existência.”
(YAGUE, 1913:2)

O espiritismo parecia-lhe “*invenção diabólica*” e a chave para a sua tese estava na impossibilidade da comunicação dos espíritos. Afirma o padre:

“São diabólicos, porque as almas, não tendo sentidos, porque não têm corpo, não podem comunicar-se; os anjos não vêm a sessões espíritas, porque não praticam atos ridículos, como os das danças das mesas, das quedas dos móveis, etc. Logo, não sendo as almas e nem os anjos que lá se manifestam, é realmente o demônio ou satanás.” (YAGUE, 1913:3)

E a seu ver o espiritismo não poderia ser considerado uma religião por não aceitar os dogmas e não adotar formas exteriores de culto. Declara o Padre: “que toda a religião tem dogmas, princípios e culto interno e externo e deveres para com Deus e o homem; o espiritismo não os tem; logo não é religião.” (YAGUE, 1913:4) Também questionava a idéia de que o espiritismo era ciência. Para ele: “não é ciência, porque toda ciência tem princípios dos quais podem tirar-se deduções lógicas e rigorosas; ora, o Espiritismo não os tem. Logo, não é ciência.” (YAGUE, 1913:5) A crítica do Padre é um exemplo do discurso católico contra o espiritismo no período republicano.

Eurípedes responde à primeira acusação dizendo que o espiritismo não era ateísmo, pois não nega Deus, ao contrário o afirma. Portanto, não pode ser uma teoria atéia. Ele inverte o argumento do padre falando que uma religião que é favorável ao inferno e a salvação de alguns é que deve ser considerada atéia. Esclarece:

“O ateísmo nega Deus. O espiritismo o afirma. Logo, o Espiritismo não é ateísmo. O espiritismo não contradiz o Cristo (...) que não afirmou o inferno e nem podia tê-lo afirmado, o lugar para onde se entrando, de lá não se sai. Não poderia ensinar ou afirmar o inferno, como compreende a Igreja, porque, mantido o critério da negação de um atributo divino, negado está Deus, a mansão de penas eternas é a mais formal negação da justiça, do amor, da sabedoria divina; do que se conclui: Existindo o inferno, não existe Deus. Existindo Deus não existe o inferno.” (BARSANULFO, 1913:3-4)

Opunha-se à intervenção diabólica, pois, para o professor, os fenômenos faziam parte das leis naturais e os seres humanos ainda estavam longe de conhecer toda a natureza em sua complexidade. Eurípedes apoiava sua argumentação nas pesquisas científicas feitas pelos pesquisadores europeus, entre eles as pesquisas mais conhecidas no Brasil, dos franceses Albert de Rochas e Gustave Geley, do químico inglês Crookes. Além dos cientistas, no próprio Evangelho, havia testemunhos históricos que demonstravam que a comunicação entre espíritos e seres humanos não era demoníaca:

“Diabólicas também não são as manifestações verificadas nos centros espíritas, como em toda parte, por homens de provada honorabilidade e saber. (...) o demônio ou satanás como entende a Igreja, não existe, afirma-o a lógica, o bom-senso, a razão, os atributos divinos e a lei do progresso, a que se subordinam os seres e as coisas — e jamais desmentidas pela natureza; segundo, porque contra os fatos não há argumentos. Santo Agostinho fala em receber conselhos e avisos do além por parte de Santa Mônica; no monte Tabor, o Cristo põe-se com seus discípulos em relação visível e audível com Elias e Moisés; os evangelistas narram as aparições e falam dos mortos aos de Jerusalém, logo após o terremoto que se seguiu à morte de Jesus; (...) e ainda as aparições de Lourdes; as de Margarida e outros espíritos a Joana D’arc; dos santos e dos mortos, e o assinalamento da parte da Igreja de anjos da guarda...” (BARSANULFO, 1913:4-5)

Eurípedes tenta desmontar o argumento de Yague, demonstrando que os relatos da comunicação dos vivos com os mortos estão intrinsecamente ligados à própria história do cristianismo. A possibilidade das comunicações está registrada no Evangelho, ao contrário das afirmações do Padre.

Continuou a sua argumentação, afirmando que, apesar do espiritismo ser uma religião sem dogmas, sem hierarquias, era possível identificar na doutrina de Kardec seu aspecto religioso:

“O Espiritismo é uma religião, uma filosofia e uma ciência. A religião é a faculdade ou o sentimento que nos leva a crer na existência de um ente supremo como causa, fim ou lei universal. Ora, nenhuma religião proclama melhor do que o espiritismo a existência de Deus, nem melhor lhe reconhece o infinito das perfeições.” (BARSANULFO, 1913:6)

No debate, o professor ainda defendeu o caráter científico do espiritismo, tentando deixar claro qual idéia de ciência adotava:

“O Espiritismo é uma ciência positiva, porque é ciência do espírito, da natureza íntima do homem, dos seus destinos e fim. É positiva, porque tem sua origem nos fatos; e como provas científicas – o magnetismo, a hipnose, o sonambulismo, a radioatividade de todos os corpos e de todos os seres, o êxtase, visões e as aparições de fantasmas dos vivos e mortos, a telepatia e todos os múltiplos fenômenos psicológicos, observados por inúmeros sábios de todos os tempo e lugares.” (BARSANULFO, 1913:6)

Em resumo esse foi o conteúdo da polêmica entre Eurípedes Barsanulfo e o Padre Feliciano Yague. Nessas condições, não é de se espantar que esse debate público causasse enorme repercussão, embora não tenha expressado todos os pontos divergentes entre as duas correntes. Nem

mesmo possibilitou um aprofundamento do pensamento espírita de Eurípedes, mas podemos ver aí um bom exemplo do conflito em Sacramento e em Minas Gerais.

Os conflitos entre os católicos e os espíritas não foram resolvidos na região. A partir desse debate, os círculos católicos deram uma trégua à repressão imposta aos espíritas. Durante quatro anos, de 1913 a 1917, as coisas se acalmaram um pouco. Eurípedes continuou seu trabalho educativo e homeopático. A família já entendia melhor a sua conversão. Nesse período, o espiritismo se desenvolveu bastante na região.

Porém, em 1917, um médico católico residente em Uberaba, Dr. João Teixeira Álvares, em conjunto com o presidente do círculo católico de Uberaba escreveram duras críticas ao espiritismo e a Barsanulfo. Os confrontos voltaram à tona com mais vigor. Através de uma seção do jornal “*A Lavoura e Comércio*” iniciaram uma nova campanha contra o movimento espírita. O artigo intitulado “*A seita maldita*” do médico acusa os espíritas de praticarem sessões ilegais mediúnicas. Defendia a idéia de que a participação dos espíritas na sociedade deveria ser reprimida duramente pela polícia. De acordo com Álvares:

“Em sua sessão de 8 do corrente, o Supremo Tribunal Federal confirmou a sentença do Juiz Seccional do Estado do Rio, denegando ordem de habeas corpus a um espírita militante, que procurava garantir-se contra a polícia em suas sessões, na prática do Espiritismo. Por essa acertada decisão, acaba a mais alta corporação judicial da República de desferir um golpe mortal no Espiritismo e nos seus sectários e asseclas” (ÁLVARES, 1917:8)

Segundo ele, a prática mediúnica ia contra a Constituição Brasileira. Os adeptos do espiritismo não poderiam apelar para a garantida liberdade de culto das leis do país pois:

“O mais elevado tribunal brasileiro decidiu que essas práticas são ilegais e incidem na sanção dos artigos 156 e 157 do Código Penal as pessoas que se dão a essas práticas e ao uso do Espiritismo. Era bem necessária uma solução nesse sentido, pois o Espiritismo, como tantos outros crimes, tende a alastrar-se pelo Brasil, semelhante a vírus pestilento que se inocula pela nossa população menos culta, produzindo males que nem se pode enumerar. Obcecados pelas pseudo-doutrinas espíritas e as mais das vezes por motivos inconfessáveis, muitos prosélitos dessa demonolatria assentam suas bancas nos lugares mais públicos e aí estabelecem o seu comércio imoral e suas indecentes mistificações. Procuram desviar o povo dos seus sentimentos e práticas religiosas e, com o pretexto de remédios e curas miraculosas, vão embaindo as multidões e enganando os míseros incautos. Que a polícia tome nota da decisão do Supremo tribunal, fechando esses centros e escolas espíritas onde ao par

da imoralidade campeiam a loucura em todas as suas mais perigosas formas. Fechar esses antros de miséria, processando seus diretores e proprietários, será o maior e mais patriótico serviço que nos poderá prestar a polícia, cumprindo assim sua mais alta missão de zelar pela moral e pelos bons costumes. Esmaguemos com o peso da lei esses farinheiros e vendedores de pedra de cevar, proporcionando assim um alívio e uma verdadeira paz a toda família brasileira.” (ÁLVARES, 1917:8-9)

Assim como os outros católicos da região, João Teixeira Álvares fez forte oposição ao trabalho de Eurípedes Barsanulfo:

“Como se compreende que o Governo do Estado, no mais incrível dos descuidos, consinta que o Sr. Eurípedes Barsanulfo mantenha na vizinha cidade de Sacramento uma clínica espírita e um colégio espírita — a famosa escola Allan Kardec? As leis mineiras serão diferentes das que regem a decisão do Supremo Tribunal?” (ÁLVARES, 1917:9)

O médico sentia que a região estava ameaçada pelas idéias espíritas que afrontavam a teologia e a prática católica com teorias errôneas e temia que o espiritismo se popularizasse. Afirma:

“O nobre povo de Sacramento é talvez do Estado de Minas o que mais sofre com o Espiritismo. A cidade está invadida de tuberculosos, morféticos, loucos e outros doentes repugnantes, que vão se tratar com o Sr. Barsanulfo. Este reúne tais enfermos afetados de moléstias contagiosas no salão da Escola Allan Kardec, onde inúmeras crianças se reúnem também, com o risco de receberem, no organismo tenro, horripilantes afecções. E o nosso governo conhece tudo isto e permite semelhante anomalia. (...) essa escola é um antro diabólico no qual se atiram inocentes criancinhas inexperientes e indefesas(...)” (ÁLVARES, 1917:10)

Em nome dos princípios católicos, Álvares tomou a iniciativa de denunciar os espíritas as autoridades do Estado de Minas Gerais. Enviou os supostos fatos ao conhecimento do Presidente do Estado Delfim Moreira, pedindo a ele urgentes providências. Assim está relatado no jornal:

“Nós levamos esses fatos ao conhecimento do Sr. Delfim Moreira, Presidente do Estado, e pedimos a ele urgentes providências, fazendo-lhe a seguinte ponderação (...) Sr. Presidente, V. Exa., é responsável perante Deus pelo que se passa na cidade de Sacramento, onde um doido (...) dirige uma clínica e uma farmácia que não paga direito ao Estado e dirige um colégio, freqüentado por mais de 80 alunos de ambos os sexos! Faça cessar essas anomalias; afaste com sua mão protetora dos mineiros,

dezenas de crianças que se destinam aos manicômios, nessa idade florida em que o amor desabrocha como uma flor.” (ÁLVARES, 1917:10-1)

Segundo o artigo, Álvares ao fazer essas denúncias tinha sido um porta voz do povo católico ao apontar aqueles fatos gravíssimos. Eurípedes dessa vez não responde aos ataques. Entretanto, os espíritas de Sacramento e da região resolvem rebater as acusações. Até mesmo um jornal da cidade “*O Triângulo*” abre espaço para os espíritas refutarem o artigo publicado no jornal “*Lavoura e comércio*.” O redator do jornal João Modesto dos Santos, junto com os jornalistas Alceu de Souza Novaes, Robespierre de Melo Lafaiete e João Augusto Chaves abriam as portas do jornal para a defesa de Eurípedes e do Espiritismo.

Durante o ano de 1917 inúmeros protestos apaixonados em forma de artigos, cartas e abaixo-assinados em defesa de Eurípedes e do espiritismo foram escritos e veiculados. Respostas àqueles que acusaram Eurípedes não faltaram. Boa parte dos escritos apelavam para o argumento da liberdade de culto e de consciência existente na lei republicana. Esse material nos permite reconstituir as tendências e reivindicações dos espíritas nesse confronto com a Igreja. O *Jornal Triângulo* publicou boa parte desse material, expressando as aspirações de espíritas e mesmo de certos católicos que não concordavam com o modo como as lideranças católicas conduziam aquelas disputas. Todos os escritos demonstram protestos indignados com a força do catolicismo num regime laico como o republicano. Podemos encontrar numa das cartas de setembro de 1917 a seguinte argumentação:

“(...) o espiritismo é também uma religião. Considerando que é princípio constitucional que todos os indivíduos podem exercer publica e livremente o seu culto, tão somente condenáveis as práticas que ofendam a moral publica e as leis, não se admitindo perseguições por motivo de crença ou de função religiosa” (Autor desconhecido, 1917:2)

O discurso espírita expressava uma crítica às velhas práticas absolutistas, despóticas e autoritárias da Igreja que persistiam desde a época medieval. Uma carta de Jeronymo Gomide diz, defendendo o professor: “*as priscas eras da Idade Média! Que estes caifazes da nova espécie o meteriam numa prisão, como pretendem, mas o levariam para as fogueiras da ‘Santa Inquisição’, para maior Glória de Deus.*” (GOMIDE, 1917:2) Ou ainda em uma outra carta escrita por uma ex-aluna que coloca apenas as iniciais do seu nome A. M. Vê-se a mesma argumentação: “*Portanto, as ameaças que o Sr. Dr. lhe dirige, fazem-me recordar o tempo da Inquisição*” (A. M., 1917:1) O artigo do jornal “*O Triângulo*” endereçado as autoridades de Sacramento, do tabelião Jayme

Tavares Paes, traz uma reivindicação dos mesmos direitos dados aos seguidores de outros credos religiosos:

“Se ser espírita e ter mediunidade é cometer crime, criminosos são também os veneráveis das maçonarias, os sacerdotes católicos, os pastores protestantes; enfim todos os representantes de qualquer religião ou seita.” (PAES, 1917:8)

Os espíritas queriam impedir que os conflitos continuassem. Condenavam a intolerância religiosa e de idéias. Sugeriam também que a crítica do jornal de Uberaba era fruto de interesses pessoais, com o intuito de projeção, e do medo do clero de perder fiéis. A carta de 9 de novembro de 1917, de um aluno do colégio Allan Kardec chamado W. Rodrigues Citan, achava lamentável o ocorrido, pois para ele os acusadores queriam um lugar de destaque. Defendia, no entanto, a postura do professor Eurípedes Barsanulfo, exaltando seu trabalho e o seu caráter:

“(…) com a pretensão de atraírem a opinião pública para as idéias absurdas e descabidas, e portanto destituídas de importância, sem a providência das eventualidades. (...) Comentando os brilhantes artigos da lavra dos meus caros colegas, publicados no *Jornal Triângulo*, em defesa dos distinto cavalheiro professor Eurípedes Barsanulfo, do Espiritismo e do Colégio Allan Kardec, injuriosamente atacados pelo Dr. João Teixeira, nas colunas do *Lavoura e Comércio* de Uberaba.” (CITAN, 1917:3-4)

Considerando que a Igreja católica estava enfraquecida em suas bases, certos artigos publicados atacavam a infalibilidade do chefe da Igreja. O ex-aluno do colégio Allan Kardec, Antônio Pinto Vallada, criticava a Igreja pelos seus abusos e perseguições desnecessárias, por ficar sempre ao lado dos mais fortes e não aceitava sua infalibilidade no julgamento das coisas: “*A Igreja Católica desmorona-se pelas suas bases: tem como chefe um homem que se diz infalível, o que no entanto, é simplesmente rótulo.*” (VALLADA, 1917:6) Para os espíritas da região não havia sentido nas acusações ao jovem professor, pois ele como disse M. M. Teixeira de Carvalho: “*Não procura obrigar a ninguém a religião espírita*” (CARVALHO, 1917:2) Essa idéia aparece várias vezes nas cartas e nos artigos. O *Jornal Triângulo* atribuía o conflito à perseguição dos católicos e criticava o clero pela orientação conservadora que assumia.

As reivindicações feitas pelos espíritas, por vezes formuladas em termos religiosos, correspondiam às agitações ocorridas em Sacramento e na região por causa da conversão de Eurípedes Barsanulfo. Entretanto, o protesto e o apelo dos espíritas e mesmo de católicos surtiram

certo efeito. No início do ano de 1918 houve um movimento de setores do catolicismo e do espiritismo que pediam uma solução pacífica para aquelas questões. O clero ainda achava que a melhor saída era reprimir o espiritismo. As exigências espíritas de liberdade de culto e consciência encontravam eco e ganhavam muitos partidários. Da luta entre os espíritas e católicos resultaram vários acordos de tolerância como forma de se encontrar uma solução para o problema. Os acordos foram criticados tanto por grupos católicos como por espíritas pois ambos os lados haviam feito concessões. Isso marcou um começo de relações mais tolerantes na região, embora os conflitos nunca terminaram.

A essa altura, o desenvolvimento do espiritismo em Sacramento e arredores havia se fortalecido. O crescimento do espiritismo garantia uma posição com bases mais representativas. Durante esses anos de conflito, mesmo após a morte de Eurípedes em 1918, o movimento espírita foi tomando forma mais organizada na região. As disputas entre a Igreja e o espiritismo tornam possível avaliar o desenvolvimento do espiritismo no Brasil. Esse foi um embate importante que traduziu conflitos entre grupos brasileiros, de idéias e de posições sociais. Este é um capítulo da história do Brasil, citado pela historiografia. Há certas referências em pesquisas do período, mas ainda pouco explorado. Esse embate nos ajuda a entender a especificidade do espiritismo no Brasil durante a Primeira República.

Capítulo II

O vereador, o educador e seu tempo

1. A valorização da educação

A herança de Rivail e dos personagens importantes do movimento espírita do final do século XIX está presente no trabalho educacional de Eurípedes Barsanulfo. A atitude dos espíritas franceses, de militância em favor da educação, também se desenvolveu no Brasil, ao longo do século XX, tendo como ponto alto, justamente seu início, na primeira década, quando o educador mineiro atua como vereador na Comissão de Instrução Pública e funda o primeiro colégio espírita do Brasil, Colégio Allan Kardec, em 1907. A análise dos documentos nos permitiu constatar que Eurípedes não foi um teórico da educação, escreveu muito pouco sobre o assunto, mas um homem de ação. Participou diretamente na vida pública e na militância pela educação, criando, dirigindo, lecionando em escolas, entre os anos de 1900 e 1918.

É preciso lembrar aí das diferenças do movimento espírita brasileiro, que apresenta contradições analisadas por autores como Herculano Pires, Humberto Mariotti, Cleusa Beraldi Colombo e outros, para quem há dois entendimentos possíveis da proposta espírita: uma leitura mais conservadora e outra mais crítica: de um lado “...os mais religiosos que se apóiam somente na caridade assistencialista”, do outro, aqueles para quem “a caridade deve transcender o assistencialismo, para atuar nas estruturas sociais e na cultura.” (COLOMBO, 1998:114).

O traço distintivo da proposta de Eurípedes, deve-se ao fato de “*estar mais enraizada na tradição francesa, aquela mesma do século de Kardec, em que espíritas militavam socialmente, em sintonia com as doutrinas mais progressistas da época.*” (INCONTRI, 2003:5) Os educadores inseridos nessa corrente mais crítica é que desenvolveram trabalhos alternativos no campo educacional¹. Mas como diz Incontri:

¹ Entre as propostas e posições de vanguarda em termos educacionais, podemos citar aquelas figuras que se entregaram com mais ardor à questão da educação e abordar traços comuns em suas experiências. Em geral defendem a escola gratuita, lutando quando necessário e possível pela escola pública. Nas décadas de 60 e 70, fizeram isso, quando dos intrincados debates entre os que defendiam uma escola pública, laica, obrigatória e gratuita e os que em nome da liberdade de ensino, queriam mais privilégios para as escolas particulares e confessionais. Herculano Pires, jornalista e professor, dirigindo a Associação Espírita de Defesa da Escola Pública, se opunha ao ensino religioso nas escolas públicas, “*Luta incessante contra o ensino religioso nas escolas, por constituir instrumento de coação das maiorias religiosas contra as minorias, o elemento de condicionamento das consciências, conseqüentemente, de deformação do ensino e da educação; luta incessante contra as discriminações raciais, de cor, ideológicas e religiosas, nos*

“É claro que a dialética não nos aconselha a enxergar os fatos de forma maniqueísta e as contradições fazem parte da natureza das coisas. Os assistencialistas também praticam educação. Às vezes não exatamente da maneira como gostariam os que estão mais à esquerda do movimento. Mas, às vezes, também se inspirando propriamente nestes. E estes, por outro lado, nem sempre conseguiram levar à práxis aquilo que idealizaram.” (INCONTRI, 2003:5)

Com o educador mineiro começa a se concretizar o ideal espírita, da crença no poder da educação, que está no centro da filosofia espírita. Essa valorização do papel da educação não é a mesma crença liberal de que a instituição escola seria agente transformador da sociedade. Para o espiritismo a essência da própria vida é pedagógica, a evolução do ser humano é um processo de educação². Convém esclarecermos a questão seguindo os passos de Dora Incontri(2004) que nos lembra que o espiritismo entende o devir humano como uma história de evolução, não como uma história de salvação. O homem está destinado a conquistar a perfeição, através do aprendizado de múltiplas vidas sucessivas. Na teoria espírita a humanidade está em processo educativo, aprendendo, através da ação livre no mundo, a crescer espiritualmente, a fazer desabrochar as

estabelecimentos de ensino públicos e particulares, com denúncia e ação judicial nos casos concretos.” (PIRES, 1962). O ensino proselitista não é aceito pela maior parte das escolas espíritas, que assumem uma postura de respeito às diferenças religiosas, na maioria das escolas espíritas não há aulas de espiritismo, como em outros colégios confessionais. Inclusive alguns desses colégios tinham aulas de religiões comparadas, como o do professor Ney Lobo em Curitiba. Basta lembrarmos que Kardec alertava para o fato do espiritismo manter o princípio de liberdade de consciência.

Anália Franco (1853-1919) foi outra militante espírita, contemporânea de Eurípedes. Ela também e até mais explicitamente que Eurípedes demonstrou seu engajamento social, começando sua obra por acolher e educar crianças negras, marginalizadas, quando da Lei do Ventre Livre e depois da Abolição. Sua militância pedagógica ecumênica, inter-racial, feminista e republicana foi analisada por vários autores. Esses fatos atestam o interesse de Anália pelas questões sociais e educacionais. Sua obra teve um alcance extraordinário, tendo fundado mais de 100 lares-escolas para dar abrigo, educação e profissionalização a crianças abandonadas, carentes e as mulheres marginalizadas, incluindo descendentes de escravos. Tizuko Kishimoto, fazendo um estudo sobre pré-escola em São Paulo, aponta Anália Franco como uma das iniciadores do Jardim da infância, se inspirando em Fröbel e Pestalozzi.

Quanto à pedagogia espírita, praticada por Anália de forma não-elitista e socialmente engajada, também foi continuada por um discípulo seu e de Eurípedes, Tomás Novelino, que manteve com uma Fundação o Educandário Pestalozzi, oferecendo lar-escola a cerca de 3000 alunos, durante 50 anos, na cidade de Franca (SP). Com os recursos de uma fábrica de sapatos, em Franca, cuja renda era toda destinada à manutenção das três escolas, inclusive para os filhos dos operários, essa experiência lembra a de Robert Owen, um industrial inglês, socialista e amigo de Pestalozzi, que pretendeu criar um sistema de instrução e de organização do trabalho, na intenção de dar a dignidade humana e cultura aos operários e seus filhos. O professor Ney Lobo, na mesma época de Herculano Pires, dirigiu uma experiência escolar, mantida pela Federação Espírita do Paraná, realizando com as crianças uma prática educacional muito interessante, criando uma cidade mirim em que as crianças elegiam seus prefeitos, interagiam na cidade de forma participativa, orientando a educação para a democracia.

² O espiritismo tem um caráter eminentemente pedagógico. Não podemos esquecer que o seu fundador, Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), depois Allan Kardec, foi um educador francês, seguidor da proposta de Pestalozzi, seu mestre.

virtudes e a sabedoria que serão suas, quando atingir o alvo evolutivo. Todos chegaremos a esse projeto de perfeição e felicidade, para o qual fomos destinados. (Como vimos no capítulo anterior).

A crença espírita no poder da educação não é mesma que a liberal ou a anarquista. Aliás fez parte das teorias de esquerda e de direita do final do século XIX e início do século XX uma valorização da educação. É claro que na prática essa valorização da educação pelos adeptos do espiritismo combinava com o ambiente Republicano e liberal brasileiro. E também se afinava com as vozes da esquerda brasileira que com as propostas anarquistas acreditavam na força da educação. No entanto, a proposta espírita não tinha os mesmos fundamentos filosóficos.

Já desde a segunda metade do século XIX, havia debates em torno da importância da educação, dos conteúdos pedagógicos e dos métodos de ensino. A escola deveria ser gratuita, laica e obrigatória, para possibilitar o acesso a todos. Em 1874, Almeida de Oliveira, membro do partido republicano, escreve uma obra destinada a detalhar como estava a educação pública no Brasil e quais as medidas para a sua melhoria. Fala da necessidade de uma nova organização da educação: *“Que se organize convenientemente o ensino e se lhe faça de boa dotação. Que ele seja dado em boas escolas e por bons mestres e bons métodos.”*(OLIVEIRA, 1874:64) Rui Barbosa, por exemplo, influenciado pelas discussões da época, empenhado num projeto de modernização do país, propõe um sistema nacional de educação, desde o jardim da infância até a universidade. E em seus pareceres, defende uma reestruturação completa do ensino, desde métodos até a construção de prédios. O Congresso da Instrução e A exposição Pedagógica – que afinal não houve – também podem ser outro exemplo das novas idéias educacionais que tomavam conta do Brasil, e que seriam realizados em 1883 no Rio de Janeiro. Os pareceres enviados ao Congresso demonstravam forte influência das idéias liberais e positivistas, com reivindicação de gratuidade, obrigatoriedade e liberdade de ensino. Ao mesmo tempo, apareceram propostas de reforma do ensino primário e secundário, mudanças nas perspectivas teórico-metodológicos da educação no país, a defesa da co-educação, da preparação da mulher para o magistério, a formação de escolas técnicas, agrícolas e industriais.

Na República, a educação brasileira recebeu uma grande contribuição dos anarquistas. O ideário do socialismo libertário chegou no Brasil com os imigrantes³. Ao iniciarem suas atividades

³ Com o fenômeno migratório, as idéias socialistas que aqui chegaram foram principalmente as de Bakunin, Kropotkin, do sindicalismo revolucionário e dos socialistas utópicos pois que era essa a forma preponderante das idéias socialistas, na época, em França, Portugal, Espanha e Itália. Nesses países, o socialismo libertário e utópico exerceu uma influência preponderante nos movimentos sociais tendo permanecido, em maior ou menor grau, até ao final da década de 30 do século XX. A literatura socialista anarquista ou utópica vinda do exterior (jornais e livros) ia

aqui se depararam com o problema do analfabetismo no interior no movimento operário. Os militantes anarquistas queriam que o povo tivesse cultura e informação para a construção de um novo futuro. Os anarquistas tanto na Europa como no Brasil se preocuparam com a criação de escolas e com a questão educacional⁴. Os grupos socialistas e anarquistas, difundiam suas idéias sobre a educação e a construção de uma vida melhor através de jornais e conferências. As primeiras escolas anarquistas surgiram no Rio Grande do Sul, em 1895. Mais tarde, por volta de 1912, como mostra Flávio Luizetto, as escolas anarquistas modernas chegaram a São Paulo, influenciadas pelo famoso educador espanhol Francisco Ferrer. O movimento de criação de escolas não ficou apenas em São Paulo, atingiu São Caetano, Campinas, Rio de Janeiro, Porto Alegre, entre outros lugares. A maioria delas sobreviveram pouco tempo porque sofreram violentas perseguições de governantes e de setores conservadores, A polícia chegou a fechar algumas delas. O funcionamento de outras foi proibido.

Já em Minas Gerais, a influência de idéias anarquistas e socialistas foi quase ausente, dada a menor incidência de imigrantes e maior predomínio da Igreja Católica, na formação do povo mineiro. Nas décadas que antecederam a República, é possível perceber que a educação fazia parte das preocupações das autoridades mineiras, colocando o esforço pela instrução pública e pela liberdade de ensino como uma atitude patriótica. Os relatórios lidos, entre os anos de 1850 e 1880, mostram o esforço feito, pelos dirigentes das províncias, em deixar claro que a nação só atingiria o progresso pela via da instrução do povo. A instrução era o alicerce da civilização futura, o elemento indispensável do desenvolvimento da indústria e a garantia dos direitos individuais. No relatório de setembro de 1880, se faz um balanço das ações feitas em favor da educação pelo governo da Província mineira em que se declara:

divulgando essas idéias no Brasil. Além da força do anarquismo, as idéias do socialismo utópico germinavam também já em algumas das principais cidades, com a chegada de franceses. Podemos citar entre eles, Louis Vauthier, Benoit-Jules Mure e Michel Derrion, que divulgaram do pensamento de Charles Fourier. Vauthier se instalou no Recife e o médico Benoit-Jules Mure percorria o Sul do Brasil procurando terras para instalar um falanstério, uma comunidade agrícola industrial, baseada nas idéias de Fourier. Projeto que expôs e divulgou em sucessivos artigos no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro. Conseguiu formar uma colônia em Santa Catarina. Depois do fracasso de suas experiências, o idealizador do Falanstério foi para o Rio de Janeiro, onde exerceu medicina e criou o primeiro instituto homeopático do Brasil. Não abandonou, contudo, suas idéias fundando com outros fourieristas brasileiros e franceses um dos primeiros jornais socialistas na América Latina: *O Socialista da Província do Rio de Janeiro*, em 1845. Muitos foram os socialistas utópicos no Brasil e as idéias do socialismo utópico tiveram boa influência muitas, mas os anarquistas tiveram muito mais representatividade junto à massa brasileira.

⁴ A valorização da educação também está no centro das preocupações anarquistas e dos socialistas utópicos. Basta lembrarmos as preocupações de Proudhon com a educação ou as experiências pedagógicas de Robert Owen em New Harmony, de Tolstoi em Iasnaia Poliana, de Francisco Ferrer com a escola moderna.

“A adoção de ideais e programas aceitos nos países mais adiantados, o escrupuloso cuidado em aplicá-los, tem incontestavelmente melhorado o ensino. Escuso dizer que em todas as épocas (...) foi este um objeto de especial atenção da parte dos administradores e desta assembléia; de modo que atualmente Minas não pede meças às outras províncias em matéria de educação popular.” (Relatório MG 3, 1880)

Como vimos no primeiro capítulo, as transformações nas idéias, nas estruturas econômicas, na cultura, na política brasileira afetaram também a educação. Nas duas primeiras décadas do século XX, vivemos o período de grande entusiasmo pela educação, como nos mostram os documentos e os pesquisadores. O ideal liberal de crença no poder do ensino como elemento transformador da sociedade e de que a escola é direito de todos pretendeu ser concretizado no período republicano. As mudanças educacionais e a necessidade de uma escola para todos era debatida pelos inovadores republicanos. Eles traçavam uma linha reformista de ação mediante a propagação da instrução popular. No discurso de liberais, republicanos, democratas, de lideranças que atuavam em todo o Brasil figurava a tese de que o futuro estaria garantido apenas pela educação. Apesar do entusiasmo, o quadro da educação nacional ainda era elitista, boa parte da população ainda estava fora das escolas, e era preciso assim ampliar o acesso à escolaridade para aumentar a população eleitoral do país, fazendo crescer assim os direitos políticos do povo.

Diferentes grupos se dedicaram em colocar a educação e a escola a serviço de novas forças que surgiam na sociedade, que de uma economia de natureza agrário-exportadora, caminhava para uma economia urbano-industrial. O desejo da nova classe ascendente era fazer da educação um dos instrumentos capazes de lhe garantir hegemonia sobre as classes dominadas. Sem dúvida, a educação foi um meio eficaz para isso. Para os burgueses, a educação escolar tinha funções sociais específicas, estrutura pedagógica própria, características metodológicas e curriculares adequadas aos seus interesses econômicos, políticos e ideológicos mais amplos. Isso porque, no novo estágio sócio-econômico do País, os problemas relacionados às necessidades de formação da mão-de-obra, a divisão social e técnica do trabalho e a aceleração do processo de urbanização tornam necessária a criação de um sistema comum de educação, capaz de atender às novas exigências no que se refere à formação do trabalhador e capaz de incorporar os novos grupos ao projeto das classes dominantes.

As vanguardas republicanas se preocupavam com as mudanças escolares por causa das transformações econômicas, sociais e culturais que vinham ocorrendo no Brasil e também por colocar a escola a serviço da nova proposta burguesa de existência humana e social. Essa preocupação pode ser percebida nas palavras de Carneiro Leão:

“Acredito que, nesta época de civilização de base científica, onde tudo se procura fazer pela cultura, a educação é a maior necessidade do Brasil. No nosso país precisamos de cultura, por toda parte, e para tudo: cultura física, higiênica, profissional, mental, moral, social, política e cívica. Quem diz educação, diz formação, diz organização, diz adaptação. Formar a nacionalidade do país, organizá-los e adaptá-los à hora do mundo são os fins da cultura que proclamo.” (apud CARDOSO, 1981:19)

As escolas públicas que vinham da monarquia, do mesmo modo que as instituições sociais do antigo regime, deveriam ser mudadas, porque estavam voltadas para outros fins. Políticos e educadores pronunciavam-se a respeito de uma completa revisão do sistema educacional brasileiro, com vistas não só à oferta de oportunidades escolares a toda a população do País, mas também à melhoria de sua qualidade. Em seu lugar deveriam ser criadas escolas que tivessem a altura do progresso e da modernidade das grandes nações do mundo.

A proposta burguesa de educação traduziu-se nas iniciativas de alfabetização do povo e do operário imigrante, uma vez que o analfabetismo era visto como a causa de todos os males da sociedade brasileira. Do ponto de vista didático-pedagógico, as novas tendências enfatizavam a necessidade de métodos ativos de educação, da co-educação, da liberdade para o aluno, de uma nova relação professor-aluno, de valorização da criança. Os educadores defendiam mudanças organizacionais e políticas, a democratização do ensino, a emancipação cultural das mulheres, educação científica para as elites e da escola primária para a massa, do ensino livre dos dogmas da Igreja.

Os socialistas libertários e utópicos também se preocupavam em criar uma nova educação. Segundo a concepção socialista, a educação deveria ser tratada como um problema político crucial, tratava-se de ocupar o lugar que o poder hegemônico da burguesia exercia nas escolas. O ensino deveria estar a serviço das verdadeiras necessidades humanas e sociais, ser científico e levar em consideração a razão natural e não a burguesa. Dentro dessa proposta, aparecem renovações significativas nos métodos de ensino: a co-educação dos sexos, a co-educação de ricos e pobres, a educação ativa, a liberdade na educação, a cooperação pedagógica, a ausência de prêmio e castigos, o fim dos exames e concursos, a importância do jogo no processo educativo, entre outras mudanças. Ainda no caso dos anarquistas, a educação deveria estar fora da mão do Estado e da Igreja.

Durante a Primeira República tanto anarquistas e socialistas como republicanos e liberais, além da crença no poder da educação, apresentaram a necessidade de reformulações pedagógicas e

didáticas, para formar-se um novo homem. Não adiantariam apenas escolas para todos, era necessária também uma nova proposta pedagógica.

Em Minas Gerais, no período republicano, seguindo o contexto geral, apareciam as temáticas de democracia e educação, de formação e civilidade, de modernização da escola, de formação do cidadão, de defesa da escola pública e obrigatória. No entanto, como vimos, essas idéias no Estado não receberam influências anarquistas ou socialistas, vertentes de pensamento que pouco se desenvolveram em Minas, mas foram filhas do republicanismo e liberalismo presentes no Estado. Em 1892, um jornal mineiro escreve sobre a instrução:

“Sendo um dos problemas mais importantes da sociedade atual a instrução pública, o mais poderoso e fecundo elemento do progresso, de sua resolução, devem se ocupar os eminentes estadistas, auxiliados por todos os brasileiros patriotas. Instruir é construir, diz Victor Hugo, e o nosso querido Brasil estando em reconstrução, é mister até um dever a todos nós contribuirmos com o nosso contingente para seu bem estar, cujo elemento eficaz e até necessário é a instrução pública, pois quanto mais instruído for um povo, mais invejável será sua existência. (...) A instrução é o agente mais poderoso das riquezas, moralidade, paz, harmonia, união, em resumo, o princípio gerador da felicidade social. (...) Para chegar ao conhecimento desta importante verdade, basta considerar o estado de prosperidade dos países em que a instrução se difunde por todas as camadas sociais.” (O MENSAGEIRO, 1892:1-2)

O jornal retrata o entusiasmo mineiro pela educação, nas primeiras décadas do republicanismo. Surgem no Estado de Minas Gerais vários decretos e idéias referentes às reformas da educação. O boletim “*Vida escolar*”, do grupo escolar de Lavras, dirigido por Firmino Costa, em 1907 traz a seguinte informação:

“A mensagem é a do Dr. João Pinheiro muito digno presidente do Estado; o relatório é do ilustre secretário do Interior, Dr. Carvalho Britto. Desses trabalhos, de grande interesse para o povo mineiro, sobressai que o ponto principal do programa do governo de Minas é a instrução — instrução primária e profissional. Inteiramente acordes com essa direção do governo, temos vivo prazer em lhe dirigir nossas congratulações. Não é isso mera cortesia. Nas circunstâncias atuais, ao governo do Estado urge tratar da inteligência do povo para fim de curar o atraso do mesmo povo. É o atraso que principalmente vai empobrecendo o povo mineiro, o qual, trabalhando sem saber trabalhar, dependendo mais esforço, relativamente produz menos, não pode aperfeiçoar o produto e estraga as fontes de riqueza. Como há de ele entrar em concorrência com os outros povos? Esse atraso ou ignorância, está o governo combatendo. Para consegui-lo já tem disposto alguns meios eficazes. Em primeiro lugar, ai se encontra a

reforma da instrução primária, reforma que já elevou a 96.827 os alunos matriculados nas 1.517 escolas existentes, matrícula máxima alcançada em Minas, superior em quase 34% à maior matrícula havida anteriormente, que foi 72.457. O ensino agrícola é outro meio eficaz, que começa a ser posto em prática pelo governo.” (COSTA, 1907:2)

Minas estava em sintonia com as concepções de uma educação que abrangesse a nação brasileira. Foi no período republicano, que nasceram as primeiras escolas urbanas em Minas. Mas nas três primeiras décadas da República, a expansão é a dos colégios particulares confessionais católicos.

Podemos dizer, dentro desse contexto, que a atuação educacional de Eurípedes, até certo ponto, convergiu com os ideais de educação que figuraram entre os progressistas do seu tempo, como as socialistas e os republicanos liberais.

No início de 1902, já vemos Eurípedes Barsanulfo atuando em Sacramento, lecionando no colégio *Liceu Sacramentano* entre os anos de 1902 e 1907, como vereador entre 1902 e 1910, na câmara municipal da cidade, membro da Comissão de Instrução pública e por fim como diretor e professor do Colégio Alan Kardec entre 1907 e 1918, ano de sua morte. Embora Eurípedes se colocasse como republicano e as suas decisões como vereador em muitos momentos demonstravam isso, não há nenhum documento que mostre qual partido representava na câmara municipal.

É em sua pena, aos 25 anos de idade, que vemos um forte entusiasmo pela educação. Na ata da câmara municipal de 17 de setembro de 1908, ele aponta a educação como uma de suas principais preocupações e escreve:

“Considerando a importância da educação e o grande amor que essa câmara tem dedicado à instrução, do que temos dado inúmeras provas, devemos continuar subvencionando, diversos colégios municipais, mantendo escolas rurais, auxiliando em quanto possível, o melhoramento da instrução do povo.” (ATA DA CÂMARA MUNICIPAL, 1908:58)

Não apenas por esse citação, mas na leitura de todas as atas do período de 1902 a 1910, vemos o vetor educacional nas idéias e ações de Eurípedes Barsanulfo. Alguns relatórios e vários pareceres são de sua autoria ou receberam seu endosso. Neles, Eurípedes aponta para a necessidade de uma educação do povo com qualidade, o sustento de escolas municipais primárias; a criação de grupos escolares; a melhoria dos salários dos professores, dos prédios, dos materiais e dos métodos; de cortar as verbas que os colégios católicos recebiam dos poderes públicos. Em sucessivos momentos, nos pareceres das atas e alguns relatórios, Eurípedes apresenta e desenvolve

essas idéias como soluções úteis e viáveis para a educação mineira e nacional. Para ele, a melhoria da educação passava por uma atitude corajosa de melhorar a qualidade escolar e colocar a escola a serviço de todos.

Em fevereiro de 1905, o jornal *Cidade do Sacramento*, fez notar através de suas páginas o esforço das medidas tomadas pela Câmara para melhorar a instrução:

“A Câmara Municipal não tem poupado esforços e sacrifícios em prol das crianças e da mocidade, procurando espalhar a instrução por todas as camadas sociais, considerada como base essencial, da qual possam provir a precisa prosperidade e grandeza de um povo. Louvamos essa grandiosa idéia, que prepara terreno fértil para a verdadeira prosperidade das diversas classes sociais, procurando difundir a instrução precisa e compatível com o desenvolvimento e com os rendimentos de que dispõe, de cuja receita municipal nota-se maior dispêndio aplicado em prol de instrução” (JORNAL CIDADE DO SACRAMENTO, 1905:1-2)

É preciso notar que dentro dessa concepção, Eurípedes queria que se utilizassem os recursos municipais para a construção de escolas primárias, proporcionando o ensino a todas as pessoas, principalmente aos pobres. Segundo ele, nas mudanças ocorridas na educação brasileira no transcorrer do século XIX e começo do XX, havia uma preocupação com a educação do povo apenas por interesses políticos. As autoridades políticas precisavam deixar de lado apenas o discurso em favor da educação popular para realmente disponibilizarem os recursos necessários para a sua expansão. A educação do povo precisava sair da teoria.

A aplicação de recursos destinados à educação, nesta época, era uma questão bastante debatida. Na primeira década do século XX, o Governo se preocupava com a irrisória cobertura do sistema de instrução pública, em torno de 5% da população em idade escolar, de acordo com as informações do próprio Estado⁵. Segundo Inácio (2002), a situação predominante na educação mineira era a do ensino privado católico. O caráter hegemônico da educação privada católica em Minas só foi revertido a partir dos anos 40. No entanto, podemos constatar nos relatórios do Estado mineiro, que os investimentos com a instrução primária não eram tão pequenos, mas ocorre que os resultados práticos não acompanhavam os investimentos financeiros. Vemos isso no relatório de 1903, que ressalta a importância do ensino primário:

⁵ Vale lembrar que em Minas Gerais ao longo do período estudado não havia bases estatísticas confiáveis, não sabemos se esses dados são precisos.

“Infelizmente não se podem considerar boas as condições do ensino primário, em nosso Estado sinto tanto mais constrangimento em confessar-vos esta verdade, geralmente reconhecida, quanto é lastimável o sacrifício enorme que faz o Estado, quase que em pura perda, com esse importante ramo do serviço público. Neste período transitório de escassez de recursos, é mister que as rendas públicas tenham aplicação profícua e compensadora, não devendo, pois, ser indiferente aos poderes públicos o dispêndio de 2.112:700\$000 com a instrução primária sem resultado apreciável, prejudicando o futuro do nosso Estado (...) Entretanto, não tem faltado solicitude ao congresso, como ao governo, em procurar atender as necessidade do ensino público.(...) O governo preocupa-se seriamente com esse assunto de tamanha relevância para o engrandecimento do nosso Estado e espera do patriotismo e esclarecido critério do Congresso providências capazes de melhorar as condições da instrução primária no Estado” (Relatório MG 3, 1903:29-30)

Em 1901, a cidade de Sacramento tinha 5 escolas católicas divididas entre educação secundárias e apenas uma escola pública municipal primária. Nesse sentido, Eurípedes consegue perceber as limitações do Estado e os problemas das propostas educacionais de muitos teóricos e políticos brasileiros do período. Nos primeiros anos de seu mandato como vereador da cidade de Sacramento, encaminhou um projeto para a construção de escolas municipais. O município deveria custear pelo menos mais três escolas municipais primárias e duas escolas de ensino secundário. Segundo Eurípedes, com isso seria possível um ensino laico e gratuito para todos que estivessem em idade escolar na cidade, sem necessidade de recorrer ao ensino católico. Vale observar que além da expansão da escola, ele reconhece a importância de uma mudança no modelo pedagógico das escolas para melhorar a sua precária qualidade.

Nas atas da cidade, vemos que o seu projeto enfrentou dificuldades para ser aprovado. Os vereadores integrantes da comissão de finanças criticaram Eurípedes pelo fato de sua proposta ser impraticável, o município não teria verbas para sustentar tal projeto. Depois dos debates, a Comissão de Finanças aprovou o projeto, mas pediu que primeiro fosse aprovada a planilha de arrecadação e gastos do município.⁶

Nas atas de 1908 aparece registrado na tabela de orçamentos municipais uma verba destinada à manutenção das escolas públicas municipais. A ata de 11 de Setembro que aprovou o orçamento municipal, diz:

⁶ É bom observar que, durante a minha pesquisa em Sacramento, não tive acesso a todas as atas do período em que Eurípedes foi vereador, os documentos do período de 1903 a 1906, constavam apenas uma pequena parte. Assim não pude verificar minuciosamente como esse projeto se desenrolou, ao que tudo indica ele se realizou, pois no final do mandato de Eurípedes em 1910, Sacramento tinha 4 escolas municipais primárias e duas escolas municipais de ensino secundário, mas não tenho conhecimento das formas como os vereadores lidaram com as dificuldades de implantação dessas escolas.

“A Câmara Municipal do Sacramento eleita pelo povo para o exercício de sua soberania decreta: Art. 1º A receita do Município do Sacramento para o exercício de 1908 é orçado em setenta e quatro contos de reis(...) Art. 2º Fica o agente executivo autorizado a despende no exercício de 1908 a importância de 74:000\$000 que é fixada a despesa Municipal distribuída pelos seguintes serviços: (...) Escolas públicas municipais = 3:600\$000.” (ATA DA CÂMARA MUNICIPAL, 1907:44)

No início do século XX, a cidade de Sacramento procurou criar escolas públicas municipais, nos moldes das escolas públicas isoladas, próprias do contexto mineiro. O processo de criação dessas escolas não era difícil, bastava que um político, um professor ou um grupo de moradores de determinada localidade solicitasse a criação de uma cadeira de instrução primária local e houvesse interesse e condições para que as autoridades estatais ou municipais providenciassem a cadeira⁷. No caso de Sacramento a criação de cadeiras parecia ser interesse do município e de seus cidadãos. Nos debates sempre aparecia o argumento da importância da instrução e o compromisso da República com a educação.

A manutenção da cadeira dependia da frequência dos alunos e da confiança da população no trabalho do professor. Em Sacramento o professor ficava responsável pela cadeira diante do município, que pagava o seu salário, destinava verba à manutenção da escola e quando possível a fiscalizava. De acordo com os documentos, verificamos que o município chegava a mesmo a construir as escolas ou pagar os aluguéis da propriedade escolar. Em Abril de 1908, é apresentado na câmara um abaixo assinado dos moradores de um bairro rural chamado Capim Branco solicitando a construção de uma casa para instrução municipal. Podemos ler no documento:

“Foi lido outro abaixo assinado de Capim Branco, pedindo construção de uma casa para a instrução municipal naquele lugar, foi dito pelo vereador Júlio da Silva que apresentassem do prédio que pretendem edificar, o que posto a votos foi unanimemente aprovado.” (ATA DA CAMARA MUNICIPAL, 1908:22-23)

O pedido da cadeira foi aprovado no mesmo ano, após a apresentação da planta e da quantidade de alunos que iriam frequentar a escola. Os vereadores responsáveis pela instrução pública emitiram um parecer, assinado por Eurípedes Barsanulfo, reconhecendo a necessidade da

⁷ A partir das mudanças nas leis educacionais em Minas Gerais no 1906, o procedimento exigido para se abrir uma escola isolada era que o solicitante deveria verificar o número suficiente de meninos e meninas (45 para a região urbana e 40 para o meio rural).

cadeira e a existência suficiente do número de crianças à sua criação. Além de criar as escolas e pagar os aluguéis, o município enviava material didático, uniformes e mobiliário ou reembolsava na maioria das vezes os professores, que compravam esses materiais. Em Abril de 1908, o professor municipal pede indenização à Câmara por ter comprado móveis para a escola. O reembolso foi aprovado pelos vereadores:

“Aristogiton França professor público municipal, pedindo indenização de 94\$000 que despendeu com mobílias para a escola da qual é professor; levando na petição o seguinte despacho: A despesa mencionada já foi autorizada pelo executivo; (...) o que posto a votos foi unanimemente aprovado.” (ATA DA CAMARA MUNICIPAL, 1908:19-20)

Mas nem sempre os pedidos eram atendidos, algumas vezes o professor pagava sozinho os gastos da sua escola. O inspetor escolar José Martins Borges endereça em setembro do mesmo ano, um pedido aos vereadores locais para que pagassem os uniformes dos alunos pobres. O assunto gerou polêmica entre os vereadores da câmara, pois Eurípedes queria que fossem verificadas as possibilidades financeiras para se atender ao pedido, os outros vereadores achavam que naquele momento seria impossível, pois havia outras prioridades mais urgentes. Assim aparece escrito no documento:

“Foi lido um requerimento do Inspetor escolar José Martins Borges solicitando um auxílio da quantia de 250\$000 – importância constante do pedido dos professores Américo de Campos Ferreira e Joaquim de Araújo Vas de Mello Junior afim de uniformizar os alunos pobres, o que posto a discussão e a votos, depois de haver alguma discussão sobre o assunto, não foi atendido por seis votos, contra o voto do vereador E. Barsanulfo.” (ATA DA CAMARA MUNICIPAL, 1908:51)

No caso de Sacramento, o Estado mineiro não ajudava na remuneração dos professores, não pagava o aluguel da propriedade e nem mesmo contribuía para suprir a necessidade de material didático e mobiliário das escolas. O próprio Município era quem se esforçava para viabilizar o local, remunerava os professores, cedia os móveis e o material didático para o funcionamento das escolas públicas. De vez em quando, o Estado enviava a Sacramento inspetores para averiguar o funcionamento das escolas.

Para Eurípedes não se deveria investir apenas em escolas públicas primárias, mas também considerava importante a subvenção de colégios secundários. Assim, em Sacramento, foram construídos dois colégios secundários públicos, embora poucas sejam as informações sobre esses

colégios, pois não temos a data do seu início, não sabemos quem eram seus professores, nem como funcionavam. Apenas sabemos que havia verbas destinadas a esses dois colégios, conforme aparece descrito nas atas do ano de 1908: “*Subvenção a um colégio secundário do sexo masculino nesta cidade = 1:500\$000, idem a um colégio secundário do sexo feminino = 1:500\$000*” (ATA DA CAMÂMARA MUNICIPAL, 1908:63). A destinação dessas verbas aparecem previstas para esses colégios até o ano de 1910.

Em termos de organização, as principais informações são sobre as escolas públicas primárias, não há referências de como eram organizados os colégios secundários. As escolas públicas primárias funcionavam com uma turma de alunos de idade bastante variada. Essas escolas foram visitadas em Outubro de 1909, pelo inspetor estadual de educação, que emite um relatório elogiando as condições em que elas funcionavam. O seu principal elogio foi destinado à escola de Aristogiton França que no seu entender deveria ser modelo para as outras escolas do município. A análise do inspetor técnico demonstra um certo conhecimento das modernas discussões e teorias pedagógicas que circulavam no Estado e no país. Diz ele:

“Encontrei matriculados 35 alunos, revelando todos notável aproveitamento. A escola é mantida pela Câmara Municipal de Sacramento e regida pelo inteligente e operoso professor Aristogiton França. A limpeza, a ordem e a disciplina que observei muito recomendaram o zeloso professor, pelo que aqui deixo consignados a ele os meus elogios. O novo programa do ensino está sendo fielmente executado nesta boa escola. Aqui deixo igualmente as minhas entusiásticas felicitações à Câmara Municipal de Sacramento pela benemerência a que fez jus com este precioso serviço prestado aos laboriosos e honrados habitantes desse belo e próspero bairro agrícola.” (ATA DA CAMÂMARA MUNICIPAL, 1908:124-125)

Na ocasião, Eurípedes disse se preocupar tanto com a expansão do ensino quanto com a sua qualidade. Segundo o vereador, essa idéia deveria inspirar todos os integrantes da Comissão de Instrução Pública de Sacramento. Ele considerava a qualidade das escolas fator importante à modernização da cidade e do Estado.

Mas apesar do relatório favorável à escola isolada, embora o inspetor não elogie tanto as outras escolas municipais de Sacramento, durante a Primeira República, muitos teóricos, políticos, inspetores brasileiros começavam a mostrar o problema das escolas isoladas, com um professor numa classe de variadas idades. Seguindo as pegadas dos pensadores europeus e norte-americanos que se debruçaram sobre a educação para buscar inovações, muitos brasileiros tiveram contato com

novas perspectivas pedagógicas visitando ou estudando em países estrangeiros. O tema dos grupos escolares com sua tendência educacional modernizadora passou a ocupar a pauta dos debates desse período. Os grupos escolares representavam instituições mais inovadoras em termos de educação primária, significando um rompimento definitivo com a escola tradicional e arcaica, herdeira do Império que era a escola isolada.

Boa parte dos documentos feitos pelos inspetores e pelos secretários do Estado nesse período manifestavam um estado bastante precário da instrução nas escolas isoladas. Os textos apontavam para a decadência do ensino público, sem prédios em condições higiênicas para o funcionamento das escolas. Nem sequer tinham mobílias e materiais adequados. Demonstravam professores mal preparados, não havia estímulos aos alunos e faltava uma boa inspeção nas escolas. Esses fatores eram apontados como consequência do estado decadente do ensino público. O secretário Delfim Moreira, analisando os relatórios dos inspetores em 1904 afirmava:

“Presentemente, as escolas se acham em sua grande maioria mal instaladas, em prédios acanhados, sem o necessário conforto, e nas quais não se podem observar regras de higiene escolar. Além disso, é por demais sensível a falta de mobília e do necessário material pedagógico.” (Relatório MG 3, 1904:22)

Em todo o país, principalmente em São Paulo e Minas Gerais, eram dirigidas críticas às escolas isoladas primárias. Para os republicanos, essa situação descrita pelo relatório de Delfim Moreira impedia a realização de uma educação de qualidade. Propostas de renovação estavam sendo trazidas para Minas Gerais desde 1902 pelo inspetor técnico do ensino, Estevam de Oliveira, um dos primeiros a disseminar a idéia do grupo escolar em Minas, depois de uma viagem sua ao Rio de Janeiro e São Paulo, quando fica maravilhado com a ordem, o civismo, a disciplina, a seriedade e a competência vista nas instituições de instrução primária de São Paulo. A partir de então, o inspetor mineiro faz duras críticas às escolas isoladas e passa a defender a construção de grupos escolares.

As transformações não eram sustentadas apenas por inspetores como Estevam de Oliveira, mas por políticos, teóricos e autoridades republicanas que queriam integrar o povo à nação e ao mercado de trabalho capitalista como vinha se organizando no Brasil e em Minas. O grupo escolar significava a mudança, o progresso, a racionalidade, na educação. As propostas de mudança da

educação estão contidas no relatório de 1903, o texto se configura como um verdadeiro remodelamento da Instrução Pública em Minas Gerais da época. Diz o relatório sobre a educação:

“Este problema precisa ser encarado pelas duas faces: formação do professorado e fundação de escolas, cada qual subordinada a um plano traçado sistematicamente, para ser executado de modo gradativo de maneira a poder-se ter segurança de que, dentro de certo período de tempo, estará operada a transformação do ensino. É impossível uma reforma radical bruscamente feita; mas também nada justifica a conservação indefinida do estado de desorganização a que atingiu esse serviço. Feita a reforma nos moldes de instituições congêneres, já aplicados com grandes êxitos em outros Estados, aproveitando-se os ensinamentos que os processos experimentados por outros nos ministram, teremos alicerçado a transformação futura do ensino. (...) O resultado ficará dependendo da firmeza na sua execução. Haja vista o Estado de São Paulo, digno de imitação, que vai conseguindo admirável progresso em matéria de ensino. Parece que não deixará de ser proveitosa a reforma que se inspirar nas seguintes linhas gerais: Remodelar o ensino normal no Estado, concentrando-o numa escola-modelo na Capital; Abolir a faculdade de equiparação dos institutos particulares aos oficiais pela concessão de regalias de que estes gozam; Instituir o ensino agrupado nos centros populosos, transformando as atuais escolas em grupos escolares; Suprimir cadeiras injustificáveis em cidades e vilas pouco populosas, devendo-se contar com a iniciativa particular auxiliando a ação do Estado; Remodelar as disciplinas elementares, tornando-as mais educativas, incluindo-se no programa noções de agricultura e comércio, assim como método de ensino, distribuindo convenientemente as matérias. Melhorar os vencimentos dos professores normalistas nomeados de acordo com a reforma; (...)”(Relatório MG 3, 1903:30-31)

Os relatórios de 1904 e 1905 insistem nas reformas escolares e da educação no Estado. O governo mineiro deveria fornecer prédios com as condições necessárias de higiene, mobiliária escolar conveniente e estabelecer a obrigatoriedade do ensino, estruturando ao mesmo tempo mecanismos de fiscalização mais eficientes. O ensino seria ministrado gradativamente, começando com programas simples, passando depois a programa complexos, acompanhando o desenvolvimento do aluno. Aconselhava a organização escolar em grupos, onde se mostraria a utilidade prática e real do conhecimento. A educação profissional fazia parte das mudanças, o aluno aprenderia um ofício. As escolas seriam transferidas e concentradas em grandes centros de maior atividade intelectual. O professor precisava ser bem formado para estar à altura das mudanças.

As elites mineiras viam nas renovações do sistema de educação primária e numa política de instrução uma importante estruturação dos seus projetos de homogeneização da cultura, visando controle sobre as classes desfavorecidas e trabalhadoras. Nesse sentido, os grupos dominantes

pretendiam reorganizar a escola para melhor atender aos seus interesses culturais, econômicos e políticos. Transformar a escola significava melhor organizar o ensino, suas metodologias e conteúdos; formar, controlar e fiscalizar; adequar os espaços e os tempos; repensar as relações com as crianças, famílias e com a cidade, afim de colocar a educação nos moldes da nova proposta das elites dominantes mineiras de existência humana e social.

Sem dúvida, nesses anos de início de século vemos realmente uma época de insistente busca por mudanças no campo da educação em Minas Gerais. As lideranças do Estado com seu impulso reformista não se conformavam com a insuficiência das escolas primárias. O crescente movimento em defesa de medidas remodeladoras dependiam apenas de recursos orçamentários para sair do papel, pois o plano para melhoria do ensino mineira já estava traçado: formação de professor e formação de escolas. Com essas duas medidas a transformação do ensino mineiro estaria realizada. As reivindicações foram atendidas com a aprovação do decreto nº 1960, de 16 de Dezembro de 1906, que determinou uma ampla reforma na educação mineira. De grande importância para analisarmos a educação em Minas Gerais no período uma breve análise desse decreto que “*aprova o regulamento da instrução primária e normal do Estado*”, assinado por João Pinheiro. O decreto regula o ensino fundamental privado e público e o ensino normal, abrangendo questões pedagógicas, políticas, disciplinares e dos recursos humanos, ditando direitos e deveres dos profissionais ligados à educação. Logo nos primeiros artigos aparecem os ecos das discussões pedagógicas da época, referendo-se à educação integral, ao método intuitivo e à escola ativa:

“Art. 1º O ensino deverá ter sempre em vista promover a educação intelectual, moral e física, e será primário, normal e profissional.

Art. 2º O ensino deverá seguir com rigor o método intuitivo e prático e terá por base o sistema simultâneo.

Art. 3º A educação moral não terá em caso algum o caráter de um curso teórico e filosófico, mas será comunicada de forma experimental e simples, devendo ser naturalmente respirada na atmosfera da escola.

Art. 4º A educação física será realizada não só por meio da ginástica e exercícios espontâneos, como principalmente por meio dos trabalhos manuais.” (Decreto n. 1960, 1906)

As alterações atingiriam os métodos de ensino, o currículo, a disciplina escolar e a fiscalização do ensino. O governo teria o compromisso de cuidar de casas escolares apropriadas e do mobiliário para o bom funcionamento das escolas. Nesse texto há clara ressonância de idéias rousseauianas e pestalozzianas: “*a verdadeira educação consiste menos em preceitos do que em exercícios. Começamos a nos instruir, começando a viver.*” (ROUSSEAU, 1967: 340). E ainda: “A

educação moral não deve ser trazida de fora para dentro da criança, mas deve ser uma consequência natural de uma vivência moral.” (PESTALOZZI, 1980:15). Isso tudo indica desenvolvimento ativo da autonomia moral, valorização do educador como sujeito de sua educação.

Mas a contradição logo aparece, tanto no plano político, quanto pedagógico. Neste último, temos dentro do próprio decreto, uma série de prescrições disciplinares, com todo o tradicional sistema de recompensas e punições, que configuram uma escola autoritária e passiva. Por exemplo, entre os deveres de que os professores estão incumbidos, está o de “manter o silêncio”. (Art. 72). No Decreto n.1969, datado de 3 de janeiro de 1907, que é o *Regimento interno dos grupos escolares e escolas isoladas do Estado de Minas Gerais*, as especificações da disciplina tradicional (aliás, cem anos depois, ainda vigente nas escolas) aparece com mais precisão: advertências em particular e em público, privação de recreio, suspensão e expulsão.

No mesmo ano são criados os primeiros grupos escolares no Estado na cidade de Belo Horizonte. Segundo as estatísticas do Governo, dois anos depois da reforma, funcionavam no Estado 32 grupos escolares com mais de 10.000 alunos matriculados. O relatório do mesmo ano mostra que o governo trabalhava para ampliar esse número, pois preparava muitos outros prédios doados de particulares ou dos municípios para a criação dos grupos escolares. Sacramento não ficou fora das discussões dos grupos escolares e dessas reformulações no campo educacional. A criação de um grupo escolar era defendida pela Comissão de Instrução da cidade de Sacramento, mas as atas da cidade não tratam esse tema com grande atenção.

Para Eurípedes, pelo menos até onde foi possível verificar, o grupo escolar significava por um lado o fortalecimento da instrução pública e por outro uma qualidade maior para o sistema educacional. Tinha a preocupação de levar ao povo de Sacramento aquilo que existia de melhor em termos educacionais. O que ele menos queria era o crescimento das escolas católicas, nesse caso o grupo escolar seria uma boa possibilidade de enfraquecer a educação católica. Entretanto, não estava nos seus planos acabar com as escolas isoladas, como queriam governantes da época. Em 1907, afirmava o relatório: “*O regime de Grupos escolares deve ser generalizado de modo que a escola isolada seja uma exceção condenada a desaparecer. (...)*” (Relatório, 1907:33) Na sua opinião, o mais importante não estava na tentativa de determinados intelectuais mostrarem as vantagens do grupo escolar em relação às escolas isoladas. O esforço principal deveria ir em outra direção: o da expansão da escola pública de boa qualidade, seja ela isolada ou agrupada.

Num documento assinado por Eurípedes Barsanulfo, C. Oliveira e Júlio da Silva, em 16 de Setembro de 1908, vemos uma defesa feita por esses vereadores por um grupo escolar em

Sacramento. Nesse documento, traça-se inclusive uma argumentação, mostrando a necessidade do fortalecimento e crescimento da instrução pública, laica e gratuita. No texto, os autores reclamam das dificuldades encontradas para atrair investimentos estaduais para Sacramento quando se tratava da construção do grupo escolar estadual. Diz o relatório:

“A impossibilidade que mais se avoluma quando encaramos a carência que tem esta edilidade de procurar afluírem determinadas verbas que se consagram a instrução pública a uma que tenha por escopo a edificação de prédio que nele possa funcionar o grupo escolar estadual, imitando assim o louvável e digno procedimento de suas vizinhas colegas – Uberaba, Araxá e Araguari” (ATA DA CÂMARA Municipal, 1908:53)

O assunto provocou discussão. Depois de um caloroso debate a Comissão de Finanças emitiu um parecer justificando que o município, sem a ajuda do Estado, não tinha condições para financiar a construção do grupo escolar. Em face da dificuldade, Eurípedes defendeu a idéia de que o ensino público podia ser difundido pela escola isolada. Três meses depois, o vereador M. Borges apresentou um projeto de lei para a construção de um prédio onde se pudesse instalar o grupo escolar. Embora Eurípedes tenha se posicionado a favor, não se mostrou muito envolvido com essa questão. Em janeiro de 1909, foi liberada a verba para a construção do prédio:

“Fica o agente executivo autorizado a despender a quantia de vinte e quatro contos de reis com a construção ou aquisição de um prédio destinado a um grupo escolar nesta cidade.” (ATA DA CÂMARA MUNICIPAL, 1909:95)

Ao consultar as atas posteriores ao ano de 1910 e os relatórios estaduais até o ano de 1918, não obtivemos informações que confirmasse a instalação do grupo escolar. As estatísticas apresentadas no relatório de 1918 apontam que já haviam sido criados 174 grupos escolares por todo território mineiro, mas nenhum deles na cidade de Eurípedes.

O apoio de Eurípedes à implantação do grupo estava dentro da sua iniciativa em defesa da expansão da escola pública, pois a educação tinha que sair das mãos da Igreja. Lutava por um espaço escolar que respeitasse a liberdade de consciência, e para isso, a hegemonia católica na educação precisaria ser quebrada. A ingerência da Igreja católica na educação formatava as mentes dos cidadãos para que vivessem no mundo segundo os seus princípios. Entretanto, o governo tutelando a educação poderia significar maior liberdade só até um certo ponto, pois considerava o

Estado muitas vezes autoritário e com a intenção de colocar a massa a seu serviço. Mas entre o controle da Igreja e do Estado preferia que a educação ficasse nas mãos do governo republicano.

Tanto em Sacramento quanto em outros municípios mineiros, a Igreja Católica monopolizava o ensino. Para Eurípedes, a expansão do ensino confessional católico significava um absurdo num Estado republicano. Defende claramente os ideais de liberdade de consciência e do pluralismo ideológico. Em seus poucos escritos denunciou os prejuízos da pedagogia católica e do seu ensino catequético. Mais do que qualquer outro vereador de Sacramento, promoveu críticas aos colégios católicos subvencionados pela Câmara municipal da cidade. Como vereador apresentou projetos para cortar as verbas municipais para colégios católicos particulares. Iniciou um debate na cidade sobre a separação da Igreja do Estado e a importância de impedir a interferência confessional na educação. Esse parece ser um dos seus principais objetivos: a separação da escola pública laica e gratuita da Igreja.

Mesmo depois do início da República, os colégios católicos em Sacramento continuavam tendo ligações com o município, que deveria ser laico. É evidente o apoio que eles recebiam das autoridades locais, de figuras dominantes na política, na economia e cultura da região, os quais apoiavam abertamente os trabalhos dos colégios católicos. Prestavam apoio à Igreja e educavam seus filhos nesses colégios. Eurípedes, indignado com a situação, travou várias polêmicas com essas elites locais. Na prática, não aceitava que o município continuasse subvencionando parte dos colégios católicos. Para ele, o Estado laico havia sido uma conquista republicana.

O conjunto de atas de Sacramento mostraram um Eurípedes empenhado nessa luta contra a educação confessional particular na cidade. Um exemplo disso são seus projetos de ampliação da instrução pública e de corte de verbas municipais para as escolas católicas. Além dos projetos, os seus pareceres na Comissão de Instrução pública são fontes para entendermos suas idéias. Num dos pareceres, assinados por ele em 1908, recusa o pedido de auxílio para compra de um prédio para o estabelecimento de um colégio católico na cidade, feito pela Diretora Marisa Germano da Cruz do *Colégio Sagrado Coração de Jesus*. O colégio já funcionava na cidade com uma casa alugada com o dinheiro municipal.

A Comissão de Instrução não apenas nega a verba para a construção do prédio como ainda pretendia cortar o uso do dinheiro municipal para o pagamento do aluguel do imóvel. O parecer da comissão justificativa a impossibilidade de se manter relações de aliança ou dependência com qualquer culto religioso, no Estado Republicano. Lê-se no texto assinado por Eurípedes:

“Não podendo manter relações de dependência ou aliança com cultos religiosos, quaisquer que sejam, quer o Governo da União, Estado ou município, em virtude do disposto no artigo setenta e dois parágrafos sétimo da lei básica, à câmara por isso é vedado conceber verbas que resultem na construção de casas para colégios e conventos. A comissão opina portanto para que se indefira tal requerimento, visto não poder a municipalidade ir de encontro às leis constituídas da federação.” (ATA DA CÂMARA MUNICIPAL, 1908:50)

Na ocasião, a Comissão de Finanças também recusou o pedido alegando que o uso de verbas municipais deveria ser apenas de uso público, concordando com o parecer da instrução. As idéias do parecer causaram a revolta de alguns vereadores. As atas mostram as fortes discussões em torno desse assunto. Os vereadores O. Tomim, M. Borges e T. Vieira discordavam do modo de pensar da Comissão de Instrução. Após longo debate, decidiu-se que a verba não seria destinada ao colégio católico. O plano dos três vereadores representantes das elites locais era de ampliação das verbas para os colégios católicos.

Dois meses mais tarde, os vereadores encaminharam novamente um pedido solicitando que a subvenção ao colégio *Sagrado Coração de Jesus* não fosse cortada pela Câmara, pois o colégio prestava importante serviço educacional para a cidade e para a população desfavorecida. A comissão de instrução retoma a mesma linha de argumentação. Segundo o relatório, os colégios sustentados pelo município ofereciam vagas suficientes para quase todos os alunos em idade escolar primária, os alunos desfavorecidos não precisavam do auxílio do colégio católico. Além disso, o método e o programa das escolas católicas não atendiam às necessidades educacionais: o ensino baseado na repetição de princípios distantes da realidade, não se ensinava a língua portuguesa diariamente, nem aritmética e geografia nacional. O ensino oferecido nessas escolas estava distante das necessidades dos alunos e do país. De acordo com o texto:

“Não existem alunos pobres carentes de estabelecimentos onde se iluminem pela luz do saber. O colégio ‘Sagrado Coração de Jesus’ não satisfazendo as obrigações que lhe impõem as leis municipais, como seja: manter ensino diário de língua portuguesa, aritmética, geografia nacional e outros deveres, a nenhuma subvenção municipal deve ter direito(...) Ensino público leigo é em virtude do art. 72 da constituição federal. Ora, estabelecimento de ensino religioso não deve receber subvenção oficial, a não ser transgredindo expressamente tal disposto o governo que subvencioná-los.” (ATA DA CÂMARA MUNICIPAL, 1908:55)

O documento endossado por Eurípedes não foi aceito em votação, os outros membros da câmara não aceitaram a argumentação, mas recomendaram que se arquivasse o pedido até que fosse votado o projeto de orçamento. A verba do colégio não foi cortada, os vereadores achavam uma injustiça, já que o colégio contribuía com a educação da cidade. As elites de Sacramento apoiavam os colégios católicos. Entre os anos de 1906 e 1910, Eurípedes esteve ligado a projetos de enfraquecimento da educação católica e de fortalecimento da instrução pública. Sempre justificava seu modo de proceder defendendo a idéia de que as verbas municipais deveriam ser destinadas ao ensino republicano leigo, gratuito e para todos. Assim justificou todas as suas iniciativas de cortar as relações entre o município e os colégios católicos. Pudemos constatar com a análise das atas da Câmara que Eurípedes em parte conseguiu criar as escolas públicas municipais primárias e secundárias, mas a idéia de cortar verbas dos colégios católicos para construir mais escolas municipais não foi conquistada. Os colégios católicos continuaram a receber subvenção do município.

Achava que o quadro da educação nacional ainda era elitista e a sociedade, apesar do discurso em contrário, não se interessava em universalizar a educação. Boa parte da população ainda estava fora das escolas, era preciso aumentar a população escolar, fazendo crescer assim a cultura e os direitos políticos do povo. Tratou também de promover e desenvolver mudanças pedagógicas e didáticas. Não adiantariam apenas escolas para todos, era necessária também uma nova proposta pedagógica. Por isso, defendeu a idéia de uma educação integral, com o desenvolvimento simultâneo dos aspectos morais, intelectuais e físicos. Posicionou-se a favor da educação ativa, do respeito às fases do desenvolvimento da criança, da abolição de castigos e recompensas, da valorização da infância, da formação de professores. Sendo assim, a voz de Eurípedes parece estar mais de acordo com as novas vozes pedagógicas que ganhavam eco na Brasil.

Há ainda um outro aspecto importante a ser ressaltado no seu pensamento, nas atas da Câmara aparecem críticas à estrutura social injusta e indicações de que é preciso transformar a sociedade, junto ao apelo constante à transformação do homem. Em várias outras passagens há críticas à riqueza de uns e à miséria de outros como questão de injustiça. Sobre a questão social em seu pensamento, conseguimos pouquíssima documentação, apenas breves apontamentos nas atas, em fragmentos de jornal e em cartas, no entanto, verificamos que para ele não bastava apenas mudar a educação para a elevação do povo, era preciso transformar a sociedade nas suas estruturas políticas, econômicas e culturais.

2. A ação pedagógica de Eurípedes

Com a proclamação da República em 1889, houve uma crença geral de que teríamos uma nação mais democrática e mais moderna, com independência cultural, mais igualdade social e progresso econômico. O quadro da educação herdado do Império era de defasagem e precariedade e as mudanças defendidas pelos republicanos pretendiam também alcançar a educação, pois via-se a necessidade de uma instrução pública nacional. No discurso republicano, as modificações na escola significavam uma ruptura entre o passado desastroso e o futuro promissor. Por isso, no início da República, tivemos várias propostas de reformas educacionais, o debate educacional ganhou um espaço social mais abrangente. Havia propostas de reformulação da escola, de transformação dos métodos de ensino, de um sistema nacional de ensino. A escola seria instrumento de participação política e ao mesmo tempo um símbolo da República⁸. A intenção de muitos educadores do período era promover as reformas educacionais e contribuir na formação de uma nova consciência educacional, divulgando as idéias inovadoras da educação e alertando para a importância da expansão da escola pública e garantindo o direito de educação a todos.

O processo de transformação educacional e de reconfiguração pedagógica na República foi, sem dúvida, marcado pelas motivações econômicas, políticas, sociais e culturais. As mudanças sócio-econômico-culturais que vinham ocorrendo no país colocavam a educação em destaque. Neste novo estágio capitalista, os problemas relacionados às necessidades de formação de mão-de-obra, da divisão social e técnica do trabalho e a aceleração de urbanização tornam necessária a criação de um sistema de educação comum, capaz de atender às novas exigências da formação da mão-de-obra e capaz de incorporar os novos grupos ao projeto das classes dominantes. Nesse caso, a educação possuía função e caráter estratégicos. Mostramos no item anterior que as elites queriam construir uma nova escola adequada às suas necessidades.

No entanto, esta tendência do período de valorização da educação e das reformas pedagógicas não são expressão apenas do projeto burguês das elites nacionais. Os movimentos de esquerda também queriam mudanças pedagógicas e uma escola inovadora. Os socialistas

⁸ A escola no período republicano foi de fato um dos signos das luzes da República brasileira, a grandiosidade e monumentalidade dos prédios escolares, construídos no período, demonstram que os pensadores da época achavam que a escola deveria fazer notar a República instaurada. Assim, os edifícios escolares eram bonitos, amplos e iluminados, abrigando novos materiais escolares, demonstrando mudanças que colocavam a educação brasileira e a República na rota dos povos mais adiantados. Ver REIS FILHO, 1995.

libertários⁹ não estavam preocupados apenas com a formação de sindicatos e associações, pretendiam criar escolas revolucionárias. Eram contra a expansão escolar feita pelo Estado, não aceitavam o ensino oficial cuja finalidade era inculcar nos educandos sentimentos e idéias que fortaleceriam as instituições burguesas. Os militantes libertários pensavam que os operários deveriam formar livremente a consciência dos seus filhos e para isso se preocupavam com a renovação da escola e dos seus métodos. No caso dos socialistas utópicos são poucas as informações que encontramos sobre a presença deles no Brasil, mas em suas experiências educacionais em nosso solo tiveram a mesma preocupação¹⁰.

Os textos e os documentos mostram que no Brasil republicano uma nova concepção de educação e novos métodos para se educar ocupavam um lugar importante nos discursos de movimentos tanto de direita quanto de esquerda. Nas primeiras décadas da República o país viveu um clima não só de inquietação social e política, mas de efervescência ideológica no campo educacional. Período marcado por mudanças, reivindicações operárias, manifestações feministas,

⁹ As escolas criadas pelos socialistas libertários ou anarquistas como as de Tolstói, de Ferrer, de Robin e de Faure foram experiências que queriam revolucionar a educação, rompendo com a escola arcaica, repressiva, a serviço dos interesses das classes dominantes. Nestas experiências aparecem idéias como a autogestão pedagógica, o afeto na educação, a educação integral, o fim dos castigos e recompensas, o fim da escola autoritária, o diálogo na relação professor-aluno, a formação politécnica, a educação moral e intelectual ativa, a educação concreta, os jogos educativos, educação adaptada à psicologia da criança, a co-educação de sexos... Ver a respeito o artigo de: LUIZETTO, Flávio. *O movimento anarquista em São Paulo: a experiência da escola moderna*. In: Revista educação e sociedade. São Paulo, Cedes, 1986. O livro do mesmo autor *Utopias Anarquistas*. São Paulo, Brasiliense, 1987 e o livro de GALLO, Silvio. *Educação Anarquista*. Piracicaba, Ed. Unimep, 1995. Ver também: INCONTRI, Dora. Tolstói e a anti-pedagogia: Uma proposta de Educação Libertária. In *Revista da Faculdade de Educação (USP)*. São Paulo: v.17, n.1/2, p.102 - 120, 1991.

¹⁰ O médico homeopata Benoit Mure, discípulo e divulgador das idéias do socialista francês Fourier, queria tirar o Brasil do seu atraso, criando uma colônia industrial no país. Nesse seu projeto, Mure alimentava a esperança de reconstruir o sistema educacional brasileiro, chegando a propor uma proposta curricular de ensino para o Brasil. O problema da educação havia se tornado uma questão relevante para os que queriam a emancipação do operariado. Nas obras do próprio Fourier há passagens em que abre uma discussão sobre o assunto, partindo da crítica aos métodos tradicionais de ensino praticados pelo mundo civilizado. O médico homeopata, inspirado em Fourier, criticava a centralização; o trabalho mecânico, embrutecedor e alienado; fazia a defesa do lazer, da atividade produtiva diversificada e prazerosa; reconhecia a diversidade e pluralidade dos indivíduos; defendia a associação livre dos indivíduos a partir de seus desejos; criticava a educação arcaica e defendia uma educação politécnica, popular, livre, integral, amorosa, cooperativa, visando à emancipação intelectual das massas. Na Inglaterra, o socialista Robert Dale Owen também teve uma experiência educacional marcante na sua trajetória e na sua obra *A pedagogia de New Lanark* demonstra isso. Recompensas e punições foram eliminadas, por serem processos injustos. Owen discordava de recompensar os favorecidos e castigar os desfavorecidos. Achava os métodos tradicionais perigosos e artificiais, pois estimulavam o orgulho e a dissimulação. O socialista inglês propôs uma transformação educacional: as crianças não fixavam por muito tempo a sua atenção num mesmo objeto; não impunha às crianças obrigações inúteis; deixava as crianças em liberdade e orientava para que elas pudessem construir uma auto-disciplina. O ensino visava à formação do ser humano, à felicidade e ao despertar da alma. Tratava-se de seguir o plano traçado pela natureza. As aulas deveriam ser ativas e concretas. O objetivo era criar seres racionais que tivessem de si mesmos e da sociedade um conhecimento teórico e prático. Ver a respeito RUSS, Jacqueline. *O socialismo utópico*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

anarquistas e socialistas, pressões da burguesia, foi também um momento de fértil desenvolvimento e estruturação de movimentos educacionais, que se multiplicaram nas direções mais variadas.

Para os educadores não era possível pensar em educação sem pensar numa transformação da escola e conseqüentemente em métodos inovadores para se educar. Os discursos teóricos e políticos do período não ressaltavam apenas a importância da expansão da educação, mas muitos afirmavam a necessidade de mudanças na qualidade do sistema de educação¹¹. Dizia Oliveira, um teórico republicano da época:

“Se, pois, a primeira condição do mestre é ser instruído ou saber o que ensina, a segunda é saber como ensina. Mas no saber ensinar é que está o método. Logo nenhum ensino pode prescindir de método. José Droz disse: *‘Quem inventa um bom método de ensino deve ser considerado um bem feitor da humanidade’* Não há nenhuma exageração nesse pensamento. Se o ensino é o melhor bem que o homem pode exercer, o método é o meio porque se exerce esse bem. Pode-se dizer mesmo que o método é a medida do ensino. Bom método, grande ensino. Mau método, pequeno ensino. Nenhum método, nenhum ensino” (OLIVEIRA, 1874, 310)

Dentro desse amplo contexto, Eurípedes Barsanulfo se preocupava tanto com a expansão do ensino quanto com a sua qualidade. Além da necessidade da ampliação do sistema escolar, interessava-se pela renovação dos métodos educacionais. As suas propostas tinham uma característica política e ao mesmo tempo um cunho didático-pedagógico. Nesse aspecto, enfatizava os dois problemas principais da educação nacional republicana: a qualidade e a quantidade. A experiência que iniciou em 1907 nos ajuda a entender melhor suas idéias. Nesse ano, ele criou em Sacramento o Colégio Allan Kardec. A notícia é encontrada num documento da cidade de

¹¹ Por isso, é preciso discutir melhor a tese de vários estudiosos brasileiros, aliás repetida de forma simplista em muitas teses, que afirmam que até os anos 20 no Brasil havia uma ênfase nos aspectos políticos da educação e somente a partir da década de 20 o foco passou a ser a organização técnica da escola. Para esses pesquisadores, houve uma mudança de perspectiva, o método se torna mais importante do que a expansão numérica da escola. Para muitos teóricos brasileiros a mudança com a preocupação da expansão escolar para a preocupação com a transformação do interior da escola foi fruto das influências do movimento escolanovista que chegavam ao Brasil. Segundo os teóricos brasileiros, a tendência na década de 20, o problema educacional é tratado sob o enfoque da qualidade, a educação sai do âmbito político da expansão e passa a ser considerada um assunto técnico. Para usar um termo comum, saímos do *entusiasmo pela educação* e passamos ao *otimismo pedagógico*. No entanto, os textos dos principais teóricos e os documentos mostraram que já desde os primeiros anos da República, antes da chegada do escolanovismo no Brasil, as duas tendências estavam presentes no contexto histórico: a da quantidade e a da qualidade do ensino. Aliás na boca de muitos teóricos da época e nos documentos que tive a oportunidade de ler, aparece a idéia de que as duas visões se complementavam. As mudanças escolares só seriam completas se a escola se expandisse e ao mesmo tempo transformasse a sua cultura e o seu método. As idéias de renovação do método e da concepção da escola no Brasil já vinham sendo discutida por muitos teóricos brasileiros, como Rui Barbosa. Já em 1883, no Congresso sobre a educação que deveria ter ocorrido no Rio de Janeiro, aparecem as discussões da expansão da escola e também da transformação da sua qualidade. Os pareceres do Congresso ressaltam a importância do método intuitivo e de transformar a escola nos moldes de Pestalozzi e Fröbel.

Sacramento datado de 1910, escrito por um ex-aluno: “*Em 31 de Janeiro de 1907, Eurípedes Barsanulfo fundou o Colégio Allan Kardec, o primeiro educandário Espírita do Brasil*” (Sem nome, 1910:1) A informação é confirmada por outra ex-aluna sua Corina Novelino, que se tornou mais tarde a principal biógrafa de Eurípedes Barsanulfo.

O colégio teve início somente depois de Eurípedes abandonar o propósito para a Medicina devido a uma doença da mãe, passando a se dedicar de corpo e alma ao trabalho pedagógico. Era um autodidata no assunto, pois não tinha uma formação especializada. Mas seu principal desejo era ter uma escola gratuita, acessível a toda a comunidade, com um modelo pedagógico ativo, rompendo com a idéia de um aluno passivo diante do conhecimento e submisso a uma disciplina rígida. Possuía a idéia de uma educação integral em que se desenvolvessem os aspectos físicos, intelectuais e morais, deixando a criança desabrochar gradualmente e em liberdade as suas capacidades, sem violentar sua natureza.

A perspectiva educacional de Eurípedes só pode ser esclarecida num estudo de sua proposta prática, ao analisarmos a sua principal experiência pedagógica. Isso porque, escreveu e teorizou pouco sobre educação e infelizmente a maior parte dos seus escritos se perdeu. Restaram apenas as Atas da Câmara com escritos seus sobre educação. As questões mais gerais assim como as particulares sobre o seu pensamento e o seu trabalho educacional são esclarecidas através de testemunhos dos alunos, dos relatos dos que conviveram com ele (alunos, familiares, amigos, adversários...), dos textos de jornais tanto da época como de escritos posteriores. Assim, através de sua experiência educacional, é possível conhecer aquilo que ele pensava e o que praticava.

Nesse período, os educadores e os pensadores brasileiros buscavam inspiração em educadores europeus como Rousseau¹², Basedow¹³, Pestalozzi¹⁴, Froebel¹⁵, embora a teoria e a proposta desses

¹² Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo e educador suíço, considerado o pai da pedagogia moderna. Até os 37 anos, Rousseau havia se dedicado à música e havia sido chamado pelos enciclopedistas para participar da Enciclopédia com um verbete sobre este tema. Mas, tendo uma visão súbita, no caminho de uma visita a Diderot, passou a escrever sobre moral, filosofia, sociedade e educação, tendo lançado conceitos revolucionários, que até hoje estão em pauta nas discussões pedagógicas e sociais. Entre suas obras mais significativas são “*Emílio*” (1762) e “*O Contrato Social*” (1762).

¹³ Johann Bernhard Basedow (1723-1790), foi um teólogo e educador, seguidor de algumas propostas de Rousseau, criador do instituto Philanthropinum de Dessau (Alemanha), instituto que foi criado em 1774 teve seu ápice até 1776, deixou de ser dirigido por Basedow em 1779 e deixou de existir em 1793. Para ele, os fins da educação era formar cidadãos e prepará-los para uma vida útil e feliz. Nesse processo a religião tinha papel importante na formação do ser humano. A escola deveria ser transformada, assim como os métodos de ensino. O conhecimento deveria dirigir-se à razão. O ensino que apelasse apenas para a memorização seria um erro, era necessário colocar os alunos em contato com as coisas. O estudo tinha que ser mais atraente, procurando acabar com o tédio e o excessivo cansaço dos alunos. Considerava importante a educação física e o exercício para o corpo. E queria substituir a disciplina do temor e dos castigos pela da estimulação e da recompensa. Criticou as concepções que considerava obsoletas da pedagogia alemã tradicional.

educadores não fossem aqui profundamente conhecidas. Mas invocava-se os nomes de educadores europeus como representantes de propostas educacionais que iriam transformar a educação¹⁶. O tratado de Rousseau sobre a educação o *Emílio*, ou os poucos trechos esparsos que se conhecia de Pestalozzi, eram vistos pelos teóricos brasileiros como uma fonte de inspiração. Assim como os pensadores europeus, os nossos teóricos pretendiam que a prioridade fosse a infância, como centro da reflexão educacional e não mais apenas a figura do professor, dono de todo o conhecimento. A educação deveria ser colocada em conformidade com as leis da natureza, tornando o ensino mais agradável. Nesse caso, o professor também não poderia deixar de proceder segundo as leis naturais, devagar, mas sem interrupção, impelindo o aluno para a atividade e para a ação, ou seja, desenvolvendo um processo de educação ativa. Buscava-se substituir o ensino verbalista, por um ensino mais concreto e realista, assim o conhecimento estava mais na realidade do que nos livros. As explicações verbais não tinham sentido, se não tivessem fundamento na experiência dos alunos. O desenvolvimento do aluno passava pela arte de observar as coisas. Os pensadores do período republicano defendiam a formação integral da criança nos aspectos físicos, morais e intelectuais. Para isso era imprescindível a abolição de castigos corporais e não ensinar coisa alguma enquanto a criança não estivesse preparada para compreender.

¹⁴ Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), educador suíço, discípulo e continuador de Rousseau, que, em parte, desenvolveu, em parte, superou algumas das idéias deste. Lançou os princípios da educação ativa, da educação integral, da educação popular e realçou a importância da afetividade na Educação.

¹⁵ Friedrich Froebel (1782-1852), foi o criador do jardim da infância (Kindergarten) que previa lugares bonitos, coloridos, com flores, arejados, salas amplas, para as crianças. Partia do pressuposto religioso de que a criança era feita à imagem de Deus e tirava dessa idéia a conclusão de que a criança era um ser ativo e criador, e assim deveria ser instigada à atividade, iniciativa pessoal e não apenas olhar e escutar, mas a agir e produzir. A formação do ser deve ser feita pela: religião (1ª disciplina), ciências naturais (observação da natureza e da iniciação ao método experimental, aos números, formas e dimensões), linguagem (ciência do homem, a vida como um todo). Para exercitar atividade lúdica: jogos educativos que desenvolvem as faculdades elementares, eles são repartidos em sete séries que Froebel chama de os sete dons oferecidos às crianças. Os seus métodos ficaram como base para as escolas maternais, pois exercitavam muito o trabalho manual.

¹⁶ É bom ressaltar que a proposta educacional de Rousseau a de Pestalozzi serviram de inspiração para escolas das mais diferentes tendências: escolas libertárias (Tolstoi e Proudhon); socialistas (Owen) e até as de tendência comunista (Makarenko). Há, por exemplo, uma obra, citada por Dora Incontri (1996), que faz uma comparação entre a experiência deste e a experiência de Pestalozzi na aldeia de Stans, onde cuidou de 80 crianças órfãs (SCHLEUNER, 1974). Aliás, as abordagens a respeito de Pestalozzi são inúmeras. Há análises marxistas, idealistas, até psicanalíticas. Como demonstra Incontri, Pestalozzi é um universo, com mais de 12 mil títulos de estudos, teses e ensaios sobre sua filosofia, sobre sua prática e influência. Um dos grandes intérpretes do seu pensamento na França atual, avisa, entretanto que: “É verdade que Pestalozzi permanece sendo um nome regularmente invocado, mas que um autor verdadeiramente lido, e ainda menos compreendido, e dificilmente tomado a sério como pensador. A figura do ‘bom pai dos pobres’, do ‘grande coração maternal’, do ‘filantropo cego’ continua a obstruir o acesso a uma obra que, entretanto, manifesta um vigor e uma atualidade de pensamento surpreendentes.” (SOËTARD, in PESTALOZZI, 1994:5) Quanto a Rousseau, as facetas e até os paradoxos de seu pensamento são mais amplamente conhecidos no Brasil e no mundo.

Tal pedagogia pretendia educar os alunos no sentido integral, desenvolvendo mãos, cabeça e coração, para usar a tríade pestalozziana. Nessa proposta, a educação passa a ser vista como a arte de ensinar e buscava-se o desabrochar das potencialidades do ser. Com isso, o ensino-aprendizagem deveria ser revolucionado. Nessa nova pedagogia, a escola deveria contemplar os meios ativos de educação e também atender às necessidades da vida e do trabalho. Os alunos deveriam ser educados para viver socialmente e trabalhar. Os professores deveriam ser capazes e estar dispostos a cumprir sua tarefa educativa, frente a essa nova perspectiva educacional e serem profissionais engajados em melhorar sua cultura pessoal e seus saberes profissionais.¹⁷ A *Revista de Educação* que circulava em São Paulo trazia as marcas dessa concepção pedagógica¹⁸.

Essas idéias baseadas nos grandes educadores, que chegavam ao Brasil, desenvolviam-se a todo vapor na Europa¹⁹. O novo modelo pedagógico ajudaria a mudar a face nacional, a exemplo dos países adiantados que tinham adotado os postulados de Pestalozzi. Em 1874, Almeida Oliveira, citando as vantagens a que os postulados e o método de Pestalozzi levaram a Suíça, a Alemanha, a Inglaterra, aos Estados Unidos, afirma incentivando a nação brasileira a adotá-los:

“O adiantamento, que a Suíça e a Germânia não tardaram a mostrar em matéria de educação era um forte incentivo para que as outras nações quisessem saber e experimentar os seus princípios e o seu método. A doutrina de Pestalozzi tornou-se, pois como que o eixo em torno do qual giravam todos os povos ávidos de reformar a sua educação.” (OLIVEIRA, 1874, 307)

¹⁷ A importância do trabalho no desenvolvimento pedagógico é reconhecida em diferentes correntes: socialistas, anarquistas e liberais valorizam igualmente a educação ativa, embora haja específicas interpretações de cada uma a respeito das relações sociais do trabalho.

¹⁸ Em São Paulo a *Revista de Educação*, uma publicação organizada pela diretoria geral da instrução pública do Estado de São Paulo, durante os anos de 1902 e 1918, ao serem consultadas apresentaram vários artigos tratando dos mais variados assuntos, entre eles: a educação intuitiva e ativa, as transformações escolares, as questões metodológicas, os problemas políticos, as propostas práticas, os relatos de experiências de professores, as abordagens legais, a expansão dos grupos escolares, as mudanças no mobiliário, a construção de prédios bonitos e bem estruturados, a importância de material didático, as mudanças de programas, a educação moral, a educação física, as experiências pedagógicas em outros países, as estatísticas da expansão dos grupos. Encontramos nessas revistas páginas e páginas com traduções de aforismos de Pestalozzi. Não encontrei nenhuma revista similar sobre educação nesse período em Minas Gerais. As revistas mineiras que tive a oportunidade de encontrar datam do final da década de 20.

¹⁹ Começa na Europa, no final do século XIX e começo do século XX, um movimento para se reorganizar a escola e Rousseau e Pestalozzi são os grandes inspiradores. Surgem escolas anarquistas e socialistas, o movimento da escola nova de cunho liberal de Ferrière, Kerschensteiner e Decroly. Em 1889, Ferrière funda em Genebra o Bureau Internacional das Escolas Novas. As escolas com essa perspectiva inovadora se multiplicam pelo mundo, na França, Bélgica, Estados Unidos, Itália, Alemanha, adotando as mais diferentes tendências renovadoras. Todas essas escolas assumiam características revolucionárias em termos metodológicos, mesmo com as diferenças de pressupostos filosóficos, políticos e diferentes concepções de ser humano.

Não é muito diferente a idéia do jornalista, político e educador paulista Rangel Pestana ao criticar a formação dos professores em 1882, pois enfatiza do mesmo modo a importância dos professores conhecerem bem a aplicação do método de Pestalozzi e Froebel. Já no período republicano, Caetano de Campos se refere a Pestalozzi como modelo das mudanças educacionais brasileiras. Diz Caetano de Campos numa carta escrita em 30 de março de 1890:

“Os da nossa geração tiveram a felicidade de vir depois de Pestalozzi. O que fez este sublime reformador do ensino, ajudado pelo mesmo vigoroso espírito, pela mesma luminosa clarividência, é obra tão grandiosa, que para dar-lhe a medida basta dizer que todas as nações cultas deixaram-se seduzir por ele.” (CAMPUS, apud REIS FILHO, 1995:65)

Apesar das muitas citações, o conhecimento de Pestalozzi²⁰ pelos educadores brasileiros era muito restrito, se resumia a citações de segunda mão e a alguns poucos aforismos²¹. Mesmo assim, as influências do seu pensamento e dos educadores europeus aparecem não apenas no Estado de São Paulo, como também no Estado de Minas Gerais, aliás atingindo muitos pontos da nação. No caso mineiro, os discursos, os textos e as práticas educacionais mais progressistas levavam a marca do projeto das elites. O jornal republicano *A Gazeta*, em 1904, comenta a respeito das reformas na educação no Estado de Minas Gerais:

²⁰ Em sua dissertação de mestrado, Dora Incontri nos esclarece que no Brasil as influências de Pestalozzi ocorreram de forma indireta. Nenhum de seus textos foi traduzido de forma integral para o português, nenhum de seus discípulos diretos veio ao Brasil, nenhum intelectual ou escola se inspirou nas suas idéias com profundo conhecimento de suas propostas. Sem dúvida, no Brasil tivemos alguns defensores de Pestalozzi como Joaquim Meneses de Vieira o introdutor no nosso país do método de Froebel nas décadas de 1870 e 1880, defensor do método intuitivo. Outro divulgador de Pestalozzi no Brasil foi Joaquim Teixeira de Macedo (1823-1888), estudou na Universidade de Munique e trabalhou em Heidelberg. Portanto, sabia bem a língua alemã e teve a oportunidade de conhecer Pestalozzi no original. Mas, segundo Incontri, sua leitura de Pestalozzi era reduzida e pelas metades, não conheceu a fundo o pensamento do autor. Podemos lembrar ainda Rangel Pestana e Caetano de Campos que citavam Pestalozzi em inúmeros textos, mas que também só o conheciam por aforismos e citações indiretas. Segundo o especialista Michel Soëtard, houve um apropriação indébita do pensamento de Pestalozzi, numa identificação de suas propostas com a reforma de ensino do Estado prussiano. “*Há um persistente mal entendido entre o pedagogo suíço e a pedagogia alemã tal como ela tomará forma no Estado prussiano (...): Pestalozzi desconfia por instinto dos fabricantes de unidade*”. (SOËTARD, 1980: 137). Ora, no Brasil, o que tínhamos era essa visão – de que Pestalozzi tinha inspirado as reformas anglo-saxônicas e por isso esses países tão “adiantados” deveriam nos servir de modelo. Em todas essas afirmativas, porém, vemos mais entusiasmo exaltado, do que conhecimento real de teorias, história da educação e métodos de ensino.

²¹ Esses aforismos pertencem sobretudo ao seu primeiro livro *Crepúsculos de um Eremita* e outros são resumos muito superficiais – quase panfletários – de suas propostas do método. E, como avisa Dora Incontri: “*Conhecer Pestalozzi pelo método é conhecer a casca de seu pensamento, pois é concebê-lo apenas como uma práxis pedagógica, ignorando que ele está intimamente embasado numa filosofia da educação.*” (INCONTRI, 1996:15) Considerando-se que as obras completas deste autor somam 40 volumes, cada qual contendo vários títulos, pode-se constatar o quanto ele era (e ainda é) desconhecido no Brasil.

“...precisamos de uma reforma geral na educação, compreendendo todas as instâncias da instrução, incluídas a secundária e a superior, unificadas num sistema integral. (...) A habilitação do professor vale mais que os pomposos programas oficiais, que atualmente fazem o orgulho dos docentes e a ignorância dos meninos. Ensine-se a ler com inteligência, a pensar com critério, a proceder com moral, a viver com saúde, a falar com correção, a calcular com clareza, isto é, bons livros, bons conselhos, boa conduta, bom método, boa mobília escolar, bons quadros intuitivos, muita luz, muito ar, muito asseio. (...) Para ensinar esse pouco mesmo, as circunstâncias tornam indispensável que o governo ensine aos seus professores. A escola normal modelo impõe-se.” (A Gazeta, 1904:2)

Da mesma forma que existia a preocupação de expandir a escola, as elites trazem a idéia de que para transformar a educação mineira era preciso construir edifícios bem equipados e amplos, inovar o mobiliário, adquirir novos materiais didáticos e construir uma nova organização escolar, com a adoção do chamado “*método intuitivo*”²². Ao analisar os relatórios do governo mineiro entre os anos de 1903 e 1918, vemos essas reivindicações formuladas. Os relatórios correspondiam às transformações ocorridas em Minas Gerais desde o início da República, quando os teóricos republicanos pediam as reformas educacionais. Assim, em Minas o progresso republicano seria

²² O método intuitivo é adotado a partir da segunda metade do século XIX nas escolas européias, americanas e brasileiras. Mas essas formulações pedagógicas tiveram como matriz na teoria do conhecimento o empirismo de John Locke e Francis Bacon, no século XVII. O método intuitivo elaborado por N. A. Calkins, educador americano que teve grande repercussão no Brasil, com o seu manual didático *Primeira lições de coisas*, apresenta fortes traços do empirismo de Locke. No livro elaborado por Calkins ele dá primazia aos fatos, à ação, ao concreto, à observação, à experiência, à educação dos sentidos; o processo de compreensão é ascendente. Simplificando, são postulados que estão na teoria do conhecimento de Bacon e Locke, pois para ambos o conhecimento provém da ação e da experiência do ser humano no mundo. As idéias têm origem na experiência. Os sentidos tem papel importante nesse processo, pois eles nos colocam em contato com o mundo exterior, recebem as sensações que são impressas no intelecto e se constituem no material sobre o qual se dará a reflexão. O conhecimento nasce da relação entre o homem e o mundo. Dessa teoria, surgiram idéias pedagógicas. No caso de Pestalozzi, a questão é mais complexa, pois a sua pedagogia tem reflexos do empirismo e do idealismo alemão. A sua *Anschauung*, geralmente traduzida por intuição, mas por Dora Incontri, como *percepção*, tem um aspecto externo, portanto, de observação empírica, da educação concreta e ativa, da educação dos sentidos, do experimentalismo; e um aspecto interno, uma auto-percepção, que nos remete ao idealismo. Outra questão nos indica o idealismo de Pestalozzi: é a sua concepção dialética do desenvolvimento do indivíduo, da sociedade e da história, em seu famoso texto, “*Sim ou Não? Manifestação de um homem livre sobre o clima civil da humanidade européia nas classes superiores e inferiores*”, apresenta uma noção de movimento dialético. Antes mesmo do filósofo idealista alemão Fichte, seu amigo e conhecedor de sua obra. Esse texto serviu de base para Pestalozzi escrever a sua obra filosófica, *Minhas indagações*, considerada por Spranger em 1958, uma das obras mais difíceis do século XVIII. Nela, ele introduz uma visão de progresso histórico, de um devir com fortes cores dialéticas. É claro que é uma dialética à moda pestalozziana, sem se utilizar da palavra, uma vez que Pestalozzi era avesso aos termos técnicos da filosofia profissional. Mas apresenta a teoria dos três estados (natural, social e moral), tríade que indica um devir e um movimento dialético. Esse é o movimento pelo qual o ser humano, a sociedade e a história passam e que tem a finalidade da síntese. As contradições entre o estado natural e o estado social levam a uma superação positiva, a uma síntese, que é o estado moral. Entretanto, mesmo na Europa, quando se procurava aplicar o método intuitivo, seja no aspecto puramente empirista de Locke, quanto no mais complexo de Pestalozzi, todas essas sutilezas já tinham desaparecido na prática. Tudo havia se reduzido a uma “lição das coisas” livresca, por imagens, em que os alunos continuavam passivos. O reflexo disto no Brasil era ainda mais empobrecedor.

evidenciado por uma arquitetura escolar magnífica, como no caso dos grupos escolares de Belo Horizonte e por uma proposta pedagógica moderna. A partir de 1906, com a reforma no ensino mineiro, se inicia um forte processo de construção de uma nova de cultura escolar. A preocupação com o método e com as mudanças na escola são um dos eixos centrais dessa reforma. Em 1907, com esperança de uma nova educação, o relatório afirma: “A reforma teve de ser completa e total quanto aos métodos de ensino, a disciplina escolar e a fiscalização severa do serviço...” (Relatório MG 3, 1907) Podemos encontrar outro trecho interessante no relatório de 1915:

“A obra da educação não pode ser imutável e intangível, precisa evoluir com o tempo. (...) as luzes da experiência e o progresso da sociedade exigem certamente novos processos e novas leis de ensino, e o Estado de Minas deve estar sempre preparado para introduzir moldes novos no seu aparelho pedagógico.” (Relatório MG 3, 1915)

Em Minas Gerais tinha-se a idéia de que apenas essa modernidade escolar traria soluções para as dificuldades e os problemas enfrentados no cotidiano da escola. A diretora de um grupo escolar de Belo Horizonte, descreveu bem essa necessidade de mudança, quando escreveu em 1911:

“Também para que se torne uma realidade o ensino intuitivo pelos métodos modernos é indispensável material adequado a fim de que as mestras possam guiar as crianças na observação dos fatos e deles tirar os conhecimentos ao alcance de sua compreensão.” (Relatório MG 2, 1911)

Era comum encontrar profissionais ligados à educação, como teóricos, inspetores, diretores e professores defendendo essas mudanças. Todos estavam preocupados com as inovações educacionais vindas da Europa e da América. Convém observar que no início do século XX, para os teóricos e profissionais da educação em Minas e mesmo no Brasil, o “*método intuitivo*” significava uma oportunidade de mudança escolar e uma nova teoria da aprendizagem, baseado no pressuposto de que a atividade e a ação do aluno é a condição primeira para o seu aprendizado. A defesa e adoção dos métodos intuitivos teve desdobramentos no interior da escola. Num dos textos escritos pela diretora Maria Guilhermina L. Andrade, aparece expressa a idéia de que o “*método intuitivo*” significava um novo momento na educação escolar no Estado. Afirmava ela, em 1910:

“(...) é só por meio do ensino intuitivo ‘bem compreendido’ que se podem desenvolver as faculdades mentais do menino. E é esse desenvolvimento mental o fim verdadeiro da escola primária, e não como geralmente se

entende, dar conhecimentos que só podem ser obtidos pela experiência individual.” (Relatório MG 2, 1910)

A discussão sobre a modernização da educação foi o eixo do *2º Congresso Brasileiro de Instrução Primária e Secundária*, datado de 1912, e que tratou de ensino primário, secundário (normal e profissional). O congresso reuniu políticos, intelectuais, educadores de todo o país para debater questões importantes do cenário educacional Brasileiro. O presidente do Estado, Delfim Moreira e Secretário do Interior, Artur Bernardes participaram da organização do Congresso. Os participantes apresentaram diversas teses sobre a educação primária, secundária, profissional e normal. Vê-se que a principal preocupação é traçar estratégias para que a educação atingisse a população, junto com a idéia de construir um modelo de educação integral. As principais questões levantadas durante este 2º Congresso (o primeiro havia sido em São Paulo, 1911) foram²³:

²³ O 2º Congresso Brasileiro de Instrução Primária e Secundária contou com as figuras dos principais homens de Estado mineiro no período: O presidente do Estado: Delfim Moreira, Secretário do Interior: Artur Bernardes, Secretário de Finanças: José Gonçalves de Souza, Secretário de Agricultura: Cyntho Meireles, Prefeito da Capital: Américo Ferreira Lopes. Além desses nomes, fizeram parte do grupo organizador do congresso políticos e intelectuais: Leon Renault, Estevão Leite de Magalhães Pinto, Nelson de Senna, Cypriano de Carvalho, Rodolfo Jacob, Luiz Pessanha, os principais organizadores. Outros nomes participaram das sessões de organização do congresso, professores, políticos, intelectuais que contribuíram na organização do Congresso: Firmino Cardoso, representante do governo do Pará; José de Araújo Lima, representante do governo do Amazonas; José Rangel; Stockler de Lima, diretor da instrução pública de Santos; Nelson Batista; Artur Téré, relator geral das teses e representante do governo federal; João Carvahais de Paiva; Francisco Leutz de Araújo, professor; José Botelho Reis, professor; Juscelino Ribeiro, deputado; José Ferreira de Carvalho, inspetor de ensino; Antonio Gomes Horta, inspetor de ensino; Nelson de Lima, professor; José Felipe de Azevedo Coutinho, professor; Paulino de Oliveira e sua esposa Ana de Castro Ozório, Lourenço Batista Neves, professor; Juscelino da Fonseca Ribeiro, professor; Affonso Piquet, professor; Antonio Navarro, professor; Mathias Millema, professor; Miss Mamie A. Finley; Antonio Corrêa e Castro, professor; Dr. Antonio Aleizo, representando a escola de medicina; Major João Libano Soares, representando o Instituto de História e Geografia; Comendador Avelino Fernandes; Alexandrina de Santa Cecília; Maria das Neves Ferreira da Silva; Arthur Napoleão Pereira, inspetor regional de ensino; Benjamim Fernandes Lias e sua esposa Alice Lias, jornalistas; entre outros representantes sociais e de institutos literários e científicos.

Foram apresentadas outras teses em relação a educação feminina, ao ensino, a formação de professores, aos métodos: 1) É de aconselhar-se a inteira liberdade para os docentes de Língua e Ciência, na escolha de seus compêndios didáticos, sem nenhuma interferência da congregação dos respectivos institutos, salvo nas questões de distribuição dos materiais de cada curso e da harmonia dos trabalhos escolares?; 2) Quais os meios convenientes ao incremento da cultura literária e científica do professorado brasileiro? É oportuna, nesse sentido, a instituição de prêmios de viagem ao estrangeiro, para docentes que revelem mais capacidade didática e apresentem melhores resultados em ensino primário e secundário. 3) Qual o melhor método a seguir, no Brasil, quanto ao ensino das Línguas vivas estrangeiras? E destes as que mais interessam, à mocidade brasileira?; 4) Para a perfeita educação feminina, no Brasil, nos diferentes aspectos moral, intelectual, físico, profissional e social: quais os meios os meios de que se deve lançar mão atualmente? Nesse sentido não convém preconizar a fundação das Escolas maternas, das escolas de profissões domésticas, dos Institutos profissionais femininos?

Rodolfo Jacob apresentou as seguintes teses sobre o ensino primário para serem debatidas: 1) Como deve ser prestado o auxílio da União, na difusão do ensino primário no Brasil? Por uma simples subvenção, pela subvenção, pela manutenção de escolas próprias ou de instituições complementares ao ensino primário mantido pelo Estado? 2) Que instituições auxiliares da escola primária convém preconizar no Brasil? Como divulgar as caixas escolares, as caixas econômicas escolares, a neutralidade escolar, para melhor desenvolver a educação dos sentimentos de previdência ou solidariedade? 3) De que processos convém lançar mão para estimular no país a educação de adultos? Pela instituição

- 1) que remédios sociais podem ser apresentados como mais eficazes e prontos para dar-se um enérgico combate ao analfabetismo no Brasil?
- 2) que processos novos convém adotar para generalizar, no país, o ensino primário com caráter eminentemente prático e utilitário de modo a dar à infância brasileira um conjunto leve e sólido de princípios e noções fundamentais da vida?
- 3) Como conseguir o adestramento do professorado primário dos dois sexos, no Brasil, para com, êxito seguro, poder ele dar execução ao programa de ensino primário de acordo com a tese anterior?

dos cursos noturnos, de conferências, de bibliotecas particulares? 4) Que resultado tem dado no Brasil a co-educação do sexo no ensino primário normal? 5) Quais são os meios mais oportunos de estimular a freqüência escolar e a aplicação dos alunos nas escolas? 6) Em que bases deve se assentar a educação moral e cívica nas escolas primárias? 7) Que principais sentimentos devem ser inculcados à infância, tendo-se em vista as nossas condições sociais, costumes e temperamento? 8) Que meios devem ser empregados para associar a família na obra do ensino e da educação? 9) Quais são os meios mais adequados para estabelecer ensino agrícola nas escolas primárias, de acordo com as diversas zonas do país?

Cypriano de Carvalho apresentou outras teses sobre o ensino primário para serem discutidas: 1) Não contribuirá para levantar o ensino primário, a liberdade a gratuidade, condições aliás impostas pelas nossas constituições republicanas? 2) Não aproveitará largamente a instrução popular o melhoramento das nossas bibliotecas e museus, colocando-os ao alcance do cidadão?

Quanto ao ensino profissional levantou-se as seguintes teses: 1) É conveniente a instrução de trabalhos manuais no secundário? 2) Convém estender o ensino profissional agrícola, industrial e comercial, e o normal pelo aproveitamento do ensino geral ministrado nos estabelecimentos secundário, acrescentando somente, a título facultativo as disciplinas propriamente técnicas?

Referente ao Ensino Normal a discussão ficou em torno dessas teses: 1) Não deverá nas escolas Normais o ensino abranger apenas o que é indispensável sob duplo ponto de vista do método das doutrinas, para habilitar ao exercício do magistério primário? 2) Não deverá nas escolas normais o ensino comum aos dois sexos? 3) Não será a melhor solução ministrar esse ensino em separado, para cada sexo, realizado, porem por meio dos mesmos professores e no mesmo edifício? 4) Quanto ao ensino profissional propriamente dito, não convirá que o Governo se limite a subvencionar os estabelecimentos técnicos, criados por iniciativa particular e sujeitas então à fiscalização policial? 5) O ensino profissional não está por sua própria natureza ligado a prática efetiva dos diversos oficiais, sob a direção de especialistas competentes? 6) Os fins das escolas noturnas não são perfeitamente definidos e delimitados, e, portanto, não deverão elas manter uma organização simples e modestas, distintas das escolas profissionais propriamente ditas, que visam à produção material?

Estevão Pinto apresentou uma única tese para ser debatida, em relação ao ensino Normal: 1) A organização das escolas normais e seus programas devem ser diretamente subordinadas à organização e programas adotados do ensino primário?

Lúcio dos Santos, propôs uma: *“Reforma do ensino primário, tendo por base o catolicismo”*. O professor Antonio Navarro apresentou um trabalho sobre: *“o processo de ensino”*. O professor José do Patrocínio Pontes, propôs: *O ensino de Esperanto* e o professor Cyridião Buarque, representante do Estado de São Paulo propôs: *o ensino da língua espanhola*, por causa da importância da língua no momento de integração e confraternização sul-americana. O congresso teve conferências com o tema: *A arte e a literatura na educação infantil* proferida por Ana Cesário.

Os organizadores do Congresso tiveram como público alvo: os professores dos institutos públicos e particulares de ensino no país e de outras corporações científicas e literárias do país. Auxiliares do governo no departamento do ensino público, autoridades escolares, homens de letras, professores das escolas públicas e particulares. O congresso iria produzir documentos e material: regulamentos, informativos, teses, circulares. No fim foi proposto um 3º Congresso Brasileiro de Educação e Ensino no Capital da Bahia.

- 4) Convém que a União chame a si também o encargo de ministrar a instrução primária às crianças em qualquer parte do território nacional, não obstante o ensino instituído pelo Estado e pelas municipalidades?
- 5) Quais os “sports” (sic) ou exercícios físicos mais salutares e convenientes à educação física da infância, de acordo com as condições mesológicas do nosso país, e além da ginástica escolar, de uso generalizado no Brasil? (Atas do Congresso, 1912)

Também aparece no relato de uma outra diretora, quando afirma em 1916: *“Empreguei todos os meus esforços para que o ensino analítico intuitivo, de acordo com os princípios, métodos e processos da pedagogia moderna, fosse praticado por todas as professoras.”* (RELATÓRIOS Minas Gerais, 1916) Em resumo, os jornais, os relatórios oficiais e os textos educacionais do período, no Estado de Minas Gerais, revelam um repertório de convicções pedagógicas: a crença na eficácia dos processos de ensino intuitivo; concepções acerca da natureza infantil baseadas nos moldes de uma psicologia moderna; a aposta na pedagogia moderna como conjunto de saberes e de instrumentos metodológicos aptos a viabilizar a escola de qualidade para todos; a visão da escola como extensão do lar; o importante papel que a fiscalização adquire. Havia uma convicção de que a ação, a atividade e o exercício escolar deveria se configurar como a base do ensino. Dentro dessa proposta, a rotina escolar se modifica, passa a ter horários e disciplina rígida, o aprendizado se estabelece com novos programas e currículos, a escola e a sala de aula se reestruturam, aparece uma nova figura do professor, preocupa-se mais com a sua formação e os alunos adquirem um perfil.

Até certo ponto, Eurípedes foi na pequena cidade de Sacramento um representante dessas mudanças educacionais no cenário nacional e mineiro. Em Sacramento, se olharmos de perto os textos oficiais, encontramos essa questão sendo tratada. Nas Atas da Câmara, do período que vai de 1904 a 1918, ainda que de forma superficial, vemos o debate sobre as mudanças da escola e do seu método. Já os jornais de Sacramento discutiam as medidas que precisariam ser tomadas para melhorar a educação, mas não aprofundavam o debate.

No início de 1907, o Colégio Allan Kardec faz dele um educador conhecido por praticar uma educação diferente. Como observou Corina, se havia idéias renovadoras em marcha, multiplicando experiências pedagógicas em vários Estados, é possível extrair da sua proposta os elementos dessa mudança, mas sem a preocupação de encaixá-lo em qualquer movimento educacional. Segundo ela, com o colégio Allan Kardec tem início em Sacramento: *“(...) a maior inovação educacional, conhecida até então na cidade.”*(NOVELINO, 1997:110). Sobre as inovações de Eurípedes ela escreve na *Gazeta Sacramentana* da qual não foi possível identificar a data:

“O nome de Eurípedes está profundamente ligado à história educacional de Sacramento. (...) Eurípedes constituiu-se no seu meio, um inovador na arte científica de educar. Tornara-se prosélito sem se dar conta (...) de Pestalozzi e de outros luminares da pedagogia. Eurípedes entendeu tão profundamente o falso conceito de aprendizagem da escola tradicional, vigente em sua época, que criou junto às atividades intelectuais, o cultivo de outras aprendizagens, sobretudo da apreciativa ou emocional, formadora de atitudes afetivas e da motriz ou ativa às atitudes e hábitos de ação” (NOVELINO, s/d:1)

A partir do seu relato e de outros alunos, observamos que Eurípedes transformou o interior da escola. Partiu de um novo conceito de criança, redefiniu os conteúdos, modificou o papel do professor, instaurou novos processos de ensino-aprendizagem, novos tempos e espaços pedagógicos, ou seja, uma nova organização e cultura escolar estavam no centro da sua proposta educacional. Sem dúvida, isso significava uma mudança radical em Sacramento e uma proposta inovadora no Estado. Em algumas cartas de alunos datadas de 1907 a 1917, ficam evidentes as ações inovadoras e métodos ativos do Colégio Allan Kardec. Segundo os relatos, havia uma rejeição à escola que priorizava memorização dos conteúdos e rigidez em seus princípios. Eurípedes procurou construir uma escola mais adaptada às necessidades das crianças e mais realista. Surge de forma nítida a defesa de modernização da educação. Em 1917, Antonio Pinto Vallada, em uma carta, chama a atenção para a visão pedagógica inovadora de Eurípedes:

“Desde a primeira década do século, o colégio Allan Kardec já caracterizava seus processos de aprendizagem, estimulando, guiando, dirigindo, orientando o ensino, tal como preceituam os pedagogos modernos.” (VALLADA, 1917:1)

Feita a análise dos documentos, verificamos que por um lado Eurípedes estava influenciado pelas mudanças no cenário nacional e mineiro, inclusive é possível traçar semelhanças entre o colégio Allan Kardec e as convicções e prática do educador suíço Johann Heinrich Pestalozzi. Corina Novelino também percebe isso, quando afirma:

“A nova pedagógica, que aliás se tornava patente, sob muitos aspectos, em países Europeus, como Suíça e França, através da escola ativa de Pestalozzi, proporcionava a Sacramento, pela visão extraordinária de Eurípedes, o enriquecimento do contingente didático-pedagógico” (NOVELINO, 1997:116)

Por outro lado, vemos que sua experiência pedagógica guardou diferenças com as tendências educacionais da época. Entretanto, não há informações de como constrói a sua pedagogia, de quais pressupostos filosóficos retira sua concepção, pois não temos nenhum documento que nos permita traçar uma argumentação segura. Seria incorreto pensar que Eurípedes Barsanulfo somente tenha recebido influência dos grandes educadores como Rousseau, Pestalozzi ou de Froebel, que estavam representados palidamente nos discursos mineiros do período pela defesa intransigente do método intuitivo e na tentativa de criação de uma moderna pedagogia. Não há nenhum indício de que o educador de Sacramento tenha lido esses educadores. Os livros que faziam parte do seu acervo não evidenciam nenhuma leitura direta desses clássicos. Na análise de sua biblioteca não foram encontrados livros ou citações desses educadores.

Podemos esboçar algumas conclusões, não muito definitivas a respeito disso, a partir de sua própria ação pedagógica. Ao analisar detalhadamente o conjunto de documentos e de relatos sobre a experiência de Eurípedes, talvez seja mais lógico dizer que ela é marcadamente inspirada na cosmovisão espírita, assim ele constrói sua escola e sua concepção dedutivamente a partir desse sistema de pensamento, dos seus princípios e suas idéias. Estabelece uma relação entre a visão de ser humano, da concepção de mundo e da vida, da evolução, dos princípios morais do espiritismo e a estruturação e organização pedagógica e escolar. A influência que recebeu desses grandes educadores, foi por leituras indiretas de poucos livros pedagógicos, que faziam referências a eles, pela efervescência do seu contexto, mas sobretudo pelas mãos de Allan Kardec (Rivail), herdeiro direto de Pestalozzi. Allan Kardec, além de pretender que o espiritismo fosse ao mesmo tempo uma religião, uma ciência e uma filosofia²⁴ atribui-lhe um caráter pedagógico. Não só porque tenha sido educador na França, seguidor da proposta de Pestalozzi, mas porque o cerne da filosofia espírita é uma proposta de educação do espírito. (Como vimos no capítulo anterior) Eurípedes lê o espiritismo

²⁴ O espiritismo, segundo Allan Kardec, pretende ser ao mesmo tempo uma ciência, que demonstra através do estudo empírico dos fenômenos mediúnicos a existência dos espíritos e sua atuação sobre o mundo; uma filosofia, que propõe uma cosmovisão evolucionista e reencarnacionista; e uma religião, sem dogmas, rituais e sacerdócio organizado, que faz uma releitura do cristianismo e prega uma prática religiosa centrada na moral e na ligação direta do homem com Deus. Explica Dora Incontri: *“A revolução mais original que Kardec promoveu foi no conhecimento humano – ou seja, uma revolução gnoseológica. (...) Kardec propôs uma forma de conhecer integrada de todas as áreas; ele não quer o conflito entre ciência e religião, não quer a subjugação da filosofia, não quer a exclusão de nenhum instrumental possível que se debruce sobre o homem e o universo. No interesse da verdade, a ciência deve aceitar a contribuição das religiões, a religião deve aceitar o controle racional da ciência, todas as áreas necessitam da articulação filosófica e a filosofia não pode ser deixada apenas por sua própria conta, para não virar especulação desconectada dos fatos e das pessoas.”* (INCONTRI, 2004a:108,109)

com esses olhos e deduz da visão espírita princípios pedagógicos fundamentais para a sua proposta de educação²⁵.

A partir da análise de sua prática, vemos que o essencial na sua concepção era o reconhecimento da dimensão espiritual do ser humano e de que esse ser espiritual deveria ser encarado como ser reencarnado. O desenvolvimento do espírito imortal se dá tanto aqui, através da vivência no mundo (da ação, da práxis), da cultura adquirida e também da educação, como através das vidas sucessivas, do processo reencarnatório. Educar, portanto, além de desenvolver os aspectos físicos, intelectuais, culturais e morais dos seus educandos é contribuir para que ele recorde o que já aprendeu em vidas anteriores em todos os sentidos culturais e um processo de desabrochar o ser divino, de trazer à tona as potencialidades que estão em germes no espírito²⁶. Os postulados que aparecem na pedagogia do colégio Allan Kardec são fortes indícios de que partisse da concepção espírita de ser humano e de mundo para chegar à sua visão educacional.

No entanto, interessa-nos, aqui, explorar o modo como ele praticou essa pedagogia no Colégio Allan Kardec. Há relatos, cartas, testemunhos... suficientes para nos aprofundarmos nesse ponto. Em 1917, o jornal da cidade de Sacramento *O Pharol*, traz um artigo de um aluno do colégio Allan Kardec, que assina o texto pelas iniciais B.K.. Diz o artigo:

“Ninguém melhor do que eu pode fazer uma justa apreciação do que foi Eurípedes Barsanulfo, este belo exemplo de professor, de moralidade e de abnegação pelos alunos. Ele é para seus alunos mais do que um pai. Ensina de um modo diferente, em sua escola brincamos, corremos, dialogamos, agimos, passeamos, debatemos, estudamos(...) Muito ganhei

²⁵ Na verdade, Kardec como herdeiro do pensamento rousseauiano e pestalozziano, transfere para o espiritismo a essência pedagógica desses dois clássicos da educação, na medida em que o espiritismo entende o percurso da alma humana através do tempo, como um processo eminentemente educativo. Eurípedes extrai dessa seiva a sua visão e prática pedagógica. A pedagogia dele tinha em resumo três princípios fundamentais retirados do espiritismo: a liberdade, a ação e o amor. Esses princípios também se encontram na obra de outra educadora espírita, Anália Franco. Podemos encontrá-los nas obras de Rousseau e de Pestalozzi. Segundo o espiritismo, fomos lançados livres no universo, com o direito e o dever de construirmos a nós mesmos e cultivarmos as sementes de divindade que trazemos em nós; somos livres, para agir no mundo e é através da ação, que promovemos o nosso aprendizado, experimentando situações e vivências, em diversas vidas, até adquirirmos sabedoria e virtude; temos a capacidade de amar e somente esse amor incessante levam os seres humanos ao despertar da alma para a verdade, o bom e o belo. Ver a esse respeito o livro INCONTRI, Dora. *Pedagogia Espírita, um projeto brasileiro e suas raízes*. Bragança Paulista, Comenius, 2004.

²⁶ Na realidade, essa linha de raciocínio tem suas raízes históricas no Ocidente e vem se desenvolvendo desde a Grécia Antiga, como demonstrou Dora Incontri (INCONTRI, 2001). Conta Platão uma longa discussão de Sócrates com Cebes sobre a reencarnação: “— *Em verdade, Sócrates — tornou Cebes, é precisamente esse também o sentido daquele famoso argumento que tens o hábito de citar amiúde. Aprender, diz ele, não é senão recordar. Se esse argumento é de fato verdadeiro, não há dúvida que, numa época anterior, tenhamos aprendido aquilo que no presente recordamos. Ora, tal não poderia acontecer se nossa alma não existisse em algum lugar antes de assumir, pela geração, a forma humana. Por conseguinte, ainda por esta razão, é verossímil que a alma seja imortal.*” (PLATÃO, 1983:76)

recebendo os benefícios dos seus ensinamentos. A educação moral e intelectual eram pela ação e pelo clima familiar que tem a escola. A minha formação me permitiu encarar a vida de modo diferente, enfim uma completa mudança se operou em mim e sinto-me mais feliz. Bendigo mil vezes a hora feliz em que entrei para o colégio Allan Kardec, fonte de uma educação inovadora que tem ministrado uma renovada instrução a milhares de crianças e onde tenho passado as horas mais felizes de minha vida.” (O PHAROL, 1917:2-3)

Os jornais, as cartas, os relatos, as entrevistas mostram que Eurípedes propunha uma proposta pedagógica com respeito à liberdade e à individualidade da criança, que precisava agir para aprender, numa ação livre e acompanhada pelo amor dos educadores, empenhados em incentivar e cultivar o lado bom dos educandos, com atenção, diálogo, observação cuidadosa dos alunos. Essa educação deveria buscar o desenvolvimento da inteligência, do cultivo da vontade, da preparação do ser físico, intelectual e moral de forma equilibrada e para que essas faculdades se associassem harmoniosamente.

Segundo um outro aluno Bráulio Alves, no Colégio Allan Kardec, Eurípedes considerava os alunos como uma grande família e a escola como uma extensão do lar. Todos deveriam ser tratados com amor e em pé de igualdade. O seu relato mostra que os alunos no colégio Allan Kardec participavam ativamente de ações sociais, de trabalhos comunitários. Eurípedes sempre incentivava a participação comum e coletiva dos alunos em festas, passeios, ações sociais, que envolviam a solidariedade do grupo, no lugar da competição. Diz o ex-aluno:

“Eurípedes era um professor muito cuidadoso e afetuoso com os alunos e no colégio todos eram incentivados a praticar as boas ações. Lembro-me que Eurípedes planejava com os alunos visitas aos doentes, atividades de auxílio aos necessitados e das ações sociais. Recordo-me bem das nossas visitas aos doentes, das saídas para ajudar os mais pobres e das várias ações sociais que fazíamos. E no colégio nos ajudávamos mutuamente, procurávamos ter solidariedade. O colégio era muito bom, me tornei professor por causa da formação que recebi lá.” (BRAÚLIO, em entrevista, 2002)

Um dos pontos principais dessa proposta de Eurípedes, de acordo com Corina era o trabalho que os alunos dispensavam aos doentes. Diz a ex-aluna:

“Os alunos eram designados para a vigilância dos enfermos. Alternavam-se os discípulos no exercício de enfermeiros improvisados. De tal forma se habituaram àquela tarefa, que o fato ocorria-lhes à conta de rotineiro e natural ” (NOVELINO, 1997:116)

Na visão de Eurípedes, o cuidado dos doentes, as ações sociais, o clima familiar da escola contribuiriam para que os educandos aprendessem a moral na prática, fazendo o bem, e não por ouvir lindos sermões ou pelo processo de adestramento. A educação moral deveria ser menos teórica. No caso de Eurípedes ela resultava em primeiro lugar do seu exemplo de militância beneficente e do estímulo que ele dava para que todos fossem solidários. Mas havia também métodos adequados ao desenvolvimento intelectual. De acordo com Corina, Eurípedes:

“(...) era muito exigente na orientação dos alunos, embora ficasse comprovada na sua psicologia da aprendizagem a avançada estruturação do planejamento consciente e adequado, tendo em vista o alcance de melhores níveis de aproveitamento.” (NOVELINO, 1997:116)

Eurípedes estava convencido de que era preciso começar a educação a partir da infância, formar indivíduos com novas consciências e posturas éticas. De acordo com uma carta de 1915, da aluna Mariana de Campos Libânio, os alunos do Colégio Allan Kardec eram estimulados a serem curiosos e questionadores, aprendiam a pensar e indagar. Sabe-se que Eurípedes não queria que os alunos fossem adestrados e obedientes. A informação é confirmada por Corina num jornal: *“As atividades do colégio Allan Kardec estimulavam e atiçavam a curiosidade dos alunos. Eurípedes não queria alunos que obedecessem cegamente, mas que aprendessem a criticar, a questionar e a pensar.”* (NOVELINO, s/d:2)

Nesse processo, Eurípedes não abria mão da iniciativa do professor. Corina observa que a questão da relação professor-aluno constitui um dos fatores principais da sua escola. No relato de Maria Gonçalves e Orcalino P. de Almeida, o engajamento dos professores na escola era intenso, porém mais como amigos, do que donos do saber, a ser transmitido autoritariamente. Na escola, o professor tinha que respeitar a liberdade e espontaneidade das crianças, mas ele tinha um papel fundamental a desempenhar no processo educacional. De acordo com os próprios alunos, Eurípedes não era um educador autoritário e se importava com as suas condições, suas vontades e seus impulsos. Um texto escrito por um ex-aluno, datado de 1909, diz que:

“Eurípedes jamais impunha coisa alguma aos seus alunos. Sabia acolher as necessidades e vontades de todos na escola. Era um professor justo e bondoso. Quando fazíamos peraltice e bagunçávamos, conversava e ensinava. Recebia os alunos com o seu sorriso acolhedor. Eurípedes

merece o nosso amor. Como professor era um homem culto e dedicado. Era como um pai para os seus alunos.” (Ex-aluno, 1909:10)

Corina faz em seu livro uma descrição semelhante de Eurípedes como professor:

“(...) a extraordinária capacidade de devotamento, fizera de Eurípedes o mestre profundamente venerado por todos que o cercavam. Para as crianças tinha sempre um sorriso, um gesto bom de carinho ou uma palavra de alegria contagiante. Para os jovens era conselheiro comedido de todas as horas – às vezes alegre, outras tantas vezes grave e sério – mas sempre com aquele toque de jovialidade (...)” (NOVELINO, 1997:129)

As várias descrições de Eurípedes mostram-no como um mestre amigo, que dialogava com os alunos, afetivo, que sempre estimulava os alunos para que levassem questões e perguntas para serem esclarecidas, e ainda deixava os alunos escolherem o que queriam estudar. Era um educador consciente da liberdade dos alunos, mas tinha autoridade quando precisava e sistematizava o conhecimento das matérias e dos conteúdos.

Os depoimentos de vários ex-alunos mostram que no Colégio Allan Kardec funcionavam três cursos: o primário (elementar), o médio e o superior. Dentre os professores aparecem os nomes de: Waltersides Willon, Homilton Wilson, Wenceslau Rodrigues Cilan, Zeno Borges, Zoroastro Borges Orcalino de Oliveira e Maria Gonçalves. O ex-aluno Bráulio, assim descreve:

“(...) estudei três anos no colégio Allan Kardec que tinha naquele tempo, três cursos: primário, médio e superior. Maria Gonçalves, Orcalino de Oliveira, Zenon, Zoroastro Borges, eram professores do primário, Waltersides Willon do curso médio e Eurípedes Barsanulfo lecionava no curso superior, no qual fiquei dois anos. Passei rapidamente pelos cursos primário e médio porque já havia estudado com meu irmão mais velho e professor Abílio Alves de Oliveira.” (BRÁULIO, em entrevista, 2002)

Corina, em sua análise, apresenta quais as matérias o aluno precisava aprender no colégio. Ela chama a atenção para o programa de estudos:

“Iniciava-se o curso elementar com a aprendizagem da leitura e das quatro operações fundamentais da aritmética. Quando o aluno já sabia ler – muitos deles aprendiam em poucas semanas – passava ao estudo das seguintes matérias: Aritmética prática e teórica, morfologia da Língua portuguesa, História do Brasil e Geografia do Brasil. A conclusão do programa estabelecido ensejava ao aluno – em qualquer época do ano – a frequência ao curso médio, que contava as seguintes disciplinas: Aritmética e Geometria, História do Brasil e Universal, Geografia geral,

noções de vida prática, Ciências naturais e Gramática portuguesa (morfologia e sintaxe). Critério idêntico de promoção efetuava-se com o médio. Eurípedes era professor do curso superior, cujo currículo incluía as matérias que se seguem: Português (sintaxe e literatura), Francês, Geometria, cosmografia e química (sem recursos de laboratório). Eurípedes lecionava Astronomia para todo o colégio.” (NOVELINO, 1997:116)

Pudemos observar que essas matérias eram de fato ensinadas, pela análise feita nos cadernos dos alunos e nos livros teóricos e didáticos usados por Eurípedes²⁷.

Eurípedes entendia que os alunos, ao passarem pela aprendizagem dessas matérias obteriam conhecimentos históricos importantes para o seu desenvolvimento cultural, para o seu desabrochar crítico e para a sua vida. Via os conteúdos como uma forma de desenvolvimento das capacidades humanas. Empregava os instrumentos metodológicos de que dispunha para possibilitar um desenvolvimento harmônico das crianças. Por isso, a inteligência não poderia se desenvolver através de atividades apenas mecânicas de conteúdo decorado pelos alunos passivamente, mas sim pelo uso ativo da racionalidade, o estudo da natureza, em investigações, discussões e conclusões e da reflexão crítica. Como educador, estimulava em seus alunos que soubessem sempre o porquê e o para quê de tudo²⁸. De acordo com Corina:

“Eurípedes era sumamente analítico e exigia, nos seus contatos com os alunos, sempre o porquê de tudo. Nunca, porém, deixava uma dúvida no cérebro dos educandos. Toda situação-problema era esmiuçada, examinada nos mínimos detalhes” (NOVELINO, 1997:113)

Os alunos produziam explicações, defendiam seus pontos de vista, seu conhecimento e suas observações, num trabalho sempre conjunto dos professores com os alunos. Então, para Eurípedes o papel do ensino era favorecer o desenvolvimento das faculdades da criança: física, intelectual,

²⁷ Ao pesquisarmos no material usado por Eurípedes Barsanulfo encontramos em suas anotações referências a dois manuais pedagógicos que ele estudava, um em português, outro em francês. Há referências sobre livros de Literatura, de Astronomia, de Matemática, de Química. Entre os livros encontrados no seu acervo que não foram perdidos está: *O guia médico* de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, editado em Paris no ano de 1908; *Estudo moderno de Botânica* de José Monteiro, editado no Rio de Janeiro no ano de 1909; *Noções de Geometria prática* de Olavo Freire, editado no Rio de Janeiro sem data; *Gramática Portuguesa* de João Ribeiro, editado no Rio de Janeiro no ano de 1909; *Théâtre Classique* de Bachequet, editado em Paris no ano de 1900; *História Geral e do Brasil* editado no Rio de Janeiro no ano de 1918; *Élisabeth aux cheveux d'or* de Emmeline Havmond, editado em Paris no ano de 1904; *Traité pratique D'arpentage* de A. Poussart, editado em Paris sem data. Encontramos esses livros em nossas pesquisas nos poucas livros que restam da biblioteca de Eurípedes, que era famosa em Sacramento pela quantidade de obras.

²⁸ Assim como propunha Rousseau em seu livro o Emílio: “(...) que ele (o aluno) saiba encontrar o para quê de tudo o que faz e o porquê de tudo que crê. Ainda mais uma vez, meu objetivo não é lhe dar a ciência, mas ensiná-lo a adquiri-la, quando necessário(...)” (ROUSSEAU, 1967).

moral e espiritual. O dever do educador consistia em levar ao desenvolvimento dessas capacidades, que encontramos em todos os seres humanos.

Eurípedes não admitia provas e exames como forma de classificação dos alunos e nem provas, prêmios e castigos pelo seu desempenho. Confirma Novelino: *“Era contrário, porém, à instituição do prêmio. Considerava a concorrência perigoso fator de íntimos descontentamentos e não raro de assinaladas injustiças”* (NOVELINO, 1997:132) Por outro lado, estimulava a prática dos alunos mais adiantados auxiliarem os menos adiantados e assumir a responsabilidade pelas ações realizadas. Sempre incentivava a participação comum e coletiva dos alunos em festas, passeios, ações sociais, que envolviam a solidariedade do grupo, no lugar da competição. Eurípedes considerava os alunos como uma grande família e a escola como uma extensão do lar. Para ele a educação não deveria criar seres pálidos, sem autonomia, sem individualidade, incapazes de pensar e agir, por si próprios. A educação não era adestramento, aliás criticava a escola que procurava domesticar, domar e adestrar. Corina conta que:

“Numa fase em que a palmatória era voz ativa, no ambiente escolar, dominando as mais difíceis situações mas, afastando mais e mais o aluno do professor, Eurípedes inaugurou a era do entendimento e diálogo. O aluno passou a ser respeitado nos valores naturais de que era portador em potencial, pois o mestre conhecia-lhe as faculdades racionais, percepções, idéias, hábitos e reações (...). Isto vinha estreitar o relacionamento entre o professor e os seus discípulos, criando entre eles laços de mútua confiança.” (NOVELINO, 1997:116)

De forma muito interessante e não menos inovadora, Eurípedes instituiu as classes mistas entre os sexos, contrariando os modelos pedagógicos vigentes que não permitiam meninos e meninas nas mesmas salas ou até mesmo na mesma escola. Segundo Hilsdorf²⁹, algumas escolas protestantes americanas trouxeram o sistema de classes mistas ao Brasil no século XIX. Na primeira década da República, em Minas Gerais as reformas promovidas no Governo de João Pinheiro da Silva, centenas de pequenos decretos organizavam a educação pública, tornando mistas as cadeiras femininas; femininas, as cadeiras masculinas ou vice-versa, segundo as circunstâncias locais, da disponibilidade dos alunos. (Decreto n.1969, 3 de janeiro de 1907) Embora, as classes mistas já fosse uma realidade em solo mineiro, principalmente nos colégios isolados, nos grupos escolares se recomendava meninos e meninas em salas de aulas diferentes e separados nos pátios. Apesar de

²⁹ A historiadora Maria Lúcia Spedo Hilsdorf Barbante, na sua dissertação de Mestrado defendida na USP em 1977, cujo o título é *“Escolas americanas de confissão protestante na Província de São Paulo: um estudo de suas origens”*, faz uma análise aprofundada dessa questão.

levantar certa contestação a atitude de Eurípedes por parte dos pais de alunos e de outras instituições, isso era de vanguarda naquele tempo. Sua escola tinha um ambiente afetuoso, alegre e agradável, que de acordo com o relato de seus alunos, despertava o interesse deles e os convidava sempre à iniciativa. Corina é quem explica:

“Enquanto as diretrizes oficiais mantinham horários específicos para alunos do sexo masculino e feminino, Eurípedes criou em Sacramento o sistema das classes mistas. O fato trouxe controvérsias, no seio da comunidade. De um lado, alguns pais de visão mais arejada nada viam de mal, em que suas filhas estudassem ao lado de rapazes” (NOVELINO, 1997:117)

Numa síntese dos relatos dos alunos e dos professores e dos textos de jornais podemos dizer que no colégio Allan Kardec uma parte das aulas eram expositivas e com conteúdos sistemáticos, valorizando a cultura acumulada historicamente, e noutra parte, os alunos eram estimulados a agir ativamente diante do conhecimento. Para as aulas de ciências, observação e um contato direto com a natureza; para as aulas de astronomia, investigação e análise pormenorizada dos astros e de aspectos do Universo. Para desenvolver os aspectos físicos, praticava-se ginástica todos os dias. Havia aulas-passeio como método para se discutir e estudar os diferentes temas, inclusive resolvendo de forma original o problema de precariedade física do colégio, pois as aulas não se davam somente nas salas. Na busca de se desenvolver a alma, os sentimentos morais e a reflexão ética, provocavam-se ações que levassem a uma vivência ativa da cooperação fraterna³⁰.

Eurípedes trabalhou para colocar a educação a serviço do povo mais pobre, como vereador, sendo um ativista da educação popular e como diretor e professor do colégio Allan Kardec, que priorizou a educação das pessoas marginalizadas que não podiam pagar para terem educação. No seu momento histórico, Eurípedes partia de uma proposta pedagógica com características inovadoras, uma vez que o quadro herdado da Colônia e do Império, era de uma rígida e hierarquizada sociedade escravagista e uma escola elitista apenas para as classes privilegiadas. Apesar da proposta de escola pública e gratuita para todos na República, ainda havia forte impregnação elitista no contexto educacional.

³⁰ Exatamente como fazia Pestalozzi em Yverdon, que procurava criar um ambiente constante no cotidiano das crianças, para que pudessem exercitar livremente as ações generosas e benevolentes. Nas palavras de Pestalozzi: "A amplitude da formação moral elementar toca principalmente em três pontos de vista: a obtenção de um estado de ânimo moral através de sentimentos puros; exercícios morais de autodomínio e de esforços no que é reto e bom; e finalmente a realização de uma idéia moral, através da reflexão e da comparação das relações de justiça e moralidade — em que a criança já está implicada em sua existência e em seu meio." (PESTALOZZI, 1985:39) (Lettre de Stans, Pestalozzi, 1985)

Essa conjuntura fazia com que uma parte pequena da população tivesse acesso à instrução. Segundo as historiadoras Haidar e Tanuri(2001), as previsões para a educação pública eram pouco animadoras, o analfabetismo atingia quase a metade da população. As escolas particulares proliferavam nas províncias, pois com a liberdade de iniciativa se apresentavam como uma alternativa ao problema da educação pública, que atendia número reduzidíssimo de pessoas. A pedagogia de Eurípedes, com suas características populares, assumia um papel não discriminatório, característico da educação da época, que se contrapunha às tendências legitimadoras das desigualdades sociais, engajando-se dessa forma no movimento de emancipação da humanidade.

3. A organização do Colégio Allan Kardec

Como podemos perceber, Eurípedes Barsanulfo, a partir de 1902, se dedica em sua vida política e pedagógica a reivindicar a expansão da escola pública e gratuita e por construir uma escola inovadora e de qualidade. A participação de Eurípedes chama a atenção por seus posicionamentos sociais, políticos, educacionais e a sua atuação no campo da saúde. Mas os estudos explicitam que além da atuação de Eurípedes como vereador e de sua prática educacional inovadora, ainda pode ser interessante uma análise mais aprofundada da organização e dos objetivos do colégio Allan Kardec. Nesse item, propomos-nos rastrear algumas posições que nos ajudem a entender melhor essas duas questões.

Como vimos, em Minas Gerais no período republicano se dava a remodelação da educação. Encontra-se nos relatórios estudados uma preocupação dos inspetores, dos diretores e professores mineiros no início da República em organizar as escolas de acordo com novos modelos. Remodelar toda a estrutura educacional mineira era preocupação do Estado, nas primeiras décadas da República. Essa questão aparece muito clara nos relatórios oficiais do governo. Vemos se desenvolver em Minas, assim como em São Paulo, um conjunto de ações e intenções educacionais inovadoras referentes à expansão, à organização, ao programa, ao método, ao professor, à mobília, à estrutura física, aos materiais. Na verdade, se desencadeia uma nova forma de organização escolar, mais racionalizada, disciplinadora, controlada, fiscalizada, elementos que, segundo os agentes da educação, eram essenciais.

As mudanças seguiam a tendência do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX, em que republicanos, liberais, socialistas, marcados pelas mudanças culturais, políticas e econômicas, travaram grandes batalhas no campo da educação. Na realidade, foi um período que em

toda a Europa as mudanças culturais, econômicas, políticas levavam a uma redefinição e valorização da educação. As reflexões de pensadores tanto de tendências de esquerda como de direita, seja no Brasil, na América ou no velho continente iam na direção de interpretar as transformações ocorridas no mundo e entender como essas mudanças interferiam na educação. Apesar das contradições e dos grandes embates em torno do assunto, insistia-se em construir e mostrar as inovações pelas quais a educação deveria passar: pedagógica, metodológica, programática, disciplinar, organizacional, objetivos – finalidade.

Os diagnósticos dos inspetores do ensino mineiro, como os de Estevam Soares de Oliveira, no início da República, mostravam que a organização das escolas isoladas era cheia de problemas e falhas. Propunham uma remodelação da organização escolar com a construção dos grupos escolares. A inspiração para isso vinha do cenário europeu e do Estado de São Paulo. O trabalho desses inspetores eram elogiado por relatórios oficiais do governo, como no documento de 1901, que ressalta as medidas importantes tomadas pelo governo em matéria de educação:

“Dentre as medidas se destaca, por sua importância e utilidade, a inspeção extraordinária das escolas, cujos benéficos efeitos já se vão fazendo sentir, sendo relevantes os serviços que, com zelo, dedicação e inteligência, têm sido prestados à causa da instrução pelos inspetores extraordinários, merecendo especial menção o major Estevam de Oliveira e o Dr. Albino José Alves Filho, os quais muito se têm salientado por sua extremada dedicação à causa do ensino público.” (Relatório MG 3, 1901:19)

A fiscalização do ensino mineiro, no período republicano, será uma necessidade ressaltada por teóricos, políticos e inspetores. Em Minas Gerais, inicia-se o processo de uma nova administração escolar, o surgimento da figura do inspetor e da função de diretor escolar, nesse período, fazem parte de um projeto de uma escola mais organizada e disciplinada. De acordo com o relatório de 1914, a função do inspetor técnico também surgiu na primeira década republicana: “*a inspeção técnica do ensino, foi instituída pelo decreto n. 1.960, de Dezembro de 1906, cometida a princípio a quarenta inspetores técnicos ambulantes(...)*” (Relatório Minas Gerais, 1914:21). Todos os processos escolares deveriam ser mais controlados, era preciso disciplinar e ordenar o trabalho do professor e as atividades dos alunos. Vigia-se o trabalho do professor em sala, a sua coerência entre a ação o programa. O aluno por sua vez era adestrado para obedecer. Isso fazia parte da profissionalização dos atores escolares. As elites buscavam construir uma nova cultura escolar baseada na racionalização dos tempos escolares, na organização dos conteúdos, nos programas de instrução, controlando as escolas e o processo ensino-aprendizagem. Nesse processo, pode-se ver a

transposição do modelo organizacional das fábricas do mundo capitalista³¹ para as escolas, o que significava, segundo a mentalidade da época, modernizar a organização escolar.

Para realizar essa tarefa, na época, o Estado instituiu as funções de inspetores para controlar o processo. A preocupação com o controle da escola aparece nos discursos de diversos documentos oficiais entre os anos de 1894 e 1918. Podemos ver essa preocupação, no regulamento da instrução no Estado de Minas Gerais, escrito em 1906:

“A inspeção, que é a alma do ensino, será realizada, não por funcionários indiferentes, mas por pessoal técnico, susceptível de apaixonar-se pela causa que lhe vai ser confiada.” (Relatório MG 4, 1906:8)

No mesmo ano, o relatório do governo mineiro afirma:

“A solução do problema está em fornecer elementos de estímulo ao professor que se distinguir no exercício do magistério; aumentar os vencimentos, que são realmente pouco remunerados de sua atividades; fiscalizar convenientemente o ensino” (Relatório MG 1, 1906:51)

Em 1907, mais uma vez os documentos chamam a atenção para a importância da fiscalização, alertando sobre os problemas de maior relevância para a remodelação educacional: “(...) *a disciplina e a socialização severa do serviço*” (Relatório MG 3, 1907:5) No ano de 1908, o relatório do então Secretário do Interior afirma que:

“O êxito dos grupos escolares depende, em regra, (...) da fiscalização permanente, da ordem, da disciplina e da higiene, sem o que não realizam os grupos escolares os intentos de sua vocação.” (Relatório MG 3, 1908)

³¹ A organização da indústria da sociedade capitalista do século XIX e do começo do século XX influenciam a organização escolar. Tanto na organização da escola como da indústria moderna estão presentes hierarquias burocraticamente organizadas. O professor assim como o trabalhador são indivíduos que fazem parte de uma máquina de produção massificada e para funcionar bem deve ser controlado, para que o conjunto funcione sem problemas. Nessa organização, todos são dirigidos e manipulados, o trabalhador pela indústria e os profissionais da educação pelo Estado burguês, ou pelos colégios particulares. A classe dominante capitalista precisa criar pessoas padronizadas, controladas sem esforço, dispostas a consumir e se ajustar pacificamente à ordem social. Nessa escola, a criança também deve ser disciplinada e enquadrada nesse processo. A escola nascida da revolução industrial teve por objetivo fazer seres humanos em série, adequados ao sistema capitalista e fáceis de serem controlados e manipulados. Assim, aceitariam melhor as desigualdades e a lógica consumista. E se adaptaram às permanentes concorrências promovidas pelo mercado. O anarquista espanhol Francisco Ferrer, ao criticar a escola capitalista, diz que na educação capitalista educar significa domar, adestrar e domesticar, já a educação racional, por ele proposta, deveria ser aquela que possibilitasse o ser humano evoluir, renovar a si mesmo e o meio, tornando-o independente intelectualmente, um ser que não se sujeitasse a nada e procurasse sempre o melhor, numa tentativa de colocar a educação a serviço da luta por um mundo mais igualitário e com mais justiça social. (Ver FROMM, s/d)

Ainda no mesmo ano, vemos no relatório do Governo do Estado de Minas a prestação de conta quanto à fiscalização do ensino, “*a fiscalização técnica do ensino tem sido feita com toda a regularidade*” (Relatório Minas Gerais, 1908:38) O relatório do Secretário de Interior demonstra a mesma preocupação com a fiscalização da educação, em 1911: “*Inútil seria toda e qualquer reforma se não se estribasse num profícuo sistema de inspeção*” (RELATÓRIOS da secretária do interior, Minas Gerais, 1911...) Anos mais tarde, o relatório de 1914 mostra qual era função dos inspetores e quais os benefícios da fiscalização para a instrução, alertando que do ano em que foi instituída em 1906 até o ano de 1914 tinha prestado grandes contribuições:

“(...) hoje exercida por vinte e cinco inspetores regionais, tem colaborado eficazmente com a administração do Estado no aperfeiçoamento e desenvolvimento da instrução(...) Essa fiscalização tem tido como objeto não só as escolas públicas estaduais, como também as de iniciativa particular e aquelas que as municipalidades mantêm ou subvencionam. Não é, porém, este mister o único em que tem esgotado a atividade dos inspetores: muitas outras incumbências de natureza diversa lhes têm sido feitas — exames de salas e prédios destinados às escolas, organização e reorganização de grupos escolares, verificação dos motivos determinante da infreqüência em escolas cujo ensino precisa ser mantido ou restabelecido, sindicâncias sobre denúncias contra funcionários da instrução, inquirição de testemunhas em processos disciplinares affectos ao Conselho Superior, fiscalização dos exames de admissão e dos curso das escolas normais equiparadas. Além dos inspetores regionais, que percorrem todo o Estado, há em cada município e em cada distrito um inspetor escolar e respectivo suplente, sendo que em 59 municípios a inspeção é exercida pelos promotores da justiça das comarcas, os quais muito satisfatoriamente se têm conduzido nos seus cargos(...)” (Relatório MG 3, 1914:21-22)

Essas citações demonstram que a idéia de disciplinarização, controle e hierarquia era fundamental para o bom funcionamento da escola. Embora essa escola das elites tivesse oposições do povo e de setores das classes médias, ela foi se concretizando em Minas Gerais. Desenhava-se uma nova visão de ser humano, uma nova ordem social e uma nova escola. Para as elites, era importante colocar a educação sob o seu controle, para o seu fortalecimento e para a homogeneização das pessoas. Era necessário disciplinar corpo e mente, para manter a hierarquia social.

Buscava-se redefinir o próprio conceito de ordem escolar. Uma ordem que deve desenvolver a inteligência (método intuitivo) e adestrar as vontades. Esta nova cultura escolar foi incorporada

pelos agentes e profissionais da educação em Minas Gerais. Em 1910, o inspetor critica a falta de ordem e disciplina no 2º grupo escolar de Belo Horizonte:

“...falta ordem e disciplina no estabelecimento. Os grupos escolares, a meu ver, devem ser dirigidos por homens e não por senhoras, estas não têm energia e força de vontade que se fazem precisas para imprimir-lhes boa direção, ordem e disciplina” (Relatório MG 7, 1910)

Queriam uma escola que conseguisse o adestramento não mais pelos castigos físicos, mas por meio da competição e classificação.³² Firmino Costa, diretor do grupo escolar de Lavras, explica sobre os prêmios instituídos nos grupos escolares:

“1. Cartões de boas notas, relativas à freqüência, ao procedimento e ao aproveitamento, servindo um só cartão para os três casos, com os seguintes pontos: noventa se a freqüência for a mínima legal, e mais dois pontos por dia de comparecimento além desta, até o máximo de cem pontos; oitenta a cem, de bom procedimento, a juízo do professor; o mesmo número, correspondente à media do aproveitamento do aluno nas diversas disciplinas, segundo ele souber de 80% a 100% da matéria. Além dos pontos, tais cartões, que serão mensais e distribuídos até o dia 5 de cada mês, deverão conter o nome do aluno, o ano que ele pertence, assinatura do professor, a data etc. 2. De dois em dois meses serão recolhidos e apurados os cartões, e os cinco alunos, que houverem obtidos maior número de pontos, terão seus nomes escritos no quadro negro, seguidos de estrelas de cor, — ganhando três delas o primeiro da lista; duas, cada um dos dois imediatos; uma tanto o quarto como o quinto. Os que alcançarem igual quantidade de pontos terão a mesma porção de estrelas, ainda que exceda nesse caso o número de cinco. 3. No fim de quatro inscrever-se-ão no quadro de honra os nome dos três alunos, que possuírem maior número de estrelas, e só por motivo de falta grave serão eles excluídos do mesmo quadro. (...) 4. Os alunos do quadro de honra serão premiados com medalhas no fim do ano, se por acaso não desmerecerem antes do conceito devido. 5. Os alunos, em número de dois, que fizerem todo o curso primário e mais se distinguirem, terão seus retratos colocados na escola, além de serem recomendados ao Governo para admiti-los, por conta do Estado, em algum instituto profissional, etc. (...) Os prêmios indicados, que são simples e facilmente exequíveis,

³² Segundo Erich Fromm, existe uma transição entre autoridade manifesta e autoridade anônima, com o advento da revolução industrial. Essa autoridade se manifesta na sociedade e na escola: “A autoridade manifesta usava a força física, a autoridade anônima emprega a manipulação psíquica. A modificação da autoridade manifesta do século dezenove para a autoridade anônima do século vinte foi determinada pelas necessidades de organização de nossa sociedade industrial moderna. A concentração do capital leva à formação de empresas gigantescas, dirigidas por uma burocracia hierarquicamente organizada. Grande aglomerado de trabalhadores e funcionários trabalha em conjunto, sendo cada indivíduo uma parte de vasta máquina de produção organizada, que, para bem funcionar, deve fazê-lo sem dificuldades e sem interrupções. O trabalhador individual torna-se apenas um parafuso em tal máquina. Nessa organização de produção o indivíduo é dirigido e manipulado.” (FROMM, 1998: XVIII) A escola precisa prepará-lo para isto.

seguem, como se viu uma graduação ascendente, baseada na maior ou menor publicidade deles. (...) Não espere, porém, o professor que sejam prontos os efeitos desses meios disciplinares, entre os quais incluímos os prêmios e as penas. Sua escola só funcionará em boa ordem de pois de uma aplicação constante, paciente e ao mesmo tempo rigorosa de um sistema racional de disciplina, como o que indicamos.” (COSTA, 1917:1-2)

Aparece na prática do cotidiano docente essa visão disciplinadora, imposta de fora para dentro. Descreve a série de prêmios e honra ao mérito que deveriam ser conferidos aos alunos para manter “*o necessário espírito de ordem*”. A distinção deveria se dar pela “*freqüência, procedimento e progresso nos estudos*”. Havia notas, pontuações, quadros de honra, medalhas, retratos na escola. A nova ordem escolar dirigida pelas elites modifica as práticas cotidianas e os conteúdos programáticos. O conteúdo deve ter um bom método para ser aplicado. Deve-se desenvolver homens cultos, civilizados e obedientes. (Mais cultura para os filhos das elites e mais obediência para as classes populares.) A criança deve ser levada à docilidade, à disciplina. Dentro desse modelo o asseio do aluno era fundamental, diz Firmino Costa, no boletim escrito em 1907:

“Quanto ao procedimento, ele há de abranger também o asseio e o cuidado, que o pequeno tiver com o seu corpo e vestuário. Sim, porque procede mal quem, por exemplo, não traz as unhas aparadas, cabelos penteados, as orelhas limpas, bem como aquele que anda de roupa suja e rasgada. A pobreza não obsta ao asseio, que custa pouco mais do que sabão e água.” (COSTA, 1907:1)

Buscava-se através do conteúdo escolar e do método moldar um novo ser humano, instruí-lo em novos conhecimentos e formá-lo em novos valores e hábitos. Tudo na escola deveria se desenvolver por essa dinâmica: ordem, disciplina e higiene. Podemos resumir a idéia da seguinte forma: o Estado vigiava o inspetor, que por sua vez controlava os diretores e os professores, os diretores disciplinavam professores e todos adestravam os alunos. O professor nessa escola deveria conseguir conduzir sua turma com energia, embora sem violência física. Sua tarefa era moralizar, levando seus alunos a uma série de comportamentos obedientes e condutas consideradas como fazendo parte da boa moral. Nos documentos que analisamos há uma afirmação unânime da necessidade dos alunos aprenderem com a professora um comportamento obediente. Em geral, esse modelo provocava fortes conflitos, contradições e oposições. Há inúmeros relatos de diretores de grupos escolares, narrando os conflitos que essa situação gerava, pois na escola isolada os professores tinham mais autonomia e liberdade.

Embora essa realidade fosse uma tendência nacional e estadual, ela não aparece tão nítida na prática do colégio Allan Kardec. No colégio de Eurípedes, de acordo com os poucos registros existentes, essa preocupação não parece ser central. Pode-se dizer, com bases em indícios documentais, que o colégio funcionava em forma de cooperativa entre os professores, como no Liceu Sacramentano. Eurípedes segue uma outra linha de procedimentos, a ordem e a disciplina não eram condições essenciais no cotidiano do seu colégio. As relações entre Eurípedes, os professores e os alunos não eram tão rígidas e hierarquizadas. Entre comentários de professores e relatos de alunos pode-se entrever que Eurípedes queria construir uma escola com mais liberdade, autonomia, diálogo e afeto. Nesse sentido os alunos e os professores não eram observados e vigiados sem cessar. Nunca assumiu o papel de fiscalizador e de controlador. Eurípedes era o diretor do colégio, mas não encontramos nenhum relato que mostre Eurípedes como um diretor autoritário, ao contrário, os testemunhos apresentam o colégio com clima mais igualitário e menos hierárquico. Há evidências documentais de que todos os professores eram amigos pessoais de Eurípedes. Ele encontrava a solução para as tensões, discussões, críticas, discordâncias e conflitos no diálogo franco e aberto.

Outra característica própria do Colégio Allan Kardec, apesar de estar presente em outras escolas, é a quantidade de professores homens em relação a professoras mulheres. Como vimos no item anterior, segundo os relatos dos alunos, compunham o quadro de professores: Waltersides Willon, Homilton Wilson, Wenceslau Rodrigues Cilan, Zeno Borges, Zoroastro Borges Orcalino de Oliveira e Maria Gonçalves. Entre os seis professores, havia uma única mulher. Nesse período, em Minas Gerais, boa parte do corpo docente dos grupos e das escolas isoladas era de mulheres. Em Belo Horizonte, no início do século XX, as escolas primárias eram compostas quase na sua totalidade por mulheres. No caso de Sacramento, as atas revelaram que as escolas isoladas tinham em sua maioria homens lecionando, detectamos a presença de uma única professora nas escolas isoladas da cidade. No entanto, vemos que, desde de 1906, a política adotada pelo governo mineiro, dá preferência às mulheres para ocupar a função de professoras. O regulamento da instrução assim se refere à instrução primária:

“A mulher melhor compreende e cultiva o caráter infantil, e a professora competente é mais apta para a educação sem corrupções do coração e sem degradações do caráter. Acresce que a professora com mais facilidade sujeita-se aos reduzidos vencimentos com que o Estado pode remunerar o seu professorado.” (Relatório MG 4. 1906:7)

Não sabemos o motivo pelo qual Eurípedes tinha na escola vários homens docentes e apenas uma mulher. Essa é uma constatação, assim como outras, de que temos pouquíssimas informações. Dessa forma, impossível saber se Eurípedes tinha uma posição consciente e assumida sobre o assunto, ou se havia apenas uma necessidade circunstancial. Mesmo porque, em Minas Gerais, no período republicano, o discurso defendia a presença da mulher no magistério e tentava mostrar que essa profissão daria mais dignidade à mulher, com a vantagem econômica de que as mulheres aceitavam ganhar menos. A posição ideológica de Eurípedes infelizmente não pode ser desvendada pela escassez de informações. Sabemos apenas que, segundo informação do ex-aluno Tomás Novelino, os professores eram voluntários, uma vez que o colégio não era pago e Eurípedes não tinha condições financeiras para pagar salários dos professores com o que ganhava.

Segundo os depoimentos dos ex-alunos Edalide, Corina Novelino, Braúlio Alves, Tomás Novelino, no colégio Allan Kardec funcionavam basicamente três cursos: o elementar, o médio e o superior. No curso elementar as crianças aprendiam a ler, escrever e contar. Esse curso ficava sob a responsabilidade de Maria Gonçalves, que era auxiliada pelos outros professores. Diante dessa informação, podemos supor que pelo menos em parte Eurípedes compartilhava das teorias da época de que a mulher tinha características mais apropriadas do que os homens para a educação da infância. Sabemos que na sua opinião havia uma relação indissociável entre o lar e a escola e nisso acompanhava as teorias existentes na época. Pode-se supor que desse pensamento seria apenas um passo para estabelecer uma estreita relação entre a mãe e a professora da infância. Talvez esse fato nos permita conjecturar nesse sentido. O discurso educacional da época sugeria que essa tese tinha grande força, e eram apresentados argumentos para estreitar os laços entre a figura materna e a docente e entre o lar e a escola. Era um discurso corrente da época a existência de uma continuidade entre a família e a escola.

Outros aspectos que cabe anotar é em relação aos conteúdos estudados e à frequência dos alunos. No colégio, as crianças entravam para aprender a ler, a escrever e a contar. Depois de concluída essa primeira etapa, começava a estudar matérias como: Língua Portuguesa e Morfologia, Ciências Naturais e Gramática Portuguesa, História do Brasil e Geografia do Brasil, entre outras matérias. Ao finalizar a primeira série de estudos, iniciavam as matérias do ensino médio, que contava com as disciplinas de: Aritmética, Geometria, História do Brasil e Universal, Geografia Geral, noções práticas da vida, Gramática Portuguesa. Assim que o aluno dominasse essas matérias,

passava a freqüentar e estudar as matérias do curso superior que tinha: Português, Francês, Cosmografia, Química, Astronomia.

Nesses cursos do colégio, estavam matriculadas crianças de faixa etária que ia de 7 a 16 anos. Encontramos matriculados no colégio crianças, adolescentes e em alguns casos até mesmo jovens, embora fossem poucos os alunos com idade acima de 16 anos. Essa flexibilidade na idade dos alunos que freqüentavam o colégio está de acordo com os padrões da época, pois boa parte das escolas, exceto os grupos escolares, não tinha controle rígido sobre a idade de entrada e saída dos alunos. Ao contrário do que ocorria nos grupos escolares, porque estes fiscalizavam rigidamente as idades dos alunos. Além disso, os alunos do colégio Allan Kardec que se interessavam em se tornarem professores recebiam contribuições de Eurípedes para terem formação e continuavam colaborando no colégio. Esse foi o caso do aluno Germano, que entrou no colégio criança, passou lá a adolescência e juventude e depois se tornou colaborador e professor do colégio Allan Kardec. De acordo com Corina Novelino:

“(...) funcionavam três cursos no Colégio Allan Kardec, tendo em Eurípedes e nos auxiliares, que gradativamente formavam-se nos próprios bancos do educandário, orientadores eficientes e categorizados. Os cursos eram: elementar, médio e superior. Dentre os colaboradores de Eurípedes, citam-se Watersides Willon, Homilton Wilson, Wenceslau Rodrigues Cilan, Zenon Borges, Orcalino de Oliveira, Maria Gonçalves que regiam classes nos cursos elementar e médio. Eurípedes tomara a si a incumbência da classe superior, lecionando as matérias do currículo com rara visão didático-pedagógica.” (NOVELINO, 1997:111)

Os documentos também mostram que Eurípedes se preocupava com a freqüência dos alunos. Essa era uma preocupação de muitos diretores e professores no período republicano, Firmino Costa diretor do grupo escola de Lavras, criou um sistema de prêmios que levava em consideração a freqüência:

“A freqüência exigida pela lei deve ser condição essencial para obter prêmios, porque a falta de assiduidade revela geralmente que o menino é refratário à escola.” (COSTA, 1917:1)

A análise das fontes não nos permite fazer nenhuma estatística da freqüência e do abandono dos alunos no colégio Allan Kardec. Através dos relatos de jornais e dos relatos de Corina foi possível descobrir que durante os anos de 1908 e 1918 a média de alunos que se matriculavam e

freqüentavam o colégio Allan Kardec variava anualmente entre 90 e 120, chegando a 200 alunos antes da morte de Eurípedes. Pudemos verificar que no ano de 1910 o colégio contava com mais de 100 alunos, segundo um jornal de Sacramento, “*Nesse ano mais de 100 crianças estão matriculadas no Colégio Allan Kardec*” (A GAZETA SACRAMENTANA, 1910:2) No ano de 1913, o inspetor Ernesto de Mello Brandão visitou o colégio e emitiu um relatório sobre a quantidade de alunos e a freqüência no dia, escrevendo: “*Visitei hoje o Colégio Allan Kardec, dirigido pelo competente e dedicado professor, Sr. Eurípedes Barsanulfo, encontrando presentes às lições do dia 94 alunos dos 113 matriculados*” (RELATÓRIOS de inspetores regionais, Minas Gerais, 1913) Corina informa que no ano de 1918 o colégio tinha 200 alunos. Encontramos registros de que o colégio Allan Kardec recebia a visita anual de inspetores entre os anos de 1908 e 1918; muitos iam ao colégio em dias de exames de final de ano, inclusive encontramos os nomes dos seguintes inspetores regionais: Militino Pinto de Carvalho, Alberto da Costa Mattos, Atanásio Saltão, Alceu Souza Novais e Ernesto de Melo Brandão.

Entretanto, não sabemos se havia no Colégio Allan Kardec algum processo de eliminação de aluno por falta de freqüência às aulas. O regulamento mineiro de 1906 determinava que o alunos deveriam ser eliminados somente depois de não freqüentarem à escola por um período de três meses consecutivos. O mesmo regulamento também estabelecia um número mínimo de 45 alunos para a abertura de uma turma, com um freqüência mínima de 30 alunos. Nesses quesitos, o colégio Allan Kardec se enquadrava. Mesmo considerando as escassas documentações, podemos supor que a maioria dos alunos freqüentavam regularmente a escola. Cabe observar que todos os relatos encontrados mostram que o entusiasmo dos alunos pela escola era grande e que não deixariam de ir à escola por desinteresse, apesar da questão social, que às vezes interferia na possibilidade do aluno ir à escola. Consta que Eurípedes tinha um intenso trabalho em fazer as famílias se interessarem pela escola.

Como diretor e professor do colégio, Eurípedes tinha consciência das várias dificuldades dos alunos em compatibilizarem as atividades escolares com os trabalhos familiares, mas nos dias em que os alunos faltavam do colégio sempre arrumava um jeito de mandar buscá-los. De acordo com os relatos, levava em conta os problemas dos alunos, mas não aceitava que nenhum deles deixasse de estudar, por causa de outras atividades sociais. Procurava sempre compreender as necessidades dos educandos, chegando até a adaptar os horários, as atividades, as disciplinas para que os mais atrasados não perdessem nada de importante. Aliás, não havia horários rígidos para as atividades do colégio, o tempo de duração de aula variava de acordo com o conteúdo estudado e as atividades

realizadas. Haviam estudos que tomavam 30 minutos das aulas diárias, já as aulas passeio ocupavam horas de estudos, conversas e debates. Corina diz que Eurípedes tinha uma pequena sineta, que tocava no término das aulas no colégio, mas quem dava o sinal era o seu pequeno cão chamado Jipe. Comenta ela:

“Todos os dias comparece ao ambiente escolar um personagem diferente. Ele acompanha Eurípedes, desde a residência até o Colégio. É Jipe, o cãozinho preto de Eurípedes, por todos tratado como um dos membros da grande família estudantil. Antigo aluno do Colégio – Homilton Wilson – conta-nos em bem lançada crônica, que Jipe distinguia com precisão absoluta, a hora exata da abertura das aulas, a do recreio e a do encerramento das atividade escolares. (...) Jipe assinalava os horários assim: Se a sineta de Eurípedes não soava conjuntamente com o relógio de parede, a cão protestava, com sonoros latidos, ora olhando para o mestre, ora para o relógio.” (NOVELINO, 1997:131)

O problema era agravado pelo fato de mais da metade das crianças e adolescentes que compunham os bancos do colégio serem pobres e terem que trabalhar com as famílias para ajudar na renda doméstica. Eurípedes se esforçava para ajudar essas crianças a não perderem as aulas, procurando mobilizar a comunidade a fim de que ajudasse as famílias das crianças mais carentes, apoiando as famílias para assegurar a escola para as crianças carentes.

Lembramos ainda que no colégio Allan Kardec havia uma quantidade significativa de crianças negras matriculadas e vários professores negros compunham o quadro de professores. Ao analisar os documentos e as fotos dos anos de 1910 e 1913 encontradas no museu de Sacramento, essa característica nos chamou a atenção. Descobrimos que três professores do colégio eram negros, o professor e ex-aluno Antenor Germano, o professor Orcalino de Oliveira e a professora Maria Gonçalves. No caso dos alunos, não foi possível identificar todos os negros, mas nas duas fotos analisadas pode-se encontrar mais de 20 alunos negros no seu colégio. Eurípedes procurou educar as crianças negras e deu abertura para negros lecionarem em seu colégio, num tempo em que os discursos racistas, com influências eugenistas, eram muito presentes e os negros marginalizados. Percebe-se claramente um discurso cientificista no período republicano, marcado pelas teorias européias de hereditariedade e raça. Sem dúvida, tais teorias tiveram reflexos fortes na educação. As perspectivas racistas tiveram presença na nossa formação cultural e social. Estavam espalhadas pelo Brasil, e Minas Gerais não foi exceção à regra, com as idéias de regeneração e branqueamento da raça. O modelo de seres humanos e crianças eram os brancos e loiros, por serem superiores. Nesse contexto certamente as crianças negras acabavam sendo marginalizadas dentro das próprias escolas.

Eurípedes, com sua postura de engajamento educacional e social, escapou dessa lógica e praticou uma educação de pluralidade étnica.³³

Outro aspecto a ser comentado é a maneira como acontecia a promoção e a avaliação dos alunos. Vejamos o que diz Corina sobre a promoção dos alunos:

“No método aplicado por Eurípedes nos três cursos do Colégio, que dirigiu desde a fundação em 1907 até o seu desencarne, em 1918, (...) a promoção de um aluno podia fazer-se mesmo no primeiro semestre, segundo o aproveitamento registrado pelo mesmo. Era muito comum encontrarem-se alunos com vários anos de escolaridade atrás de outros, que se esforçaram e avançaram, conquistando promoções almejadas, em breve espaço de tempo. A conclusão do programa estabelecido ensejava ao aluno – em qualquer época do ano – a frequência no curso seguinte.” (NOVELINO, 1997:128)

Corina continua narrando sobre o processo avaliativo:

“Os exames finais do Colégio caracterizavam-se por (...) provas orais, para quais o aluno devia estar bem preparado para um bombardeio de perguntas, partindo não apenas da Banca examinadora, mas do próprio Eurípedes” (NOVELINO, 1997:1)

Num trecho de uma entrevista feita com o ex-aluno e depois continuador de sua obra Tomás Novelino, é possível ver com mais detalhes como era feita a avaliação no Colégio Allan Kardec:

“Dava Eurípedes um grande valor aos exames finais do Colégio. O colégio se engalanava, os alunos exibiam trajes novos e os exames se faziam com a assistência de pessoal local e de fora, que afluíam de muitas cidades vizinhas e outras.(...) Havia apresentações litero-musicais, teatro e outras atividades culturais. Os exames iniciavam-se no curso elementar e abrangiam toda a matéria estudada durante o ano. Nos primeiros dias, os trabalhos começavam às dez horas e prolongavam-se até as 16 horas. Com o correr dos dias, ampliavam-se gradativamente, os horários(...) As provas tinham duração de um mês, sendo iniciadas em novembro. A partir do segundo dia, efetuavam-se as provas das matérias em todos os cursos, simultaneamente. Assim, quando se realizavam os exames de Aritmética no curso elementar, estendiam-se aos demais cursos. As notas eram valorizadas sob rigoroso critério, levando-se em consideração o aproveitamento registrado durante o ano.” (NOVELINO, 2000:03)

³³ Lembremo-nos que a contemporânea de Eurípedes, a educadora, também espírita, Anália Franco, foi uma das primeiras no Brasil a se interessar pela educação dos negros, ainda no tempo da escravidão, por ocasião da Lei do Ventre Livre, tendo iniciado sua carreira pedagógica, recolhendo as crianças negras, enjeitadas das fazendas de café.

De acordo com os documentos e as citações os alunos, Eurípedes fazia dos exames um momento ainda de aprendizado. Tais exames eram famosos em toda a região e nos dias em que eles ocorriam, Eurípedes convidava pessoas da cidade de Sacramento para participarem e de outras cidades também, pais de alunos, professores e diretores de outros colégios, especialistas em diferentes assuntos, além do pessoal do próprio colégio. Os alunos debatiam publicamente, sendo argüidos pelo professores, pelos especialistas e pelo próprio Eurípedes sobre as diversas matérias. Estabeleciam-se grandes discussões que não tinham hora para acabar. E também faziam parte do processo de avaliação os trabalhos culturais, literários, artísticos e musicais realizados pelos alunos. O aproveitamento dos alunos era medido dessas duas formas. Ao analisar os boletins do colégio vemos que as notas eram aplicadas por conceitos como: ruim, regular, bom e ótimo e os boletins eram emitidos mensalmente com os conceitos por matérias para acompanhar o aproveitamento dos alunos. Assim, a avaliação era contínua, segundo a descrição de Novelino, “*os professores lidando com os alunos, sabiam a capacidade de cada um.*” (NOVELINO, 2000:03) Inclusive os alunos eram promovidos sem a necessidade de esperar as avaliações finais, podiam mudar de curso de acordo com as observações dos professores. Assim, essas avaliações finais, pelo relato de Tomás Novelino, “*não tinham efeito para transposição ou aprovação*” (NOVELINO, 2000:03) Como não se tratava de um colégio seriado, não se fazia aprovação ou reprovação, mas transferia-se simplesmente o aluno para o curso mais avançado, quando ele desse conta do aprendizado anterior. Assim, esses exames finais parecem-nos muito mais um momento pedagógico privilegiado, onde os alunos demonstravam publicamente sua capacidade e em que Eurípedes procurava fortalecê-los, através das discussões, em sua capacidade de argumentar, e em sua desenvoltura de enfrentar o público.

Ao analisar o *Regimento Interno dos Grupos Escolares e Escolas Isoladas* de Minas Gerais do período, vemos que o Colégio Allan Kardec atendia às exigências do documento no quesito de aprovação e exames. O documento dizia que o aluno deveria ser avaliado em todos os meses letivos, ou seja, ao longo do ano. Esse processo levaria em conta o aproveitamento e aplicação dos alunos, embora com um sistema de notas de 0 a 10. Defendia que os alunos seriam submetidos a exames orais, sendo argüidos pelos professores e examinadores. O diretor do Colégio deveria reunir os professores para avaliar os alunos que deveriam ter aproveitamento igual ou superior a 5 pontos em todas as disciplinas para ser aprovado. O regimento previa reprovação dos alunos que não atingissem a pontuação necessária. Pelo Regimento, os alunos que obtivessem média 10, em todas as matérias, no primeiro semestre, teriam a possibilidade de ser promovidos no começo do segundo

semestre letivo, ao ano superior ao que cursava. Esses alunos deveriam ser submetidos a novos exames no final do ano.

Mas, como podemos perceber, Eurípedes escapava e ampliava a visão do *Regimento*, fazendo das avaliações finais atividades de participação de toda a comunidade. Os alunos eram levados a uma ampla discussão dos temas estudados. Essa atividade final estava vinculada a atividades culturais e artísticas. Eurípedes buscava desenvolver nos alunos capacidade crítica, eloquência, racionalidade, argumentação lógica, capacidade artística e estética. Aliás os debates semanais entre meninos e meninas, as conversas, os desafios em que grupos propunham um ao outro questões para debates e réplicas eram constantes. Os exames tinham essas características que atendiam às exigências da lei, mas que inovavam e traziam novos elementos.

3.1 Os pressupostos e objetivos do Colégio Allan Kardec

Ao estudar o colégio Allan Kardec e a atuação de Eurípedes como educador, podemos afirmar que sua proposta tem algumas semelhanças práticas com experiências escolares e propostas de renovação escolar existentes no Brasil, como as anarquistas, republicanas, protestantes, mas guardou uma originalidade de proposta e prática em seus pressupostos e objetivos.

Embora não saibamos ao certo de onde retira seu pensamento pedagógico, pois não encontramos documentos em que isso fique claro, como já vimos, ele tinha por base a concepção espírita. Segundo os teóricos da Pedagogia espírita, entre eles Ney Lobo e Dora Incontri, o Colégio Allan Kardec apresenta em suas práticas os princípios básicos da Pedagogia espírita, embora não explicitados como tal. Para eles, esta escola representa o marco fundador da Pedagogia espírita no Brasil, entendida não como educação confessional, mas como prática pedagógica diferenciada, inspirada na idéia da reencarnação. Através dos relatos dos alunos e dos que conviviam com Eurípedes, parece que dois pressupostos no campo educacional davam base ao seu pensamento: a dimensão da transcendência humana e ao mesmo tempo a visão reencarnacionista³⁴. Dentro dessa

³⁴ A doutrina da reencarnação tem uma raiz cultural milenar, tanto no Ocidente como no Oriente. Não é como muitos pensadores pensam um sistema de pensamento oriental que veio transportado para o Ocidente. Além das duas principais tradições religiosas do Oriente, o hinduísmo e o budismo, sugerem pesquisadores que a idéia da reencarnação esteve presente no Ocidente desde os celtas e também no sistema religioso órfico, com a crença na transmigração dos seres. Mas ela também se encontra na filosofia ocidental: o filósofo grego Pitágoras, que, segundo Diógenes Laertios, dizia se lembrar de vidas passadas, constrói uma filosofia igualitarista com base reencarnacionista. Na filosofia socrático-platônica fica clara a idéia da reencarnação, basta nos lembrarmos do mito de Er, no livro X da *República* e da descrição da peregrinação das almas no *Fedon*. Esse pensamento não era algo exótico no pensamento desses filósofos, mas algo fundamental em suas doutrinas. Platão inclusive extrai uma consequência pedagógica da idéia

perspectiva, distancia-se da maioria dos modelos pedagógicos da época, da visão presente nos documentos estaduais e dos textos teóricos que circulavam no Estado de Minas Gerais. Embora pudesse ter práticas semelhantes a certas tendências de então, outras eram inovadoras e tudo parecia estar fundamentado em outras visões e com outras metas pedagógicas.

Enquanto os documentos mineiros trazem implícita a concepção de ser humano como um complexo biopsíquico e social, Eurípedes via o ser humano como um ser biológico, social, psicológico e espiritual. O discurso em voga na época era de que o ser humano é por natureza um organismo com funções biológicas que tem uma série de necessidades a serem atendidas, de acordo com o estágio de desenvolvimento em que se encontra. Possui também características psicológicas e sociais. A educação deveria ser dirigida a esse ser físico, psicológico e social. Vimos que esse discurso era direcionado na verdade para uma padronização das crianças, com vistas a uma escola que preparasse para atender às necessidades, não da própria pessoa, mas da nova sociedade nascente. Mas, para Eurípedes, as potencialidades e as capacidades humanas não se radicam apenas no corpo biológico e não são somente produto da sociedade e da cultura em que vivemos, mas também se radicam na alma humana, que é imortal. E o objetivo da educação não pode ser direcionado para atender a um projeto econômico que instrumentalize o ser humano, mas deve em primeiro lugar ter em vista a realização plena desse ser.

Dessa concepção, Eurípedes extrai uma nova prática pedagógica: a criança traz inatos os germes morais e intelectuais, as potencialidades a serem desenvolvidas. Ele confia nas potencialidades humanas, que devem ser desenvolvidas pela educação, mas que já traz uma bagagem intelectual, moral e cultural, que *está* criança, mas é um espírito antigo, vivido, uma personalidade com múltiplas experiências vivenciadas, que vai interagir com a hereditariedade, com a sociedade, com a educação, para construir uma nova personalidade e uma nova sociedade. Nesse

reencarnacionista quando afirma que aprender é recordar. Allan Kardec insere o espiritismo dentro dessa tradição ocidental, embora proponha novas interpretações para ela. Alia o processo de reencarnação ao evolucionismo, pois para ele não existe retrocesso na reencarnação como para as outras teorias. Kardec também ressalta o aspecto social do ser encarnado, que se desenvolve em interação com o meio e com outros seres. O ser se desenvolve no coletivo e individualmente, de forma dialética sendo sujeito e ao mesmo tempo recebendo as influências das transformações sociais. Ao contrário do que muitos pensam, nas obras de Kardec, não há a aceitação de um fatalismo social, determinado pela idéia da reencarnação. Sobretudo em *O Livro dos Espíritos*, aparecem críticas às injustiças sociais, propostas de transformação da sociedade injusta e um apelo constante à transformação do homem. Dentro da perspectiva evolucionista, a evolução social interage dialeticamente com a evolução individual. Como explicaria depois Herculano Pires: “*Transformar o mundo pela transformação do homem e transformar o homem pela transformação do mundo. Eis a dialética do Reino, que o cristão deve seguir.*” (PIRES, 1967:136)

enfoque, o educando dever ter autonomia, a criança pode depender dos adultos, mas é um ser antigo e livre. As relações entre Eurípedes e as crianças era de pouquíssima hierarquia, era como um companheiro que buscasse junto descobrir, conhecer, amar e progredir. Eurípedes entendia que o educando é um espírito imortal com autonomia para construir a si mesmo em sucessivas vidas, portanto deveria respeitar o desenvolvimento dos seus alunos e a sua individualidade.

Mas isso não significava que a criança já nascesse pronta. Ela estava submetida às etapas do desenvolvimento humano e material: biológico, social e psicológico. A educação deve contribuir para o desenvolvimento das potencialidades do ser, contribuir para a sua cultura, respeitar seu desenvolvimento físico e psicológico e orientá-lo para as conquistas das futuras existências. Esses conceitos de ser humano, de criança e das finalidades da existência é que causavam grande impacto, na prática pedagógica de Eurípedes. Através dos documentos e dos estudos, observa-se o compromisso do colégio Allan Kardec com a formação do ser humano autônomo, crítico... A educação, no colégio, não estava baseada nos princípios norteadores da sociedade burguesa. Não tinha por objetivo formar e formatar as crianças segundo as exigências do mercado ou meramente formá-las com as competências do mundo capitalista.

Mas vale ressaltar que Eurípedes assumia uma perspectiva espiritualista, não exclusivista e particularista. A sua pedagogia reconhecia o aspecto espiritual do ser humano, mas procurava evitar o proselitismo, o dogmatismo, a doutrinação e a confessionalidade³⁵. Em sua escola, Eurípedes não

³⁵ A ligação entre a religião e educação é polêmica e complexa. Aliás, é antiga a relação entre a religião e a educação. As religiões, na maioria das sociedades, sempre foram fonte de valores éticos que fundamentaram as sociedades e a primeira fonte de explicações do mundo, da vida, da existência, do agir. As sociedades transmitiram isso às novas gerações. Nesse sentido, as religiões guardam projetos utópicos para a humanidade, para melhorar o ser humano, realizá-lo, torná-lo mais feliz, leva-lo à transcendência, como bem viu Ernest Bloch. A educação foi um meio para desenvolver esse projeto. Mas também, historicamente as religiões se institucionalizaram, ligando-se aos poderes políticos e econômicos, ficando muitas vezes ao lado das elites dominantes, sendo instrumentos de opressão e controle sobre os dominados. Nesse caso, a educação também foi um meio de manter as estruturas sociais injustas. O processo de laicização no Ocidente, que a princípio era uma busca por desligar a religião da Igreja, acabou por se tornar uma recusa radical da religião e atingiu todos os setores da vida. A religião foi criticada, compreendida como instrumento de poder, renegada como fonte confiável de conhecimento e padrões éticos. Isso ocorreu a partir dos iluministas, passando por Feuerbach, Marx e Comte até Sartre. Deve-se dizer que nem mesmo a escola laica, livre do jugo das Igrejas, ficou sem compromissos com o poder, já que o Estado passou a controlar a educação com sua ideologia. Nesse contexto, toda e qualquer religiosidade foi retirada da educação, pois a desqualificação do pensamento religioso chegou às salas de aula, pela ascensão ideológica da ciência materialista. Mas vale dizer que a Ciência materialista também está assentada num pressuposto filosófico, pois todas as correntes do século XIX que deram força ao materialismo, jamais provaram que a matéria é a única realidade do Universo. Feuerbach combate a religião e procura destruir a idéia da transcendência filosoficamente e não seguindo o método científico. Ainda não se provou peremptoriamente a inexistência de Deus ou de uma dimensão transcendente do homem, por isso esse é um debate em aberto. O espiritismo, assim como outros teóricos espiritualistas entendem que o fenômeno religioso é universal, constituindo-se numa das instâncias mais importantes do psiquismo humano e da cultura de todos os povos. E independentemente do embate filosófico, se a religiosidade humana é transcendente ou não, é um verdadeiro crime cultural retirar da educação a cultura religiosa. Dessa forma os educadores espíritas em geral consideram que é preciso superar historicamente na escola essa dicotomia

queria formar espíritas ou religiosos... No Colégio Allan Kardec não havia aulas obrigatórias de espiritismo³⁶, pois não era uma escola confessional, no sentido tradicional do termo. De acordo com o relato de Corina havia no colégio estudos comparados de religião, em que se estudava o espiritismo e todos os sistemas religiosos existentes. Sobre essas aulas no colégio que aconteciam todas as quartas-feiras, diz ela:

“Todos os sistemas religiosos mereciam brilhante apreciação, com riqueza de ilustrações e cores locais. A cultura avançada nas áreas da etnologia permitia-lhe portentosas considerações, em torno das tribos primitivas e de seu habitat bem como dos ritos fetichistas, que manifestam o princípio religioso em latência. Processavam-se assim brilhantes incursões pelos diferentes horizontes da evolução religiosa dos povos, no curso dos séculos (...)” (NOVELINO, 1997:126)

Assim, Eurípedes procurou construir uma prática educativa plural, integrando ciência, filosofia e religião à moda de Kardec. Aceitava que o ser humano tivesse uma essência divina que nele se manifesta e também na cultura e ao mesmo tempo um impulso natural de transcendência que era universal, embora tomasse cores particulares de cada época e culto.

entre a doutrinação confessional e sectária e o esquecimento deliberado a respeito de tema tão essencial na humanidade. E nesse rol está Eurípedes Barsanulfo. Os educadores espíritas têm uma clara preocupação com o aspecto espiritual dos alunos aliada à necessária isenção sectária. São pensadores que buscaram a liberdade de pensamento e foram contrários à imposição dogmática, mas preservaram a visão integral do ser. Em suas práticas, como na de Eurípedes e Anália Franco, há uma tentativa de equilíbrio entre o pluralismo, com o imprescindível respeito às crenças particulares de cada um, e o universalismo, com o reconhecimento de que existe algo em comum a todas as religiões, pois é a mesma essência divina que nelas se manifesta e o mesmo impulso humano de transcendência que se revela, apesar das cores particulares de cada época e de cada culto. Para os educadores espíritas portanto é possível estabelecer diálogo aberto, fraterno e empático, entre os representantes de diferentes crenças, no contexto pedagógico da escola. No entanto, os pensadores espíritas se aliaram às posições filhas do iluminismo, por considerarem um atraso histórico a aliança da escola com qualquer Igreja. No Brasil, por exemplo, tanto Eurípedes Barsanulfo quanto Herculano Pires lutaram por uma escola laica, gratuita e obrigatória. Lembremos da luta de Eurípedes com a Igreja. O professor Herculano Pires, na década de 60 se alinhou na defesa da escola pública, laica, obrigatória e gratuita, embora achasse que a escola deveria ser verdadeiramente plural. Mas era contra uma educação ligada a Igreja e o favorecimento da iniciativa privada. Ver INCONTRI, Dora, BIGHETO, Alessando César. O ensino inter-religioso, como fazer? In *Mirandum*. Porto/São Paulo: USP, Universidade do Porto v.15, 2003. INCONTRI, Dora, BIGHETO, Alessando César. Ensino religioso sem Proselitismo. É possível? In *Videtur*. São Paulo/Salamanca: USP, v.13, p.27 - 31, 2002. INCONTRI, Dora, BIGHETO, Alessando César. Ensino Confessional, laico ou inter-religioso? Qual a melhor resposta? In *Revista de Educação CEAP*. Salvador: Loyola, n.45, junho-ag./2004.

³⁶ Como vimos há duas tendências no movimento espírita brasileiro, uma enraizada na tradição francesa de Kardec, que vem de uma vertente mais progressista e se alinha com as posições socialistas, e uma outra mais popular praticada pela maior parte dos centros que tem como principal característica conservadorismo social e político. Realizam inúmeras obras sociais assistencialistas. Os assistencialistas também praticaram obras educacionais. Essa linha é criticada pelos os espíritas do outro grupo, pois além de apresentar traços muito conservadores, guardam muitas heranças do catolicismo. Dentro dessa corrente há as escolas que são assumidamente confessionais e há aquelas que, até certo ponto, se inspiraram nas propostas de vanguarda, defendendo uma pluralidade. Na vertente mais crítica é que os educadores como Eurípedes Barsanulfo, Anália Franco, Herculano Pires se encaixam. Essas contradições demonstram uma rica dialética do movimento espírita.

Capítulo III

A vida de Eurípedes e o Colégio Allan Kardec

Eurípedes Barsanulfo foi o fundador do primeiro colégio espírita do Brasil e líder de mudanças educacionais em sua região, político, professor, jornalista, além de um homem de ação pedagógica. Sua posição na história da educação e do pensamento espírita é importante principalmente por dois motivos: como educador criou um colégio e defendeu posições pedagógicas que figuraram entre as propostas inovadoras do seu tempo, contra as tendências educacionais conservadoras; como herdeiro do pensamento de Kardec deu uma contribuição ao espiritismo, criando uma escola embasada nos seus postulados básicos, extraíndo destes suas práticas pedagógicas.

Seus escritos e sua ação mostram que Eurípedes foi um intelectual e um autodidata com grande dedicação e identificação com os oprimidos e excluídos. Por isso, sempre nutriu uma grande disposição de educar e servir o povo. Foi respeitado pela comunidade, deixou um exemplo de confiança no ser humano, dedicação incansável à educação e à saúde. Foi de fato Eurípedes alguém que demonstrou um amor pedagógico à moda de Pestalozzi e teve uma vida engajada em projetos de melhoria social.

1. A vida de Eurípedes

1.1. Sacramento no início do século XX

Convém dizer que Sacramento refletia as condições econômicas, políticas, educacionais de Minas Gerais e do Brasil. O final do século XIX e início do século XX foi um período favorável ao desenvolvimento da cidade. As condições eram favoráveis ao processo de urbanização. É verdade que a exportação de produtos agrários continuava a base da economia. Vemos nas Atas da Câmara do final do século XIX que a economia da cidade se estruturava com bases na agricultura e na pecuária, tendo o café e os laticínios, além de outros produtos agrícolas como principais produtos de exportação. Os produtos saíam em boa quantidade, graças às quatro estações ferroviárias que faziam parte da linha férrea da Mogiana que cortavam a cidade: Jaguará, Sacramento, Conquista e Engenheiro Lisboa. Apesar do início do processo de industrialização e de uma infra-estrutura em Minas Gerais e em Sacramento, as elites que estavam no poder em Sacramento beneficiavam-se da produção agrícola. Assim, procuravam

manter as estruturas de produção, criando dificuldades para o desenvolvimento das pequenas indústrias. Segundo informações da época, Sacramento, no final do século XIX, ainda sobrevivia das grandes propriedades de terras e os seus núcleos urbanos ainda viviam à margem da civilização apenas como extensão das zonas rurais. Boa parte da população vivia em sítios cujos limites chegavam à cidade. Em Sacramento os principais edifícios eram a Igreja, o Grupo escolar e a Cadeia Pública, conforme as informações do historiador local Cerchi (1991). O abastecimento de água era precário, os moradores ficavam na dependência de poços. Não havia encanamento e o esgoto era despejado nas ruas. Não havia iluminação elétrica. Segundo as Atas da Câmara, também não havia hospitais, mais apenas um médico para atender à população e uma farmácia precária. Os melhores artigos de consumo e a cultura mais elaborada ficavam nas mãos dos fazendeiros, que promoviam eventos culturais, construíam prédios importantes e mandavam buscar mercadorias em outras cidade mais desenvolvidas.

Nessas circunstâncias boa parte da população ficava desprovida de infra-estrutura, de cultura e das informações que havia nas cidades mais desenvolvidas. No caso do Estado de Minas Gerais a referência era a cidade de Belo Horizonte. A população ficava mal informada e relativamente ignorante das coisas que se passavam no Brasil e no Mundo dada a falta de comunicação rápida e a ausência de correios e jornais que a mantivessem informada. De acordo com Cerchi, a região de Sacramento teve o seu primeiro correio no ano de 1915, localizado na cidade de Araxá. Na cidade de Eurípedes, as práticas dos fazendeiros paternalistas levava a falta de cultura e a ausência de tradição de participação política. A Igreja era o centro das atividades públicas, da práticas religiosas, da vida cultural. Dentro delas os representantes de diferentes camadas sociais e diferentes etnias se encontravam de forma mais igualitária.

Esse panorama começa a mudar no final do século XIX e início do século XX, no começo da República. Embora em Sacramento, nos primeiros anos da República, tenha sentido pouco o impacto do novo regime, inicia-se um desenvolvimento mais urbano. Entre os anos de 1889 a 1894 a população urbana de Sacramento girava em torno de 4.000 habitantes. Nesse período nascem as primeiras indústrias no local e o comércio é fortalecido. Décadas mais tarde, o jornal de Sacramento *a Semana* do ano de 1926, traz uma reportagem sobre o comércio e a indústria da cidade: “*Já possuímos diversos e importantíssimos estabelecimentos industriais e comerciais que fazem do nosso meio um centro de trabalho ativo profícuo e animador(...)*”(A *Semana*, 1926). O mesmo afirma o historiador Carlos Alberto Cerchi:

“O comércio da cidade melhora, surgem pequenas indústrias de macarrão e de cerveja; lojas, sapatarias, selarias, marcenarias e farmácias, todas com forte participação dos imigrantes, agora

integrados à sociedade sacramentana. (...) Grandes barracões são construídos no final da rua Joaquim Murtinho que passa a denominar-se 'Alto da Estação', nas imediações das terras do Major Ataliba José da Cunha que permite o prolongamento da rua Rui Barbosa a partir do Ribeirão Borá no bairro do Rosário. As máquinas de beneficiar café e arroz possuem embarcadouros que permitem os vagões de carga dos bondes manobram. Grande quantidade de café é exportada diariamente via bondes e mogiana." (CERCHI, 1991:108-109)

Houve reflexos desse momento favorável na economia da cidade. Surgem novas ruas e novas construções são erguidas com beleza arquitetônica para demonstrar a força dos fazendeiros do café. Imigrantes vinham para trabalhar nas lavouras e substituir a mão-de-obra escrava. Os dados estatísticos, apresentados em documentos da cidade, mostram que entre os anos de 1910 a 1920 contavam-se 1.500 pés de café no município e os principais produtores eram os fazendeiros: Cel. Américo A. de Souza, Orígenes Tormin, Vitório Manzan, Fausto Fornazier e Alexandre Scalon. Com a pequena indústria, com a força da agricultura, a cidade inicia seu processo de urbanização, as ruas deixam de ser de terra, a água passa a ser potável, aparecem as primeiras escolas elementares na cidade. Surgem ainda os primeiros bondes e o projeto da implantação da luz elétrica. A cidade de Sacramento exibia, nas primeiras décadas da República, o mesmo entusiasmo pelo progresso, presente em todo o Brasil.

No período republicano em Sacramento, assistimos ao conflito e à passagem dos valores e formas de comportamento característicos da sociedade agrária para a sociedade urbana. O início de uma valorização dos trabalhos manuais, o apreço pelo progresso tecnológico e científico. As condições de produção que começaram surgir no período favoreceram o desenvolvimento de núcleos urbanos em Sacramento e gerar valores de uma burguesia ainda incipiente.

1.2. Uma breve biografia de Eurípedes Barsanulfo

Eurípedes Barsanulfo nasceu em 1º de Maio de 1880, numa família católica, muito simples, na cidade de Sacramento em Minas Gerais¹. A família de Eurípedes habitava casa modesta. Conforme nos relata Germano, ex-aluno e ex-professor do Colégio Allan Kardec, num importante documento manuscrito em 1918, intitulado "*Memórias de um estudante*":

¹ A cidade de Sacramento foi fundada em 1820, pelo reverendo Hermógenes Casimiro de Araújo Brunswick... Sacramento era uma pequena localidade às margens do Rio Borá. Surgiu como um distrito da Freguesia de Nossa Senhora do Desterro do Desemboque e suas terras foram doadas por Manuel Ferreira ao Reverendo. Dia 3 de Julho de 1857, foi criada a Freguesia de Nossa Senhora do Patrocínio do Santíssimo Sacramento e posteriormente em 13 de Setembro de 1870, a lei mineira decretava a criação do Município e somente em 1876, foi elevada a cidade.

“Eurípedes nasceu numa antiga casa situada no lugar onde hoje é a confeitaria do Sr. Dumas, em frente ao Hotel Comércio. Eurípedes Barsanulfo nasceu a 1º de Maio de 1880 na cidade de Sacramento. Filho de Hermógenes Ernesto de Araújo e Dna. Jerônima Pereira de Almeida.” (GERMANO, 1918:2)

A informação é confirmada pela sua biógrafa principal, Corina Novelino:

“Nasce Eurípedes Barsanulfo. Exatamente a 1º de Maio de 1880, numa casa hoje demolida – situada nas esquinas da Rua principal com a transversal – atual Major Lima. Foi recebido nos braços carinhosos de Ludovins, grande amiga da família e parteira da cidade(…).” (NOVELINO, 1997:23)

A família de Eurípedes era formada de operários, agricultores e funcionários do comércio. O pai era balconista de um estabelecimento comercial do lugar. Sua mãe cuidava do trabalho da casa e sabe-se que sofria de constantes crises de desmaio, necessitando de grande atenção por parte dos seus familiares. De acordo com o depoimento do ex-aluno Tomás Novelino, a mãe de Eurípedes, Dona Meca, como era conhecida: “*sofria uns acessos nervosos, que a medicina caracteriza com o nome de histeria, histero-epilepsia.(sic)*” (NOVELINO, 1998:10) A jovem mãe era profundamente religiosa, de tradição católica, transmitindo seus princípios na educação dos filhos.

A vida de Eurípedes desde o início teve contornos dramáticos, com inúmeros problemas familiares. A situação financeira, às vezes, era tão grave, que o orçamento do pai mal dava para alimentar a família. O menino crescia pouco nutrido e, conseqüentemente, com problemas de saúde. Segundo o registro de Corina Novelino, houve dias em que uma das irmãs apanhava no quintal folhas de “*ora pro-nobis*” e as cozinhava com água e sal para dar aos irmãos. Nessa época, Eurípedes contava apenas com 4 anos. Tomás Novelino, que conheceu a vida da família, relata:

“D. Meca (Mãe de Eurípedes) uma mulher que sofreu demais na pobreza. Teve 15 filhos e criou 14. Ela me disse uma vez: “Não agüento mais, eu tive trabalho de parto, nós estávamos numa pobreza tão grande que eu para fazer higiene usava uma telha, aquelas telhas antigas, pois não tinha uma bacia, não tinha nada” (NOVELINO, 1998:10)

No documento escrito por Germano também aparecem as crises da mãe de Eurípedes:

“Sofria ela de crises histéricas que a deixavam dias e dias recolhida ao leito. Fato este confirmado pela minha madrinha Dona Chiquinha amiga

e comadre de Dona Jerônima, sendo mesmo tão amigas que pareciam duas irmãs, de modo que todos os episódios eram bem guardados por ambas.” (GERMANO, 1918:2)

Aos 5 anos de idade, tem início a sua primeira educação. Para lhe proporcionar melhor instrução a Eurípedes, o pai o leva à escola isolada primária de Joaquim Vaz Melo, na qual recebe as instruções iniciais, aprendendo a ler e a contar. Nesta instituição, freqüentada durante anos, Eurípedes se destacou ainda na infância. Desde cedo, revela-se um menino interessado em conhecer. Mais tarde, seu trabalho pedagógico e seus projetos sociais revelarão uma preocupação intensa com o aspecto cultural da sociedade. Segundo Corina:

“A pedido de Eurípedes, o pai encaminhara-o para a escola primária do Sr. Joaquim Vaz de Melo, onde o menino aprendera a ler e a contar rapidamente. Depois que aprendeu ler nunca mais deixou a companhia dos livros. Eurípedes projetou-se na escola do Tatinho, mercê de sua aplicação e comportamento exemplares. Aproveitou com brilhantismo as lições recebidas, através do método intensivo aplicado na época nas escolas oficiais e particulares da província.” (NOVELINO, 1997:28)

Por essa época, Mogico recebeu uma boa proposta de emprego, para trabalhar numa nova casa comercial, que se localizava na estação ferroviária do Cipó. Este acontecimento veio renovar as esperanças na vida da família. No ano de 1885, o pai de Eurípedes mudou-se com a família, quando ele contava 5 anos de idade. Sua educação sofre lacunas, porque, nessa fase, Eurípedes é obrigado pela necessidade a deixar a escola para auxiliar o pai em seu novo emprego. Ali não freqüentou escolas, pois em Cipó não havia colégios, passou a estudar com o pai, que lhe dava lições escolares. O menino ajudava no balcão e quando chegavam os fregueses a cavalo, vindos das fazendas e sítios da redondeza para compras, guardava os animais. Conta Corina Novelino:

“Mogico recebera vantajosa proposta do Sr. Antônio Batista de Melo para gerenciar sua casa comercial, que se localizava na Estação do Cipó, tronco ferroviário da Mogiana, a quatorze quilômetros de Sacramento. O moço aceitara o emprego que lhe daria possibilidades melhores para a manutenção de sua já numerosa família. (...) A mudança para Cipó deu-se no correr de 1885. (...) Mas, na estação de Cipó não havia escolas. Eurípedes prosseguia seus estudos com o pai, que, nas horas vagas, transmitia-lhe lições de Aritmética e Língua Portuguesa. Na casa comercial, onde o pai trabalhava, o menino passava quase todo o dia, ocupado com seus livros e empenhado em auxiliar o progenitor no balcão.” (NOVELINO, 1997:30)

Algum tempo depois, por motivos de doença de Eurípedes e de Mogico, a família começa a pensar em deixar a região. Cipó proporcionava-lhes uma boa possibilidade financeira, mas,

naquela região, havia perigos constantes de epidemia que ameaçavam a saúde familiar. Descreve Corina:

“Eurípedes fora acometido de maleita, muito comum nas épocas posteriores às chuvas. O fato trouxera naturais apreensões aos pais. Meca esperava o oitavo filho, o que ocorreu a 7 de Dezembro de 1889. Desta vez veio uma criança do sexo feminino, que recebeu o nome de Eurídece Milton. Logo depois, Mogico aparece com beri-beri. A enfermidade pertinaz o levou a pensar no retorno a Sacramento. (...) Dessa forma, depois de três anos de permanência naquela Estação Ferroviária, a família regressa a Sacramento.” (NOVELINO, 1997:30)

Ao retornar à parte urbana de Sacramento, a família procurou uma escola para matricular Eurípedes Barsanulfo que contava com 9 anos. O pai de Eurípedes conseguiu levá-lo ao famoso educandário de Sacramento, o Colégio Miranda. Poderia preencher as lacunas de sua educação que fora, até então, um tanto aleatória. A entrada nessa escola abriu-lhe a perspectiva de completar a sua formação interrompida, numa instituição que oferecia a estrutura mais adequada para um desenvolvimento intelectual. Os doze anos seguintes Eurípedes Barsanulfo passou no Colégio Miranda, onde pode completar seus estudos e também pode se ligar a grupos de intelectuais. Corina explica:

“Nesse ano -1889 - inaugura-se em Sacramento uma nova fase para a população estudantil. Instala-se na cidade o Colégio Miranda. Seu diretor – o Prof. João Derwil de Miranda – era natural de Mariana, MG, e recebera esmerada formação no Caraça, o mais famoso educandário mineiro de todos os tempos. (...) Numa época em que a rarefação demográfica opunha barreiras quase intransponíveis à comunicação entre as cidades, vilas e povoações da Província de Minas Gerais, verdadeira elite intelectual veio até Sacramento, através do eminente Prof. Miranda(...)” (NOVELINO, 1997:33)

O jornal *O Borá* da cidade de Sacramento, traz no número de Setembro de 1918 uma breve biografia de Eurípedes que diz:

“Cursou as aulas do Colégio Miranda, estabelecimento de ensino dirigido pelo professor João Derwil de Miranda. Sempre rigoroso no cumprimento de seus deveres colegiais, era aluno estudioso, exemplo de abnegação e bondade e muito auxiliava seus professores, lecionando a seus condiscípulos, no seio dos quais gozava de geral e merecida admiração.” (O BORÁ, 1918:1)

Desde jovem, Eurípedes era muito ativo e demonstrava grandes aptidões literárias e artísticas. De acordo com a descrição do jornal *O Borá*: “Seus atos logo nos primeiros anos de sua existência, indicavam grandes (...) propensões pela carreira literária e artística.” (O BORÁ,

1918:1) Quando tinha apenas 12 anos, dois anos após sua entrada no colégio Miranda, participou da fundação de um grêmio dramático em Sacramento. Graças a apresentações artísticas bem elaboradas, o grêmio surpreendeu os participantes pela fama alcançada além das fronteiras da cidade. Foram montadas peças clássicas, entre as quais se destacaram “Jerusalém Libertada” de Torquato Tasso e “Restauração de Portugal” de autor desconhecido. Não se limitavam, porém, a dramatizar peças famosas, procuravam escrever suas próprias obras.

Essas atividades artísticas prosseguiram durante longo período, representando uma das principais vertentes intelectuais de sua juventude. Segundo Corina Novelino, a prof. Ana Borges, diretora de um internato para meninas, chamado Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, dedicava-se à organização de saraus literários, recebendo importantes intelectuais. Os esforços literários da professora não foram isolados, pois as suas iniciativas recebiam grupos de várias localidades e estimulavam a criação de outros grupos literários. O grêmio dramático do qual Eurípedes participava já havia se apresentado nesse espaço cultural diversas vezes. Os encontros eram bastante conhecidos em Sacramento e permitiam discussões de questões filosóficas, históricas e literárias e apresentações artísticas. Numa dessas reuniões, no ano de 1897, Eurípedes relaciona-se com a família do compositor Carlos Gomes, estreitando os laços de amizade com a irmã do compositor e com seus filhos. Afirma Corina:

“No colégio, a diretoria reunia, duas vezes por semana, a elite local para memoráveis saraus lítero-musicais, muito em voga na época. Eurípedes, muito jovem, não faltava a essas reuniões, nas quais oferecia a contribuição de versos belíssimos, que declamava com entusiasmo. (...) Foi numa dessas reuniões, que Eurípedes tomara conhecimento com a família Gomes, (Família do compositor Carlos Gomes) tornando-se amigo de Da. Joaquina e de seus filhos.” (NOVELINO, 1997:49)

O seu envolvimento com as artes dramáticas terá mais tarde conseqüências na sua prática educacional. O teatro será um traço do seu método pedagógico. A sensibilização para atitudes, reflexões e discussões morais poderá começar na encenação teatral. Nessa mesma época, a sua participação no grêmio dramático o torna conhecido nos círculos intelectuais da cidade, possibilitando a criação do primeiro periódico de Sacramento que chegou a ser conhecido nas cidades vizinhas. Juntamente com José Martins Borges, Leão de Almeida e Prof. Inácio G. Melo fundou o jornal *A Gazeta de Sacramento*, que circulou até mais ou menos 1918. O jornal *O Borá* de 1918 afirma que: “Colaborou de modo fecundo e brilhante em diversos jornais e redigiu durante anos a ‘Gazeta de Sacramento’, órgão de publicação semanal” (O BORÁ, 1918:1) O jornal de Uberaba *Lavoura e comércio*, no ano de 1918, em um de seus artigos chama a atenção

para o comprometimento cultural e político do jornal de Eurípedes. Ele deu uma importante contribuição ao desenvolvimento no jornalismo de Sacramento, colaborando com periódicos locais. Segundo informações de Corina, podemos citar os jornais *A semana*, o *Correio de Sacramento*, *Folha de Sacramento e Nossa Terra*, todos jornais que circularam vários anos. Seus escritos e o seu jornal desempenharam papel fundamental na cena cultural da cidade. O tom literário, informativo, político e pedagógico de seus textos permaneceu desde a juventude até o fim de sua vida. Sempre esteve envolvido em preocupações e lutas pela ampliação cultural, melhoria da saúde e da educação na cidade de Sacramento. Eurípedes encarnava os anseios de progresso cultural do período republicano e de setores da população da cidade. Representou a luta em prol de uma sociedade mais culta e informada.

Até final de 1901, fica entregue à orientação pedagógica do Prof. Miranda. Na sua saída do colégio, o diretor convidou Mogico a comparecer ao educandário para informá-lo de que deveria providenciar um outro Colégio para o filho, onde este pudesse realizar o curso superior, pois já estava preparado. Segundo os ex-alunos Corina Novelino, Tomás Novelino, Edalide e Germano, desde cedo Eurípedes tinha por ideal ingressar na Escola Superior de Medicina. Germano afirma que: “*Desde menino Eurípedes demonstra grande tendência em auxiliar os doentes e os pobres*” (GERMANO, 1918:2). Sua inclinação vinha reforçada por um fato muito interessante ocorrido, em torno de 1889, quando um médico, Dr. Onofre, veio residir em Sacramento. Hospedou-se uma temporada na casa do Sr. Mogico, tendo-o inclusive curado do beri-beri, mas sem obter sucesso nos ataques de sua esposa, D. Meca. Este médico trouxe um grande número de livros para as suas pesquisas e que ficavam dispostos sobre uma mesa, no quarto em que estava hospedado. Eurípedes foi pego folheando os livros atentamente diversas vezes. Dr. Onofre condenou tais leituras, pois considerava-o muito jovem, mas nenhuma conversa adiantou, estava firme em sua proposta de encontrar um caminho para diminuir as aflições da mãe e de ser médico. De acordo com Corina:

“O médico interessado no cultivo de conhecimentos relacionados à sua nobre carreira, trouxera bom número de livros para as suas pesquisas. Volumosos compêndios, que a anfitriã dispôs numa mesa, no aposento destinado aos hóspedes amigos. Sem fadigas e sem quebrar a continuidade de esforço, Eurípedes folheava os livros atentamente, coordenando conceitos, coligindo dados, bebendo conhecimentos novos. O Dr. Onofre acompanhava com apreensões o fato e chegou a interpelar Mogico, a respeito, acentuando: Acho Eurípedes jovem demais para ler esses livros... é bom proibir-lhe essas leituras. Farei isso, concordou Mogico.” (NOVELINO, 1997:49)

No ano de 1902, Eurípedes teve a possibilidade de ir com seu pai para o Rio de Janeiro, com o objetivo de continuar os estudos, ingressar na faculdade de medicina e conseguir um emprego para pagar os estudos. Embora a situação da família tivesse melhorado financeiramente, os meios materiais ainda eram escassos, tornando-se impossível o sustento de seus estudos no Rio. Era preciso que ele estivesse empregado a fim de manter sua subsistência e a continuidade dos estudos. Nessas condições, pai e filho seguiram para capital do país, onde conseguiram matrícula no Curso Preparatório para a Escola de Medicina. Depois de 20 dias, regressaram a Sacramento para os necessários preparativos.

No entanto, a mãe caiu em crise quando Eurípedes estava de malas prontas para ir ao Rio de Janeiro. Com a mãe naquela situação, não conseguiria viajar para a Capital. Apesar dos familiares dizerem que não havia razões para que ele desistisse dos estudos e proporcionarem um clima de incentivo ao jovem, por reconhecerem a perspectiva de um estudo importante na sua vida e por saberem também que no futuro isso traria benefícios financeiros a todos, ele resolve não prosseguir naquele ideal. Achou que a distância de casa só iria piorar as coisas. De acordo com a narrativa de Corina:

“Às vésperas da saída do jovem, quando ela lhe arruma a mala modesta, foi acometida por uma daquelas crises, que tanto preocupavam a família e, de modo particular Eurípedes. Eurípedes correria ao encontro da mãe, na companhia dos outros irmãos. Sentiria ele de pronto o motivo de sofrimento da mãe. Era a tristeza da separação próxima. (...) Quando Meca voltou às faculdades normais, encontrou a mala do filho desfeita. Eurípedes nunca mais tocara no assunto...” (NOVELINO, 1997:41)

Alguns anos antes, Eurípedes tomara contato com Ormênio, um estudioso da homeopatia que lhe emprestara alguns livros relacionados ao tema. Abandonado o projeto de estudar Medicina no Rio, resolve-se pela homeopatia, cuja prática na época não era necessariamente restrita aos médicos. Depois de longas reflexões, pesquisas e anotações sobre o assunto, cria com os próprios recursos e ainda em condições difíceis uma pequena Farmácia Homeopática, que terá por objetivo atender aos mais necessitados da periferia e buscar a cura da doença de sua mãe. E Eurípedes de fato consegue curar a doença da sua mãe através da homeopatia. Conforme descreve Corina:

“Ormênio era um entusiasta pelo estudo da homeopatia e trouxera alguns volumes relacionados a essa terapêutica. Eurípedes demonstrou interesse pelo assunto e obteve o delicado consentimento de Ormênio para efetuar um estudo do mesmo, nos mencionados livros. Aplicara-se com entusiasmo à nova atividade, em que se colocava com escrupulosa atenção, como era do

seu feitio em tudo o que fazia. O grande objetivo desse empenho era a cura da mãezinha. (...) Após as necessárias pesquisas e anotações nos livros de Ormênio(...) Com os próprios recursos, criara uma pequena Farmácia Homeopática, com que atendia, primeiramente aos necessitados da periferia da cidade, aos quais buscava visitas cotidianas.” (NOVELINO, 1997:50)

Segundo Corina Novelino e Germano, Eurípedes procurou atender com a Farmácia a população carente de Sacramento. O seu esforço e a sua dedicação foram no sentido de criar uma Farmácia totalmente gratuita. Entre os patrocinadores conta com o apoio de pessoas que podiam contribuir com dinheiro e trabalho voluntário. Recebia muitas doações pessoais e subvenções de pequenas empresas, graças ao seu prestígio na comunidade. No princípio recebeu ajuda de instituições católicas, como a sociedade São Vicente de Paula, depois quando se torna espírita perde esse apoio e passa a contar com a colaboração de Frederico Peiró, um dos iniciadores do espiritismo na região. A farmácia prestava assistência a numerosa clientela. Em Sacramento não havia assistência hospitalar, faltavam médicos e enfermeiras. Eurípedes, que não era formado em medicina, acabou desenvolvendo um trabalho médico, cuidando dos habitantes da cidade e realizando tratamentos. Essa atividade durou até os seus últimos anos de vida. No jornal *O Borá* de 1918 assim está escrito:

“Manteve durante 15 anos uma farmácia para aliviar as dores e minorar o sofrimento de seu semelhante, a qual chegou a aviar uma média de 500 receitas diárias.(...) Por este benefício moveram-lhe os sectários do catolicismo um indecoroso processo, no qual as autoridades de Sacramento deram-se impedidas de tomar parte, julgando-o impropriedade e injusto, e que acabou por prescrever.” (O BORÁ, 1918:2)

Sobre o mesmo assunto explica Germano:

“Ao longo de sua vida o trabalho ligado a saúde e a farmácia cresceu. Muitas pessoas o procuravam, a cidade recebia doentes de vários lugares. Não era raro muitas vezes altas horas da noite, pessoas que iam buscar remédios para doentes que estavam passando muito mal, quando batiam na porta do quarto de Eurípedes e pediam o remédio.” (GERMANO, 1918:2)

Entre os anos de 1903 e 1905, Eurípedes adere ao espiritismo (como vimos nos capítulos anteriores). Depois de vários conflitos com os católicos e de algumas tentativas fracassadas do clero de fazê-lo mudar de idéia, começa a participar de um núcleo de estudos e atividades espíritas. A mudança de Eurípedes do catolicismo para o Espiritismo lhe causa muitos problemas. Dizem os antropólogos franceses Laplantine e Aubrée que “*todas as suas boas*

disposições pedagógicas e caritativas, junto a um desejo de novidade, predispunham Eurípedes a entrar num movimento que, localmente, estava apenas começando.” (LAPLANTINE & AUBRÉE, 1990:148) No ano de 1905, sua família que, a princípio, era contra sua adesão ao espiritismo, passa a aceitar essas idéias. Com o apoio familiar decide Eurípedes criar um grupo Espírita, e “(...) *funda seu próprio grupo “Esperança e Caridade”, depois que o escândalo de sua conversão se acalmou um tanto.*” (LAPLANTINE & AUBRÉE, 1990:150) Sabe-se que esse grupo começou a desenvolver trabalhos em diversas áreas, principalmente educacionais e saúde, junto aos oprimidos da sociedade. Eurípedes unia as atividades do grupo espírita ao auxílio dado aos doentes. Atendia nas casas apelos urgentes de pessoas abatidas por doenças graves e por receituário mediúnico, muitas dessas doenças foram resolvidas.

Apesar destas obras, cujo alcance social era inegável, ainda era alvo de constantes perseguições, mas suas convicções não mudaram. Seguindo o próprio ideal, decide mudar o nome do colégio, passando de Liceu Sacramentano para Colégio Allan Kardec. Porém, foi obrigado pelas circunstâncias a iniciar as atividades do novo colégio em sua própria residência. Para isso era necessário que a casa passasse por uma restauração na sua arquitetura a fim de abrigar as crianças. E, para surpresa do jovem professor, os antigos alunos do liceu se rematricularam e, com eles, mais cem novos estudantes, número suficiente para reavivar as esperanças de Eurípedes. Nesses tempos de incerteza, ele já havia alcançado grande reputação como pensador, o que lhe ajudou muito naquele momento. O antropólogo americano David Hess se refere a ele como “*o célebre intelectual espírita Eurípedes Barsanulfo*” (HESS, 1991:91) A fama de intelectual era grande na cidade de Sacramento. O jornal *O Borá* assim escreve em 1918: “*Eurípedes era um grande pensador, discorria com muita facilidade sobre diversos assuntos filosóficos e religiosos; nunca deixou de responder do alto da tribuna às diatribes proferidas contra o espiritismo.*” (O BORÁ, 1918:2)

Ao lado de sua experiência pedagógica e de sua atividade política, vai se desenvolvendo cada vez mais a sua atividade junto aos doentes. É importante ressaltar aqui as palavras do filósofo espírita Herculano Pires: “*Curar e educar são funções conjugadas do homem na luta pela sua transcendência.*” (PIRES, 1979:52) Além dos recursos da homeopatia, passa a se utilizar também da alopatia. Aqui poderíamos fazer a seguinte pergunta: por que Eurípedes decide seguir também o ramo alopático já que a homeopatia dava bons resultados? A resposta de Eurípedes era a de que a maior parte da comunidade desconfiava da eficácia dos remédios homeopáticos, assim para ajudar o maior número possível de pessoas, precisava trabalhar também com os remédios alopáticos. Chegou a atender mil pedidos diários, de cidades da redondeza, entre elas, Franca, Monte Santo e Uberaba. Ele sustentava a farmácia com o trabalho

de escrituração fiscal que realizava para o pai e com a ajuda de outros espíritas, entre eles continua sendo ajudado por Frederico Peiró.

Na prática, a vida de Eurípedes se revestiu de uma intensa luta pela cultura, saúde, educação e infra-estrutura para a sua cidade. Seja como educador ou político, ele apresentou-se como um homem de vanguarda, buscou a expansão da escola pública - como vimos em capítulos anteriores – ampliou os recursos da saúde e combateu os problemas sociais, já que a cidade possuía recursos muito reduzidos de higiene e de cultura. No final do século XIX e início do século XX ocorrem fenômenos, como já observamos, que introduzem certas modificações na estrutura cultural, econômica e social do país, contribuindo com o processo de desenvolvimento urbano. Nos dois triênios que participou como membro da Câmara Municipal de Sacramento, a cidade recebeu vários benefícios e buscou recursos para custear o desenvolvimento de sua infraestrutura. As tentativas de levar Sacramento ao desenvolvimento e ao progresso, no período republicano, começam a ser bem-sucedidas.

Nas atas da Câmara Municipal de Sacramento é possível observar esse engajamento de Eurípedes. Trabalhou pelo aperfeiçoamento dos transportes em Sacramento, contribuindo com um projeto da construção de uma estrada de ferro. O projeto foi levado a cabo e promoveu o desenvolvimento do mercado interno na cidade e externo também, estimulando a urbanização do município. A rede ferroviária de Sacramento facilitou as comunicações e ajudou a cidade a se tornar um núcleo promissor. Eurípedes contribuiu para o aperfeiçoamento dos transportes urbanos trazendo os bondes elétricos para a cidade. Melhorou o sistema de calçamento, trouxe iluminação e abastecimento de água. Desenvolveu o projeto da usina hidrelétrica e do cemitério. Procurou expandir o número de farmácias e médicos na cidade. Ainda é preciso lembrar sua luta por maior distribuição de riquezas e a tendência em seu pensamento de levar a democracia às suas últimas conseqüências. Ele se considerava um porta-voz do povo e defendia a participação popular direta na vida pública. Corina Novelino confirma esse fato dizendo que Eurípedes era um: “espírito altamente democrático.” (NOVELINO, 1997:171) Em 5 de Agosto de 1909, numa divergência com a ala mais conservadora da Câmara, sobre a democracia e a participação popular, ele manifesta a idéia de que o povo deveria ter mais poderes na democracia. Citamos um trecho desse debate que se encontra nas Atas Municipais de Sacramento:

“O vereador E. Barsanulfo manifestou em seu discurso que os governos não deviam proporcionar meios para a escolha de candidatos para cargos de presidente da República ou Estado, cuja a convenção de 22 de Agosto ia tratar; mas sim ampliar esse direito ao povo para livremente sufragar o nome do cidadão que a massa popular compreendesse estar a altura de desempenhar o mandato no governo

da República ou Estado (...)” (ATA DA CÂMARA MUNICIPAL, 1909:115)

Em Sacramento, todo esse processo foi financiado com dinheiro público, municipal e estadual e também com o capital estrangeiro. Com essas medidas, o comércio urbano ganhou novas dimensões, bem como o artesanato e as pequenas indústrias da cidade. Em 1910, a comissão de finanças e redação da Câmara Municipal de Sacramento apresentou um projeto de iluminação e transporte para a cidade em que fica patente essa nova mentalidade:

“Considerando que a iniciativa de obras e melhoramentos municipais é a melhor manifestação do governo, por desenvolver as forças vivas do município com o aumento de suas rendas; considerando que é de tal natureza o serviço de instalação de luz e de transporte desta cidade do Sacramento à estação do mesmo nome da linha férrea Mogiana, cuja prática favorece uma das mais justas aspirações do comércio, da lavoura e da indústria do Município; considerando que essa via de transporte, a par da instalação de luz elétrica, dará vida própria a esta cidade, ligando ao município um meio de comunicação fácil, cômoda e rápida e uma perene fonte de força para o desenvolvimento da indústria; considerando, finalmente que a despesa assim feita é produtiva pelo aumento de rendas, além das grandes vantagens que ao público resulta do serviço em si mesmo.” (ATA DA CÂMARA MUNICIPAL, 1910:71a)

Entre os anos que foi vereador de 1904 a 1910, cresceu o número de escolas públicas e aumentou o índice de alfabetização. Multiplicaram-se os jornais em circulação. Fundaram-se associações artísticas e literárias. Sacramento se beneficiou desse processo, o ritmo de vida se alterou. Os benefícios do desenvolvimento ajudaram a cidade a se modernizar.

É preciso dizer ainda que Eurípedes exerceu os cargos de membro das comissões de legislação e finanças, de obras públicas e de Instrução pública, e após ter estado durante anos à frente de projetos políticos nessas áreas, que visavam à melhoria das condições de vida do povo, pede seu afastamento em 23 de Setembro de 1910, por entender ser antidemocrática a atitude do governo de adiar as eleições municipais. Mas, segundo ele próprio, a falta de investimento do governo na educação também o tinha deixado muito insatisfeito. Considerava um ato extremamente autoritário permanecer no poder sem o referendo popular. De acordo com o que está escrito nas Atas da Câmara Municipal de Sacramento:

“Eurípedes Barsanulfo havia manifestado sua retirada desta Câmara trazendo como causa o desgosto que manifestou com o procedimento autocrata do governo do Estado ou Congresso estadual, adiando as eleições municipais etc. para depois (...)” (ATA DA CÂMARA MUNICIPAL, 1909:198)

O seu pedido, a princípio, não foi aceito. O parecer do presidente da Câmara foi contrário: “Pelo senhor Presidente foi dito que por sua parte não deixava de externar o pesar que lhe causou em ouvir as palavras do Vereador E. Barsanulfo manifestando sua retirada desta Câmara, o que posto a votos foi rejeitada unanimemente.” (ATA DA CÂMARA MUNICIPAL, 1909:198) Mesmo assim, Eurípedes tomou a atitude que achava mais correta e deixou o cargo:

“E. Barsanulfo disse que muito agradecia as benevolências, mas já havia prestado os seus serviços a causa pública em dois triênios já passados, portanto é chegada a quarta época das sessões ordinárias do triênio a findar-se, época para fazer a sua retirada e com muito pesar deixava seus colegas, não só pelo que já havia dito com relação a autocracia do alto governo, como pelos afazeres que o cercam e mesmo que por atenção deliberasse a continuar nos trabalhos da Câmara ser-lhe-ia muito duro prosseguir ilegalmente nas funções do governo municipal (...)” (ATA DA CÂMARA MUNICIPAL, 1909:199)

Todos os anos posteriores até os seus últimos dias, consagrou-se aos trabalhos educacionais² e aos cuidados com os doentes. Por ironia do destino, Eurípedes foi contaminado pela terrível epidemia da “gripe espanhola”, que assolou o Brasil naquele tempo. Ficou muito abatido e alguns dias de cama com febre intensa. Mesmo naquela situação, continuou a atender aos receituários. Mas, no primeiro dia de Novembro de 1918 pela manhã, morre Eurípedes Barsanulfo, causando imensa repercussão na imprensa da região. Os principais jornais deram notícias de sua morte. Diz o jornal *O Pharol* editado em 20 de Novembro de 1918 na cidade de Pedregulho-SP: “*Deixou de existir a figura de Eurípedes, em carne e osso, mas será imorredoura e eterna a memória deste grande vulto, que Sacramento teve a honra de ter por filho.*” Segundo o historiador Cerchi:

“A gripe espanhola também chegaria em Sacramento, ceifando vidas de nossa população, inclusive vitimando Eurípedes Barsanulfo, um dos idealizadores do bonde, e articulador daquele projeto, na sua gestão como vereador especial de Sacramento.” (CERCHI, 1991:106)

Nas palavras de Germano, ex-aluno e ex-professor do colégio Allan Kardec:

² Sabe-se que estava sendo construída uma nova sede para o colégio Allan Kardec, que a pedido de Eurípedes antes de morrer, é assumido pelo irmão Homilton junto a Watersides, funcionando até 1925. Nesse ano, foram obrigados a fecharem por causa das dificuldades financeiras e reabriram em 1935, com o grupo espírita “Esperança e Caridade” como mantenedor. No ano de 1941, a direção da escola foi passada por Homilton à Corina Novelino que a mantém até 1964. Já em 64, a escola passa às mãos do Estado, mudando de nome, passa primeiro se chamar “Escolas Combinadas de Sacramento”, depois “Escolas Reunidas de Sacramento” e por último “Grupo Escolar Sinhana Borges” que ainda existe. Antes, em 1959, havia sido criado o Ginásio Allan Kardec que fechou em 1971 por falta de recursos financeiros. Em 1973, o Dr. Tomás Novelino, começa um movimento para fazer uma nova unidade escolar, numa área doada pelo Lar de Eurípedes, chamada “Escola de Primeiro grau Eurípedes Barsanulfo” num bairro carente da cidade em 1975, que segundo consta ainda existe.

“tudo paralisou durante vários meses, os hospitais, as casas de saúde, os grandes prédios das cidades abarrotaram de gripados e a mortandade era grande por todos os lados. A nossa cidade também foi atingida por essa peste, que invadia os lares, as escolas, tudo paralisou e só ouvia falar de morte. O sino da matriz não parava o dia inteiro, era dobrar de finados, as ruas desertas, as casas comerciais fechadas e os poucos que não estavam doentes corriam em socorro do enfermos e a transportar os mortos. O Barsanulfo nesta luta de médico e enfermeiro, de verdadeiro pai do povo, sem descanso dias e noites a correr por todos os lados da cidade. Ele foi atingido por esse mal, mas não descansava, mesmo enfermo dava receituário e trabalhava no laboratório da farmácia atendendo a todos que o procuravam até que já muito esgotado, sem forças, foi obrigado a recolher-se ao leito, para não mais se levantar. E foi nas vésperas do dia 1º de Novembro do ano de 1918 que eu já bastante fraco e já com uma febre elevada, há dias doente de gripe sem ter a menor melhora resolvi ir a casa do mestre e cambaleando e cansado fui até lá. Encontrei-o muito abatido, porém de pé, no recinto de seu quarto estava com o pé numa cadeira jundiahi (sic) e de pé, curvado olhava pela janela que dava para o morro do derrotado onde ficavam as duas árvores com copas enormes onde ele sempre nos levava a passeio nos dias de descanso para que os alunos reunidos pudessem descortinar o panorama da cidade e receber seus sábios ensinamentos de Botânica, Zoologia e Moral e ali punha ele a admirar a natureza e sabedoria de Deus. (...) Ali estava ele a meditar quando dirigi-me a ele e disse-lhe: estou com medo da morte pois todos que são atingidos pela gripe só por um milagre escapam. Ele então respondeu-me, Sr. Germano está me vendo aqui, eu ainda vou e o Sr. ficará e terá muitos anos de vida e então eu quero puxá-lo pela perna quando estiver praticando atos maus pelos campos. Mas eu que não estava para brincar e com bastante medo levei as suas palavras. Recebi dele um vidro de remédio e o modo de usar e saí como um corisco para casa e lá chegando recolhi-me ao leito e religiosamente comecei a tomar o remédio. Assim dormi o resto do dia e fui despertado por minha mãe de criação com a triste notícia do falecimento do mestre amado, foi um golpe e ouvia o grito de dor do povo pela sua morte, pobres, ricos, pretos, brancos, velhos e crianças. Todos ficaram muito tristes naquela manhã de chuva fina e céu embaçado.” (GERMANO, 1918:70 a 74)

1.3.A escola em que Eurípedes estudou...

A partir de 1889 iniciou-se um período promissor para a instrução de Sacramento, instala-se na cidade o Colégio Miranda, educandário dirigido pelo poeta e Prof. Derwil de Miranda que tinha como assistente o Prof. Inácio Gomes de Melo, e ambos haviam estudado no famoso colégio Caraça³. O colégio veio para a cidade a convite do Coronel Manuel Cassiano de

³ O colégio Caraça foi uma escola modelo em Minas Gerais, típico representante de uma educação católica tradicionalista, com grande influência na educação do Estado. Tornou-se referência na história da educação brasileira, famoso por sua disciplina e pela tradição de formar a elite mineira, chegou a receber visitas de D. Pedro II e a ser equiparado ao colégio Pedro II. O padre lazarista Padre Antônio Viçoso foi um dos fundadores do Caraça no ano de 1821. A sua trajetória vai até 1912, quando entra em declínio e é fechado. A maioria dos seus alunos eram de famílias com bom poder aquisitivo. Desde o ano de 1822, o Caraça começa a receber ajuda financeira do Governo Central, em troca de bolsas para os “*alunos pobres*”. No ano de 1900, cresce o número de matrículas e o

Oliveira França, político de Sacramento. As autoridades de Sacramento iniciaram a tarefa de trazer escolas para a cidade que estivesse de acordo com as novas aspirações do período republicano. Um documento escrito pelo ex-aluno Afonso de Almeida, em 1905, diz o seguinte:

“A convite do Coronel Manuel Cassiano de Oliveira França, o professor João Derwil de Miranda e seu colaborador Inácio Gomes de Melo, natural de Ouro Preto, abriu a primeira casa de ensino especializada nesta cidade, a qual concorreu muito para o desenvolvimento da instrução. O colégio, iniciou suas atividades em 1889 (...)” (ALMEIDA, 1905:1)

Em Dezembro de 1902, o jornal *A Gazeta Sacramentana* apresenta uma reportagem sobre o colégio Miranda:

“(...) este importantíssimo estabelecimento de ensino primário e secundário, está sob a direção do seu proprietário, o nosso distintíssimo amigo Professor Major João Derwil de Miranda. Este colégio é sobejamente conhecido, não só nesta cidade, (...) mas também na vizinha cidade de Uberaba, onde durante três anos soube elevar-se ao conceito de toda a população, que teve de aplaudir o extraordinário adiantamento de todos os alunos, que tiveram a ventura

colégio tem o seu apogeu e foi nesse período que o consideraram no mesmo nível que o colégio Pedro II. Depois desse apogeu, os novos colégios do Estado começaram a receber mais alunos do que o Caraça, o Colégio não suportou a concorrência e ainda na falta de conseguir professores que considerasse qualificados, encerrou as atividades. Duas foram as inspirações pedagógicas básicas que influenciaram a proposta do Caraça, as idéias de São Vicente de Paulo, fundador da congregação e a educação jesuíta. Era um modelo conteudista, baseado na cultura literária clássica, que tinha na ordem, disciplina e na figura autoritária do professor seu ponto forte. A imagem do professor caracense baseava-se numa postura de firmeza, de autoridade e de austeridade. O professor precisava saber conduzir bem seus alunos que, naturalmente pela idade, estão mais propensos a ações descompromissadas com a vida. A transmissão de conteúdo era a principal tarefa do mestre que o passava aos alunos sempre de maneira expositiva. Nesse processo educativo, os conteúdos e os procedimentos eram determinados previamente pelo Colégio. O aluno era encarado como receptáculo de conteúdos e a função do mestre era preenchê-lo com o saber. As aulas no Caraça aconteciam por meio da repetição e da memorização: o fundamental era guardar o que tinha sido aprendido. Aliás, essa prática era comum nos colégios da época. Existia no Caraça um rigoroso sistema de punição e recompensa. A distribuição de prêmios entre os alunos, elogios e posições melhores aos que mais se destacavam fundamentava a sua pedagogia. No cotidiano do Caraça, se enfatizava as disciplinas relacionadas tanto com o comportamento como: “piedade”, “civildade”, silêncio etc. quanto as matérias clássicas: “Doutrina cristã”, “História”, “Filosofia”, “Língua Nacional”, “Língua Francesa e Inglesa”. As exigências nas aulas eram muitas, todos precisavam estar imóveis e em profundo silêncio para o bom andamento das aulas e os trabalhos escritos seriam tomados de acordo com aquilo que os alunos tivessem decorado. As atividades respeitavam horários bem rígidos que não poderiam ser negligenciados, sob pena de punição. O método de avaliação seguia o seguinte critério: as provas eram escritas e orais, com chamadas individuais para os alunos e a aprovação era feita por disciplina. Os pontos para os exames eram sorteados previamente, de acordo com a relação de conteúdos entregue aos alunos. Dessa forma, avaliava-se o comportamento dos alunos, os conteúdos que sabiam de cor. Nesse ambiente pedagógico, acreditava-se que todo o aprendizado deveria acontecer num clima de coerção, que exerce o papel de reguladora do aprendizado. No dia-a-dia do Caraça os alunos estavam sob uma intensa rede de olhares, com todas as suas posturas observadas e vigiadas sem cessar. O pressuposto dessa pedagogia é que a infância é a única idade possível para o homem dominar-se e corrigir-se das suas falhas. Essas normas disciplinares presentes nas escolas estavam apoiadas nas próprias normas sociais, ou seja, as escolas reproduziam relações sociais mais amplas, de uma sociedade autoritária e uma cultura ainda muito conservadora. O processo era dialético: ao mesmo tempo que a escola tinha o apoio da sociedade para reprodução das estruturas sociais, ela contribuía para manter esse ambiente social, educando os alunos para viverem nessa sociedade. Ver o livro de ANDRADE, Marisa G. de. *A educação exilada – Colégio do Caraça*. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

de freqüentá-lo. O nom de João Derwil de Miranda, como educador emérito e preceptor distintíssimo há longos anos ecoa no Estado de Minas (...)" (A GAZETA SACRAMENTANA, 1902:1)

O professor Derwil de Miranda realizou seus estudos escolares no colégio Caraça e de humanidades no seminário de Mariana, onde quase se tornou sacerdote. Tendo desistido de se ordenar, iniciou a sua vida como professor e lecionou Latim e Francês no seminário de Mariana e em cursos avulsos particulares. Depois transferiu-se para Juiz de Fora, indo lecionar filosofia no Colégio Santa Cruz. Depois disso o seu trabalho educacional não parou mais, fundou colégios e ensinou em inúmeras cidades: Uberaba, São João D’el Rei, Queluz, Rio Verde, entre outras. Segundo Almeida o Colégio Miranda funcionou em Sacramento: “O colégio Miranda funcionou de 1889 até 1905.” Foram 14 anos dedicados à educação na cidade. O Jornal *Folha de Sacramento* em 1937, publica um artigo comemorativo, comentado sobre a sua dedicação como educador:

“Toda a sua existência foi consagrada à árdua tarefa do ensino (...) o seu devotamento pela causa da instrução era tanto, que nunca deixou de concorrer com sua brilhante cultura para o seu triunfo preparando alunos que se recorriam dos seus conhecimentos” (FOLHA DE SACRAMENTO, 1937:1)

De acordo com a leitura dos documentos, a ação pedagógica de Derwil de Miranda inspirada tinha forte influência da proposta pedagógica do Colégio Caraça. Para a cidade de Sacramento, a presença do colégio Miranda significava um avanço no campo educacional. Homem com vasta experiência educacional, representante do pensamento católico erudito na educação, Miranda era a solução dos problemas educacionais de Sacramento. Esteve atento aos vários aspectos da educação na cidade: propôs atividades literárias, artísticas, musicais e estimulou grupos teatrais. Dedicou-se com empenho para a melhoria da instrução, sugerindo a criação de um colégio para o sexo feminino, já que sua escola se destinava a meninos. A sua escola adotava o método do colégio Caraça e priorizava a formação humanística. A Câmara Municipal de Sacramento acata sua sugestão e em 20 de Setembro de 1895, decreta e promulga uma lei estimulando a criação de escolas do sexo feminino:

“Art. 1º - Para animar a instrução do sexo feminino, a Câmara concede um auxílio de duzentos mil réis mensalmente ou dois contos e quatrocentos mil réis anualmente, à senhora de idoneidade e instrução que abrir nesta cidade um internato e externato para meninas. Para gozar os favores de que trata o artigo, deve, o internato e externato, se lecionar, além do curso primário, português, francês, geografia, aritmética, canto, música, piano e trabalhos manuais, isto é, de agulha,

de bastidor, bordados, etc. tendo para esse fim mestre habilitado. Art. 2º - Em recompensa ao que dá a Câmara, é a diretora obrigada a admitir no seu colégio e a ensinar gratuitamente até quinze alunos externos pobres, apresentados pelo Agente Executivo (...) exceção feita a canto e música, que são considerados de luxo” (SECRETARIA DA CÂMARA MUNICIPAL, 1895:2)

O colégio era pago, mas segundo as famílias que tinham seus filhos na escola, o preço não era tão elevado, o que facilitava o acesso da população. Segundo Corina Novelino, o Colégio contava com muitos alunos, mas não há registros a esse respeito nos documentos e jornais consultados. Funcionava em regime de internato e externato. Essa informação se encontra num comunicado do colégio aos pais publicado no jornal *Cidade de Sacramento* de Dezembro de 1902:

“O colégio Miranda admitirá alunos internos e externos, mas por enquanto somente esses alunos poderão freqüentá-lo, por não estarem ainda preparadas as acomodações necessárias para os primeiros, que por esse motivo serão admitidos desde o dia 19 de fevereiro (...) Avisamos pois desde já os pais de família que tenham de colocar seus filhos como alunos internos para fazerem com antecedência o pedido e ser-lhe assim reservado o lugar entre o número certo e determinado de alunos que o colégio poderá admitir. O ano letivo será de nove meses, de 7 de janeiro a 7 de Novembro de cada ano(...)” (CIDADE DO SACRAMENTO, 1902:1)

Em fevereiro do ano seguinte, vemos no mesmo jornal, o preço que se pagava para que os alunos estudassem como internos e externos: “*Para os alunos externos: 30\$000 por semestre, pagos adiantadamente, seja para o curso primário ou para o secundário. Para o estudo das matérias...*” (CIDADE DO SACRAMENTO, 1903:2)

Em relação aos professores, Derwil determinava que para obterem aulas deveriam conhecer profundamente a matéria que iriam lecionar. De acordo com documentos e depoimentos, as exigências eram grandes para se dar aulas no colégio, que pagava um bom salário e dava condições satisfatórias de trabalho para os professores. Os pré-requisitos exigidos pelo professor Miranda para dar aulas no colégio eram: idade superior a 18 anos, bom procedimento na cidade, moralidade, exercício anterior de magistério, conhecimento das matérias a serem ministradas. Em relação à qualidade dos professores, o controle do colégio Miranda surtiu efeito, porque segundo documentos e depoimentos, muitos alunos do colégio se notabilizaram pelas suas capacidades intelectuais e artísticas. Segundo Corina, o colégio Miranda reunia no seu corpo docente vários intelectuais da região. No documento escrito em

1905, pelo ex-aluno Almeida, vemos uma relação de professores, apenas com a ausência do diretor Derwil de Miranda e do seu assistente Prof. Inácio Gomes de Melo:

“O colégio iniciou suas atividades, com os seguintes professores: João Gomes Vieira de Melo (Dr. Promotor de Justiça da Comarca), Floriano Nunes (Dr. Advogado), Professor Amélio Lara, Dr. Onofre Muniz Ribeiro (presidente da Câmara e Agente executivo), o excelentíssimo Vigário Manoel Rodrigues Paixão e o Maestro Simplício” (ALMEIDA, 1905:1)

Deve-se somar à qualidade dos professores, à organização pedagógica da escola e aos métodos utilizados, o conteúdo curricular, que na opinião de Derwil de Miranda deveria proporcionar uma formação humanista e ser dado com competência. As matérias eram divididas entre o curso primário, secundário e o facultativo. As aulas tinham duração de 60 minutos para cada matéria. E os exames eram orais e escritos. O jornal *Cidade de Sacramento* do ano de 1903 apresenta o conteúdo curricular do Colégio Miranda:

“Curso primário: Leitura, escrita, caligrafia, noções de português, história, geografia, aritmética e catecismo. Curso secundário: português, francês, inglês, italiano, filosofia, aritmética, geometria, álgebra, trigonometria, geografia, cosmografia, história pátria e universal, história natural (botânica, zoologia, mineralogia), física e química. Curso facultativo: escrituração mercantil, agricultura, mecânica e química agrícola, desenho e música” (CIDADE DO SACRAMENTO, 1903:1)

O nível do ensino ministrado, segundo os depoimentos e os documentos, era de ótima qualidade, havia grande interesse da comunidade de Sacramento no colégio Miranda. Esse interesse refletia, sobretudo, a existência de professores preparados para a função docente e da boa formação proporcionada aos alunos pelo colégio. É possível identificar alunos do colégio Miranda que tiveram destacadas posições sociais, como: políticos, professores, médicos, farmacêuticos, músicos, artistas, padres e advogados. O ex-aluno Almeida, em 1905, apresenta uma relação de alunos importantes do colégio Miranda: “Nome de alguns alunos do Colégio Miranda: Eurípedes Barsanulfo, Eduardo Bernardes de Mello, Itagiba Cordeiro, Bolívar Cordeiro, ‘brilhante discípulo do maestro Simplício’, Américo e Severino Mendes do Nascimento.” (ALMEIDA, 1905:1) No Colégio Miranda os alunos que demonstrassem habilidades para o ensino, se tornavam assistentes dos professores. A estes alunos o professor explicava a lição de forma mais profunda, que eram então ministradas pelo assistente aos seus companheiros.

Eurípedes, que havia sido levado pelo pai ao colégio, com o tempo, torna-se assistente dos professores, assumindo o papel de monitor. Foi incumbido pelos docentes de instruir os outros alunos nas lições de Língua Portuguesa, Francês e Matemática. Foi esse modelo que possibilitou a Eurípedes a aquisição de seus conhecimentos e habilidades educacionais. E, como consequência, na sua própria casa, assume os cuidados da educação dos irmãos. Diz Corina Novelino:

“Desse modo, o Colégio Miranda deu a Eurípedes excelente bagagem intelectual. Aí aprendeu o Francês (...) o Latim, apesar dessas matérias não estarem incluídas no currículo do educandário; Língua Portuguesa – matéria em que se tornou, posteriormente profícuo mestre, com processos didáticos próprios; Ciências naturais, cujos conhecimentos levaram-no a importante planejamento pedagógico (...)” (NOVELINO, 1997:40)

Eurípedes enquadrava-se entre os alunos mais adiantados e era também orador oficial do colégio. Derwil e Eurípedes estabeleceram uma grande amizade, sendo o diretor do Colégio Miranda que despertou o interesse de Eurípedes para os caminhos educacionais, artísticos e literários. Sem dúvida, no Colégio Miranda proporcionou a Eurípedes uma sólida bagagem intelectual e cultural. A relação entre Miranda e Eurípedes durou até 1905, quando o Prof. Derwil de Miranda mudou-se com a família para Ouro Preto, onde permaneceu até 1922, ano em que regressou a Sacramento. Permaneceu nesta cidade até os últimos dias de sua vida. Morreu em 9 de agosto de 1937, deixando na história de Sacramento seu pioneirismo pedagógico. Em Agosto, do ano de sua morte, diz o jornal *Folha de Sacramento*:

“Voltando a residir novamente, nesta cidade, reiniciou aqui a sua missão de professor, mas a idade não permitiu mais a continuação do seu trabalho grandioso. Mesmo cansado e velho, o seu devotamento pela causa da instrução era grande (...). Lecionou ininterruptamente durante 50 anos, todas as disciplinas. Avultadíssimo é o número de seus ex-alunos, que ocupam, hoje, lugares de relevo no clero e demais profissões.” (FOLHA DE SACRAMENTO, 1937:1)

1.4 O Liceu Sacramentano

Eurípedes Barsanulfo, após ter abandonado o sonho de fazer medicina, coloca em prática um outro ideal que foi fundar com outros professores o Liceu Sacramentano, supõe-se, numa espécie de cooperativa. A iniciativa de abrir o colégio foi de Eurípedes Barsanulfo. O Liceu Sacramentano foi fundado na cidade de Sacramento em 1902. Os professores que fundaram em conjunto com Eurípedes foram: João Gomes Vieira de Melo, José Martins Borges, Inácio Martins de Melo, Teófilo Vieira, Padre Augusto da Rocha Maia. O colégio teve sucesso durante

os anos de 1902 e 1905. São escassas as informações a respeito dessa primeira experiência pedagógica de Eurípedes. Segundo Corina:

“A 31 de janeiro de 1902 fundava-se o Liceu Sacramentano, sob o calor do entusiasmo e das esperanças do povo. Eurípedes fora o abalizado construtor da iniciativa. Teve ele o cuidado de cercar-se de competente equipe de coadjuutores, convidando o que havia de mais capacitado, na época, na cidade, para compor o quadro de professores. Foram seus companheiros de magistério e de responsabilidade administrativa, os seguintes professores: Dr. João Gomes Vieira de Melo, José Martins Borges, Inácio Martins de Mello, Teófilo Pedro Ludovico Santa Cruz.” (NOVELINO, 1997:56)

Não temos informações se o colégio era pago ou gratuito. Sabe-se que foram convidados a trabalhar no Liceu os professores mais respeitados da cidade. A escola no começo funcionava num antigo prédio do cartório do 1º Ofício, cujo proprietário era Jovino Vieira Brigagão, na praça da Igreja da Matriz. O prédio passou por diversas reformas com intenções pedagógicas, que foram patrocinadas por um dos primeiros espíritas de que se tem notícias em Sacramento, José Monteiro da Silva Júnior. Segundo Corina o colégio tinha uma proposta pedagógica inovadora, mas não como a do colégio Allan Kardec:

“Mestre abnegado aos vinte e dois anos, era profundamente estimado pelos seus discípulos e pelos familiares dos mesmos. Transmitia também o elevado gosto pela arte séria. (...) Educador nato, professava uma arte e uma ciência, neste passo. (...) O Liceu Sacramentano crescia no conceito geral e não tardou para que a fama do trabalho honesto e consciencioso, que ali se desenvolvia, a favor da educação, transpusesse as fronteiras de inúmeras cidades, que enviaram seus filhos para estudar em Sacramento.(...) Compreendeu, sobretudo, o valor da ação de conjunto e sustentou equipes de colaboradores(...) Na primeira década do século, já caracterizava seus processos de aprendizagem, estimulando, guiando, dirigindo, orientando o ensino, tal como preceituam os atuais pedagogos.” (NOVELINO, 1997:59-60)

Em 1905, quando ele se converte ao Espiritismo, todos os pais de alunos retiram seus filhos da escola e passam a hostilizar Eurípedes. Achavam que o professor estava louco e endemoniado. Os professores também deixaram o colégio, o mobiliário e o prédio onde funcionava foram retirados por seus proprietários. Eurípedes é obrigado a fechar a escola. Depois de dois anos de sua conversão, quando a poeira já havia abaixado, reabre o colégio com o nome de Allan Kardec. Os antigos alunos aos poucos começaram a voltar e logo depois já estava com o colégio cheio.

2. Memórias do Colégio Allan Kardec

Inúmeros ex-alunos do colégio Allan Kardec sobreviveram a Eurípedes, com grande longevidade, por isso foi possível resgatar sua memória, com entrevistas, conversas, indicações bibliográficas e documentais.

Segundo os relatos dos ex-alunos, o Colégio nasceu no dia 31 janeiro de 1907, e com a colaboração da família e da comunidade funcionou até 1918. Durante esse período, Eurípedes não interrompeu as atividades do Colégio. Após a sua conversão ao Espiritismo, os professores abandonaram o Liceu Sacramentano, o prédio e o mobiliário foram retirados e os alunos saíram. Eurípedes decidiu reabrir o colégio em sua própria casa, mudando o nome de Liceu Sacramentano para Colégio Allan Kardec. A sua iniciativa se transformou num lugar de ensino e cultura que com o tempo se tornou destaque na cidade. Em 1918, na época da gripe espanhola e da morte de Eurípedes, as atividades foram suspensas, por causa da epidemia, assim como a maioria das instituições escolares no Brasil. Corina conta a respeito do colégio em seu início:

“Antigos alunos do Liceu Sacramentano reintegraram-se ao novo educandário e mais de duas centenas de outros estudantes são encaminhados ao Colégio Allan Kardec. Tal cifra era muito vantajada para época (...) No início, o Colégio Allan Kardec funcionava na própria residência de Eurípedes.” (NOVELINO, 1997:111)

O seu fundador já era conhecido no cenário educacional de Sacramento, mas a partir do início do colégio Allan Kardec, Eurípedes passa a ser reconhecido por um trabalho pedagógico diferente, corajoso e inovador. A escola era particular, gratuita e sem fins lucrativos. Iniciou suas atividades com umas 80 crianças de ambos os sexos e pretendia contribuir na valorização da infância, despertar o sentimento do bem e a vontade de conhecer. Desde o início, Eurípedes compreendia que o problema educacional ia além do mero aprender a ler, contar e escrever. Distanciava-se também das idéias coercitivas que vigoravam na educação e procurou substituir práticas pedagógicas tradicionais por um ensino cooperativo, adotando métodos que incentivavam a ação, a liberdade, a investigação. A experiência do colégio Allan Kardec tinha a intenção de negar a escola livresca, autoritária e distante da realidade. Ao contrário, pretendia criar uma nova forma de lidar com os alunos considerando seus interesses, necessidades, vivências, promovendo a educação intelectual, física e moral. Em um boletim datado de 1914, lê-se a seguinte consideração:

“(...) de tal maneira estimam o seu colégio que um outro, mantido por freiras da ordem de São Francisco, foi obrigado a fechar por falta de

alunos, e é de tal modo procurado que a matrícula é aberta e encerrada no mesmo dia (...) Ele não dá preferência aos filhos de correligionários; os alunos são aceitos na ordem de chegada dos pedidos, ficando quase sempre prejudicados os filhos dos amigos e confrades (...)" (BOLETIM, 1914:1)

Segundo o ex-aluno Antenor Germano o nome do Colégio Allan Kardec ficava cada vez mais conhecido, inclusive ganhando projeção em toda a região. Tanto na imprensa como os relatos dos ex-alunos, diferentes leituras do trabalho pedagógico exaltavam a experiência inovadora do colégio Allan Kardec. Os ex-alunos Corina Novelino, Antenor Germano, Tomás Novelino, Edalide, Bráulio Alves narram com admiração o sacrifício e o desprendimento de Eurípedes e dos professores do colégio pelos alunos e pela educação. Em todos os relatos, os elogios ao colégio são grandes. Em 1918, Germano escreve um texto intitulado *Memórias de um estudante*, falando que ficava impressionado com a dedicação de Eurípedes às pessoas:

"dedicava-se quase exclusivamente ao bem de todos, dedicava-se à instrução da mocidade como diretor e professor do Colégio Allan Kardec cujo nome espalhou-se pelos quatro cantos do país, como um dos estabelecimentos de grande valor cultural e de todos os lados corriam alunos para freqüentar e aprender, não porque a instrução fosse gratuita, mas pelo valor e eficácia com que todos que freqüentavam, aprendiam e mostravam o seu valor." (GERMANO, 1918:5-6)

O colégio Allan Kardec iniciou suas atividades na própria casa de Eurípedes Barsanulfo, num local pouco adequado à instrução. Não chegava a ser como muitas escolas isoladas lugares insalubres e absolutamente sem higiene, mas também estava longe de ser um lugar específico para a educação, como ocorria com os grupos escolares. Eurípedes adaptou em sua casa, localizada numa região de fácil acesso, um espaço bem ventilado e higiênico. De acordo com Corina:

"No início, o Colégio Allan Kardec funcionava na própria residência de Eurípedes. A casa já era pequena para comportar todos os alunos. Eurípedes providenciou a derrubada de algumas paredes, formando um salão mais amplo. Restaram três cômodos: a cozinha, uma saleta e o salão." (NOVELINO, 1997:111)

Embora o colégio não estivesse instalado nos melhores prédios, tinha boas condições de funcionamento e as adaptações feitas por Eurípedes atendiam às exigências das leis republicanas. Não se encontra nenhuma reclamação de inspetores que visitaram o colégio e de aluno algum. Sabe-se que na República se dava muita importância aos prédios grandiosos, com

belos desenhos arquitetônicos. Os grupos escolares em Belo Horizonte representavam bem esse espírito, pois demonstravam a projeção política dos grupos sociais que estavam no poder. Aliás, a capital mineira foi construída para dar projeção à “modernidade” republicana. Como vimos, os grupos escolares significavam progresso e ordem e ao mesmo tempo mudança no cenário da educação, no entanto, nas cidades em que foram construídos privilegiava-se os moradores das regiões centrais em detrimento das pessoas que habitavam as regiões suburbanas. As casas e os pequenos lugares em que funcionavam as escolas isoladas eram sinônimo de passado retrógrado, a melhoria da instrução passava por um local apropriado e bem equipado. Essa preocupação no período republicano pode ser observada através dos relatórios do governo mineiro. No ano de 1904, aparece essa visão no pedido de prédios com condições de higiene para o bom funcionamento da educação: “*o fornecimento de prédios que reúnam as necessárias condições de higiene*”(Relatório MG 3, 1904:38) O relatório de 1906 cita que muitas escolas particulares estavam bem equipadas: “*A iniciativa individual tem sido fecunda nesse ramo de instrução e alguns colégios equipados existem bem montados(...)*” (Relatório MG 3, 1906:51) No ano seguinte, o relatório expressa a mesma idéia: “*(...) estando o Governo cuidando da questão de casas escolares apropriadas (...)*”(Relatório MG 3, 1907:5)

Isso porém não chegava a Sacramento, pequena cidade rural. Assim, Eurípedes mantinha as boas condições do colégio, custeava com o seu salário e ajuda comunitária, as despesas do colégio, o local adequado, móveis e material escolar. Estes últimos dois itens mereciam atenção especial de Eurípedes. Segundo os ex-alunos e ex-professores, procurava escolher os móveis e os materiais com muito cuidado. Vemos nos documentos que Eurípedes entendia que o material e o mobiliário adequados facilitava o processo de ensino-aprendizagem. Tomás Novelino conta que ele tinha por exemplo uma luneta, para fazer observações astronômicas com os alunos. Mesmo assim faltava material suficiente e mobiliário adequado para o trabalho pedagógico no Colégio Allan Kardec.

Nesse sentido, o colégio Allan Kardec buscava estar de acordo com as orientações e as leis do período republicano, pois vemos nos relatórios que vão de 1903 a 1907, a afirmação de que as escolas deveriam ser equipadas com mobiliário e material escolar convenientes. No entanto, nem mesmo os grupos escolares mineiros tinham materiais em quantidade necessária para o bom funcionamento das atividades educacionais. Os chamados “termos de visita”, em que inspetores do Estado iam averiguar as condições materiais e o andamento pedagógico das escolas nas cidades mineiras, estão repletos de relatórios de que faltava móveis, material e que muitos professores tiravam do seu bolso para atender ao mínimo. Escolas sem cadeiras e mesas adequadas, funcionando em residências sem as menores condições, faltando higiene e conforto e

sem material pedagógico. Sem dúvida havia uma distância entre a realidade das escolas e a utopia educacional republicana. O colégio Allan Kardec, diante dessa realidade, oferecia privilégios já que a maioria das escolas não tinha boas condições de trabalho.

Segundo Corina, no ano de 1910, num encontro do professor com o pai de duas alunas do colégio, Cosme Martins de Oliveira, este se ofereceu para contribuir e arranjar recursos para a reforma. Surge a chance de Eurípedes reformar e ampliar o colégio Allan Kardec, perspectiva que o deixa bastante entusiasmado, pois era a realização de um antigo plano de Eurípedes, que por falta de recursos não pode ser feita. Com a reforma definida o colégio passou a chamar mais a atenção da população e atraiu mais alunos. Até 1918, o colégio funcionou com as características dessa reforma. Corina descreve assim o ocorrido:

“Naquele mesmo dia, – Cosme Martins – sairá a providenciar a reforma do prédio, onde funcionava o colégio Allan Kardec e que, como já foi notificado, era residência de Eurípedes. O Sr. Cosme mandou demolir três cômodos restantes e ampliou o salão de aulas. No empreendimento ele tivera a colaboração de outros companheiros, salientando-se Angelino Pereira de Almeida e Frederico Peiró. A inauguração do salão dera-se a 17 de Agosto de 1910. O fato ensejara festivas comemorações, de que participaram os alunos, em memoráveis peças de teatro. Eurípedes ficara altamente sensibilizado com o novo testemunho de solidariedade dos amigos. No seu importante discurso deixou bem traduzida a sublime emoção que lhe dominava a alma. Ao final de suas palavras, num abraço comovido, passou às mãos do valoroso companheiro Cosme Martins de Oliveira um ramallete de flores naturais. No ano subsequente, as matrículas ampliaram-se de modo surpreendente.” (NOVELINO, 1997:117)

O ex- aluno e ex-professor Germano, que foi matriculado na escola no ano da reforma, descreve como o colégio Allan Kardec tinha ficado:

“O número de alunos era grande e de ambos os sexos. O prédio era grande com três salas muito amplas e um quintal enorme dividido ao meio para o recreio da criançada e com dois portões sendo um de cada lado, no pátio havia enormes mangueiras, ameixeiras, abacateiros etc.” (GERMANO, 1918:16)

Cabe observar o trabalho de Eurípedes e de outros professores, buscando interessar as famílias dos alunos pela escola e manter com elas um bom relacionamento. De acordo com os documentos e os depoimentos, o colégio Allan Kardec funcionava num clima familiar e exercia um papel cultural importante junto às famílias dos alunos. Eurípedes procurava trazer a família para escola. A população de Sacramento se interessava e buscava o colégio Allan Kardec, pois necessitava de escolas gratuitas e procurava a qualidade educacional que era oferecida. Portanto,

havia uma grande participação da comunidade de Sacramento nas atividades promovidas pelo colégio. Em muitos casos, os alunos do colégio, segundo os próprios relatos do ex-alunos, vinham de bairros distantes e zonas rurais, apesar dos obstáculos que tinham para chegar. Nesses casos, Eurípedes procurava arrumar recursos para ajudar esses alunos que eram mais pobres. No entanto, não temos informações precisas sobre a situação sócio-econômica dos alunos que estudavam no colégio, apenas sabemos que havia grande heterogeneidade ocupacional e de condições sociais das famílias que tinham seus filhos no colégio Allan Kardec.

Há relatos de pais que manifestavam críticas em relação pelo fato das salas de aula serem mistas ou não ficavam satisfeitos por terem professores espíritas nos quadros docentes. Reclamações como essas não eram raras, mas não representavam a maioria dos pais. Corina conta que uma boa parte dos pais aceitaram as classes mistas, já outra parte não achavam normal e até mesmo perigoso, meninos e meninas conviverem juntos na mesma sala de aula. Segundo a sua biógrafa, além da conversão ao espiritismo e a adoção das classes mistas foi o principal conflito do Colégio Allan Kardec com os pais e a comunidade de Sacramento. Mesmo assim muitos defenderam Eurípedes, como é o caso de Cosme Martins de Oliveira:

“O Sr. Cosme Martins de Oliveira, homem de extraordinária fibra, ao tomar conhecimento dos comentários, que corriam na cidade à meia boca, assumiu uma atitude corajosa. Fora ao encontro de Eurípedes e disse-lhe que não estava de acordo com o que estavam propalando por aí e acentuou, decidido: — Minhas filhas continuam a estudar no seu colégio” (NOVELINO, 1997:117)

Segundo os depoimentos dos ex-alunos e ex-professores do colégio, Eurípedes e os professores não se importavam muito com essas críticas e não há registros de outras espécies de críticas. Nessa relação entre escola e família, o que mais impressionava os alunos era o esforço de Eurípedes e dos professores em favor das famílias e dos alunos e o clima amistoso e acolhedor que tinha o Colégio Allan Kardec. A dedicação de Eurípedes era tão reconhecida, que quando as relações entre a escola e a comunidade ficavam tensas, os pais de alunos em inúmeros casos defenderam a escola e buscaram qualificar e legitimar a ação de Eurípedes.

2.1. A felicidade dos alunos

De acordo com os documentos, Eurípedes criou no colégio um ambiente vivo, de alegria, apropriado às crianças se desenvolverem. Além de professores conscienciosos, de materiais adequados, o professor achava que o colégio tinha que ter um ambiente de felicidade, de vida, de acolhimento que contribuía para o desenvolvimento dos alunos. Os ex-alunos contam que se sentiam em casa no colégio, ajudavam em diversas tarefas, colaboravam mutuamente, vivam

como numa grande família. As crianças conviviam com Eurípedes como se ele fosse um pai. Os ex-alunos, Corina e Novelino, dizem que se sentiam acolhidos naquele ambiente, de ajuda e esforço coletivo como se estivessem no lar. Segundo Corina havia uma aluna que gostava muito de Eurípedes e sempre levava flores para ele. Diz ela: *“Aida Ferreira era uma pequena espreitada, cheia de graça morena. Em 1914 freqüentava o curso elementar do Colégio Allan Kardec, mas adorava o Diretor para quem trazia flores, todos os dias.”*(NOVELINO, 1997:139)

Para que a escola se aproximasse do lar o ensino não era apenas livresco ou teórico, mas privilegiava a ação prática, tanto no sentido intelectual quanto moral. Eurípedes, seja na escola, nas festas, nos eventos culturais, sempre procurava reforçar a idéia do colégio como continuação do lar. Tomás Novelino diz que: *“O Sr. Eurípedes criava um clima no colégio onde todos viviam em grande amizade, era uma coisa, era uma família só.”*(NOVELINO, 1998:37) Personalidade altamente carismática, contam os ex-alunos admiração que lhe tinham e a felicidade que era estar ao seu lado. Corina diz que o colégio Allan Kardec e a figura de Eurípedes Barsanulfo foram fundamentais em sua vida de criança e na sua juventude.

Os documentos mostram que a maior alegria dos alunos era estudarem numa escola em que poderiam brincar, passear, fazer experiências, usarem diversos materiais pedagógicos, observarem as estrelas, terem contato com os livros. Esclarece Germano:

“No colégio corríamos, brincávamos, passeávamos, experimentávamos, fazíamos muita coisa, gostávamos muito de tudo isso. Aprendíamos as matérias de um jeito diferente. Aprendíamos com Barsanulfo, Matemática, Geometria, Aritmética, Trigonometria, Ciências naturais, Botânica, Zoologia, Geologia e Paleontologia, Português, Francês, Astronomia, Inglês e Castelhana. Nós, os alunos gostávamos muito.” (GERMANO, 1918:48)

Além disso, Eurípedes nunca castigava os alunos e confiava em suas ações e palavras. A disciplina não era imposta, não havia competição, o ambiente era ameno e agradável. A vida ativa que tinham, lembram Vallada e Bráulio, os deixavam tão contentes que nunca queriam faltar às aulas. Ficavam tristes quando as férias chegavam, queriam permanecer ao lado do professor. Conta Germano:

“Nenhum aluno gostava de entrar de férias no colégio, porque ficávamos longe do amor do professor e dos estudos, no período de férias não convivíamos juntos. Os alunos e o mestre ficavam com os olhos rasos de lágrimas, já não queriam as férias para não se separarem do mestre. As pessoas que assistiam às festas de despedida se sentiam tão comovidas que choravam com os discípulos.”

Em geral, todos procuravam ver o mestre mesmo nesse período. Eram dois meses custosos para passar, todos ficavam ansiosos para que chegasse logo o dia de recomeçar as matrículas do colégio. ” (GERMANO, 1918:49)

2.2 Os castigos e as recompensas

No relato dos alunos, muitos fazem questão de enfatizar que no colégio não havia castigos corporais, como palmatória e nem mesmo Eurípedes era a favor de corretivos morais duros que afetasse a auto-estima dos alunos ou os expusesse ao ridículo. No colégio, os alunos não eram castigados de forma alguma, o mecanismo usado por Eurípedes era a reparação do erro. Ao contrário de boa parte dos colégios desse período, os alunos não eram obrigados a ficar estudando por tempo determinado ou seus pais eram informados da conduta do filho, como forma de castigo. Nos anos de funcionamento do colégio, não há registro de nenhuma expulsão de aluno, por causa de indisciplina. A escola recusava prêmios e castigos, propunha a autodisciplina. Segundo os depoimentos, havia no colégio uma espécie de avaliação contínua. Havia boletins mensais, mas com conceitos, para os pais acompanharem a evolução dos filhos, Segundo Germano, as escolas da região copiavam o modelo. De acordo com Tomás Novelino: *“os professores lidando com os alunos sabiam da capacidade, da assiduidade, do conhecimento, de cada um dos alunos. Era acompanhar o aluno em tudo, em sua capacidade, em sua instrução (...)”* (NOVELINO, 1998:18) Embora, no final do ano os alunos fossem submetidos aos exames orais e aos debates na frente de uma comissão examinadora, não tinham efeito de aprovação, como diz Tomás Novelino: *“Aquele prova final não tinha efeito de aprovação.”* (NOVELINO, 1998:18) Na verdade, os alunos mudavam de ano de acordo com a observação, ao longo do ano dos professores.

A escola não admitia que o desempenho de um aluno tomasse como parâmetro o de um colega. Levava-se em conta o desenvolvimento dos alunos de forma individual. O aluno podia apresentar rendimento diferenciado ao longo do ano, pois no colégio não havia reprovação. Segundo os alunos isso ajudava na auto-estima. Tomás Novelino, Antenor Germano, Bráulio Alves e Corina Novelino lembram que os alunos não se sentiam diminuídos, pois se passava de ano sem um sistema injusto e comparativo de avaliações. Antenor Germano conta que a falta de castigos foi o motivo pelo qual seus pais o matricularam no colégio Allan Kardec, em 1910:

“Depois de estudar no colégio público do Sr. Tatinho, fui matricular-me no colégio do Sr. Padre Pedro, o vigário da paróquia. Professor bom, mas muito enérgico e adepto do antigo sistema da pancadaria, como da celebre palmatória. Por esse motivo, distribuía ‘bolos’ a torto e a

direito, até o aluno ficar com as mãos a ponto de não poder fechá-la. Por esse motivo não fui mais ao colégio e fui matriculado no Colégio Allan Kardec, dirigido por Barsanulfo. Corria o ano de 1910.” (GERMANO, 1918:14)

Segundo Germano, Eurípedes nunca castigava os alunos, mesmo quando os alunos fugiam do colégio durante as aulas e os intervalos. Germano e Nestor nos momentos de distração dos professores ou de Eurípedes aproveitavam para irem brincar no campo e nas matas. Germano diz que quando Eurípedes descobria, era muito difícil enganá-lo, mandava buscá-los e se preocupava em conversar com eles, mas nunca os deixava de castigo. Afirma o ex-aluno e ex-professor:

“Entre alguns fatos vou citar quando os alunos bastante recalcitrantes não faltavam, eu e o Nestor José Soca e outros sempre fugíamos das aulas para nos divertir, era para caçar passarinhos, procurávamos sempre lugares bem distantes e até mesmo nos esconder em chocas ou ramadas bem fechadas para que ninguém nos visse, e quando sem mais nem menos éramos surpreendidos por colegas ou mesmo por professores que a mandado de Eurípedes nos iam buscar para as aulas e nos conduziam de volta até o colégio. Mas ele não nos castigava, nos perguntava o motivo porque assim procedíamos e onde estávamos, e como não adiantava querer mentir ou dar qualquer desculpa o único recurso era falar a verdade. Para depois ouvir um conselho amigo e de moral que por mais recalcitrante que fosse o aluno, ia às lágrimas e logo pedia desculpas do fundo do coração, pois o nosso amor ao Barsanulfo era muito grande. Este conselho e estes pedidos eram mais duros do que as pancadarias usadas pelos outros professores.” (GERMANO, 1918:21)

Germano conta que numa aula de química geral, matéria que era ministrada por Eurípedes, ele e os colegas não sabiam o conteúdo que seria debatido, diz ele:

“(…) então o mestre não querendo nos castigar, porque de antemão já sabia que não tínhamos estudado, resolveu nos fazer algumas perguntas fáceis, afim de prender a nossa atenção sobre o ponto.” (GERMANO, 1918:28)

Tomás Novelino comenta as peraltices de Germano e Nestor:

“Ah, o Sr. Nestor! Sr. Antenor era um pretinho, que dava um trabalho imenso, um pretinho rebelde, era também diferente, fugia muito das aulas(...). Tenho lembranças que eles fugiam do 1ª horário e no recreio, eles corriam sem ninguém ver, o Sr. Eurípedes nunca os castigava, conversava com eles, dizendo: “Olha Sr. Antenor, Sr. Nestor na hora da aula vocês estavam lá na beira do córrego, maltratando uma leitoinha, coitadinha.” (NOVELINO, 1998:38)

Os ex-alunos e ex-professores dizem que Eurípedes achava que os castigos e as recompensas atrapalhavam o clima amistoso e cooperativo do colégio. Os relatos mostram que o professor não premiava ninguém por estudar ou agir moralmente, dizia que isso deveria ser feito por prazer e por dever. No colégio Allan Kardec, os alunos eram envolvidos num clima de ajuda mútua, de colaboração e sentiam-se numa família. Corina diz que as pessoas não entendiam a visão pedagógica de Eurípedes, atrapalhando esse ambiente. Ela narra um desses episódios interessantes:

“Mas, elementos estranhos ao núcleo de auxiliares diretos do estabelecimento, entusiasmados com as provas de fim de ano, ofertavam prêmios a alunos que mais se destacavam nas provas. Certa feita, o Sr. Aristocles Oscar da Mata e Silva ofereceu valiosos prêmios a duas alunas, que indicou nominalmente. Uma das contempladas era a jovem Edalides Millan, irmã de Eurípedes e a outra Basilissa de Oliveira Borges, esta, primeira aluna do colégio. O doador fazia questão de que um belo relógio de ouro fosse entregue à Edalides e um rico estojo de costuras à Basilissa. Edalides recusou-se a aceitar o valioso prêmio, reconhecendo a injustiça da escolha. Ela sabia que outros colegas mais aplicados mereciam o primeiro prêmio, notadamente a jovem Basilissa. (...) Como esse bom amigo, muitos outros aparecerem para ‘atrapalhar’ o programa de Eurípedes” (NOVELINO, 1997:138)

2.3 Os debates no colégio Allan Kardec

De acordo com os relatos e os depoimentos, Eurípedes procurava cultivar nos seus alunos a capacidade de dialogar e debater, buscava fazer com que as crianças e os jovens desenvolvessem a capacidade de pensar e argumentar sobre os assuntos tratados. Nas aulas do colégio, sempre instigava os alunos ao raciocínio crítico, à discussão e à participação de todos. Vallada e Germano dizem que com os debates Eurípedes não tinha por objetivo ensinar um amontoado de idéias, conceitos ou regras, mas queria que os seus alunos adquirissem capacidades, aprendessem a pensar e construíssem o conhecimento. Ele estimulava a capacidade dos alunos perguntarem e trabalhava com muitas questões levantadas. Segundo Germano: “*Em quase todas as aulas cabia ao aluno formular perguntas e respostas sobre os temas discorridos*”(GERMANO, 1918:19) Os ex-alunos dizem que muitas vezes passavam horas conversando e discutindo sobre temas como: Deus, violência, guerra, a vida, a felicidade, religiões etc. Germano relata: “*Conversávamos sobre a 1ª guerra mundial, sobre a situação da Europa, sobre a paz, sobre a violência, sobre a vida, sobre as doenças que atingiam o mundo e sobre muitos outros temas.*” (GERMANO, 1918:67)

Em quase todas as aulas havia momentos em que Eurípedes promovia debates entre os alunos. Germano descreve como sendo momentos muito interessantes essa prática: *“Eurípedes chamava dois discípulos para a sabatina entre si durante 10 minutos, todos os alunos participavam, assim até terminar as aulas às 3 horas.”*(GERMANO, 1918:19) Os depoimentos dizem que as discussões eram entusiásticas e com boas argumentações. Germano conta:

“Depois de reunir todos os alunos em silêncio, para a sabatina, chegou a nossa hora de ser chamado. Ele então no convidou a subir na tribuna, isto é a mesa onde ele de costume fazia os alunos ficarem um do lado do outro para fazer perguntas um ao outro sobre que tínhamos explorado na aula daquele dia, isto durava 10 minutos para cada um dos discípulos. Nessas aulas os debates eram sempre acirrados e se desenvolviam discussões inteligentes.” (GERMANO, 1918:26-27)

Tomás Novelino também se recorda desses debates, que eram chamados pelos alunos de combate, diz que quase sempre aconteciam após o recreio. Segundo o ex-aluno, o professor geralmente chamava um menino e uma menina para discutirem, porque um não queria ser derrotado pelo outro:

“depois do recreio convidava 2 alunos do curso dele: “Sr. Fulano, Sr. Siclano”, escolhia de preferência um rapaz e uma moça, porque um não queria ser achatado pelo outro. Então, eles tomavam notas da aula e depois vinham com perguntas, um primeiro e depois o outro, dava um prazo de 5 minutos. Cada final que dava marcava um risquinho no quadro, depois de terminado aquele debate, então chamava ao combate os alunos sentados” (NOVELINO, 1997:50)

2.4 Os exames finais

Os exames finais do colégio Allan Kardec eram momentos de integração entre a escola, a família e a comunidade. De acordo com os ex-alunos e os ex-professores, a comunidade prestigiava e valorizava as apresentações artísticas, os debates, as produções teatrais dos alunos. Esses dias proporcionavam trocas culturais, afetivas e momentos de alegria. Diz Germano: *“Todas as pessoas que assistiam os exames finais se sentiam muito comovidos que choravam com os discípulos”*(GERMANO, 1918:49) Segundo Corina, nessas ocasiões a secretária do colégio convidava os pais de alunos, autoridades locais, artistas e intelectuais da cidade, professores da região, com o objetivo de participarem dos exames finais. Eurípedes, diz Bráulio, realçava o caráter pedagógico e cultural desses exames, queria que todos entendessem que era um momento de aprendizagem e enriquecimento de todos os participantes. Diz Corina:

“Os convidados da cidade acorriam ao recinto do colégio, cientes de que presenciariam inesquecível espetáculo de ordem intelectual, onde ficava plenamente demonstradas a capacidade e a apreensão de cada aluno, bem como se patenteava o esforço dos professores, e, notadamente, sobrepunha-se o ideal de Eurípedes.” (NOVELINO, 1997:143)

Eurípedes procurava motivar os participantes com boas atividades culturais e intrigantes debates entre os próprios alunos e envolvendo examinadores e alunos. Eurípedes convidava para examinadores intelectuais, artistas, médicos e professores do próprio colégio e de outros. Germano conta que Eurípedes sempre acompanhava o desenvolvimento dos alunos e procurava conversar com eles antes desses exames, para alertá-los para que se preparassem adequadamente. Germano relata que certa vez estavam em aula português:

“(...) e como sempre fazia nos perguntou se estávamos preparados para os exames, como ainda faltavam 60 dias, todos nós respondemos que sabíamos alguma coisa de todas as matérias. Porém ele nos advertiu. ‘Olhem, disse ele, para o exame de História natural, nós vamos ter uma pessoa que vem aqui somente com o fim de reduzir vocês a zero, não se assustem, pois tenho confiança em vocês e creio que tudo sairá bem como de costume’.” (GERMANO, 1918:51)

Conta Germano que no dia dos exames:

“Assim aconteceu, a pessoa que ele convidou veio. Depois que estávamos sendo examinados minuciosamente sobre as matérias por quase 5 horas, Barsanulfo passou a palavra ao professor, e aí o professor desencadeou um verdadeiro bombardeio de perguntas, como nós já sabíamos pelo aviso de Barsanulfo, demos respostas ligeiras e firmes, isto durou horas a fio, até que um dado momento respondi uma que não satisfiz o examinador, era sobre a composição química do sangue. Ele não aceitou a minha resposta e logo perguntou ao meu colega a mesma pergunta e a resposta foi a mesma, não satisfeito, ele disse: vocês erraram. E logo dirigiu o seu olhar ao Barsanulfo, que falou que achava que nós estávamos certos. Então, fui à mesa onde estavam os livros de História, tirei o livro e abri na frente do examinador. Ele viu que a nossa resposta estava correta. O nosso examinador sentiu-se um tanto acanhado e sem muitas graças, nos elogiou e pediu desculpas, porque apesar de médico desconhecia a opinião do autor de nosso livro, pois nunca tinha visto nem mesmo nos cursos que frequentava uma História tão aprofundada como a nossa e nos dispensou.” (GERMANO, 1918:52-53)

Conta Corina que nos dias dos exames os alunos procuravam se envolver o máximo possível, participavam dos teatros, ajudavam na organização, estabeleciam debates profundos, respondiam questões. Diz ela:

“Nessas ocasiões eram freqüentes os conflitos cordiais entre examinados e examinadores. Estes nem sempre saíam vencedores da contenda verbalística. (...) Assim se formavam as personalidades dos alunos de Eurípedes. Firmeza e coragem, em todos os momentos. Nunca a vitória da incerteza sobre a racionalidade objetiva de determinadas questões.” (NOVELINO, 1997:143)

2.5 A convivência de meninos e meninas

Uma das principais lembranças dos ex-alunos era que no colégio meninos e meninas conviviam juntos, no recreio, no pátio, na sala de aula. Não havia como em muitos colégios republicanos separação de meninos e meninas no espaço do colégio. Não podemos esquecer que nesse período já haviam colégios e salas mistas, mas ainda existia uma forte tendência à separação de gênero na escola desse período. Tomás Novelino lembra que os alunos gostavam muito da possibilidade de estudarem na mesma sala com as meninas e se misturarem nos intervalos. Diz ele:

“Tanto no recreio, quanto na sala de aula, os meninos ficavam com as meninas, eu digo a vocês que era a coisa melhor do mundo. Eurípedes ficava transitando no nosso meio do recreio e tinha muita gente fora depois tinha um intervalo e fazia ginástica embaixo das mangueiras, laranjeiras, fazia ginástica com as crianças todo dia, no intervalo vinha gente de fora assistir ficar lá rodeando(...)” (NOVELINO, 1998:50)

Segundo os documentos Eurípedes defendia a comunhão de meninos e meninas, por isso nada era separado, não havia muro no pátio, como ocorria com muitas escolas e grupos escolares mineiros. O colégio Allan Kardec foi a primeira escola mista de Sacramento e da região. De acordo com o relato de Bráulio e Edalide, se reunia no pátio grande quantidade de alunos, professores e pessoas que visitavam o colégio e as vezes nesses momentos havia debates entre os alunos, jogos coletivos e apresentações artísticas. No momento do intervalo os portões do colégio Allan Kardec ficavam abertos, as pessoas que quisessem conhecer ou acompanhar os intervalos podiam. Os ex-alunos dizem que pessoas da comunidade e muitos familiares entravam no colégio para visitar e observar as crianças e a rotina do colégio. As famílias gostavam dessa liberdade de poder entrar no colégio para visitas. Nesses momentos Germano e seu amigo Nestor aproveitavam para fugir:

“Certa vez, eu e meu companheiro inseparável fugimos da aula, pois pensávamos na facilidade que tínhamos porque ao meio dia, hora do recreio os portões de entrada eram abertos e se misturássemos no meio dos colegas e das pessoas naquela hora, a nossa ausência não seria notada. Fugimos para um lugar bem distante conhecido por

curtume, onde havia uma vargem toda gramada de jaraguá e uns poços antigos de curtir couro, quando chegamos começamos a pegar pedra e da moita saíam uns leitões que acompanhavam sua mãe, a porca com toda braveza protegia sua prole, por fim era um corre-corre e a porca com seus filhinhos passaram por uma cerca de arame farpado e nós fomos atrás, mas uma farpa de arame pegou-me pela calça obrigando-me a desistir da perseguição aos pobrezinhos e logo notamos que estava perto da hora do recreio acabar, voltamos para o colégio, afim de no momento exato entrarmos com os outros. Chegamos no intervalo e ainda brincamos de barra-manteiga, até que a campainha soou a entrada e então combinamos de sentar um bem longe do outro, assim fizemos. Porém depois de todos reunidos em silêncio esperavam pela chamada para a sabatina, então chegou a nossa hora de ser chamados com toda a delicadeza e elogios de bons discípulos. E com o olhar sereno e pacífico procurou entre os discípulos e disse: Por acaso viram o senhor Germano por aí? Como todos se interessavam logo um respondeu, olha ele lá, bem perto da porta de entrada. Então tornou ele a perguntar, e o senhor Nestor? Outro então apontou o lugar onde se achava o Nestor. Ele então nos convidou para ir até a mesa dele onde como sempre de costume fazia os alunos ficarem de pé um de lado para o outro, para fazerem perguntas um ao outro, uma espécie de sabatina sobre o tema e conversou com nós dois para que não fizessemos mais aquilo.” (GERMANO, 1918: 24 à 27)

Deve-se notar que estes momentos ficaram muito presentes na memória dos ex-alunos do colégio Allan Kardec. Germano, Tomás Novelino, Corina Novelino, Edalide, Bráulio, guardaram claras lembranças das conversas com Eurípedes, dos momentos no pátio, da convivência entre meninos e meninas, das brincadeiras e jogos que faziam. Na visão deles, esse relacionamento com o colégio e com Eurípedes permitiu que a escola fosse um lugar muito atrativo e de felizes recordações.

2.6 As lições de Moral

No colégio Allan Kardec as lições de moral não significavam ensinamentos cívicos, uma ordem imposta de forma autoritária como na educação moral que se dava na época em boa parte dos colégios. À escola cabia dar ao aluno uma educação moral através da experiência e do despertar de bons sentimentos. Os alunos aprendiam a moral na prática e na vivência. Eurípedes pretendia despertar sentimentos nobres nos alunos, incentivando boas ações e criando um ambiente em que todos pudessem viver de forma fraterna. A fase de preparação moral e emocional não era um desabrochar de formalidades. Segundo Corina e Bráulio, a formação moral para Eurípedes começava com o despertar da consciência moral do educando através do amor do educador. Tomás Novelino e Germano dizem que no colégio Allan Kardec a educação moral era vivida cotidianamente e Eurípedes não impunha a ordem e a disciplina de forma rígida, mas levava os alunos a despertarem a moral através do afeto, do diálogo e do seu

exemplo. Germano diz que Eurípedes, quando dava uma bronca, seja pelo motivo que fosse, sempre usava de paciência e carinho, nunca gritava ou era bravo em excesso, procurava conversar e aconselhar. Diz ele:

“Eurípedes tinha grande dedicação por todos os alunos. Todas as vezes que fazíamos coisas erradas, o mestre nos aconselhava e conversava. Às vezes era duro e enérgico, mas nunca nos humilhava e nos tratava com grande carinho. Nós compreendíamos que o seu bom exemplo, que toda aquela dedicação, todo aquele amor serviam para o nosso bem.” (GERMANO, 1918:35)

A concepção de educação moral de Eurípedes traduzia uma crítica às propostas autoritárias que dominavam a educação no período. Sua experiência era a afirmação da necessidade de se diversificar a formação ética do ser humano. Diante da educação do período, diálogo e afeto como fatores essenciais para o desenvolvimento moral humano era uma alternativa inovadora. Esse foi o princípio que norteou o Colégio Allan Kardec, criando um sistema original de ensino e orientando seu trabalho pela auto-disciplina. Eurípedes admitia que o importante era agir moralmente e não ouvir sermões vazios. Germano em seus escritos refere-se a muitos casos em que Eurípedes conversava com os alunos fazendo com que eles reparassem os seus erros e quando isso acontecia os alunos ficavam felizes. O ex-professor conta que certa vez junto com o amigo Nestor roubaram dois filhotes de sábia laranjeira, que eram os prediletos de Eurípedes, para colocá-los na gaiola. Lembra Germano:

“E assim quando descobrimos seu ninho, bem no tronco de uma ameixeira logo tiramos os filhotes, para criar em casa, eu levei para minha casa, mas no outro dia, quando todos nós estávamos em aula, o mestre disse: ‘olhe alguém, não sei qual dos meus alunos, tirou os filhinhos da pobre ave que canta todos os dias nas árvores do pátio do colégio. Acho que meus alunos seriam incapazes de fazer essa maldade. Qual de vocês gostaria que um estranho os levasse para longe de seus pais, assim aconteceu com os pobres filhotinhos de meu sabiá. Quem sabe quem fez esta maldade, estava inconsciente do sofrimento dos pais dos filhotinhos? Espero que este alguém torne a trazer no mesmo lugar os filhotinhos e assim a alegria para seus pais.’ E arrependidos eu e meu companheiro Nestor, depois que terminou as aulas, esperamos um momento que ninguém olhava e colocamos no ninho os filhotinhos. Qual não o foi o nosso contentamento, no outro dia quando o mestre chegou e viu o sabiá todo alegre tratar de sua prole, por isso nos elogiou com conselho todo especial, mas duro. E assim mais ainda queríamos o bem dele.” (GERMANO, 1918:34-35)

Germano lembra que Eurípedes procurava também fazer com que os alunos refletissem diante dos conflitos morais. Os seus métodos se baseavam sempre na liberdade e levavam a

criança a plena expansão das suas potencialidades. O desenvolvimento da moral não se resumia à aquisição de um conjunto de regras, transmitidas pelos educadores doutrinariamente. Pois, educação não era mera instrução. Educação moral não era enquadramento das crianças e dos adolescentes às normas de convivência, mas sim a construção de valores e despertar dos interesses dos alunos em fazer o bem. Germano diz que eles agiam bem não por medo, mas porque gostavam muito de Eurípedes e sentiam vergonha de agir errado e deixar o professor triste. Afirma Germano:

“Nós sentíamos vergonha quando fazíamos uma maldade, porque gostávamos demais do mestre. Os alunos ficavam tão envergonhados que era melhor sofrer um castigo dos mais duros do que aquelas conversas e conselhos que dava.” (GERMANO, 1918:14)

Nesta perspectiva, os velhos procedimentos pedagógicos eram abandonados, a escola e os professores incentivavam nos alunos atitudes de colaboração mútua: dentro do colégio um aluno ajudava o outro; sempre que possível colaboravam na resolução de problemas sociais ou familiares, auxiliavam os doentes e até mesmo iam a enterros na cidade. Germano e Bráulio dizem que nos casos de auxiliar os amigos, as famílias ou a sociedade, a maioria dos alunos faziam com prazer, exceto no caso de freqüentar os enterros, pois como a maioria não gostava, iam porque Eurípedes os levava, dizendo ser um ato de solidariedade:

“(...) íamos aos enterros obrigados (obrigados porque se fosse de livre vontade, poucos eram os que compareciam) muitas vezes estávamos em aula, o Barsanulfo então nos dizia: hoje vem uma pessoa convidar o colégio para acompanhar um corpo ao cemitério, e eu espero que todos compareçam de boa vontade, praticando este ato de caridade. A pessoa vinha e ele nunca disse que não podia, ou que por qualquer outro motivo não compareceria, sempre dizia eu estarei lá as tantas horas, nem que fosse sozinho. E dentre os que não gostavam de ir, estava eu e meu inseparável colega Nestor. Fugíamos e assim mesmo poucas vezes tivemos êxito, porque Barsanulfo mandava nos buscar e tínhamos que ir. E quando escapávamos no dia a conversa com Eurípedes era certa e dura. Daí, ficávamos arrependidos e com vergonha. O mestre não olhava se o enterro era de pessoa que gozava posição social, se era rico ou pobre, a todos prestava o auxílio, de preferência aos mais pobres. E até mesmo comprava roupas ou caixão quando o defunto não tinha recursos para as despesas de funerais. Isto se sucedeu muitas e muitas vezes.” (GERMANO, 1918:58-59)

2.7 Memórias de Eurípedes e das aulas

A escola começou a funcionar como resultado do entusiasmo pela educação e com o objetivo de formar o ser integral, biológico, social e espiritual. A experiência de Eurípedes Barsanulfo traduziu um novo olhar para a criança num momento de valorização da infância. Ela começou a ser vista em sua especificidade, deixando de ser um adulto em miniatura. O educador mineiro enxergou a criança como um ser individual e coletivo, livre, ativo, criativo... Segundo os ex-alunos, foi com esse espírito que o professor atuava no colégio e se relacionava com eles. Germano diz que se impressionava com a dedicação do professor: *“seu valor era incomparável(...) dedicou sua existência ao bem de todos, trabalhando, cuidando, aconselhando, ajudava a todos que o procuravam”* (GERMANO, 1918:6). Os ex-alunos e ex-professores dizem que Eurípedes queria que seus alunos aprendessem com prazer. Diz Germano:

“Eurípedes sempre queria que estivéssemos felizes no colégio. Desfrutei os melhores tempos de minha mocidade junto do mestre. Dia a dia seu amor, sua dedicação, seu carinho, sua confiança marcavam todos nós.” (GERMANO, 1918:36)

Eurípedes se recusava a ser autoritário com os alunos, embora em muitos momentos tivesse energia, procurava despertar as plenas potencialidades que havia nas crianças, levá-las a experimentar, observar, pensar, descobrir. Segundo Germano, Eurípedes era um homem de traços finos e delicados, mesmo quando tinha de ser firme com os alunos, nunca era rude. Diz ele:

“Mesmo quando tinha que ser enérgico com um discípulo rebelde, então ele se dirigia ao discípulo e falava: senhor fulano o senhor fez isto ou aquilo, eu não creio que um discípulo meu possa ter feito algo assim, espero que senhor se envergonhe e não faça novamente. Os alunos ficavam envergonhados e não repetiam os atos errados.” (GERMANO, 1918:13-14)

Germano, Corina, Bráulio, Novelino, antigos alunos dizem que Eurípedes era um professor que estava sempre muito perto deles, ficava atento a tudo que faziam, os estimulava, os ajudava e transmitia muito ideal. Afirma Germano que Eurípedes como professor: *“era dedicado, procurava estimular os alunos, ficava sempre perto e nos observava, conversava longo tempo com todos os discípulos e podíamos contar com ele sempre.”*(GERMANO, 1918:63) Constantemente reunia em torno dele os alunos para conversas demoradas. Nos documentos fica claro que o educador de Sacramento tinha uma grande doação aos seus alunos,

pois para ele educar a criança era uma das principais tarefas dos seres humanos. Como educador procurou proteger a infância e investir em suas capacidades. Somente assim, garantiríamos um mundo melhor, novo, fraterno e igualitário. Narra Germano:

“A sua dedicação às crianças e aos alunos fazia sempre aumentar a nossa admiração por ele e o sentimento de felicidade que sentíamos no colégio. A todos tinha o Barsanulfo o mesmo carinho e atenção, de modo que sua existência era somente para o povo.” (GERMANO, 1918:43)

Procurava inspirar atitudes de amor, de respeito, de cuidado e educação em relação às crianças. Segundo os ex-alunos deixou claro em sua prática que a criança deveria ser protegida, educada e alimentada. Eurípedes procurou levar os pais e os professores a terem a mesma atitude em relação à infância. Germano informa que:

“Barsanulfo nunca deixou ninguém maltratar uma criança na sua frente, tinha sempre palavras doces e amigas para elas. Dizia que os pais deveriam cuidar delas com carinho e os professores também, trabalhava para atender as necessidades de todas elas. Sempre trabalhou para que as crianças tivessem um boa educação.” (GERMANO, 1918:46)

Via que os pais e os professores estavam despreparados para o trabalho de educar. Dos educadores exigia preparo cultural e intelectual, idealismo, compromisso e afeto e dos pais buscava vencer a resistência quanto aos métodos do colégio, convencendo-os da importância deles e da escola para impedir a evasão. Eurípedes constantemente se reunia com os professores do colégio Allan Kardec, para discutir problemas, objetivos, programas etc.

A escola recebia visitas de pessoas vindas de lugares próximos e distantes para observarem a proposta pedagógica do educador de Sacramento. Os visitantes queriam observar como Eurípedes atuava, quais eram as atividades artísticas do colégio, como as avaliações ocorriam.

“Seu trabalho foi se estendendo pelo Brasil e aqui afluíam pessoas de todas as partes, uns à procura de remédios, outros para conhecerem seu trabalho espiritual e outros para educação de seus filhos. O colégio era tão procurado, que até de Manaus vinham alunos estudar e de várias outras cidades de Minas e São Paulo.”(GERMANO, 1918:36)

Germano diz que os alunos estavam acostumados a receber visitas. Segundo as suas lembranças, no ano de 1913, Eurípedes recebeu no colégio Allan Kardec a educadora também

espírita, Anália Franco. O ex-aluno e ex-professor conta que a educadora foi a Sacramento por dois motivos, o primeiro era acompanhar o seu grupo de teatro e o segundo era conhecer Eurípedes e observar as aulas, os debates e o teatro do colégio Allan Kardec. Diz Germano: “(...) nesta época aportou aqui a ‘companhia de teatro da creche Anália Franco, vindo ela mesma acompanhar as atividades do colégio Allan Kardec e conhecer Eurípedes Barsanulfo.” (GERMANO, 1918:30-31)

Segundo os depoimentos, os alunos prestavam muita atenção nas aulas do colégio Allan Kardec, as crianças e os jovens gostavam dos passeios; de estudar astronomia, botânica e religiões, dos momentos que os professores contavam histórias. Tomás Novelino narra uma lembrança das aulas de português e das histórias:

“Sr. Eurípedes dava composições de Português para fazermos em casa. Me lembro bem das aulas de português e das histórias que contava. Líamos as redações e o Sr. Eurípedes sempre perguntava sobre o que tínhamos escrito. E a mesma coisa fazia com as histórias” (NOVELINO, 1998:29)

Eurípedes queria desenvolver em seus alunos o gosto pelos livros e pela leitura, o hábito do estudo era importante. A escola tinha que estimular a curiosidade nascente nos alunos, colocando-os em contato com a vida e com belos livros. Vemos que a movimentação dos professores era intensa para fazer os alunos se interessarem pelas aulas, pois todos eram conscientes das dificuldades que muitos alunos tinham para freqüentar a escola. Na opinião de Eurípedes aulas instigantes e boas eram um forte instrumento para fazer os alunos e as famílias entenderem e sentirem a necessidade da escola. Assim, ouvir boas histórias, ler bons livros, visitar bibliotecas, passear, brincar, conhecer era fundamental. De acordo com Germano:

“Eurípedes era um professor dedicado e de conhecimentos profundos de várias matérias, como matemática geral, isto é, a álgebra e aritmética e trigonometria, português, francês, astronomia, química, física, latim, geografia, história antiga e moderna, história do Brasil, história natural etc. Em aula de quaisquer dessas matérias discorria horas a fio sobre os pontos prendendo a atenção dos alunos, explicando tudo minuciosamente. Tinha grande predileção pelas ciências naturais: a botânica, a geologia, a anatomia e também pela matemática e astronomia” (GERMANO, 1918:60)

Tomás Novelino também possui lembranças de várias matérias que aprendiam, além de mitologia, estudavam:

“Olha, lá no curso superior que ele dirigia, as disciplinas que ensinava: Português, Francês, a parte mais desenvolvida de Geografia, Matemática, naquele tempo empregava-se os livros didáticos de Tomás Galhardo, Aritmética Progressiva, Geometria ele ensinava (...), Português, professor magnífico de Português. Ele dava regras de Português, regras de concordância de pontuação, como nós nunca vimos. (...) História Natural, compreendendo Botânica, Biologia, Zoologia e Pré-História. Começou um curso de Química. (...) começamos com noções gerais de Química, usávamos um autor excelente, volume de Martins Teixeira. Tínhamos essa instrução de Química, Física e de Astronomia.” (NOVELINO, 1998:30)

Nos estudos da natureza, dos quais tanto Eurípedes quanto os alunos gostavam, estudavam-se os conteúdos, mas também se privilegiava a experiência da criança, buscando aguçar a observação e a curiosidade. Segundo os documentos, os alunos aprendiam observando, em contato com as coisas. Faziam diversas excursões, nelas aprendiam em cada canto que passavam, até mesmo nas flores. Os ex-alunos dizem que todas as situações para Eurípedes serviam para o conhecimento e para o aprendizado, quando passavam por uma flor por exemplo, o mestre pegava a flor e ali mesmo explicava sobre ela, as suas características, sua reprodução, sua importância. Faziam brincadeiras e desenhos. Aprendiam também através dos pássaros, das abelhas, das formigas etc. Ao ar livre, estimulava-se a descoberta e a admiração.

O objetivo era fazer com que os alunos tivessem formação integral, aprendessem e se interessassem em conhecer, sem a preocupação de memorização e verbalismo vazio. Em todas aulas eles discutiam o conteúdo a ser estudado no dia, afirma Germano: “*E assim todas as aulas discutíamos os pontos do dia (...)*”(GERMANO, 1918:23) Eurípedes pretendia fazer uma educação sem artificialismo, com a intenção de educar e não adestrar. Nas aulas, fazia experimentações e utilizava material didático a fim de permitir a visualização da matéria ministrada. Conta Germano: “*Em aula de química geral matéria que nos era administrada com todo o carinho e com explicações e mesmo com experiências feitas pelos próprios alunos na presença de Barsanulfo.*” (GERMANO, 1918:23)

Continua Germano:

“O colégio crescia a passos vertiginosos, tanto o número de alunos quanto de aparelhagem de aprendizado, já possuía um pequeno laboratório para experiências de química e física, aparelhos de astronomia, quadrantes e lunetas etc., mapas geográficos, uma coleção de quadros de anatomia para o estudo do corpo humano e quadros de zoologia, uma vasta coleção de livros didáticos.” (GERMANO, 1918:66-67)

Um outro ponto que chamava a atenção dos alunos era que Eurípedes não permitia imagens nem de figuras religiosas e nem de figuras históricas nas paredes do colégio, dizia aos alunos que deviam evitar qualquer tipo de idolatria e misticismo. Descreve Tomás Novelino:

“o sistema pedagógico do Sr. Eurípedes não permitia nenhuma figura, nenhum retrato, imagem, para não formar misticismo, adoração de imagens aquela coisa. Colocava quadros de história natural, esqueleto de corpo humano, ele dizia que era para não dar idéia de idolatria (...)” (NOVELINO, 1998:37)

O colégio Allan Kardec se diferenciava dos outros colégios nesse sentido, as aulas eram organizadas de forma inovadora. As aulas procuravam desenvolver nos alunos várias habilidades e uma formação integral: trabalhos de pesquisa, atividades manuais e cultura intelectual. Eurípedes não queria que se desse mais importância a um saber em detrimento dos outros. Para os ex-alunos, Eurípedes dava essa boa formação, pois sabia que a educação era um meio das pessoas conseguirem emancipação. A vivência dessas aulas deveria ajudar os alunos a terem autonomia, com possibilidade de buscarem conhecimentos e seus próprios direitos. As aulas estreitavam os laços com o cotidiano das crianças e jovens, trazendo para a realidade escolar os interesses dos alunos. Por intermédio das aulas e das atividades, as crianças viviam como uma família, trabalhavam coletivamente, construíam a auto-disciplina, ganhavam cultura. Eurípedes fazia os alunos experimentarem situações problemas onde deveriam exercitar a iniciativa e a independência.

2.8 As aulas passeio⁴

O ensino no colégio Allan Kardec não era centrado na figura dos professores e nem de Eurípedes, mas se dava valor à figura do aluno, utilizando práticas pedagógicas que estimulassem a liberdade e a vontade de conhecer do aluno, considerando-o o centro do processo ensino aprendizagem. Nesse sentido, uma das marcas mais fortes deixadas na memória dos alunos do colégio Allan Kardec foram as aulas passeio, não sem motivo, pois segundo os próprios alunos, as crianças adoravam sair da escola para passear e aprender. As saídas do colégio para essas aulas passeio aconteciam semanalmente e faziam parte da proposta de educação ativa e concreta do colégio. De acordo, com Novelino e Germano, Eurípedes considerava as aulas passeio fundamentais o processo de ensino aprendizagem, pois eram oportunidades de conhecimento, curiosidade, socialização, observação, conversas, debates etc.

⁴ Cem anos antes de Eurípedes, Pestalozzi fazia aulas passeio com seus alunos, no Instituto de Iverdon na Suíça e décadas depois de Eurípedes, Freinet iria teorizar e colocar na prática o mesmo método.

Essas aulas ocorriam geralmente no período da tarde, às vezes era deslocada de horário, conforme a necessidade. Segundo a narrativa de Germano, o professor Eurípedes considerava importante as saídas do colégio para estudarem em baixo das:

“abacateiros, ameixeiras, ali conversávamos, estudávamos bons livros e admirávamos a natureza(...) admirávamos o vôo dos insetos, o cantar dos pássaros e de preferência de um sabiá de laranjeira que muito manso vinha pousar nos galhos baixos das árvores e encher o ar com sua melodia, esse era o predileto do professor.” (GERMANO, 1918:29)

As condições do prédio onde funcionava a escola não foram impedimento para a ação pedagógica ativa e inovadora que Eurípedes pretendia desenvolver. Embora considerasse inadequadas as suas instalações e distante do que imaginava para os alunos, vencida esse problema com as aulas ao ar livre, embaixo das árvores, em contato com a natureza. Os ex-alunos dizem que essas aulas proporcionavam momentos de estudo, de brincadeiras, de alegria e da descoberta. Germano conta como eram os passeios:

“(...) todas as semanas fazíamos um passeio pelos campos, então todos os alunos e todos os professores se reuniam no colégio para dali partimos para o passeio, de preferência a Chácara do Sr. Mógico, onde havia 3 grande árvores de Óleo ou Copaheba (sic), ali reunidos o nosso mestre dava lições de botânicas, de vida, de moral e ainda fazíamos ginástica e brincávamos todo aquele tempo e por fim voltávamos ao colégio. Ou senão, o passeio era para os lados do Morro dos Derrotados ou Cubatão onde ainda existem grandes árvores seculares, sob suas sombras reuníamos todos para aprender os ensinamentos do mestre e observar o panorama da cidade dividida em duas partes pelo nosso tão conhecido ribeirão Borá, e muito distante o vasto horizonte verde de vários tons. Horas e horas ficávamos ali junto ao mestre despreocupados em verdadeiras conversas sobre diversos assuntos, como uma só família. E em certas ocasiões íamos a gruta do Palhares(...)”(GERMANO, 1918:59)

Mesmo depois das reformas do prédio, os ex-alunos recordam que as aulas no período da tarde continuavam a ser ao ar livre, cheias de alegrias e conversas instigantes. O trabalho pedagógico do colégio Allan Kardec tinha por princípio proporcionar um ambiente afetivo e estimulante intelectual e finalidade de desenvolver o ser humano no seu sentido integral. Partia do concreto e utilizava a natureza e a cidade como espaço de sala de aula. À escola cabia educar os alunos para observar, construir, experimentar, responder, perguntar, enfim para viver. Os ex-alunos Germano, Novelino e Corina recordam que o colégio Allan Kardec aguçava o espírito de descoberta, de pesquisa, de argumentação, de questionamento, seguindo os passos do

método pedagógico ativo. Os alunos aprendiam e absorviam o conteúdo na prática e na vivência. Nessas aulas, despertava-se a consciência moral, o espírito filosófico e a observação empírica nos alunos. O conjunto de documentos mostra que nas aulas passeio discutiam-se questões sobre a guerra, a violência, a paz, o sentido da vida, de onde viemos, para onde vamos, caos e a ordem, o universo, a pobreza, as injustiças sociais entre outros temas. Também os alunos olhavam muito a natureza e aprendiam botânica, ecologia e história natural etc. De acordo com Germano nessas aulas Eurípedes:

“Mostrando-nos as leis que regem os movimentos dos mundos, a harmonia e o ritmo de cada um, as suas belezas no infinito, sendo desconhecido para os homens. Admirávamos com ele a cadeia da criação na zoologia, na botânica, as metamorfoses e o elo que vai do menor ao maior, do imperfeito ao perfeito. Quantas lições e quantas lembranças!” (GERMANO, 1918:66)

A maneira como as aulas eram conduzidas chamava a atenção dos alunos, porque Eurípedes em geral relacionava os assuntos, discutindo sobre a vida, a natureza, a história, a literatura, as artes.... O desenvolvimento dos alunos deveria ser conduzido sem formalidades, de forma natural. Para Eurípedes as aulas passeio eram mais enriquecedoras do que as aulas dadas de forma artificial, através dos livros, lousa e cadernos. Para ele, o desabrochar das capacidades intelectuais e morais não poderia ser feito num clima de formalidades pedagógicas.

2.9 As aulas de Astronomia

Em todas as descrições feitas pelos ex-alunos aparece o destaque que Eurípedes dava à astronomia. Essas aulas deixaram importantes marcas na memória dos alunos. Como o colégio não tinha o objetivo de preparar seus alunos para o ingresso em cursos superiores⁵, Eurípedes tinha mais liberdade para enriquecer o seu currículo escolar, com outros campos do conhecimento. As aulas compreendiam dois momentos, um teórico, com estudos de astrônomos e suas doutrinas e outro prático, com observações dos astros.

A primeira parte da aula abrangia estudos de sobre Isaac Newton, Johannes Kepler, Ioung e Fresnel. Nessas aulas teóricas, se estudavam-se as características dos astros e dos bólides, as propriedades da luz, as leis astronômicas, a origem do Universo, o que eram os eclipses, entre outros temas fascinantes para os alunos. O próprio Eurípedes escrevia pequenas

⁵ Para a preparação aos cursos superiores, era preciso procurar alguns poucos colégios que faziam isso, mas a base fornecida pelo colégio Allan Kardec era essencial para esse prosseguimento. Exemplo disso foi Tomás Novelino que, depois de frequentar as aulas de Eurípedes, fez seus estudos preparatórios em Mozambinho e entrou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

apostilas sobre o assunto, baseadas em suas pesquisas, e principalmente organizadas a partir do livro do astrônomo francês Camille Flammarion⁶ *Astronomia Popular*. Tomás Novelino, ex-aluno, conta as suas recordações sobre o livro usado pelo professor e de determinados materiais que faziam parte das aulas:

“*Astronomia Popular*, a primeira edição de Flammarion, traduzida para o português, um volume magnífico com belíssimas gravuras, (...) aí ele formou umas apostilas e os alunos estudavam Astronomia. Tinha uns aparelhinhos simples, aparelhinhos que mostravam o giro da Terra e da Lua em torno do Sol, tinha uma luneta para observar a noite e explicava as constelações (...)” (NOVELINO, 1998:2)

Podemos também citar outro exemplo, a lição encontrada no caderno da aluna Efigênia Pinto Valada, escrita no ano de 1910:

“A luz: A irradiação dos corpos foi descoberta por William Crookes, cientista inglês, que se notabilizou por suas pesquisas dos fenômenos espíritos. Poucos assuntos há na ciência tão pouco conhecidos como a luz: Qual é a sua natureza? Como os corpos luminosos se irradiam? De que veículo se servem para chegar aos nossos olhos? Os antigos supunham que os raios saíam dos nossos olhos para apanhar objetos distantes. Isaac Newton admitiu que os objetos emitiam partículas luminosas, que transpunham os espaços para nos ferirem as retinas. Longue e Fresnel mostraram depois que os corpos luminosos não emitem partículas materiais, antes fazem vibrar o fluído que os cerca, o que levou a imaginar como é indispensável a propagação da luz nem certo fluído, excessivamente leve denominado éter, disseminado pelo espaço. Bólides: Bólido é um corpo luminoso que, atravessando rapidamente o espaço e, tendo dimensões visíveis, possui uma forma de um globo ígneo. Deixa após si, um rastro luminoso. O globo luminoso do bólido divide-se às vezes em fragmentos, em número maior ou menor. O bólido aparece tanto de dia como à noite. Desde a Antigüidade, o vulgo atribuiu aos bólides uma origem extra-terrestre. Vários naturalistas chamaram-no de ‘pedra-de-raio’ ou ‘trovão’ porque julgavam ser pedras lançadas pelos raios. Os sábios só acreditavam na existência das pedras caídas do céu, quando Biot deu à academia de Ciências o seu relatório, em que narrava a queda do bólido *Largel*, a 26 de Abril de 1803. Vários metais entram na composição dos bólides, tais como: ferro, magnésio, silício, níquel, cobalto, potássio, sódio, cálcio, fósforo, azoto, cloro, carbono bem como hidrogênio e oxigênio.” (Caderno de estudo-VALLADA, 1910:10)

⁶ Camille Flammarion (1842-1925) astrônomo Francês, famoso por sua divulgação das ciências. Entre seus inúmeros livros de ciências naturais, astronomia, contos filosóficos e espiritualismo, pode-se citar: *Deus na natureza*, *Astronomia popular*, *O fim do mundo etc.* É considerado o pai da astronomia moderna. Logo na sua primeira juventude, freqüentou a Sociedade de Estudos Espíritos de Paris, mantendo estreita ligação com Kardec e com suas idéias. Muitas de suas teorias tiveram influências do pensamento de Kardec. O famoso astrônomo morreu em 1925, aos 83 anos de idade.

Eurípedes procurava dar aos alunos uma formação completa de Astronomia, partindo do simples para chegar ao complexo, no entanto, procurava usar um método de ensino que fosse popular, atendendo às necessidades de aprendizagem de todos os alunos, nos moldes do que indicava o astrônomo Camille Flammarion. Segundo Corina, aos alunos mais adiantados, por exemplo, introduzia assuntos mais avançados, proporcionando certas questões indispensáveis ao entendimento de assuntos complexos. Ao que tudo indica, a aluna Efigênia Pinto Valada estava adiantada em suas lições de Astronomia, pois em seu caderno aparecem estudos do Sol, baseados nas leis de Kepler:

“As leis de Kepler são três: 1ª - os planetas giram em torno do Sol, descrevendo as elipses, de que o astro ocupa um dos focos. 2ª - As áreas e superfícies que descrevem os raios vetores das órbitas são proporcionais ao tempo gasto por elas. As superfícies compreendidas em tempos iguais, são iguais entre si. 3ª - O quadrado dos tempos e das revoluções em volta do Sol, estão entre si como o cubo de suas distâncias. O Sol faz parte da constelação da pomba. Segundo o Senhor Camille Flammarion, o Sol tem o diâmetro 109 vezes maior que o da Terra. A luz e o calor aumentam e diminuem na razão quadrada de sua distância.” (Caderno de estudo-VALLADA, 1910:10)

A segunda parte das aulas consistia na observação dos astros e dos fenômenos celestes, os alunos se organizavam nos dias de aula de astronomia para saírem da escola e irem com o professor a locais apropriados para que pudessem observar o céu. Novelino, Germano e Corina narram suas experiências com as aulas práticas com grande entusiasmo, principalmente quando saíam à noite. Referem-se aos materiais utilizados por Eurípedes, como luneta, binóculos e contam também que as aulas eram muito dinâmicas. O material para as aulas de Astronomia o professor tinha comprado em sua viagem com pai para se matricular no curso de Medicina no Rio de Janeiro. Corina Novelino diz que a população de Sacramento às vezes não entendia o que ocorria nas aulas práticas, ficavam cheios de suspeitas com o que Eurípedes e os alunos faziam. Ela conta que numa das aulas em que observavam com Eurípedes um eclipse do Sol, as pessoas ficaram espantadas:

“Certa feita, reuniram-se todos os alunos do Colégio Allan Kardec em frente ao estabelecimento, na rua. Essa providência era obra de Eurípedes a fim de que pudessem observar o eclipse total do sol, anunciado para aquele dia e hora. Os discípulos achavam-se preparados para observação do fenômeno, na companhia do mestre, devidamente equipados com pedaços de vidros branco, obscurecido previamente com fumaça. Na rua, os transeuntes apressados, estampando visíveis preocupações na fisionomia alterada. O terror se apossava daquela gente simples. A falta de elementos científicos na

formação popular tornava o fenômeno objeto de superstição.”
(NOVELINO, 1997:121)⁷

Os ex-alunos dizem que nas aulas de astronomia havia conversas sobre os astros, sobre a harmonia universal, sobre a ordem cósmica, sobre Deus, entre outros assuntos. Esses debates a que se referem os ex-alunos eram muito interessantes, pois Eurípedes levantava problemas filosóficos para serem discutidos e fazia seus alunos pensarem e questionarem a origem da vida e do cosmos. Uma das questões colocadas por ele era a causa da existência das coisas. Por que existiria alguma coisa, ao invés do nada? O Universo é obra do Caos, da matéria ou de um Ser Superior? Os ex-alunos dizem que Eurípedes queria instigar as discussões, o espírito investigativo e a capacidade filosófica de seus alunos. Sem dúvida, o professor entendia que por trás das leis físicas e do Cosmo existia uma Inteligência Superior. Antenor Germano diz que os alunos e o professor passavam horas nessas conversas, nessas aulas: “*admirávamos a sabedoria de Deus, as belezas do cosmo, a harmonia do universo, as leis da natureza, as luzes do infinito (...)*”(GERMANO, 1918:61) A visão de Eurípedes fica clara num trecho extraído de um texto que escreveu sobre suas convicções, no ano de 1913:

“Creio que a harmonia do Universo se resume em uma só lei; que o progresso por toda parte é para todos, para o animal como para a planta, para a planta como para o mineral; que tudo segue a mesma rotação(...) Creio que neste Universo, obra da Infinita Sabedoria, nada acontece pelo jogo do acaso, que nada se faz sem uma soberana justiça; que toda desordem é apenas aparência; que não há acaso nem fatalidade; que há forças e leis que ninguém pode derogar; que todas as coisas do mundo tem uma ligação entre si; que nada é isolado (...)”
(BARSANULFO, 1913:2)

2.10 As aulas de teatro

A aula de teatro era outra característica inovadora do colégio Allan Kardec, como parte do seu método pedagógico. Eurípedes promovia em seu colégio periódicas apresentações teatrais, que ficaram nas lembranças dos alunos e dos que participavam. Germano, Corina, Novelino, Vallada lembram desses momentos como ocasiões de grande festividade, que os pais e a comunidade eram convidados a participarem. Não parece sem motivo que Eurípedes tenha

⁷ Eurípedes estava completamente na linha de seu mestre Kardec, que ainda no tempo de Rivail, como educador das crianças francesas, afirmava que a criança que recebesse boa formação científica, “não verá mais numa estrela cadente o sinal da morte de um homem, num cometa ou num eclipse o presságio de um acontecimento funesto; ela não mais verá uma figura humana no sol e na lua; e rirá da crédula superstição dos ignorantes, seu espírito se alargará contemplando o espaço imenso e sem limites, no qual circulam tantos milhares de mundos; observando o inseto e a planta, ela admirará a providência do Criador para a conservação de cada ser; tudo enfim elevará sua alma; pois tudo lhe revelará este ser, cuja grandeza, sabedoria e poder confundem nossa imaginação.” (RIVAIL, 2004:109).

gado importância ao teatro em sua experiência pedagógica, pois na mocidade e juventude participou de grêmios teatrais, sendo um apaixonado pela arte. Comenta Corina: “É muito comum, em Sacramento, a afirmativa de pessoas que tiveram o privilégio de assistir esses espetáculos inesquecíveis de que ‘teatro só no tempo de S’Eurípedes, no colégio Allan Kardec.” (NOVELINO, 1997:138)

Na verdade, os dias de teatro eram uma festa, de que toda a comunidade vinha participar. Tomás Novelino lembra como eram esses dias: “*teatro era uma festança, vinha gente de toda parte para assistir, isso no Colégio Allan Kardec*” (NOVELINO, 1998:18) Segundo Bráulio, os alunos realizavam peças feitas por eles mesmos ou peças clássicas, construíam o cenário e as próprias roupas. O teatro era muito valorizado pelos alunos e professores, pois viam esses momentos como importantes reuniões artísticas e culturais. Nesses dias, os alunos não raro ficavam ansiosos em se apresentar para familiares, para a comunidade e para os professores, mas soava a hora decisiva da apresentação esqueciam “*o frio na barriga*” e encenavam com alegria e desenvoltura. Apresentavam grandes espetáculos, que não ficavam restritos ao interior do colégio, mas se estendiam a outros locais da cidade. Segundo Corina: “*Os alunos confeccionavam belos cenários, constituídos de bastidores e panos de fundo.*” (NOVELINO, 1997:139) Com a reforma do colégio em 1910, ampliou-se o palco e a possibilidades de fazerem peças maiores e com maior participação familiar. Corina afirma:

“Na reforma de 1910, o Sr. Cosme Marinho de Oliveira construiu um salão duas vezes maior que o primitivo e uma ligeira elevação de terreno foi aproveitada para assentar-se as bases de um palco. Aí se realizavam as festividades do final de ano.” (NOVELINO, 1997:138)

Para Eurípedes Barsanulfo o teatro contribuía para a formação humana, proporcionando aos alunos e à comunidade diálogo com a cultura clássica. Além disso, o teatro tinha um grande poder educativo, pois os participantes identificavam-se com os personagens que encenavam e ainda tinham a possibilidade de criar seus próprios cenários e papéis, envolvendo-se num clima artístico e afetivo entre todos os participantes. Essa atividade desenvolvia a curiosidade, a criatividade, a estética e as habilidades manuais. Os ex-alunos dizem que as artes eram altamente enfatizadas no colégio Allan Kardec. Era um dos aspectos do método ativo que Eurípedes aplicava no colégio. Em todos os relatos e entrevistas, os ex-alunos dizem que não é preciso muito esforço, para perceber o forte impacto do teatro e das atividades artísticas na formação de suas personalidades. De acordo com Corina:

“As diferenças de traços psicológicos presentes nos grupos de indivíduos devem ter conduzido Eurípedes ao estudo do comportamento de seus alunos, levando-o a lançar mão de fatores decorrentes, como o teatro, para objeto, embora circunstancial, de orientação educativa e suscetível de criar os germes de futuras vocações correlatas. Pode-se assegurar que da ribalta clássica do Colégio Allan Kardec, onde pontificaram numerosos jovens, surgiram profissionais brilhantes do jornalismo, do magistério, bem como tribunos de qualidades substanciais” (NOVELINO, 1997:138)

Podemos afirmar que os teatros instigavam a inteligência e possibilitaram transformações culturais nos alunos. Eram atividades pedagógicas que se tornavam grandes eventos, deixando marcas nos participantes, o ex-aluno Antenor Germano se refere aos teatros de final de ano como acontecimentos difíceis de serem esquecidos. Diz ele:

“(...) tínhamos de tomar parte em papéis de teatro que era sempre levado no palco do Colégio na última noite que findavam os exames. Era uma festa concorridíssima. Os alunos levavam à cena dramas em 3 ou 4 atos, cuja lembrança ainda recordo da peça ‘Os dois Sargentos’ e o último ato era despedida(...), o agradecimento a todos os alunos a dedicação e o amor aos estudos.” (GERMANO, 1918:48)

2.11 Os alunos lembram de Eurípedes Barsanulfo

Ao longo dos anos muitos ex-alunos e ex-professores procuraram registrar essas recordações. A análise dos documentos sobre a experiência do colégio Allan Kardec e a vida de Eurípedes Barsanulfo mostra que os seus alunos guardaram muitas lembranças do colégio e da sua figura. É possível verificar nesses registros, que o trabalho realizado por ele se tornou referência para os alunos, todos reconhecem sua ação pedagógica. Segundo Germano, Corina e Tomás Novelino, Eurípedes vivenciou a educação e descobriu nela um dos sentidos da sua existência, mesmo em suas atividades de cura, em sua luta política tinha como objetivo a educação do povo. Os ex-alunos guardam lembranças de um Eurípedes amoroso e dos dias felizes que passaram no colégio. Num discurso feito por Tomás Novelino, que infelizmente não encontramos a data, vemos a admiração e o afeto que os ex-alunos nutriam pelo diretor do colégio Allan Kardec, no relato se refere ao colégio, as aulas, aos passeios e faz uma síntese da personalidade de Eurípedes Barsanulfo e do que ele significou:

“Na nossa vida de estudante, em busca do nosso ideal, no ambiente das academias ou na cátedra das ciências, no anfiteatro das faculdades ou no púlpito das igrejas, jamais encontramos uma inteligência que se emparelhasse à de Eurípedes Barsanulfo. Era dotado de recurso de oratória, de uma eloqüência que arrebatava, de uma voz cristalina e de uma palavra casta, de uma lógica incomparável

e de um extremo amor à verdade. (...) Se na eloquência, subia às alturas de Aristóteles, nas discussões, atingia a grandeza de Sócrates. Possuía um extraordinário recurso de encantar os adversários, inibir todos os seus gestos, desarma-los. Jamais se acovardou ante o lance de um desafio; antes, ao contrário, soube sempre acatar e responder com ousadia todas as objeções contra eles forjadas. Nas suas calorosas polêmicas, das quais saiu sempre cheio de triunfos, jamais se lhe passou no íntimo o menor desejo de vaidade. Animava-o o desejo de aprender, de prosperar, de progredir (...) No entanto, este mesmo homem que, para aquisição de tão alto saber, não teve necessidade de analisar os bancos de uma escola superior ou de uma academia; dotado de grande aptidão para o trabalho, de força de vontade, inspiração e discernimento, soube guiar-se pelo esforço próprio, foi o único na escolha de seus livros e dos seus estudos, dando, até nas pequenas coisas, provas da fineza do seu espírito. (...) Sabia ser caprichoso até nas pequeninas coisas (...) Admirador profundo da natureza, detinha-se muitas vezes a admirar, com respeito, as mais insignificantes coisas, porque seu espírito descobria aí a grandeza e a majestade do criador; outras vezes, num anseio maior de aprender, seus olhos volviam para o azul do firmamento a extasiar-se na pujança dos movimentos dos astros e na grandeza do brilho das estrelas; foi um ardente apaixonado pela Astronomia. Conhecia a fundo as principais religiões, sabia como surgiram e como se formaram e de todas elas fazia judiciosa crítica. (...) Fulgurante pessoa, irradiava uma magnetismo que prendia numa atmosfera de magia a todos quantos tinham a felicidade de usufruir o seu convívio. Extremamente modesto e humilde, foi manso como as pombas; fino e perspicaz na escolha dos ensinamentos e preceitos que almejava aprender, foi sagaz como as serpentes.” (NOVELINO, s/d:1-2)

De acordo com Germano, a morte de Barsanulfo deixou um vazio na vida dos alunos e saudades da sua presença. Um dos relatos mais interessantes dos ex-alunos é o da falta que sentiram do professor depois da sua morte. Diz Germano após a sua morte:

“Nesta data de hoje nos lembra as manhãs alegres que os anos levaram deixando-nos as mais profundas recordações do mestre. Quando os primeiros albos da madrugada de 1º de Maio (seu aniversário) a nossa cidade tinha as suas ruas movimentadas pelo povo que se dirigiam para o colégio Allan Kardec, os alunos que aos bandos alegres cada qual queria ter o prazer de cumprimentar o mestre amado, oferecer o seu presente e suas flores e abraçá-lo bem junto do peito.” (GERMANO, 1918:77)

Conclusões

Não é uma tarefa fácil concluir, pois deve-se ter em mente que o caminho percorrido no trabalho está inacabado, não foi possível esgotar as possibilidades de pesquisa sobre Eurípedes Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec. Ao reler a dissertação onde fui traçando a trajetória do educador de Sacramento com base em documentos, relatos, jornais, fotos, relatórios, livros, percebi que muitas coisas escaparam aos olhos atentos do pesquisador. Alguns documentos não pude ler, outros que li pude aproveitar pouco, muitas perguntas deveriam ter sido feitas e pelo limite de tempo não foram. Sem dúvida que, ao longo desse trabalho, tive o cuidado de selecionar cada documento, observar detalhes, colher relatos, achar lembranças, estabelecer relações, descobrir informações, de certa forma manusear o tempo e trazê-lo ao papel. Por isso, devo evitar nessas considerações duas posturas perigosas, uma que é supervalorizar meu objeto de estudo e a outra que é diminuí-lo por causa do medo de tirar conclusões. Na verdade, a pesquisa teve suas limitações e suas lacunas e ao mesmo tempo teve seus achados e suas descobertas.

Este trabalho teve como objeto central resgatar a figura do educador espírita, mineiro, Eurípedes Barsanulfo, fundador e diretor do colégio Allan Kardec, procurando mostrar sua especificidade, analisando suas heranças, suas práticas no contexto cultural, social, econômico, político e pedagógico do final do século XIX e começo do século XX. Dentro desse objetivo podemos chegar a algumas considerações.

Eurípedes Barsanulfo (1880-1918) é uma figura singular que viveu os anos da Primeira República com sua militância política como vereador e sua atuação pedagógica, primeiro como um dos fundadores e professores do Liceu Sacramentano e depois como fundador e diretor do Colégio Allan Kardec. Em sua vida de educador se preocupou tanto com a expansão do ensino quanto com a sua qualidade, ou seja, com as dimensões política e didático-pedagógica da educação. Enquanto os inovadores republicanos se debatiam sobre as inovações educacionais e sobre a necessidade de uma escola para todos, ele atuava em Minas Gerais, desenvolvendo a experiência da primeira escola espírita do Brasil, com características pedagógicas inovadoras e originais.

Ao longo das linhas desse trabalho, podemos concluir que aparentemente, Eurípedes concordava em tese com as concepções vigentes em Minas, que reivindicavam uma escola renovada, moderna, ativa. Mas, na prática, vimos que, ao defenderem uma educação inovadora com “*métodos intuitivos*”, as classes dirigentes queriam formar alunos disciplinados e obedientes.

A visão de Eurípedes contrariava o sistema autoritário e rigoroso das elites. Sua prática demonstra que não acreditava que o aprendizado só aconteceria num clima de competição, recompensa, vigilância permanente e temor. No dia-a-dia das escolas mineiras, os alunos estavam sob uma intensa rede de olhares, com todas as suas posturas observadas e vigiadas sem cessar. Assim, ao passo que na proposta mineira de seu tempo o ser humano precisa de uma educação que o reprima e discipline, limitando sua ação, na experiência de Eurípedes a crença nas potencialidades humanas levará o Colégio Allan Kardec a se nortear pelos princípios de educação ativa e o respeito à liberdade de aprendizado do educando. Em sua pedagogia não há uma indicação de verbalismo vazio, de conteudismo a de passividade.

Nos relatórios a que tive acesso, o povo, as crianças precisariam ser moldados num comportamento de ordem, obediência, higiene e a escola deveria se preocupar em formar seres humanos com novos valores e hábitos. Essa nova formação era importante para a elite capitalista dominante, para a vida da cidade e para a integração numa cultura urbano-industrial. Os conhecimentos escolares também precisavam ser moldados dentro dessas novas necessidades. Por isso, os conteúdos escolares vão se modificando na República. A escola era um poderoso instrumento nas mãos do Estado que a usava para reforçar seus interesses e contribuir na transformação cultural da população. O processo de racionalização da escola atingia a divisão dos espaços, o controle do tempo, a nova organização da escola e dos conteúdos e os métodos de ensino. Para as elites, era preciso modificar a escola em profundidade para que ela atendesse à complexidade do mundo capitalista do século XIX. A escola precisava ajudar a formar um ser humano adaptado às necessidades do trabalho, do consumo, da exploração, da aceitação, enfim da ordem estabelecida pela classe dominante e da maneira como as relações se estruturavam nessa sociedade. Tratava-se de formar um novo cidadão, que não apenas soubesse ler e escrever, mas que tivesse uma formação mais científica e técnica e acima de tudo estivesse apto a trabalhar disciplinadamente e a obedecer sem questionar. Vemos que o político que implantou a organização dos grupos escolares em Minas Gerais, com esses objetivos, dando ênfase ao caráter utilitarista do conhecimento, das ciências e um ensino profissionalizante, foi o industrial João Pinheiro. Em 1910, o inspetor Nelson Batista faz a seguinte observação:

“Os hábitos de regularidade e disciplina que os meninos constroem numa escola bem dirigida valem mais do que seu aproveitamento literário. A leitura pode ser dirigida para o mal, e assim a vivacidade de espírito, como a instrução. Mas os

frutos da obediência, da regularidade e da disciplina duram para sempre e são sempre benéficos.” (MINAS GERAIS, relatório dos inspetores, 1910)

Ora, através da prática de Eurípedes vemos que o ideal de educação estava acima dos alvos de preparar para a sociedade capitalista. Por isso, sua proposta pedagógica entende que o ser humano deve ser educado para a autonomia, para a liberdade, para a crítica, para a razão, para a igualdade, para a espiritualidade. O objetivo claro do colégio Allan Kardec era formação de forma integral e para a felicidade. Para ele, a educação é um caminho para atender à realização humana, à construção de uma sociedade de justiça e igualdade e de uma política participativa.

Outro aspecto que deve ser lembrando é que, embora o Estado fosse republicano, com tendências laicas e tivesse se separado da Igreja, o catolicismo ainda exercia papel preponderante na sociedade. Na aparência, as regalias do catolicismo haviam sido suspensas, mas na realidade as coisas não se passaram bem assim. Com o tempo, a Igreja acabou se realiando com o Estado Brasileiro e ainda com muita força. Jorge Nagle diz que uma das preocupações dos católicos no período republicano era combater e criticar o espiritismo, a maçonaria e o positivismo. Segundo Pratta:

“A Igreja Católica na mesma época, segunda metade do século XIX e primeiras décadas do XX, também tentava uma nova expansão, tanto em termos numéricos como patrimoniais, fundamentada em novos objetivos e em nova metodologia de trabalho. Enquanto na Europa e na América anglo-saxônica o estágio avançado das relações de produção capitalistas, na maioria dos países, marginalizava cada vez mais a atuação católica, e de outras igrejas cristãs, no cenário econômico, político, social e cultural do mundo capitalista periférico, em função de suas particularidades, era possível um reordenamento. A oligarquia brasileira desejava e buscava a modernidade, mas uma modernidade adaptada aos valores e às características da realidade brasileira, considerada, em suas peculiaridades, pacífica, ordeira, religiosa, bucólica...” (PRATTA, 2002:92)

Nesse contexto, Eurípedes demonstrou uma postura corajosa ao fundar o Colégio Allan Kardec, em meio a tantas adversidades e no centro católico e conservador de Minas Gerais. Na trajetória desse trabalho, deve ser ressaltado o seu esforço para vencer as dificuldades, a sua abnegação e entusiasmo na organização do colégio Allan Kardec. Planejou cuidadosamente como funcionaria a instituição instalando-a em sua casa e equipando-a da melhor forma possível para que as novas atividades começassem. Apesar disso, as instalações e o espaço físico eram precários. Essas eram dificuldades enfrentadas por boa parte das escolas brasileiras que funcionavam em casas alugadas ou próprias dos professores. Às vezes eram locais impróprios para abrigar

estabelecimentos educacionais. Os regulamentos exigiam lugares arejados e propícios, mas, na prática, isso estava distante de acontecer. Os relatórios mostram essa realidade em Minas Gerais, os esforços do governo republicano não foram suficientes para resolver a situação.

Outra questão que chama atenção ao longo do trabalho é que Eurípedes providenciou os recursos financeiros para dar início e sempre se preocupou com a qualidade de ensino da sua escola. Mas, em certos aspectos, começou na base da improvisação e, para poder funcionar, uma vez que não cobrava mensalidade, contou com a ação voluntária dos professores e de adeptos da idéia de uma escola que pudesse atender a todos. Conseguiu manter aberta a escola até 1918, data de sua morte, com o auxílio de um círculo de pessoas da cidade que angariavam fundos e valia-se do seu trabalho como vereador e membro da câmara municipal e também com o trabalho de comércio do pai.

Nessa mesma época, as escolas anarquistas no Brasil funcionavam mais ou menos nos mesmo termos. A Escola Libertária Germinal em São Paulo era amplamente ajudada pela comunidade, mesmo assim cobrava uma mensalidade de quem pudesse pagar. A Escola Moderna, também em São Paulo, recebia auxílio da comunidade, com contribuições voluntárias e o comitê organizador angariava fundos e cobrava pequenas mensalidades.

Pode-se ressaltar ainda que, segundo Eurípedes, era imprescindível resgatar a dimensão espiritual dos seres humanos, para confiar nas suas ações existenciais, tendo a convicção de sermos autores na sociedade e não meros expectadores, sem forças para agir. A proposta do colégio Allan Kardec não renegou a dimensão espiritual, presente entre todos os povos e em todas as culturas, e com muita ênfase na cultura brasileira. *“Reconhecem todos aqueles que estudam as características culturais do Brasil, que a dimensão espiritual ocupa um espaço vital na mentalidade e no cotidiano dos brasileiros.”* (INCONTRI, 2001:269) Segundo o ex-alunos, o educador de Sacramento confiava numa essência humana boa e divina, enraizada no espírito e foi um otimista em sua proposta pedagógica, que confia nas potencialidades humanas. Vemos através da prática de Eurípedes que ele achava que através da educação o ser divino e suas potencialidades poderiam ser trazidos à tona.

Pode-se dizer, portanto, que Eurípedes trabalhou para colocar a educação a serviço do povo mais pobre, como vereador, sendo um ativista da educação popular e como diretor e professor do colégio Allan Kardec, que priorizou a educação das pessoas marginalizadas que não podiam pagar para terem educação. No seu momento histórico, Eurípedes partia de uma proposta pedagógica com características inovadoras. Algumas dessas idéias estavam na pauta do ideário pedagógico da Primeira República, mas não eram compreendidas e menos ainda praticadas. Apesar da proposta de

escola pública e gratuita para todos na República, ainda havia forte impregnação elitista no contexto educacional. Eurípedes oferece alternativa de educação inédita: popular, espírita, mas não no sentido confessional, com métodos pedagógicos inovadores.

Com isso podemos dizer que a escola espírita de Eurípedes – no contexto da República em Minas Gerais, afirmando e praticando os princípios de escola gratuita, incluindo negros entre os alunos e professores; da educação integral e ativa; de uma educação não-repressora, sem castigos e recompensas; da abolição de provas e competições entre os alunos; de valorização da infância; de assumir as classes mistas; da mudança de perspectiva na relação professor aluno; – concretizou ideais de educação que figuraram entre os progressistas do seu tempo, como os anarquistas e os liberais do escolanovismo. Repetia-se assim como o espírito progressista de Rivail e dos espíritas do século XIX na França. O colégio Allan Kardec pode ser incluído no rol das escolas que nesse período iniciavam no Brasil novas tendências pedagógicas, figura entre as propostas que já traziam elementos de uma reformulação educacional. No livro de Nagle (2001) ao fazer um estudo sobre as duas primeiras décadas da República e falar sobre as propostas inovadoras não incorpora as escolas espíritas, provavelmente por desconhecer tais experiências. Nesse sentido, além de ter um caráter inovador, no ambiente da República, o Colégio Allan Kardec se destacava no contexto mineiro.

Finalmente, podemos ainda tirar da sua ação, da sua prática pedagógica, da sua atuação como vereador que a educação deve visar formar pessoas ativas, com ideal e força para agir no mundo a fim de mudá-lo. Deixou um exemplo de dedicação incansável à educação e à saúde. Eurípedes mostrou em suas ações, que se opunha às exclusões e desumanizações da sociedade em que vivia. Buscou constantemente uma superação do projeto legitimador das desigualdades sociais, via escola, que estava em curso em Minas Gerais. Nesse ponto, se alinha às propostas educacionais socialistas na tentativa de criarmos um mundo com um compromisso com a igualdade, com a justiça social, com a fraternidade entre todos os seres humanos.

Bibliografia

Livros

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- ABBAGNANO, Nicola. *História da Filosofia*. Lisboa, Editorial Presença, 1984.
- ANDRADE, Marisa Guerra de. *A educação exilada - Colégio do Caraça*. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.
- ARANHA, Maria L. de A. *História da Educação*. São Paulo, Moderna, 1996.
- ARAUJO, José C. S. & JÚNIOR, Décio G. *Novos temas em história da educação brasileira*. Campinas, Autores Associados, 2002
- BACHELARD, G. *O novo espírito científico*. São Paulo, Editora Nova cultural, 1974.
- BARRETO, René & JUNIOR, Miguel C. *Revista de Educação*. São Paulo, Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo, 1911 a 1918.
- BASBAUM, L. *História sincera da República*. São Paulo, Alfa-Omega, 1975.
- BELLO, Angela A. *Culturas e Religiões*. Bauru, EDUSC, 1998.
- BERGSON, H. *As duas fontes da moral e da religião*. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.
- BODEI, Remo. *A filosofia do século XX*. Bauru, EDUSC, 2000.
- BOZZANO, Ernesto. *Povos Primitivos e Manifestações Supranormais*. São Paulo Editora jornalística FE, 1997
- BUARQUE, F. *Origens republicanas – Estudos da gênese política*. São Paulo, Edaglit, 1962.
- Cadernos de História & Filosofia da Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, IV(6), março de 2002.
- CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo, Unesp, 1999.
- CARDOSO, C. & BRIGNOLI, H. *Os métodos da história*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- CARDOSO, C. & VAINFAS, R. *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARDOSO, Vicente L. *À margem da história da República — Tomo 2*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981.
- CARDOSO, Vicente L. *À margem da história da República — Tomo I*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981.
- CARONE, E. *Movimento Operário no Brasil*. São Paulo, Difel, 1984.
- CARONE, Edgard. *A república velha – Evolução e política*. São Paulo: Difusão Européia, 1971.
- CARONE, Edgard. *A república velha – Texto e contexto*. São Paulo: Difusão Européia, 1988.
- CARRATO, José. *Igreja, Iluminismo e Escolas mineiras coloniais*. São Paulo: Companhia nacional, 1965.
- CARVALHO, André & BARBOSA, Waldemar. *A imprensa mineira*. Belo Horizonte, Armazém de idéias, 1994.
- CARVALHO, José M. *A formação das almas*. Companhia das letras, 1990.

- CARVALHO, José M. *Os bestializados, o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- CASTELLAN, Yvonne. *Le Spiritisme*. 5º ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1974.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O mundo invisível*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- CHERCHI, Carlos. *Os bondes de Sacramento*. Uberaba: Editora Artes Gráficas, 1991.
- COLLICHIO, Terezinha Alves Ferreira. *Miranda Azevedo e o darwinismo no Brasil*. São Paulo, Edusp, 1988.
- COLOMBO, Cleusa B. *Idéias sociais espíritas*. São Paulo, Comenius, 1998.
- COMTE, Auguste. *Catecismo positivista*. Mira Sintra, Publicações Europa- América, s/d.
- COMTE, Augusto. *Discurso sobre o espírito positivo*. São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- COSTA, Ana Maria C. I. *A escola na República Velha — expansão do ensino primário em São Paulo*. São Paulo: Loyola, 1983.
- COVELLO, Sergio C. *Comenius a construção da pedagogia*. São Paulo, Editora Comenius, 1999.
- CUNHA, L. N e Suely, B. C. *O Eurípedes Barsanulfo – O educador*. Uberaba, Editora Vitória, 1996.
- DARNTON, Robert. *O lado oculto da Revolução. Mesmer e o final do iluminismo na França*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- DELANNE, Gabriel. *O fenômeno Espírita*. Rio de Janeiro, FEB, 1977.
- DENIS, Léon. *Depois da morte*. São Paulo, Edicel, 1987.
- DENIS, Léon. *O problema do ser, do destino e da dor*. Rio de Janeiro, FEB, 1975.
- DENIS, Léon. *Socialismo e Espiritismo*. Matão, Casa Ed. "O Clarim", 1982.
- DOBB, Maurice. *A evolução do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1974.
- DOYLE, Arthur Conan. *História do Espiritismo*. São Paulo, Pensamento, 1960.
- DURANT, W. *A história da filosofia*. São Paulo, Editora Nova cultural, 2000.
- Educação & Sociedade. São Paulo, VIII(24), Agosto de 1986.
- Educação Espírita, Revista de Educação e Pedagogia*. São Paulo, Edicel, 1970 a 1974.
- ELLIS, A. Jr. *Feijó e a primeira metade do século XIX*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1980
- ENGELS, F. *Anti-Duhring*. São Paulo, Paz e Terra, 1990.
- ENGELS, F. *Dialética da natureza*. São Paulo, Paz e Terra, 1979.
- ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global, 1985.
- FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo, Edusp, 2002.
- FAUSTO, R. *A dialética marxista e a dialética hegeliana*. São Paulo, Paz e Terra, 1997.
- FÁVERO, Osmar (org.). *A educação nas constituintes brasileiras 1823-1988*. Campinas, Autores Associados, 2001.
- FERREIRA, Inacio. *Subsídios para a história de Eurípedes Barsanulfo*. Uberaba: S/Ed., 1962.

- FERRO, Marc. *A História Vigiada*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- FIGUEIREDO, Paulo H. *Mesmer, a ciência negada e os textos escondidos*. Bragança Paulista: Lachâtre, 2005.
- FONSECA, A. F. da. *O poder executivo na República Brasileira*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981.
- FROMM, Erich. Prefácio. In NEILL, A. S. *Liberdade sem medo*. São Paulo, Ibrasa, 1998, XVIII.
- FROMM, Erich. *A Análise do Homem*. São Paulo, Círculo do Livro, s/d.
- GADOTTI, Moacir. *Pensamento pedagógico brasileiro*. São Paulo, Editora Ática, 1987.
- GHIRALDELLI JR. Paulo. *História da educação* São Paulo, Cortez, 1991.
- GONDRA, José & ALVES, Cláudia(org.). *Educação No Brasil*. Bragança, Edusf, 2003.
- GONDRA, José. *A educação brasileira entre o Império e a República no século XIX*. Bragança Paulista, Editora da Universidade São Francisco, 2001.
- GRAVATÁ, Hélio. *Resgate bibliográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Fapemig, Fundação João Pinheiro, 1998.
- Haidar, Maria de Lourdes Mariotto. *O Ensino Secundário no Império*. Tese de Doutorado. São Paulo, FEUSP, 1971.
- HENRY, J. *A revolução científica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.
- HESS, David John. *Spirits and scientists: Ideology, Spiritism and brasilian culture*. Pennsylvania, The Pennsylvania State University Press, 1991.
- HILSDORF, Maria L. *A história da educação Brasileira*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. *Um país de analfabetos e doutores: educação brasileira na primeira república*. Araraquara, SP, Unesp, 1993.
- HOLZMANN NETTO, Jacob. *Espiritismo e Marxismo*. Campinas, A Fagulha, 1970.
- HUBERT, René. *História da Pedagogia*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1957.
- INCONTRI, Dora. *A Educação segundo o Espiritismo*. São Paulo, Comenius, 2000.
- INCONTRI, Dora. *A Educação da Nova Era*. São Paulo, Comenius, 1998.
- INCONTRI, Dora. *Pedagogia Espírita: um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas*. (tese de Doutorado) São Paulo, FEUSP, 2001.
- INCONTRI, Dora. *Pestalozzi: Educação e Ética*. São Paulo, Scipione, 1996.
- JAMES, W. *A vontade de crer*. São Paulo. Edições Loyola, 2001.
- JOSÉ, O. *Historiografia mineira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1959.
- JULLIEN, M.-A. *Sistema de educación de Pestalozzi*. Madrid, Francisco Beltrán, 1932.
- KANT, Immanuel. *Träume eines Geistersehers*. Stuttgart, Reclam, 1976.
- KARDEC, Allan. *A Gênese*. São Paulo, Edicel, 1978.
- KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. São Paulo, Feesp, 1997.
- KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo*. São Paulo, Pensamento, 1995.
- KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. São Paulo, Edicel, 1971.
- KARDEC, Allan. *Revista de Estudos Psicológicos*. São Paulo, Edicel, 1976.
- KEPEL, G. *La revanche de Dieu*. Paris, Edition du Seuil, 1990.

- KISHIMOTO, Tizuko. *A pré-escola em São Paulo*. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.
- KUHLMANN, Moysés. & FREITAS, Marcos C.. *Os intelectuais na história da infância*. Campinas, São Paulo, 2002.
- LAPLANTINE, François e AUBRÉE, Marion. *La Table, le Livre et les Esprits*. Paris, Ed. Lattés, 1990.
- LIMA, O. *O império Brasileiro*. São Paulo, Melhoramentos, s/d.
- LOBO, Ney. *Filosofia espírita da Educação*. Vol. 1 a 5. Rio de Janeiro, FEB, 1990.
- LOPES, Luciano Mendes de Faria Filho et alii (Org.) *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.
- LOURDES, M. de. & JANOTTI, M. *Os subversivos da República*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LUZURIAGA, Lorenzo. *História da Educação e da Pedagogia*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1990.
- LYRA, Heitor. *História da queda do império*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1964.
- MACHADO, Maria C. G. *Rui Barbosa- Pensamento e ação*. Campinas, Autores Associados, 2002.
- MAINWARING, S. *A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MANACORDA, Mario A. *História da Educação - da antiguidade aos nossos dias*. São Paulo, 1989.
- MARIA, Júlio. *A Igreja e a República*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.
- MARIOTTI, Humberto. *Dialética e Metapsíquica*. São Paulo, Édipo, 1951.
- MARIOTTI, Humberto. *Parapsicologia e Materialismo Histórico*. São Paulo, Edicel, 1983.
- MARX, K. & ENGELS, F. *Sobre a religião*. Lisboa, Edições 70, 1976.
- MARX, K. & ENGELS. *Obras escolhidas*. Vol I à III. São Paulo, Editora Alfa-Omega, s/d.
- MARX, K. & ENGELS.(org. Florestan Fernandes). *História*. São Paulo, Ática, 1984.
- MARX, K. & ENGELS. *Ideologia Alemã*. Vol I à II. Lisboa: Editorial Presença; Brasil: Martins Fontes.
- MASCARO, Alysson Leandro. *Cristianismo Libertador*. Bragança Paulista, Comenius, 2002.
- MENESES, João G. de C (org.). *Estrutura e Funcionamento da Educação Básica*. São Paulo, Pioneira, 2001.
- MENEZES, Bezerra. *Estudos filosóficos*. São Paulo: Edicel, 1977.
- MENEZES, Maria C. (org.) *Educação, memória e história*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- MICELI, S. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 1988.
- MONDIN, B. *Quem é Deus?* São Paulo, Paulus, 1997.
- MORAES, Evaristo. *Da Monarquia para a República(1870-1889)*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1985.
- MORIYÓN, F. G. (org.) *Educação libertária*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- NAGLE, Jorge. *A Educação na Primeira República*. Rio de Janeiro, DPM, 2001.

- NIETZSCHE, Friedrich W. *O Anticristo. A maldição do Cristianismo*. Rio de Janeiro, Newton Compton Brasil, 1988
- NIETZSCHE, Friedrich W. *Obras incompletas*. São Paulo, Abril Cultural, Coleção “Os Pensadores”, 1983.
- NOVELINO, Corina. *Eurípedes, o homem e a missão*. Araras, IDE, 1981.
- OLIVEIRA, Manfredo & ALMEIDA, Custódio. *O Deus dos filósofos contemporâneos*. Petrópolis, Vozes, 2000
- PAIM, A. (org.) *O apostolado Positivista e a República*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.
- PAIM, A. *História das idéias filosóficas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1974.
- PAIM, A. *Plataforma política do positivismo ilustrado*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.
- PASSOS, Mauro. *A classe trabalhadora em Minas Gerais e a Igreja católica (1900-1930)*. São Paulo: Loyola, 1991.
- PAULA, João A. de. *Raízes da Modernidade em Minas Gerais*. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.
- PEIXOTO, Anamaria C. *Educação no Brasil anos vinte*. São Paulo: Loyola, 1983.
- PENNA, L. de A. *Uma história da República*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1989.
- PENZO, G. & GIBELLINI, R. (org.). *Deus na filosofia do século XX*. São Paulo, Edições Loyola, 1998.
- PESTALLOZI, J. H. *Cartas sobre educación infantil*. Madrid, Tecnos, 1996.
- PESTALOZZI, Johann Heinrich. *Lettre de Stans*. Yverdon-les-Bains, Centre de Documentation et de Recherche Pestalozzi, 1985.
- PIRES, J. Herculano. *Concepção existencial de Deus*. São Paulo, Paidéia, 1981.
- PIRES, J. Herculano. *Curso dinâmico de Espiritismo*. São Paulo, Paidéia, 1979.
- PIRES, J. Herculano. *Espiritismo dialético*. Campinas, A Fagulha, 1971.
- PIRES, J. Herculano. *Introdução à filosofia espírita*. São Paulo, Paidéia, 1983.
- PIRES, J. Herculano. *O Espírito e o tempo*. São Paulo, Pensamento, 1964.
- PIRES, J. Herculano. *O mistério do ser ante a dor e a morte*. São Paulo, Paidéia, São Paulo, 1981.
- PIRES, J. Herculano. *O Reino*. São Paulo, Edicel, 1967.
- PIRES, J. Herculano. *Pedagogia Espírita*. São Paulo, Edicel, 1985.
- PIRES, J. Herculano. *Revisão do Cristianismo*. São Paulo, Paidéia, 1977.
- PLATÃO. *Diálogos*. São Paulo, Editora Nova Cultural, 1999.
- PORTEIRO, Manuel S. *Espiritismo Dialético*. Buenos Aires, Editorial Victor Hugo, 1960.
- PORTELLI, H. *Gramsci e a questão religiosa*. São Paulo, Edições Paulinas, 1984.
- PORTO, Manuel E. C. *Apontamentos para a história da República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- PRATTA, M. A. *Mestres, Santos e Pecadores*. São Carlos, RIMA, 2002.
- PRIORE, Mary D. (org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo, Contexto, 2002.
- REALE, G. *O saber dos antigos*. São Paulo. Edições Loyola, 1999.

- REIS FILHO, C. dos. *A educação e a ilusão liberal*. Campinas, Autores associados, 1995.
- RESENDE, F & FILHO, L. M. F. História da Política Educacional em Minas Gerais no século XIX. (In: *Revista Brasileira de História da Educação*, ano II, nº 2, julho/dezembro 2001, p. 79-115)
- RIBAS, Maria J. S. . *Monteiro Lobato e o Espiritismo*. Bragança Paulista, Lachâtre, 2004.
- RIBEIRO, Maria Luisa Santos. *História da Educação Brasileira: a organização escolar*. Campinas, Autores Associados, 2001.
- RIBEIRO, Maria Luiza S. *História da Educação Brasileira- A organização escolar*. Campinas, Editora Autores Associados, 2001.
- RIVAIL, Hippolyte-Léon-Denizard. *Textos Pedagógicos*. Org. e trad. Dora Incontri e Przemyslaw Grzybowski. Bragança Paulista, Comenius, 2005
- ROCHA, Marlos, B. M. da. *Matrizes da modernidade Republicana*. Campinas, Autores associados, 2004.
- RODRIGUES, Anna, M. M.(org.) *A Igreja na República*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981.
- ROMANELLI, Otaíza de O. *História da Educação no Brasil*. Petrópolis, Editora Vozes, 2001.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Œuvres Complètes*. Vol. 4 Bibliothèque la Pléiade. Paris, Éditions Gallimard, 1967.
- RUSSEL, B. *Obras filosóficas*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969.
- SAVIANI, Demerval. *Escola e Democracia*. São Paulo, Cortez:Autores Associados, 1988.
- SCHULER, M. *Morte e sobrevivência*. Lisboa, Edições 70, 1993.
- SCHOPENHAUER, A. *Obras incompletas*. São Paulo, Abril Cultural, Coleção “Os Pensadores”, 1999.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Companhia das letras, 2003.
- SIQUEIRA, Maria C. et alii. *Feminização do magistério*. Bragança Paulista: Eduf, 2002.
- SOUZA, R. F. & VALDEMARIN, V. T. et alii. *O legado educacional do século XIX*. Araraquara, UNESP, 1998.
- STEINER, George. *No castelo do Barba Azul. Algumas notas para a redefinição da cultura*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- TEIXEIRA, Anísio. *Educação no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1999.
- VEIGA, José Pedro Xavier da. *Efemérides Mineiras 1664-1897*. Belo Horizonte, Fapemig, Fundação João Pinheiro, 1998.
- VIANNA, L. W. *Liberalismo e o Sindicato no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- VIANNA, O. *O idealismo na evolução política do Império e da República*. São Paulo, S/E, 1922.
- VIDAL, D, G & HILSDORF, M, L, S. Tópicos em história da educação . São Paulo, Edusp, 2001. In: *Entre relógios e tradições: elementos para um a história do processo de escolarização em Minas Gerais*. Filho, L, M, de F. & Vago, T, M.
- VIDAL, Diana Gonçalves & SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. (Org.) *A memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República*. Belo Horizonte, Autêntica, 1999.

- VIEIRA, David G. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.
- VIOTTI, E. C. *Da monarquia à República*. São Paulo, Unesp, 1999.
- VITA, L. W. . *Alberto Sales Ideólogo da República*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1965.
- WIRTH, J. *Minas Gerais na Federação Brasileira (1889-1937)*. São Paulo: Paz e Terra, 1982.
- WOODCOCK, George. *Os grandes escritos anarquistas*. Porto Alegre, L&PM, 1981.
- XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado. *Poder político e educação de elite*. São Paulo, Cortez Editora : Autores Associados, 1980.

Dissertações e Teses

- BARBANTI, Maria Lúcia Spedo Hilsdorf. *Escolas americanas de confissão protestante na Província de São Paulo: Um estudo de suas origens*. São Paulo:USP, 1977. Faculdade de Educação. (Dissertação de Mestrado)
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *“Dos pardieiros aos palácios”: forma e cultura escolares em Belo Horizonte (1906-1918)*. São Paulo:USP, 1996. Faculdade de Educação. (Tese de Doutorado).
- FARIA, Maria A. *“A política da Gleba” as classes conservadoras mineiras, discurso política e prática na Primeira República*. São Paulo: USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1989. (Tese de Doutorado)
- HILSDORF, Maria Lúcia S. *Francisco Rangel Pestana, Jornalista, político e educador*. São Paulo, USP, 1986. Faculdade de Educação. (Tese de Doutorado).
- LE VEN, Michel Marie. *Classes sociais e poder político na formação espacial de Belo Horizonte (1893-1914)*. Belo Horizonte: UFMG, Faculdade de Ciências Políticas , 1977. (Tese de Doutorado)
- MARCHI, Euclides. *A Igreja e a questão social: discurso e práxis do catolicismo no Brasil (1850-1915)*. São Paulo, USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1989. (Tese de Doutorado)
- MAZZOTTI, Tarso B. *Educação popular segundo os sindicalistas revolucionários e os comunistas na Primeira República*. São Paulo:USP, 1987. Faculdade de Educação. (Tese de Doutorado).
- MELO, Ciro de C. B. de. *Pois tudo é assim... educação, política e trabalho em Minas Gerais (1889-1907)*. Belo Horizonte: UFMG, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 1990. (Dissertação de Mestrado)
- MOURA, Nelson de. *A situação dos partidos políticos em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte, UFMG, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 1976. (Livre Docência).
- PEREIRA, Lusia R. *De donzela angelical e esposa dedicada... a profissional da educação- a presença do discurso religioso na formação da professora*. São Paulo, USP, 1996. Faculdade de Educação. (Tese de Doutorado)

- PERES, Tirsia R. *Educação republicana: tentativas de reconstrução do ensino secundário brasileiro – 1890-1920*. Araraquara, UNESP, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1973. (Tese de Doutorado)
- RESENDE, Maria E. L. de. *Formação da estrutura de dominação em Minas Gerais: o novo PRM (1889-1906)*. Belo Horizonte, UFMG, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 1976. (Livre Docência).
- SOUZA, Marco A. *A economia da caridade: Estratégias assistências e filantropia em Belo Horizonte (1897-1930)*. Belo Horizonte, UFMG, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 1994. (Dissertação de Mestrado).
- VIANNA, Amilcar. *Minas e São Paulo na Primeira República brasileira: a política café com leite(1900-1930)*. Belo Horizonte, UFMG, Faculdade de Ciências Políticas , 1978. (Tese de Doutorado)

Fontes primárias livros:

- BARRETO, René & JUNIOR, Miguel C. *Revista de Educação*. São Paulo, Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo, 1900 a 1918.
- FRANCO, Leonel. *Ensino religioso e Ensino leigo*. Rio de Janeiro: Schmidt editor, 1931.
- MACEDO, JOAQUIM T. de. *Breves apontamentos para o estudo das questões relativas ao ensino primário*. Rio de Janeiro: S/E, 1876.
- MENDES, T. R. . *Benjamin Constant*. Rio de Janeiro, S/E, 1892.
- OLIVEIRA, A. de A. *O ensino público*. Maranhão: Casa Carraux, 1874.
- OLIVEIRA, José F. de. *Os pais da República*. São Paulo: Editora Logos, 1931.
- SALLES, Alberto. *Catecismo Republicano*. São Paulo: Leroy King Bookwalter, 1885.
- SUETÔNIO. *O antigo Regimem*. Rio de Janeiro, S/E, 1896.
- TAUNAY, V. de. *Império e República*. São Paulo, S/E, 1933.

Fontes primárias Documentos:

- A Bonança*, Sacramento, Agosto de 1914 a Outubro de 1918.
- A Bonança*, Sacramento, Setembro de 1911 a Agosto de 1912.
- Acordo e Synthese da polêmica religiosa catholico-espírita, em 25 de outubro de 1913. Padre Feliciano Iague e Eurípedes Brasanulpho*. 1º de novembro de 1913. Impresso.
- ANNO 1 – n. 5. Lavras, 1 de julho de 1907.
- Aos Catholicos Brasileiros e ao Povo de Uberaba. (In: *Boletim do Circulo Catholico de Uberaba*, Uberaba, 1º de fevereiro de 1917)
- Arquivo pessoal da família Barsanulfo.
- Arquivo pessoal do pesquisador e historiador Amir Jacob Salomão.
- Atas da Câmara Municipal de Sacramento. 1901-1910. Eurípedes como vereador e secretário da Câmara.

Atas do 2º Congresso Brasileiro de Instrução Primária e Secundária, 1912. Arquivo Público Mineiro.

Cidade do Sacramento, Sacramento, Fevereiro de 1903 a Janeiro de 1908.

Collégio Miranda (In: *Cidade de Sacramento*, Sacramento, 25 de dezembro de 1902)

Collégio Miranda (In: *Cidade de Sacramento*, Sacramento, 28 de fevereiro de 1903)

Correio do Sul, Santa Rita do Sapucahy, 7 de Dezembro de 1913.

COSTA, Firmino. *Jornal Vida Escolar*. Boletim quinzenal do Grupo Escolar de Lavras.

Decreto n.1960 de 16 de dezembro de 1906. Regulamento da instrução primária e normal do Estado. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro.

Decreto n.1969, 3 de janeiro de 1907. *Regimento interno dos grupos escolares e escolas isoladas do Estado de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro.

Documentos do processo contra Eurípedes Barsanulfo, acusado de exercício ilegal da Medicina. 1915-1917.

Documentos inéditos da família de Derwil de Miranda, professor de Eurípedes Barsanulfo.

Educação Espírita, Revista de Educação e Pedagogia. São Paulo, Edicel, 1970 a 1974.

Entrevista com Heigorina Cunha, sobrinha de Eurípedes, 2002.

Entrevista com Saulo Wilson, sobrinho de Eurípedes, 2002.

Entrevista sobre Eurípedes Barsanulfo. Bráulio Alves. (aluno) 2002.

Entrevistas diversas sobre Eurípedes Barsanulfo. Tomás Novelino (aluno) 1998.

Escolas Normais (In: *A renascença*, Belo Horizonte, 10 de Maio de 1914).

Eurípedes Barsanulfo (In: *O Borá*, Sacramento, 17 de novembro de 1918)

Faleceu Derwill de Miranda (In: *Folha de Sacramento*, Sacramento, 15 de agosto de 1937)

Fundado em Sacramento o Colégio Allan Kardec (In: *Jornal de Sacramento*, 31 de janeiro, 1952.)

Instrução (In: *O mensageiro*, Serro, 31 de Março de 1892)

Instrução Pública (In: *A Bonança*, Sacramento, 3 de Setembro 1911).

Instrução Publica (In: *A gazeta*, Belo Horizonte, 7 de Julho de 1904).

Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, Junho de 1853 a fevereiro de 1890.

Livreto inédito, s/d, s/a. sobre a vida de Eurípedes Barsanulfo. (Antes de 1940)

Manuscrito sobre Eurípedes Barsanulfo. Antenor Germano (aluno) Cerca 1960.

Minas Gerais (1870-1919). Secretária do Interior e Justiça. *Relatórios dos secretários do Interior e Justiça*. Belo Horizonte, Arquivo Público Mineiro. (Relatório MG 3).

Minas Gerais (1880-1920). *Relatórios do governo mineiro, de transmissão de administração*. Belo Horizonte, Arquivo Público Mineiro. (Relatório MG 1)

Minas Gerais (1906). Secretária do Interior e Justiça. *Regulamentos de instrução primária e normal do Estado de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Arquivo Público Mineiro. (Relatório MG 4)

Minas Gerais (1906-1915). Secretária do Interior e Justiça. *Relatórios de Inspectores de grupos escolares*. Belo Horizonte, Arquivo Público Mineiro. (Relatório MG 7)

Minas Gerais (1907). Secretária do Interior e Justiça. *Programa do Ensino Público Primário no Estado de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Arquivo Público Mineiro. (Relatório MG 5)

Minas Gerais (1908). Secretária do Interior e Justiça. *Regimento interno dos grupos escolares e das escolas isoladas do Estado de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Arquivo Público Mineiro. (Relatório MG 6)

Minas Gerais (1908-1917). Secretária do Interior e Justiça. *Relatórios de Diretores de grupos escolares*. Belo Horizonte, Arquivo Público Mineiro. (Relatório MG 2).

Museu Eurípedes Barsanulfo, Sacramento.

O Espiritismo (In: *A República*. Rio de Janeiro, Sacramento, Setembro de 1871)

O Espiritismo (In: *O festim*, Belo Horizonte, 26 de janeiro de 1919).

O Espiritismo faz loucos? (In: *Jornal do Povo*, São Sebastião, 2 de Outubro de 1910)

O patriota, Sacramento, 18 de Setembro de 1904.

O Pharol, 20 de novembro de 1918.

Revista do Jardim da Infância. I Vol. São Paulo, 1896.

Revista do Jardim da Infância. II Vol. São Paulo, 1897.

Revista Educação. Órgão da Diretoria da Instrução Pública de São Paulo e da Sociedade de Educação. 1928-1930.

RIBEIRO, Claudionor. A Escola Ativa e a Escola Antiga. (In: *Revista Educação*, ano III, vol. XII, nº 1, julho/1930, p. 204-210)

Termos de Visita, 1907-1909. Arquivo Público Mineiro.